

(Página deixada propositadamente em branco)

Amato Lusitano
ed Ancona

(Página deixada propositadamente em branco)

Amato Lusitano
ed Ancona

Mario Santoro



Instituto Nacional de Investigação Científica

Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos
da Universidade de Coimbra

Coimbra

1991

TÍTULO

AMATO LUSITANO ED ANCONA

1.ª edição: Junho de 1991

Série “Textos Humanísticos Portugueses” — 8

ISBN 972-667-130-2

AUTOR

Mario Santoro

EDIÇÃO

Tiragem: 1 000 exemplares

Instituto Nacional de Investigação Científica

CAPA

Arranjo gráfico de MÁRIO VAZ

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO

IMPRESA DE COIMBRA, L.DA

Contribuinte n.º 500137625

Largo de S. Salvador, 1-3 — 3000 Coimbra

DISTRIBUIÇÃO

IMPRESA NACIONAL — CASA DA MOEDA

R. Marquês de Sá da Bandeira, 16 — 1000 Lisboa

Depósito Legal n.º 48796/91

Copyright © MARIO SANTORO

PREFÁCIO

Na colecção de «Textos do Humanismo em Portugal», sai este Amato Lusitano ed Ancona sobre a permanência, entre 1547 e 1556, nessa cidade italiana do Adriático, então grande empório comercial, do médico João Rodrigues de Castelo Branco. Segundo a prática do tempo, o nosso compatriota adoptou nos seus escritos o nome de Amatus Lusitanus.

Amato foi um humanista, não apenas por ter redigido em bom latim as suas obras, mas por toda a sua educação e cultura que iam muito além da formação profissional do médico. No presente livro do Prof. Mario Santoro, encontramos sem dificuldade prova disso.

Assim, na «Curatio centesima» da Centuria V, transcrita nas páginas 13-14, o albicastrense lembra António de Nebrija (Antonius Nebrissensis) que encontrou em Salamanca, e que sofria da afecção que está descrevendo. A propósito, mostra conhecer a obra deste brilhante gramático e polígrafo a quem chama «Varrão da Península Ibérica» (Hispanus Varro). E recorda um percalço da carreira universitária do grande mestre espanhol, quando este num concurso de provas públicas, que se decidia por votos de estudantes, foi preterido em favor de um seu antigo aluno, cujo nome teria caído em completo esquecimento, se não fosse este incidente.

Diz Amato: «Mas, ao escrever estas palavras, ocorre-me sentir compaixão pela pouca sorte do doutíssimo e honestíssimo ancião. Com efeito, na Universidade de Salamanca, foi vencido em sufrágio público por Castillo, um jovem seu discípulo. E o que é mais surpreendente, o concurso era sobre a interpretação dos Rudimentos de Gramática que o próprio António de Nebrija compusera. O prémio era o vencimento anual de trezentas moedas de ouro, além da honra da vitória que para os grandes homens tem maior valor ainda.

Afastou-se o doutíssimo varão, vencido por um pouco douto, repetindo frequentemente as palavras do primeiro Africano: Ingrata pátria, não possuirás sequer os meus ossos!

Escrevi isto, para que os leitores compreendam que o acaso da sorte em tudo e por tudo é dominante, e que de pouco valem letras e erudição, sem a ajuda propícia de Ramnúsia».

Esta pecha das injustiças cometidas por votos de estudantes, facilmente acessíveis a formas variadas de corrupção, existia também na Universidade de Coimbra daquele tempo, como testemunham os comentários indignados do lente canonista Martim de Azpilcueta, o Doutor Navarro (1).

* * *

Entre os amigos portugueses de Amato Lusitano, um há que tem merecido atenção dos investigadores do Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da Universidade de Coimbra. Refiro-me ao poeta novilatino de reputação europeia, Diogo Pires ou Didacus Pyrrhus Lusitanus (Évora, 1517-Dubrovnik, 1599) que ainda era da sua família (consanguíneo) e foi seu doente (2).

Traduzi, há muitos anos, a elegia «Ao médico João Rodrigues, estando o autor de partida para Lovaina» (3). O autor é Diogo Pires e encontravam-se ambos em Salamanca.

Mais tarde, Amato refere ter curado o seu parente de doença contraída em Istambul (4).

Judeus errantes ambos, terão voltado a ver-se, pelo menos, em Ferrara e Ragusa, a actual Dubrovnik, na Jugoslávia, onde Diogo Pires acabou os seus dias, regressando à religião de seus antepassados com o nome de Isaías Cohen (5).

(1) Ver o capítulo «Alguns aspectos da vida universitária em Coimbra, nos meados do século XVI (1548-1554)» do livro de Américo da Costa Ramalho, *Para a História do Humanismo em Portugal I*, Coimbra, 1988, especialmente as páginas 61-65.

(2) Cf. A. Costa Ramalho, «Didacus Pyrrhus Lusitanus, poeta e humanista», *ibidem*, especialmente pp. 135-137. E ainda, no mesmo livro, «Lúcio, poeta-fantasma, e Luís de Camões», pp. 139-153.

(3) Inicialmente no artigo, «A propósito do Amato Lusitano de Ricardo Jorge», *Revista Portuguesa de História*, Coimbra, X (1965). Reimpresso no meu livro *Estudos sobre a Época do Renascimento*, Coimbra, 1969, p. 187-195.

(4) Carlos Ascenso André, *Mal de Ausência: o canto do exílio na lírica novilatina portuguesa do século XVI*. Coimbra, 1990, p. 526. (Tese de doutoramento policopiada). Mais referências a Amato na p. seguinte. O mesmo autor publicou *Diogo Pires: Antologia Poética*. Coimbra, 1983.

(5) Usou também o nome de Iacobus Flavius Eborensis, em que Iacobus é o equivalente de Didacus e Flavius o de Pyrrhus.

E quando Amato Lusitano faleceu em Salonica, Diogo Pires escreveu o seu epitáfio em verso. É um belo epigrama latino que não resisto a transcrever e a traduzir (6):

*Amati Lusitaniae, medici physici praestantissimi, Epitaphium.
Obiit fere sexagenarius pestilentia Thessalonicae anno 1568.*

*Qui toties fugientem animam sistebat in aegro
Corpore, Lethaeis aut reuocabat aquis,
Gratus ob id populis et magnis regibus aequae,
Hic iacet, hanc moriens pressit Amatus humum.
Lusitana domus, Macedum tellure sepulchrum.
Quam procul a patrio conditur ille solo!
At cum summa dies, fatalis et appetit hora
Ad Styga et ad Manes undique prona uia est.*

«Epitáfio de Amato Lusitano, médico incomparável. Morreu de peste, quase sexagenário, em Salonica, no ano de 1568.

Aquele que tantas vezes retinha a vida fugitiva num corpo doente ou voltava a chamá-la das águas do Letes, querido, por isso, igualmente dos povos e dos grandes reis, aqui jaz; esta foi a terra que Amato pisou, ao morrer.

Portugal o berço, na terra dos Macedónios o sepulcro. Como se encontra longe do solo pátrio a sepultura!

Mas quando o dia supremo e a hora fatal se aproximam, em toda a parte há um caminho em declive para a Estige e para os Manes».

* * *

Mario Santoro é «Libero docente» de História da Medicina na «Università degli Studi di Roma». Dá também cursos da mesma cadeira de que, aliás, foi o fundador, na Universidade de Ancona.

É um apaixonado investigador da crónica local e das tradições da cidade de Fermo e, como recompensa pela sua dedicação, o «Ministero dei Beni Culturali» nomeou-o Inspector Honorário para a Antiguidade e Monumentos.

(6) Publiquei-o e traduzi-o no meu livro *Latim Renascentista em Portugal*, Coimbra, 1985, pp. 216-217.

Todos os dias pode ser visto no seu trabalho de pesquisa dos imponentes fundos da «Cívica Raccolta» de que se tornou curador. Foi aí que o encontrei, em plena actividade, numa manhã de Setembro em que, afa-²digado, procurava também eu saber se Diogo Pires não teria andado por esta região das antigas Marcas.

A bibliografia de Mario Santoro é muito vasta e variada.

O Professor Santoro desempenha as funções de «Reggente dello Studio Firmano dall'Antica Università» que ele restaurou como continuador efectivo do glorioso Studium Generale antigo. Desde 1955, todos os anos, no mês de Março, aí organiza congressos sobre História da Medicina que são bem conhecidos, dentro e fora de Itália. No final de cada congresso, é indicado o tema do congresso seguinte. Vi as brochuras dos últimos congressos e posso afirmar que são de inexcédível bom gosto.

O presente livro reflecte a ampla cultura humanística e científica, particularmente a cultura médica, do seu Autor. Como portugueses, devemos estar-lhe especialmente gratos pelo seu estudo do nosso João Rodrigues de Castelo Branco, no tempo que residiu em Ancona. Dele afirma, na página 122 deste seu livro, que Amato é a única personagem prestigiosa da Medicina de Ancona, nos anos em que lá viveu, de 1547 a 1556.

Infelizmente, escaparam na revisão alguns erros tipográficos no latim, dos quais muitos podem ser corrigidos pela consulta das reproduções dos textos originais, intercaladas na exposição do Professor Santoro.

Em jeito de conclusão, diga-se, porém, que este livro encerra páginas de singular beleza literária, e que a sua leitura proporciona momentos de grande satisfação espiritual.

Coimbra, Páscoa de 1991.

AMÉRICO DA COSTA RAMALHO

ANCONAM VENI NOBILE APUD ITALIAM
EMPORIUM, AD QUOD OMNES GENUS
HOMINUM MERCATORUM, TOTIUS
ORIENTALIS PLAGAE CONFLUIT...

Amato Lusitano in: Discoridis... lib. III

PREMESSA

Questo lavoro completa la mia relazione letta al «Convegno di Studi Storici», in occasione del IV centenario della morte di Bartolomeo Eustachio, che fu celebrato nella Civica residenza di San Severino nelle Marche, nei giorni 14 e 15 Settembre del 1974 sul: *Cinquecento medico e scientifico nelle Marche*.

In tutti i modi, lungi dall'ambizione di voler dire delle cose nuove sul Lusitano uomo, medico e letterato, il mio è un tentativo rivolto all'interrogazione del testimonio autorevole, ma suo malgrado, unita anche a quella di altri del suo tempo anconitano.

Ho reputato essi i più idonei a confermare fatti, maniere di sentire e di pensare, soprattutto perché sono testimonianze che rientrano nell'ordine di quelle definite involontarie e, quindi non interessate.

Mi auguro che tali voci lontane, siano state le più sincere.

MARIO SANTORO

(Página deixada propositadamente em branco)

LE CONDIZIONI E LE AVVENTURE DEL CORPO, VITA CIVILE, LE TRASMIGRAZIONI,
I TRAFFICI NELL'ANCONA CINQUECENTESCA, DALLE MEMORIE
DI UN MEDICO DEL TEMPO

Due libri di medicina dei secoli trascorsi, ma non esauriti, a parte il contenuto dottrinale ed autobiografico, entrambi di notevole interesse, possono costituire, sapendo interrogarli, una fonte ricca e quanto mai varia; che non soltanto conferma e completa quanto hanno già detto i documenti sinora reperiti sul tempo di una città, ma li rende vivi, li spiega, l'illumina di una luce nuova, li fa comprendere.

Pone in risalto, questa fonte inoltre, quell'umile realtà delle cose, che si svolgono libere, e soprattutto non derivano da grandiosi atti che appartengono per lo più a pochi uomini; esse sono al di fuori di ingerenze di poteri preconstituiti, anche se il più-delle volte sono costrette a subirli. (1)

Marc Bloch, indirizzando il mio consenso soprattutto nella direzione di una metodologia e senza nessun riferimento alla cosiddetta *Scuola storica* che ne è derivata, nel corso delle sue osservazioni dice che ... «*un documento è come un testimone: non parla che quando lo si interroghi. E la difficoltà consiste nello stabilire il questionario...*» (2)

Pertanto cercando di superare le difficoltà dell'interrogazione, per quei motivi più sopra indicati, le fonti, i testi documentari presi in considerazione saranno costituiti, in massima parte, da due libri della nostra letteratura medica il: *Commento al Dioscoride* e le *Centurie di memorie mediche* e relative discussioni, di Amato Lusitano.

Il primo, cioè l'*Indice del Dioscoride*, fu scritto in età molto giovanile, mentre le successive ritrascrizioni, i commenti, le aggiunte e gli emendamenti appartengono in modo indubbio al suo periodo anconitano, che possiamo fissare tra limiti che vanno dal 1547 al 1556. Lo stesso si può dire per la maggior parte delle *cinque Centurie di memorie mediche*, corredate dalle discussioni e terapie, che sono i corsivi che seguono, (3) Infatti la prima *centuria* ha il fine in Ancona il dicembre dell'anno 1549, durante il periodo

Curatio centesima de angina occupante laringem, & œsophagum: simulq; quod per clysteres iniecta in scula nutrire possunt.

MVLIER nobilis angina vexabatur, ita vt nec loqui nec cibum deglutire esset possibile, vnde laringem bronchi, siue tracheæ arteriæ caput dictum, affectam esse, simul ac œsophagi orificium certum est, vnde quum sic, ac emortua permaneret, per octo dies eam iniectis per anum iusculis, & pitana seruauimus: nec enim bonus Medicus in hac re dubium committere debet, an in aluum per anum iniecta nutrimenta in corporis substantiam verti possint. Nouimus enim nos, non ex sophismatibus propositis, aut argumentis pro hac re adductis: sed ex ipsa corporis dissectione, quod nutrimenta clysmatibus per anum iniecta optimè nutrire possunt, vt in hac percepimus muliere: quia ex ipso iecinore ad crassiora intestina venulæ quædam propagantur: per quas indigentia tempore iecinor ipsum ad se nutrimentum per anum iniectum ex ipsis crassioribus intestinis attrahere potest, quod noscens Cornelius Celsus libro tertio suæ medicinæ, capite decimonono, minimè de hac re dubitauit, veluti post eum
Abinzoar

206 Amati Lusitani Curation. Medici. Cent. I.

Abinzoar gloriosus, ac cæteri Mauritani, nec Galenus vnquam hæc, si non astruxit, saltem negauit, vt libro secundo de Composit. medic. secūdum locos, capite de Cephaleæ cura, & tertio de Symptomatum causis percipi potest. Cæterum, quum de clysteribus loquor memoriæ occurrit, quod quum probus quidã vir ileum siue iliacum morbum, quem recentiores medici, Miserere mei Deus, Latiniore autem Voluulum appellant, pateretur: & per superiora multa euomeret, per inferiora verò nulla remitteret post plures iniectos clysteres, ac oblongas glandulas, quas Hippocr. longitudinis decem digitorum in latitudine, quandoque immitti suadet, quibus nihil egeffit, ad hoc artificium deuenimus, quo scopum obtinuimus, & ægrum ab orci faucibus liberauimus: ita enim artificium habet, follem fabrilem, quo passim ignem accendimus optimè concinnatum, ano indidimus, & eo flatum in ventrem immisimus, quo extracto infusum emolliens cum trochiscis alandaal paratum, per clysterem æneū, syringam dictam, subito eiaculari fecimus: quo stercola illico dissoluta, ac colliquata fuere. Et demum eduçta: sic enim in hoc morbo operandum suadet Hippocrates libro tertio de Morbis, capite quintodecimo, quem legere ne pigeat oro, sunt enim pulchra ibi ab eo scripta, & ad rem medicam vtilissima. Et sic primæ Cõturiæ est Finis. Anconæ. Anno M D XLIX. Kalend. Decembris, Romana sede Pastore vacante, & Carolo Quinto Cæsare imperante.

FINIS PRIMAE CENTVRIÆ.

di sede vacante per la morte di Paolo III. La seconda *centuria*, pur occupandosi per lo più di personaggi e di situazioni anconitane, ha il suo fine nell'aprile del 1551 a Roma, sotto il pontificato di Giulio III. In Ancona, quasi certamente, si conclude nel 1552 la terza, che si può dire, pertinente tutta, negli uomini e nelle cose alla nostra città.

Ma tanto per cominciare con le sue notizie autobiografiche, già nella fine della quarta *centuria* che si conclude anch'essa in Ancona nel 1553, unitamente ad altre interessanti notizie, anche di carattere politico, trova il modo di svelare come egli fosse nato nel 1511 ... «*aetatis auctoris anno quadragesimo secundo...*»

La *quinta centuria*, sicuramente la più interessante per noi, si dipana sino alla 68^a osservazione in Ancona, per continuare nella città di Pesaro; ove vedremo il nostro autore trasferito e non volontariamente, sino all'anno 1556. Fatto di notevole importanza, perché costituisce una testimonianza da parte di Amato Lusitano a quanto hanno già affermato altri autori, sulla scorta della loro documentazione. Egli era un ebreo portoghese, era giunto profugo in Ancona assieme ai suoi familiari dopo un certo periodo ferrarese, e per lui come per tant'altri della sua religione, quelle condizioni non solo di tolleranza, ma di civile libertà trovata nella nostra città, soltanto allora andavano mutando. (4)

La *sesta centuria* si svolge tutta nella città di Ragusa, con interessanti notizie, sui personaggi per lo più dell'aristocrazia, sui luoghi, costumi, clima ed ha termine nel 1558. La *settima centuria* ed ultima, notevole anch'essa per il contenuto soprattutto locale, deve avere il suo fine subito dopo il Maggio del 1561 in terra macedone. Perché nella memoria 81[^] e nella 86[^] si accenna all'autunno del 1560 ed al seguente inverno rigido e nevoso, e verso la fine della memoria 93[^] a fatti avvenuti nel Maggio caldo e secco del 1561. Ma come ho detto dapprincipio, il mio commento e le osservazioni critiche interessano soltanto le prime *cinque centurie* e quelle edizioni del *Commento al Dioscoride*, pertinenti i periodi anconitani e pesaresi.

Intanto per facilitare il lettore, nel corso della mia trattazione, per le annotazioni e per tutto il complesso dei riferimenti, mi atterrò per il *Commento al Dioscoride* all'edizione veneta del 1553 che è l'edizione ancipite. Per le *centurie* dalla prima alla quarta, all'edizione veneta del 1557, dalla quinta alla sesta, all'edizione valgrisiana del 1560, e per la settima alla lionese del 1570; pur possedendo le *sette centurie* raccolte in un'unica edizione, quella di Barcellona del 1628. E' quest'esemplare (in fol.), l'emendato dell'Inquisizione, ma non in modo grossolano, aggiungendo pure, ben rispet-

Curatio centesima, in qua agitur, de ulceribus renibus præfixis, maximo cum urinæ ardore.

IL V S T R I S Comes Iulius, à monte ueteri, vir insignis, & alto loco natus, ulceribus renibus præfixis, & confirmatis laborabat, ut ex eius lotio sabuloso, & terreo, deprehendebatur, simul dum meiebat, magnum ardorem incendiumue in uirga perſentiebat, sed hic præterire non est, dubium ſingulare, cur est, quod ij, qui renum & ueſicæ uitia patiuntur, cum meiuunt, ardorem tantum in uirgæ ſeu glandis apice, ſupremaue parte, ſentiunt, percipiuntue, an forte, quia neruus à renibus per ueſicam delatus in uirgæ apice pauca cõtectus carne apparet, & fere diſcoopertus, ab ijs qui corporis fabricam contemplatur cernitur, unde eo in loco ſenſus, quàm cæteris in locis urinæ, clarius percipitur. cæterum, ad illuſtrem virum hunc uocatus, præſagio habito, quod breuimoriturus ſit, cum annos ſit natus quinq; ſupra ſexaginta, ex quo morbo, ſene diuino præſente, maiores natu non euadunt, illius curam habere nolui, etiam ſi multa & magna, nobis pollicebantur, quando certo ſciebam eius renibus ulcera complantata, & confirmata ita eſſe, ut æſtuante tempore, hunc è uita deceſſurum dicerem, quod ita eueniſſe nunc cum hæc Raquiſij commētatur, audimus. cæterum, habebat illuſtris hic uir, etiam recte ualente, pulſum dirotum, ideſt, bis ferientem, qui & facultatis uitalis robur, & arteriæ tenſionem præſe ferebat, ut Galenus non raro libris illis ſeptedecim de pulſibus memoriæ cõmendauit, quæ pulſum quoq; olim Antonius Nebrifenſis ſi recte recolo habebat; is eſt Antonius Nebrifenſis in politioribus literis, ut paucis plurima comprehendam, Hiſpanus Varro. Sed cum hæc ſcribo, ſubit mihi doctiſſimi & innocentiſſimi ſenis fortunam miſerari, is enim in Gymnaſio Salmanticensi, à Caſtillio adoleſcente, & eius diſcipulo, publicis ſuffragijs

K 4 uictus

uictus est, & quod magis mirum sit, cum uterque, grāma-
 tices rudimenta quæ quidem ipse Antonius composue-
 rat, de superiori loco interpretaretur, præmium erat,
 annum trecetorum aureorum stipendium, præter ho-
 norem, qui à magnis uiris multo pluris stimatur. Cessit
 ergo uir doctissimus, à parum docto uictus, illud Africa
 ni superioris subinde repetens, ingrata patria, ne ossa
 quidem mea habebis. hæc scripsi, ut intelligant lectores
 fortem fortunā in omnibus & per omnia dominari, pa-
 rumq; literas & eruditionem ualere, nisi propitia adsit
 Rhamnusia. Et hic finis esto quintæ huic Curationū no-
 strarum Centuriæ, quam Pisauri absoluius, sub id tem-
 pus, quo Ferdinandus Albæ regulus, Teatino Pontifici
 Romano infensus, Philippi Regis auspicijs, bellum Ro-
 manis inferre parabat.

F I N I S .

tosio del contenuto scientifico. *Amatus doctor, medicus castelli Albi, Lusitanus*, è il nome che scelse in arte Giovanni Roderico, e con cui sigla una perizia medica legale, per la figlioletta di Leo Hebraeus pedagogo, redatta il 17 Maggio del 1550 in Ancona. (5) E di questo medico, noto nel Cinquecento per i suoi scritti, ed agli storici della medicina per la sua preminente posizione, pur interrogandolo soltanto per motivi nostri, cioè anconitani, dirò in breve della sua vita; anche se ciò sia stato già fatto in modo esauriente nella sua patria e fuori, nonché nel congresso internazionale di Storia della medicina, che fu tenuto a Siena nel Settembre del 1968. (6)

Fu egli dunque condiscipolo ed amico del Lacuna, lavorò col Canano a Ferrara e dai suoi scritti ci appare come un acuto osservatore ed impareggiabile descrittore della malattia, in possesso di una ben vasta e non soltanto specifica cultura. Ma anch'egli in quel secolo dell'anatomia, non fu solo anatomista, ma dobbiamo oggi riconoscere che ne ha conquistato un posto preminente. (7) Nell'iter di quella accesa polemica non solo accettò il nostro Eustachio, ma ne fu un grande ammiratore, e se un giorno riuscissimo a rimetter in luce l'interessante corrispondenza fra i due, avremo reso un bel servizio alla nostra arte. (8) Se l'amicizia con l'Eustachio viene più volte ribadita dal Panelli e dall'ottocentesco Carlo Gentili, (9) nonché da diversi altri studiosi nostri, essi purtroppo lo studiano poco, limitandosi qualche volta ad attribuirgli soltanto la parte del testimone di poco conto, come il Saracini nelle sue memorie. (10) Fu il nostro autore, sia pure per poche prestazioni, anche un archiatra pontificio, lo conferma Gaetano Marini (11) il quale, se come era da prevedersi non lo tratta troppo bene, tra le righe fa trasparire una ben'altra valutazione, malgrado tutto, direi positiva. Del resto questa notizia, senza dover ricorrere ad altri ci viene fornita dalla nostra fonte stessa, perché nella premessa della III centuria è ben precisato quanto segue, (trattasi dell'*incipit* di una sua lettera inviata a don Alfonso Alecastrensi) (nell'Aprile del 1554 d'Ancona): ... *Romam illustrissime ac sapientissime Alphonse, superioribus annis me contulit, ut Iulio III pont. Max. aegrotanti opem ferrem ...* (12) Riconfermata ancora nella *XXIX memoria della V centuria*, circa la prevenzione e la cura della podagra, nella cui discussione pertinente, non soltanto fa di nuovo un circostanziato riferimento alla cura praticata a Giulio III, veramente ineccepibile dati i tempi, ma ci dà modo di far la conoscenza anche di un lato molto interessante delle sue numerose ed originali tecniche terapeutiche. (13)

In tutti i modi sulla scia di un certo conformismo di giudizi del Marini e di altri, il Lusitano risulta un personaggio maltrattato. Sebbene negli ultimi anni, quei cori demolitori, non del tutto negativi, neppure dello Sprengel, (14)

S C H O L I A .

NON multum ab isto casu abhorret *Historia Galeni de Pausania Syro Scythista, quam libro tertio De locis affectibus, capite decimo citat. Et paulo antea libro primo, capite sexto. Proinde docet medicum in Gale. doctrina optimè esse versatum, quia omnia quæ contingere possunt, in eo facillime est inuenire.*

Curatio vigesima, in qua agitur de impostura quadam videlicet, quod medicus quidam leni quodam clystere puellam interfecerit.

LEO Hebræus Pædagogus quum multos sanctam linguam doceret, medicus quidam cognomento Calaphurra, ut linguam quoque calleret, ad eum accedebat. Cæterum huic Leoni filia erat annos nata circiter octo, quæ sæpe ventriculi, & intestinorum erosionibus cruciabatur. Is quum semel natam afflictam animaduerteret, medicum præsentem rogat præsidium facile paratu, quo filiam à symptomate liberet, excogitasset. At medicus magister obtemperans officio suo fungi cœpit, doctè sanè puellæ temperaturam natiuam, tum ætatiuam considerans, quæ dubio procul pituitosa erat, quibus addebat tempus hybernum ac rigidum hyemem præsentem, in qua ætate, & cæli constitutione, morbi frigidi plerunque nascuntur. Vnde coniectari cœpit morbum hunc ab humore frigido, & flatuoso ortum trahere, qui per circuitus quum mouebatur, non continuo, sed interpellatim puellam affligebat. Sed coniecturam suam firmabat, quod torsiones illi, ac ventriculi murmura nullam secum febrem trahebant. Quæ omnia, quam vniuersaliter morbum frigidum indicent, ac testantur, potissima tamen ac indubitata in ægrotante Hebræa sunt, quia Hebræi melancholicis & flatuosis, ac actu frigidis vescuntur cibariis, à quibus humor gignitur quidam frigidus flatuosus, colicas affectiones plerunque producere natus, indicium est, quod Hebræi ob hunc aggestum humorem in colicum affectum sæpe incidunt. Hoc igitur ratiocinio usus, doctè medicus contra hanc affectionem hunc descripsit clysterem, qui habet. R. chamomillæ, anethi, ana manipulum unum, rutæ, man. semisem. Cumini pug. medium, in libris tribus aquæ fiat decoctio quousque maneant libræ duæ. Facta decoctione, & colatura, decocto adde. Oleorum Chamomillæ, rutæ, anethi, ana unciam unam, vini parum misce, & ter, ex prædicto decocto, & oleis ac vino mistis, clysteres parentur.

tur. Ita vt quilibet clyster decem tantum contineat uncias. Ab iniecto verò primo clystere, puella angi cœpit, ac intra horam mortua fuit. conqueruntur parentes, medicum detestantur, populum conuocant, ad iudicem currunt, obitus vindictam querunt. Tãdem prædictum medicum carceribus obtrudunt, & sub iudice lis pendet. Anconam gubernante Illustrissimo Vincentio de Nobilibus Iulij tertij summi Pontificis, ex sorore nepote, ac locum tenente. Queritur an puella ob clysterem iniectum obierit? an ab aliqua alia causa mors illi superuenerit? primo quod ab infuso mors subsecuta non fuit, ipsum componentia satis testantur, quum omnia ferè quotidie in victus vsu homines habebant, à chamæmelo herba sic dicta, quod mali odorem referat, incipientes, quam Aegyptiorum sapientissimi ob raras eius dotes Soli consecrabant, vt testatur Gal. lib. 3. de Facult. simplic. medic. cap. 9. De cuius temperatura ac possessionibus, sic lib. 6. prædicti voluminis, idem dixit, Anthemis, id est, chamæmelum calfacit, & desiccatur in primo ordine, estq; tenuium partium. Ac proinde digerendi, laxandi, ac rarefaciendi vim obtinet. Hæc Galen. cui omnes hucusque medici subscribunt. Non est igitur quod ob chamæmelum vel chamæmalum dictum, infusum hoc noxium aliquid contraxerit, quis dicat. Veluti nec à bene olente anetho, quod pro ornandis ollis, ac præparando acetario culinis familiare est. Excalfacit autem in fine secundi gradus, & exiccatur in eiusdem initio, & ob id in oleo decoctum digerit, dolorem sedat, somnum conciliat: & crudos humores concoquit. Quæ omnia de sicco intelligenda veniunt, nam viride humidius, & minus calidum est. Itaque magis concoquit, & somnum conciliat, sed minus discutit. Sed & ruta à multis conseruanda sanitate, & morbis profligendis frigidis, ac interficiendis vermibus, sæpe māditur, quæ Galeno auctore, capite de vitice, seu agno casto, calfaetoria & exiccatoria tertio in gradu est. Cuius oleum auxiliatur iis, quos tortiones ac colicus dolor, à frigido humore ortus discruciat, vt meminit Gal. in fine libri 12. Methodi medēdi, veluti sexcentis alijs suæ doctrinæ locis, præcipuè vbi de seipso historiam narrat, quibus affectionibus cuminum multum quoque valere omnes norūt, quum spiritum flatuosum dissoluat, & ipsum in halitum reddat, ac ob id ex medicinis ventositates eliminantibus, practici ipsum primatum obtinere contendunt. Non est igitur quod quis contumax, aut ceruicofus, insciusue, audeat dicere, ob clysterum componentia ornantiæ, obitum puellæ superuentum esse, quum tametsi potentiora essent medicamenta

eorum

eorum vires in aquæ coctura infringerentur. Nec enim subterfugere est ad vinum, quum per se solum similes curat morbos, vt Gal. sæpe testatur, & Angelus Politianus vir nūquam sine honoris titulo nominandus libro suarum Epistolarum illi suffragatur, quum locum quendam deprauatum apud Plinium, vbi de cicuta agit, restituat. Quibus faciunt infusi ipsius parua quantitas, quæ quum decem ad summum vncias contineret, vix sufficiens erat secundum ex crassioribus attingere intestinum. Nunquam enim infusa per clysteres, ad intestina ventriculo proxima perueniunt, vt memoriæ commendauit Gal. lib. 5. Methodi medendi, & eiusdem voluminis 13. Nec enim ignoro apud ipsum Gal. lib. 6. de Sympt. causis legi, nonnullis clysteres adeo ascendisse, vt ipsos postea vomitione reiicerent, quemadmodum sterminus per letales voluolos emitti solet, quum id ventriculi attrahe re non est, sed duntaxat suscipere ea quæ ob intestinorum compressionem violenter sursum feruntur. Sed de iis satis, quū multo plura huic rei facientia Centuria prima medicarum curat. nostrarum, ad illustrissimum Cosmum Medicum secundum Florétinorum Ducem dicata dixerimus, vt igitur receptui canamus, luce meridiana clarius claret, clysmum hunc nullam noxam aut vim, nedum mortem, huic asserre posse, est enim clysterium vt Auicennæ placet medicamentum nobile, quod ideo nobile dicitur (vt mea fert opinio) quia securum, nullum præcipuum membrum quod vellicare posset attingens, à crassioribus enim intestinis potissimum materiam deponit, non verò vniuersaliter ab omni corpore, vt docte admodū Antonius Musa Brasauola nobis pyladæa amicitia coniunctus, Galenum in pristinum nitore reddens, Aphor. 2. lib. 4. Aphor. adnotauit. Sed ne lectori nauis in re tam facili sermonem in longum ducendo moueamus, vnde mors huic puellæ subsēcuta fuerit, breuiter dicamus. Primo scire licet, quod puerorum substantia omnium facillimè digeritur ac dissipatur, vt testatur Gal. lib. 9. methodi medendi. Propterea quod est omnium humidissima, ob quam humiditatem, ac cōcretos in eis frigidos humores somnolenti maximè sunt, & vterno, hoc est, sopore ac profundiori somno maximè apprehenduntur. Quum igitur puella hæc pluribus huiuscemodi humoribus frigidioribus scateret, ac cæli status rigidus & niuosus esset, consequens erat, non solum stomachi & intestinorum rosionibus obnoxia esset, sed quod magis est, catalepsi, id est, congelationi & apoplexiæ, forte enim fortuna prædicti humores caput præcipue eo tempore occupabant, ac in eo sedem habebant, qui ad

Q. cerebri

cerebri obturandos meatus paratissimi erant, unde credere erat puellam vel nullo remedio, aut præsidio adhibito, intra paucas horas morituram, sed quum clysmus dissoluendi ac rarefaciendi vim habebat, factum est quod eo materiæ illæ fluxibiliores reditæ cerebri meatus implerent ac coarctarent, unde apoplexia orta est, morbus sanè perniciosus, ac lethalis, à quo puella hæc mortem traxit. Non est igitur quòd medico imputetur huius obitus, quando non semper sit in medico (vt ingeniosus ait Poeta) releuetur semper vt æger, quum interdum bonam artem præualeat malum, imo nonnulli sæpe reperiuntur morbi necessario interficientes, inter quos hunc à quo puella discessit, adnumerare est. Non erat igitur medicus ob hanc rem accusandus, nec inuite ad iudicium deducendus, quoniam post Deum Aesculapiū, quem in serpentis formam ob pestem sedandam Romam decem Legati ex Epidaurò traxerunt, medicis concessum fuit, vt inuiti in iudicium deduci non debeant, vt habetur apud legem Medicos C. de press. & med. Obiit igitur, vt iis finē imponamus, puella prædicta apoplexia detenta, quum vt assistentes testabantur, tota rigida post obitum mansit, nec est quod quis in hac re amplius dubitet ancepsue sit, ita enim sentio Ego Amatus Doctor Medicus Castellì albi Lusitanus, in quorum fidem hæc scripsimus, Anconæ decimoséptimo die mensis Maij. M D L.

ILLVSTRISS. ET SAPIENTISSIMO
VIRO, DOMINO D. ALPHONSO

Alencastrensi, supremo apud Lusitanos Com-
mendatario, Amatus Lusitanus medi-
cus, felicitatem & perpetuam
salutem optat.



ROMAM, Illustrissime ac sapientissime Alphonse, superioribus annis me contuli, vt Julio III. Pont. Max. ægrotanti opem ferrem: quo tempore dum illic moram aliquot menses traherem, tu à Ioanne Lusitanorum rege serenissimo, & æquissimo, & tibi genere patruo, ad eundem Pontificem Max. orator missus, illuc feliciter apulisti: vbi cum aulam tuam frequentarem, quamuis prius generis claritate mihi notus esses, cognoui apprime virtutum, & sapientię tuę præclara ornamenta. Nam solus hoc tempore tam claris generis stemmatis virtutes, & doctrinam coniunxisti: originem namque tuam ab Hispaniæ & Britannię regibus cœptam, felicissimè illustrasti, in omnib. enim bonis artibus illustris non solum appares, sed etiam in his quæ mechanicæ vocantur, mirabiliter te ostendis instructum, vt in his te longo tempore exercuisse facile videaris. Prætereo tuam in ciuilibus & domesticis rebus tractandis sedulitatem & diligentiam, in quibus quandam humanitatem cum insigni benignitate, & insita grauitate ostendis, vt cum te loquentem audirem, Alphonsum Aethestinum Ferrariensium ducem in Italia, aut Bragantiæ in Hispania ducem tuum patruum, virum prudentissimum, audire mihi viderer. Cuius rara virtus & præclara gesta in hominum pectoribus sculpta adhuc vigere, nemo est qui nesciat: quæ profectò **DIVS GEMES** eius filius primogenitus patruelis, & sororius tuus felicissimè æmulatur, & vt decet imitatur, vt non solum principatus hæres sit tantum, sed virtutum omnium aularum perfectus imitator splendeat. Tua vero tanta est animi magnitudo, vt cū in multis, tum in amplissima, quam Romę habes domo, multis & claris viris ornata, sumptu ingenti & vberimo disposita cognoscatur: vt non facile dixerim, illius hoc tempore similē Romę inueniri, ad quā tanquā ad cōmune hospitium omnes viri boni cuiusque regionis se conferunt, vbi & fouentur & splendide accipiuntur. Vnde te omnes & laudant & venerantur,

rantur, quod in te veræ & Hispanæ benignitatis speculum Romæ elucere videant. quas ob virtutes te Iulius Pont. vnice diligit, ac maxime veneratur, tecumq; honoris causa de rebus grauisissimis familiariter loquitur. Quare his de causis maiora & grauiora tibi negotia à tuo rege commissum iri auguror. Nondum tamen constitui vter felicior, an tu tali rege principe, & consanguineo, qui te in ea loca misit, vbi cognita tua virtus tantum tibi gloriæ pareret, an rex ipse te & consanguineo digno & fidelissimo ministro sit. Cum igitur Romæ olim tuam benignitatem ac munificentiam fuerim expertus, à quo & domi acceptus, & mercede haud pœnitenda inuitatus, decreui tantæ tuæ in me humanitati aliquo munusculo quoquomodo respondere, vt non sint homines tui animi clarissimam generositatem merito à viris doctis celebrari. Quam quidem adolescens magnæ spei **D I V S D I O N Y S I V S**, tuus vnicus filius, effulsit (vt aiunt) habenis fortissime ac studiosissime sequitur. Accipe igitur vir illustrissime, fide erga te meæ seruitutis pignus, tenue licet : quod si tua illa qua soles animi alacritate acceperis, profecto animum meum ad maiora, & meliora tibi dicanda posthac incitabis. Bene vale doctrinæ & doctorum fautor studiose, meq; tuorum seruorum numero adiunge. Anconæ Idib. Aprilis. Millefimi Quingentesimi Quinquagesimi quarti.

accompagnati in sordina dall'autorevole Tiraboschi, (15) fortunatamente non sono più accettati e ricollocati soltanto nella cronaca pura e semplice. Del resto come poteva essere altrimenti? Le sue origini ebraiche, i suoi viaggi, la mentalità cosmopolita, quell'originale modo di polemizzare, reso qualche volta più acre per i suoi improvvisi spostamenti, non tanto per carattere, ma solo per motivi di sicurezza, possono in parte giustificarli. Ma la fonte della sua contrastata e non troppo buona stampa furono soprattutto la sua cultura e la perizia nell'arte che tanto amava, e naturalmente la prontezza con cui dominava le più difficili situazioni. Si può dire che non vi sia stato contemporaneo o del tempo seguente, che non gli abbia mosso qualche appunto critico, medico o letterato che fosse stato; tanto che in questa schiera non vi manca neppure Filippo Sasseti. (16) Ma l'inizio della violenta campagna demolitrice, spetta alla reazione del Mattioli, autore di un altro commento di Dioscoride, di maggior mole e senza dubbio più completo, sfociata addirittura nel suo libro dal titolo: *Apologia adversus Amathum Lusitanum cum censura in ejusdem enarrationes*, che pur contenendo qualcosa di vero è tutta un invettiva. Nella Biblioteca Comunale di Fermo, possediamo questo libro nella edizione veneta del 1558, nonché numerose edizioni degli altri libri del Mattioli, (dal 1548 al 1664), perché la sua intensa produzione scientifica fu sempre molto ricercata. (17) Bisogna però riconoscere, ad onor del vero, che il Lusitano, pur avendo criticato non so quante volte il Mattioli, lo rispetta e lo stima. Come del resto avviene tutte le volte, che trasportato dal suo galenismo dall'amore e venerazione per gli antichi maestri, dalla stima che lo legava all'Eustachio, egli si trova a criticare il Vesalio con qualche espressione un po' audace, si guarda bene nello stesso tempo, di toglierli il grande merito dell'innovatore.

Nella bella e convincente dissertazione che completa la *LXX^a memoria della V centuria ... «propagines venae azigos, id est, coniunguntur ramulis venae cavae, thoracis internas partes nutrientibus...»* (18) Non soltanto accenna alla corrispondenza epistolare scientifica, avuta su quest'argomento con l'Eustachio, ormai a Roma. Ma, nel contraddire il Bruxellense lo esalta come il grande anatomico che è, ma fa ancor di più; nel dissentire non ammette futili blaterazioni nei riguardi di Vesalio, e sempre nell'ambito della discussione, duramente si esprime sull'anatomico Sylvio, ritenuto il più accanito e se vogliamo cieco avversario di Vesalio ... *Haec Porro si Sylvius parisiensis in Sua (ut ille ait) Contra Vesalium Apologia, sciret, nunquam me hercle sileret, ac si extram multis debacchationibus, frivolis, subtilibusque depulsionibus, aliam veram in lucem mitteret ...»* (19)

Del resto anche quando vuol tributare una lode al Grande amico G.B. Canano, non trova di meglio nel dire che è, *un altro Vesalio*. (20)

Intanto mano a mano che noi interroghiamo con cura i suoi testi, non solo conosceremo in ogni più piccolo particolare quelle sue notizie biografiche, ma con esse un vivace quanto fedele ritratto degli anni nei quali esercitò con successo la professione del medico in Ancona.

Precisa quanto mai interessante descrizione dell'ambiente cinquecentesco della città. Un documento di straordinaria potenza del modo di intendere, di costumi, di attività dell'uomo, di avvicinarsi delle stagioni e delle loro particolarità, dei mali del corpo, anzi delle avventure del corpo e dell'animo, della saggezza e qualche volta della follia, scritti nel pieno della maturità di uomo e di scienziato. Il Lusitano completa i testi dei letterati contemporanei, convalida le loro osservazioni, rendendone più agevole, da parte nostra, l'interrogazione, potendo dire di lui, e senza tema di essere smentiti, che nessun nostro medico del tempo ha parlato tanto d'Ancona.

Nella città egli, deve esservi giunto per la prima volta, e forse non ancora stabilmente nel 1547, perché nel *commento al Dioscoride*, nella LIV^a narrazione del IV libro, a proposito del (*Trago italice soda*) ci fa sapere che nel 1547 durante il mese di Maggio, nel percorso tra Ferrara ed Ancona, nelle vicinanze di Magnavacca che è una frazione di Comacchio, egli abbia avuto l'occasione di osservare questa pianta. (21)

Ha inizio così quel legame stretto e profondo con la nostra città, legame costituito da rapporti col prossimo, di pienezza di lavoro svolto fra una varietà di gente di disparate provenienze, ed ancor più disparate condizioni. In una città che dopo la perdita della sua indipendenza comunale, gradatamente riprendeva a vivere, sfruttando quelle intime, libere, eterne risorse. (22)

I libri di Lusitano se non ignorati nelle Marche e molto interrogati fuori dal lato scientifico, non sono stati purtroppo valutati nel loro particolare contenuto anconitano. Ed è mancato un qualsiasi tentativo di comparazione con quelli di autori coevi o immediatamente successivi; sempre per l'abitudine di occuparsi solo del particolare e nient'affatto dell'assieme, come se nell'ambiente civile e culturale di una città, i singoli personaggi agissero sempre da soli e senza punti d'incontro o anche di scontro.

Non pretendo ora di voler criticare alcune metodologie, ma soltanto di arricchire la mia indagine con un tentativo di allargare l'orizzonte, citando almeno tre autori di Ancona, che vissero ed operarono nel tempo del Lusitano, anche se il terzo di essi, in ordine di menzione e di tempo non ne sia cittadino, ma che si riaffaccerà più volte sia nel dissenso più dichiarato con l'opera del nostro, sia per la sua partecipazione all'intimo di una città. (23)

nire, uel in abortum paratis, magno iuuamento, cum pari thuris pondere, in ouo recenti, bibendam propinamus.

De Tragio frutice.

Græce, Τράγιον : Latine, tragium.

Enarratio. 52.

Tragium.

NASCITVR tragium hoc non solum in Creta, sed Hispania etiã, tam lentisco simile, ut eum quoque Hispani lentiscum appellare non dubitent, in cuius descriptione Plinium non satis constare, uel ex hoc percipitur, quia libro decimo tertio capite nono, Tragium terebintho simile facit: libro uero uigesimo septimo, capite ultimo, potius iunipero in uniuersum æquale esse dicit: De cuius uiribus, Galenus libro octauo de Facul. simpli. medicamentorum, ita tradit: Tragii folia, fructus, lachrymaque, trahentis digerentisque sunt facultatis. Est uero & tenuium partium, & facultate in principio tertii ordinis calida: Stipites & infixa corporibus extrahit, lapides frangit, menses mouet, drachmæ pondere potum: Porro in Creta sola nascitur, lentisco simile: Alterum minus, cuius folia scolopendrio similia sunt, uisitur quidem multis in locis, sed non parũ habet facultatis astringentis, ut & ad fluxionum affectus conueniat.

Plinius inconstans.

De Alio tragio frutice.

Græce, Τράγιον ἄλλο : Latine, aliud tragium, cornulaca.

Enarratio. 53.

HOC mihi ignotũ est, de quo Galenus capite superiori uerbũ habuit.

De Trago, siue traho.

Græce, Τράγος : Latine, tragus, tragus scorpion, kali herba : Hispanice, soda barrilha : Italice, soda : Gallice, soda.

Enarratio 54.

Tragus herba.

Vitrum ex qua herba cõficiatur.

VT capite de Anthyllide meminimus, tragus altera species illius herbe est, ex qua vitrum & sapo conficiuntur, quam Hispani Valentini, Sofiani barrillam, uel Italica quoque uoce, Sodam appellant, & eam Galli maximo quæstu quotannis serunt. Sponte enim in litoribus maris nascitur, herba fruticosa, foliis carens, sed multis abundans ramulis, ex quibus grana quædam tritico similia pendent, primo uiridia, postea uero quum ad maturitatem perueniunt, subrubra euadunt. Est enim tota hæc herba sapore falsa, cum quadam astrictione mixta, quam exiccant, ac postea comburunt, & illius conflatum cinerem, cali, siue cinerem cali uocant: ex lixiuio uero huius cineris, sal alkali resultat; At cinis induratus ille, alumen catinum dicitur,

citur. Quū enim anno a Christo nato millesimo quingentesimo, quadragésimo septimo, mense Maio, è Ferraria Anconā uenissē, litora in iris, prope Mangeuaccam, hac herba cum crethamo scaterē deprehendi, quam falso Leoniceus libello suo de morbo Gallico apud Dioscoridem telephiū esse putauit. Quid uero Serapio per kali intellexerit, usnem uocando, ignorare fatemur. Si modo hanc de qua agimus herbam non intelligit. Differt enim usnen, ab usnea, tamen si barbara sunt uocabula, nam usnen kali est, usnea uero muscus. Nō prætēmittendus quoque est Ruellius, qui procul dubio, in dignoscenda herba ista, multum hallucinatus est, quum tragum iunci speciem esse crediderit, cui quoque Mathiolus Senensis subscripsit, nulla fultus ratione, quum è directo Tragus herba a nobis dicta sit, & ex ea uitrum conficiatur, ut latius in ea diximus epistola, quam de hac re, ad il lustrem simul ac Philosophum insignem, Alexandrum Manzolum Bononiensem scripsimus. Cæterum, Galenus hanc subiticit herbam, credens utique eandem cum Anthyllide uires habere; sunt enim eēdem fere herbæ, ut dixi, Tragus et Anthyllis. Proinde ad Anthyllidis recurrite descriptionē, quum de tragii uiribus scire desideratis.

Leoniceus
nons taxat
est.

Ruellius
errat.

Mathiolus
errat.

Tragi
Galenus
non meminit.

De Iunco.

Græce, ὄξυλχνος : Latine, Iuncus, acuminatus iuncus, leuis iuncus : Hispanice, iunco : Italice, giunco : Gallice, iunce.

Enarratio 55.

SUNT Iunci omnia genera notissima, quæ prope aquas nascuntur, sed acuminatis tanquam acus extrema habens, potissimum in maritimis conspicitur, de quibus Gale. lib. 8. de Fac. simpl. med. ita prodit : Quidam oxychoenos, alius oligoschoenus, crassior, laxiorq; oligoschoenos, fructus huius somnum conciliat, Oxychoeni autem duæ sunt species, altera sterilis, cuius nullus usus in medicina; Altera quæ fert semen somni conciliatiuum, sed minus quàm oligoschoeni, utrunque si cum uino bibatur, uentris fluxus desiccet, & mulebre profluuiū rubrum sistit, Est itaq; eorum tēperies composita ex terrena essentia leuiter frigida, & aquea leuiter calida.

Iuncus

De Lichene.

Græce, λεχην : Latine, lichen, Iecoraria, hepatica: Hispanice, la heppatica yerua, figadella yerua: Italice, la epatica figatella: Gallice, hepatica: Germanice, Stein, oder brumē leberkraut.

Enarratio. 56.

Nascitur Lichen, prope puteos, & humentes lapides, ac asperginosas

Lichen.
cc

Non spetterà proprio a me l'illustrarli, perché questi personaggi lo sono stati ampiamente in altre sedi, da autorevoli scrittori di ieri e di oggi. (24) Ma le loro opere devono essere almeno ricordate perché assieme a quelle del nostro, non solo completano il mosaico della vita culturale di una città, ma hanno molte somiglianze pur nella discordanza dei temi trattati. Gli autori sono Francesco Ferretti, Benvenuto Stracca e Filippo Sassetti, l'ultimo come ho già detto, soltanto *residente* in Ancona ed in periodo successivo agli altri. (25) Ma anch'essi pur da opposte sponde illuminano i documenti, li rendono vivi specialmente per l'attenzione che riservano alla valutazione, alle azioni, ai sentimenti della gente comune, alla varietà dei loro personaggi non meno incisivi, anche se fuori della schiera dei condottieri!

Francesco Ferretti è il primo dei tre, scrisse il bel libro sull'arte militare che porta il titolo, *I diparti notturni per modo di dialoghi familiari*, stampato nel 1579 dall'anconitano Salvioni, con incisioni in rame di Antonio Marelli, contenente anche un bel tentativo di isolario, mentre a Venezia egli nel 1568, aveva già dato alla luce l'altro libro, dell'*Osservanza militare*. (26)

Opere esse di arte militare sì, ma diverse dalle altre. Non quel tecnicismo esasperato che riscontriamo in altri libri simili. Sarebbe sufficiente gettare un'occhiata al libro del bresciano Tartaglia: *quesiti ed invenzioni diverse*, (27) sebbene indubbiamente completo nel suo genere, più autorevole e scientifico. Diverse, perché sono ricche di un altro contenuto che vanno, come dice Enrico Castelli dalla: *nessuna rinuncia alla gioia, come espressione di una conquista che lascia intravedere un altro mondo, altri orizzonti, perché la gioia della scoperta è sempre connessa ad una sosta, ad un momento contemplativo dell'orizzonte scoperto che, percorso, lascia bene sperare*. (28)

Pertanto opere con motivi molteplici e vari, che vanno dalla vita quotidiana di una città, alle questioni di ordine morale e civile. Anche le notizie tecniche sull'arte militare risentono di un tal sentimento di arcana poesia, non dissimile da ciò che riscontriamo nell'opera del Lusitano. Per esempio la formazione di combattimento descritta da Francesco Ferretti nei suoi due libri, *quel battaglione lunato*, che di notte si racchiude in se stesso, sicuro nell'attesa dell'alba, di un mondo ci dà la nostalgia. (29)

L'immagine cinquecentesca di un porto, la vita quotidiana di Ancona, di fatti, di persone e cose, il mercato, le mercanzie variopinte, i traffici, i commerci, la qualità delle sue acque, quella di Santa Maria della Piazza, la varietà infinita dei prodotti del suo mare, è un'immagine, che sul filo eterno del pensiero, si è tramandata, tal quale, sino ai nostri giorni. (30) E per accettare questo passaggio del ricordo attraverso le successive generazioni,

come dice Bloch, cioè una continuità descrittiva, basterebbe fare attenzione, soltanto un poco, all'aureo libretto dell'abate Borioni scritto qualche secolo dopo, per il colera del 1836. (31) Che pur nella variazione dello stile, Borioni è un manzoniano, identica è la raffigurazione della vita in Ancona.

Un altro personaggio che non può non essere citato per il periodo che ci interessa, è Benvenuto Stracca, creatore del diritto commerciale marittimo col: *Trattado de mercature seu de mercatore* del 1576, e poi del *Annotationum ad responsium jureconsultis Aymonis Cravettae* del 1558.

Il quale, con l'attiva partecipazione alla vita civile, con i suoi studi giuridici, crea l'impalcatura di quelle norme sulle quali si muovono e si adeguano i personaggi del tempo, stabilisce per loro le regole e le leggi, quelle stesse alle quali qualche anno dopo si uniformerà Filippo Sassetti, dovrà ricomparire, specialmente per il suo periodo anconitano, che senza forse, deve avere inciso in modo prepotente, su tutto il resto della sua esistenza. Ma non soltanto queste opere hanno connessioni di carattere generale, ma per poco che le osserviamo con serietà e attenzione, ve ne dobbiamo scoprire anche di ben intime. E come non notare a proposito dell'opera dello Stracca, che quell'Ambrogio Nicandro di Toledo, che fu suo maestro di lingue antiche ed orna, l'opera massima del suo allievo, con una poesiola che ha la funzione del presentatore, (32) sia lo stesso Nicandro di cui il Lusitano ci riporta due lettere del 1552 inserendole nell'incipit della quarta centuria delle sue memorie, come autorevole attestato alla sua abilità di medico, mentre lo rivedremo ricomparire ancora, per una notizia interessante la flora della nostra regione, anche nel *Commento al Dioscoride*.

Si tratta di lettere inviate ad Antonio Barberino, lunghe e prolisse, nelle quali il Nicander, descrivendo con molta minuzia i suoi mali, tesse le lodi del medico curante che è poi il Lusitano. E tali cure, lunghe e sapienti, naturalmente coronate col successo della guarigione furono, cosa molto importante, del tutto gratuite, tanto che il Nicander nel corso di una lettera vi insiste sopra riportando le parole pronunciate dal suo medico ... «*Ego te Nicander curare libenter ac diligenter volo. Hoc Tamen lege unquam inter nos pecuniae mentio fiat ...*» Ben differente dal comportamento di quell'Emanuele Cirnio, nella *terza memoria della I centuria*, che per la gioia di essere stato guarito da una terzana maligna, gratifica il nostro medico con ben trecento ducati d'oro.

Ma se il *toletano*, laudatore del suo medico, e centellinatore delle proprie malattie, appare un po' diverso da come gli storici di ieri e di oggi ce lo rappresentano. Pur nulla togliendo alla figura dell'uomo colto, scopriamo

AMBROSIVS NICANDER

TOLETANVS ANTONIO

BARBERINO NON MINVS

nobili quàm docto S. P. D.



V A E S I S T I â me per literas, quomodo malam illam valetudinem, qua me hinc discedens Patauium sanitatis causa petiturus oppressum reliquisti, quouè medico usus illâ depulerim: qua de causâ his meis literis uolui te faciens certiozem, hæc ad te scribere, ac meæ salutis tibi reddere rationem, quam scio tibi uiro doctiss. & mei amantiss. non ingratham fore. Incipiam igitur ab initio. Non multos ab hinc annos uenit in hanc urbem quidam medicus homo minime malus, natione Lusitanus, qui iam pridem commentaria in Dioscoridem scripserat, quæ ego uidendi cupidus accepi, & legi, quæ tamen nunc Venetijs & ex ædibus Scotti sunt edita, in quibus multam & variam inueni eruditione: præter quàm enim, quod herbarû, arborum nomina, quæ ibi à Dios. ponuntur, multis & varijs idiomatis sunt declarata, sunt in his difficilia in medicina loca & docte & prudenter disputata. Quid multis moror, illis cõmentarijs adductus, uolui experiri an scriptorum doctrina cum ipso homine consentiret, depræhendi hominem longe doctiorem quàm eius scripta ostendebant, quem cœpi amare ob uirtutes, eratque ipse amabilis re & nomine, uocatur enim Amatus. Ego qui me multis subditum ægri tudinibus sciebam, cœpi illi mei corporis valetudinem cõmittere, audiebam enim per multos ab eo sanari, quos tribus hucusque editis Centurijs ipse commemorat. In eo igitur cum homine amicitiam, & in ipsam paulatim descendo, quantoque eius consuetudine magis utebar, eò mihi amabilior erat. nam præter eius doctrinam ueram & solidam (est etiam moribus suauiss. ut uere dixeris omnium horarum hominem) à quo cum paucis mensibus multa accepissem beneficia & uisendi & me curandi, uolui illi aliquid rependere. Is, ut est homo minime avarus, inquit, Ego te Nicander curare libenter ac diligenter uolo, hæc tamen lege, ne unquam inter nos pecuniæ mentio fiat. Nam ab amicis nil præter esculenta & poculenta aliqua, ut est apud Iuriconsultos accipere solco. Illi igitur ob tot beneficia obstrictus, ignorabam prorsus

prorsus quomodo me tot beneficiarum vinculis possem exolvere, quoque diutius hæc cogitabam, eo beneficia indies ab eo augebantur, ut ne ære quidem meo toto, illi acceptorum beneficiorum partem possem assequi. Decepi accepta ab eo beneficia in libellum, tanquam in rationarium conijcere, incipiens ab eo quo mihi opem tulit die, ut qui me non esse soluendo cognoscebam, interdum quot & quanta deberem considerare, ut amor saltim exresceret, illi maxime debitus, ex quo libello excerptis posteriora, & maiora volui ea ad te scribere, ut tu qui es non solum in mathematicis optimus ratiocinator, sed beneficiorum etiam prudentissimus æstimator, collatis inter te accepti, & expensi libris, quantum debiti onus sustineam facile iudicare possis. Imprimis igitur quum grauissimis, & acerbissimis podagræ & chiragræ doloribus urgerer per multos dies, neque consueti prius medici auxilium experirer, vocatus adfuit, & vociferantem inuenit, & suo verborum lepore clamores compescuit, & medicamine adhibito opem ipsius illico tanquam alterius Aesculapij sensi, idque non semel, sed quoties me ille atrox dolor arripiebat, ut tantis malis liberatus illis Ouidij versiculis soluere nodo sum, occinerim. Nouit nodosa prudens & doctus Amatus, Et podagræ & chiragræ soluere cuncta mala. Aggressa deinde est me eo anno, quædam periculosa & ut medici dicunt exquisita pleuritis, quæ homini sexagenario celerem, & omnino inuitabilem minabatur interitum, cui repentino malo fissa intrepide uena, sanguineque ad uncias octo extracto opportune & prudenter occurrit, meque intra paucos dies liberum & sanum redens è Proserpinæ peculio recepit. Sequenti deinde anno post podagram penitus sublatam, ecce chiragra manum sinistram inuasit, cum tam ingenti tumore, ut uix digiti videretur, ne dicam officijs suis uti possent, hic vero miræ medicinæ artificio, ita tumorem cum dolore (quod ego difficilimum imo ἀδύνατον putabam) abstulit breui, ut omnes qui viderant in stuporem adduxerit. Memini enim quum mihi sæpe diceret, ego hunc tumorem omnino auferam & manum hanc tibi liberam cum digitis reddam, respondisse Deum solum id ex miraculo præstare posse, ita tumor occalluerat, & longa diuturnitate coaluerat. sed ille & promissa non credenti præstitit & vera se dixisse exitu comprobauit. Non multos post menses, omnes me simul catharri species cum tenui febre inuasunt, atque tussi crebra vexabar, multosque ea dies vexatus somnum nocte oculis meis videre non poteram, fluebat humor quidam falsus à capite per nares,

fauces,

fauces, vt eas intercludi timerem, qui tracheam quam vocant arteriam miserrime torquebat, deinde in pectus descendebat, neq; febricula absistebat, imo in dies magis vires capiebat, totumq; fere annum cum illis symptomatis me infestabat. Amatus accessit ac velut cum hydra dimicaturus pellendis his reumatis se accinxit, quæ multis & uarijs medicamentis, tandē extinxit ac depulit, liberq; his malis factus, conualescere incipiebam, & è thro diuturno morbo leuatus surgebã, fuit id si recte memini Anno M D L. Deinde paucis interiectis mēsis. occupauit me quædam macies, & membrorum omnium infirmitas, quæ me & facie deformauit, & toto corpore ita debilitauit, vt uix pedibus possem consistere, ne dicam ambulare. Nam cum pedem humi sistebam, statim me dolor quidam capitis pungens aggrediebatur, vt nihil magis cuperem quam sedere aut iacere, quam ille ægritudinem cernens, cum multa prius adhibuisset medicamenta, neque proficeret, decreuit decocto radicis cynæ tanto obuiam ire malo, exhibiturus id mihi Aprili mense anni M D L I I. Nunc autem optime Antoni, quæ nam sit hæc radix, & quomodo inuenta paucis accipe. Nam id me Amatus prius docuerat, de qua radice extat ab illo tractatus editus. In orbis igitur noui navigatione Synarum regio nuper inuenta est, licet olim cognita, de qua Ptolemæus cap. 3. septimi libri meminit, & Plinius si rite recordor. In ea regione mons quidam est, vel promontorium, quo Lusitani applicuerunt, vnde radix illa à sinaris cyna corrupto vocabulo est dicta. Ipse igitur ad hoc decoctum tanquam ad sacram anchoram confugit, à quo tamen ego abhorrebam: primum quod perpaucis esset cognitum, deinde propter ætatem timebam, ne mihi maxime obesset, qui ea de re alios fenes periculum non fecisse cognoscerem, ipse tamen me magis ad hoc decoctum adhortabatur, sed fuit fortuna incæpto: nam nescio quo meo bono fato Armenius quidam nomine Aligian de Tolchat mihi Anconæ sit obuius, nam & si imbecillis pedibus, aliquando tamen domum exhibam lætificandi animum causa, mæror enim me magnus domi capiebat. Ab illo igitur comiter salutatus, qui Italicam linguam callebat, respondi humanissime, is à me petijt num medicus essem, habebat enim socium febrili laborantem, cui dixi medico indigere me, neque esse medicum, is statim me quo morbo laborarem interrogat, cumq; illi meam ægritudinem longo sermone aperirem, illico in huius radicis mentionem uenit, & clamans ait felicem & beatum me fore, si semel illius decoctum capere possem, nesciebat enim in Ita-

lia

lia venalem inueniri, & narrat mihi quomodo ipse neruorum contractione, & dolore capitis longo tēpore laborasset, & quomodo in Indiam ad Sinarum regionem mercaturæ gratia exercendæ peruenisset, & cum solito grauius ægrotaret, ab incolis illius regionis, vt illam recentem, & illic nascentem experiretur, est adhortatus, ille dies quindecim illic mansit frondes nunc, modo radicem ipsam deuorâdo, & præter ipsius spem, & præter eorum opinionem, qui cum eo illo nauigauerant, incolumis breui euasit, mihiq̄ue nouem se ex eo tempore annos semper incolumen fuisse suo iureiurando confirmauit. redco inde domum, dico hoc Amato & me illi in omnibus parere esse paratum polliceor. Bonis igitur auspicijs an. M D L I I. April. mense radicis sinari decoctum, deo opt. max. auspice capere incæpi, corpore per syrupos deinde per pharmaca copiosissime exinanito. Iu bebat Amatus illius radicis vnciam in tenuissimas bractæas cultro acutiss. incidi, & incisam in urcen fictile cum aquæ fontanæ libris quindecim, inijci, & prunis sine ullo fumo admoueri, & quoad usque seruebat donec octo libræ superessent: quo decocto per linum transmissio, summo mane decem illius decocti calidi vncias ebibebar in patera, qua hausta bene coopertus duas horas sudaturus quiescebam, experrectum verò famuli lineis calidisq̄ue sudarijs totum corpus copiosissimo sudore, qui interdum totum lectum penetrarat, abstergebant. Mundatus igitur sudore prudenter ne quicquam aeris per poros subintraret, indutus paulo post surgebam, & in cubili me continebam, ac tandiu deambulabam, quoad mihi prandium afferretur, quod erat quarta capi optimi pars in secundo decocto illius radicis cocta, nam bractææ illæ radicis primi decocti denuo in totidem aque libris coquebantur, & ita fiebat secundum decoctum, quod parabatur, & ad capos elixandos, & quum opus erat ad clysteria: in prandio erat panis nauticus cum saccharo subactus, & deinde pane Martio uelicebar, bibebam autem ex eo decocto quo in mane vsus fueram, quantum libebat, & interdum uas passas Corinthiacas edebam, à prædio vero ludis quibusdam me oblectabam, vel alicuius lepido amici sermone fruebar, quo tempore tuo suauissimo colloquio frui uoluisset, nam mihi laborem, & tæpe fecisti, leuaties. Hora deinde xxij. exutus thorū intrabam, & eadem pateram bibebam, & stragulis obuolutus vt in mane conquiescebam horam vnam uel plus, & quantum poteram vt in mane sudabam, absterfus surgebā, interim cœna apportabatur quæ erat *arbu xpisus*, edebam vel pruna Damascena, vel uas Corinthiacas,
aut

aut pyra assa cum saccharo, eodē quo in mane potus usus & pane, aliquando amygdalas aut Martium panem uocabam. Decocti illius gustus qualis erat si quæris, lac recens mihi bibere videbar, & ita post vnum diem asseruatum, vt lac acescit, color est, quando est bene decoctum vini quod rubellum uocant. Gustu itaq; suaue utrunque decoctum erat, & uisui delectabile, inter edendū & cœnandum potu utebar remissè calido, post cœnam altera uncia tenuissime incidebatur & in aquam coniecta ad sequentē lucem parabatur, & alligata illa hesternā uncia in panniculo lineo, simul cum illa nouiter incisa ne simul commiscerentur coquebatur, & aliquando in minoris aquæ quātitate tertio coquebatur, cuius tibi radicis miraculum scribam. Ego enim qui duratam aluum per uiginti annos habebam, & qui raro sine clystere egerebam, nunc solo illo tertio, imo nonnunquam sexies radice eadē decocta cū oleo paucō, & sale magis mihi proficere uideo, quā si simplicissimè pharmacum, ita omnes malos humores expello, quo clysteris genere etiā nūc felicissime utor. sed redeo ad priora. hoc decocto xxiiij. diebus usus fui, quo tempore duas radices libras absumpsi, & ita totam curationem absumpsi. Quid multis moror post absumptam radicem, cœpi optime habere, nam somnus pene ablatus rediit: quod comedo nulla uentriculi difficultate bene concoquo, non tantum ut prius expuo, rediit uultus color, rediere amissæ uires, vt me breui ab orci faucibus ereptum cognouerim. utebar tamen postea hac victus ratione, vinū eo decocto diluebam, & eodem carnes elixabatur, in sero carnibus paucissimis, aut nullis intercœnandum utebar, qua uictus ratione per mensem seruata, amissa omnia recuperavi, quem cum multi antea deformatum, & pene perditum uidissent, tunc uero ita instauratum mirabantur, & ita meo exemplo aliqui idem decoctum cœpere. Ita igitur sanus Dei optimi maximi beneficio & Amati studio, bene ualeo, & corporis officii sanus utor salubriter, & posthac melius me habiturum spero. Historiā non epistolam texui, neq; eam legere grauaberis, scripsi enim tum ut tibi meæ sanitatis causam planè redderē, tum ut uirtus Amati nostri dignosceretur, cuius commentaria in Dioscoridem his diebus impressa è prælo Scotti dudum prodire, in quibus suam doctrinam late post Hermolaum, Marcellū, Vergilium & plerosq; alios explicuit. Nolo te meis ulterius nugis obtundere. Tu interea uale, & ualitudini da operā, teq; si placet ad nos, vt te fruamur referro: noster Io. Bap. Vicellinus tibi S. D. Vale iterum.

Anconæ, Idib. Febr. M D L I I I.

AMATI

il suo carattere, il modo di sentire, gli atteggiamenti spontanei, quelli non paludati, anche quella sua tal qual avarizia, e se l'eroico in questo caso ne può soffrire, ne guadagna comunque l'uomo. (33) Dopo la doverosa digressione, torniamo alle notizie autobiografiche del nostro, che ora le conosceremo dal *Commento al Dioscoride*, opera giovanile, rielaborata più volte in Ancona, che non dovrebbe essere ignorata dai cultori della storia della nostra flora.

A proposito della *nux indica*, (de Elate) egli ci fornisce importanti notizie per la ricostruzione più precisa delle sue attività. ... «*Sed ego relicta Lusitania ut qui ab decem et octo annis praesagieram quae nunc evenisse audio, regiones contemphi honores, et in Anthuerpiam me recepi ubi septennium egi, et inde illustrissimi ducis Ferrariae, Herculis secundi iussu, Ferrariam veni, sub cuius clientela sexennium moratus sum ubi quoque publice artem medicam professi sumus, et multa a viris doctissimis, in re anatomica et herbaria didicimus ...*» (34) che costituisce ancora una ben precisa e chiara testimonianza sul fervore degli studi anatomici in Ferrara e dei suoi amenissimi orti botanici.

Mentre sempre nel *Commento al Dioscoride*, nel testo che riguarda la descrizione della *Palma*, ci fornisce una notizia sugli studi anatomici del tempo nella Spagna, che a quanto pare, erano molto arretrati rispetto alla situazione italiana ... «*quantum ad anatomiae cognitionem attinet dubito, quum piaculum, sit corpus humanum mortuum apud hispanos dissecare ...*» (35)

Il Lusitano al contrario, ben differenti aveva trovate le condizioni dell'insegnamento anatomico in Italia, perché nella *LII memoria clinica* della *prima centuria* ci avverte che ... «*Nam anno 1547, Ferrariae duodecim corpore humana et brutorum dissecare fecimus ...*» (36)

In tutti i modi la sua attività in Ancona ha inizio nel 1549, sebbene qualche saltuaria visita o breve permanenza ve la abbia fatta sin dal 1547, dove vi opera sino a quando non si trasferisce a Pesaro nel 1555, sotto l'ala urbinata, terra divenuta per lui più sicura. (37)

Ma quel che più conta è il fatto che egli vive ed opera nella nostra città, come un vero cittadino, penetrando in fondo al suo tessuto, da quello del patriziato, dei navigatori, dei mercanti, degli artigiani, della gente umile a quella infine, dei giuocatori, degli oziosi.

Le sue storie cliniche, le sue discussioni terapeutiche, contengono anche in modo originale, la storia di una città e di una civiltà. Soltanto per questa considerazione, tutte le volte che noi ci occupiamo di storia patria, occorrerebbe innalzarsi al di sopra delle strette e troppo alte mura cittadine, non

chiedendo con monotona insistenza ai personaggi da trattare o da interrogare, sempre il certificato di nascita.

Rammaricandoci che per tal modo di comportarci, abbiamo illuminato troppo poco certi aspetti che sono di primaria importanza, se non per arrivare all'esatto, almeno per tentare di considerarne la distanza.

Intanto, è sempre lo stesso Lusitano che ci fa conoscere, come prima di trasferirsi in Italia e poi nelle Marche, sia vissuto ed operato per sette anni in Anversa nel Belgio ... «*tamquam celebre emporium ...*» (38) il grande porto alle foci dello Schelda, tutto proteso verso il nuovo mondo, luogo d'incontro degli uomini d'affari di tutta Europa e delle più svariate provenienze.

Nel *Commento al Dioscoride*, a proposito dell'argomento, *vino*, ove abbiamo modo di conoscere anche una bella descrizione della varietà che va sotto la denominazione di *Albana*, trova nello stesso tempo l'occasione di interferire così ... «*Hispanos nostros et italos aliosque exteros mercatores cum quibus anthuerpiae magnam contrahunt familiaritatem ...*» (39) notizia ben preziosa, che circa vent'anni dopo, non solo ci viene confermata, ma illustrata in ogni dettaglio dal nostro Filippo Sassetti nel ... «*Ragionamento sopra il commercio tra toscani e levantini...*» di cui più volte dovremo occuparci. Egli, informatore d'eccezione, ci descrive con competenza e minuzia, una istituzione della città d'Anversa, ben singolare e destinata ad ospitare i mercanti in transito ed in arrivo, con tutte le caratteristiche di un vero e proprio albergo. (40) Ma il Lusitano al grande scalo atlantico, non perde tempo a contrapporre un altro porto di non minore importanza, ma proiettato verso una diversa direzione, il Medio Oriente, l'Egitto, la Turchia, la Grecia, l'Armenia, senza parlare delle coste dalmate, cioè quello di Ancona. Scalo di cui si servivano come punto d'arrivo, di partenza e di smistamento diverse regioni italiane e soprattutto, gli stabilizzati in Ancona stranieri ed italiani, principalmente i fiorentini, i quali poi godevano di particolari vantaggi ed esenzioni. (41)

Una stupenda conferma di tutto ciò la troviamo nel *Commento al Dioscoride*, a proposito della descrizione del Rabarbaro ...«*... Anconam veni, Nobile apud Italiam emporium ad quod omnes genus hominum mercatores, totius orientalis plagae confluit, eo consilio ut ab illis, si quae sunt medicamenta a nobis desiderata, quae ex orienti afferri solent...*» (42) nonché in altre e numerose citazioni, a proposito di questo o quell'altro prodotto importato. Come nel caso della terra Lemnia, ricordata ed illustrata con molta precisione anche nella leggenda pertinente l'omonima isola descritta dal Ferretti ...«*Ita brevi speramus, vera armeniacam habere, ad iis prae-*

Enarratio secundi capitis.

ANCONAM ueni nobile apud Italiam emporium, ad quod omne genus hominum mercatorum, totius Orientalis plagæ confluit, eo confilio, ut ab illis, si quæ sunt medicamenta à nostris desiderata, quæ ex Oriente afferri solent, haberem; nam quum hodie nullus extat princeps, qui pro illis ueris cognoscendis sollicitus sit, aut qui medicis suis, modum aliquem inquirendi cum impensis constituat, ut olim Alexander Magnus præceptori suo Aristoteli summo philosopho opes ingentes ad hæc inquirenda naturæ secreta affatim largiebatur: Deceui, non ut principibus placerem, aut ex illis stipendium aliquod sperarem, sed magis ut animo satisfacerem ac posteritati prodessem quoad fieri posset, rerum occultarum, & de quibus auctores hodie maximas habent contentiones, certam afferrem notitiam; quo factum est, ut res uotis non infeliciter successerit, ut in rhapontico iudicare quis poterit, quod ad me aduectū fuit, in maxima quidem copia, & id Gerardus Caroli Quinti Imperatoris, apud Solymanum Turcarum Imperarem doctissimus orator, propriis manibus, in regione Ponti eradicaauerat. Est enim uir ille doctissimus, & uariarum linguarum peritissimus, ac medicamentorum simplicium diligentissimus inuestigator, qui hoc tempore, primo radicem istam in lucem traxit, digitalis longitudinis & crassitudinis, fungosam leuem, coloris exterioris subnigri, sub quo luteus alter uidetur, nam intus ea fracta, eiusdem cernitur coloris, quo uulgare rhabarbarum, præcipue immaturum, insignitur, quam si dentibus tractaueris, labia, & sputum, crocei coloris reddi certum est, porro saporis mixti est, communis fere aut uulgati rhabarbari ex se sapore reddens: Nam tota ista radix, styptica est, ut experientia compertum habeo: illius enim drachmarum duarum pondus sæpe dedi, & nullus bibentium egefit, imò potius eorum uentres constrixi magis fuere. Proinde rhaponticum hoc Græcorum, diuersum a uulgari rhabarbaro esse, non solum figura, sed uiribus ipsis, certissimum est. Quum autem hæc literis mandarem, huius radice Pōticæ partem, ad Antonium Musam Brasauolam uirum doctissimum, misimus, ueluti ad Antuerpienses, ut inde singularis doctrinæ uir, Ludouicus Nunius Santarenēsis Lusitanus, in Hispaniam ad amicos transmittat. Eam uero hodie quoque Monachi, qui Mesues Antidotarium enarrarunt, habent, ueluti alii plures doctissimi uiri Romæ agentes. Quapropter, de isto rhapontico nihil amplius agendum decreuimus, modo Dioscoridem sic in præsentem intelligendum monuerimus, eo modo quo Manardus olim interpretatus est, circa uerbum hoc, Datur agarico similiter, in singulis prædictis morbis eodē pondere, in iisdem liquoribus, & cætera, non autem Dioscorides per hæc uerba, rhaponticum purgatorium, ut agaricum intelligit, ut multi falso interpretantur, sed inquit, potius: Dosis rhapontici in prædictis morbis, eadē

Rhaponticum

Ludouicus Nunius.

Exponitur Dioscorides.

*Curatio sexagesimaprima, in qua agitur, de quadam
mala affectione derelicta, à quartana febre.*

RAPHAEL Thadeus, iuuenis florentinus, & qui
Anconæ apud Aloisium Pixonium mercatorem
agebat, quum Antuerpiæ quartana laboraret, in
Italiam se recepit, & ab ea curatus sanus euasit, cæterû,
inde eius facies pallida admodum contracta est, ut alio
grauiori morbo iuuenem hunc affligi, quiuis diceret,
patiebatur nanque lienis, & corporis meatuum obstru-
ctiones, pro quibus abigendis, ab ebibitis syrupis, &
apozematis deostruentibus, & repurgato corpore, de-
coctum radice synarum ad uinginti quinque dies ebi-
bit, & floridum colorem solitum adeptus est, fistula ta-
men ano infixæ detecta est, quam antea (ut ille aiebat)
non perceperat, pro qua curanda Hipp. consulendus
est, proprio huic dicato negotio libro, hoc est, de fi-
stulis . . .

Curatio

*Curatio quinta, de pleuritide, furculam, & scapulam
dextram præbendentē.*

MV L I E R illyrica, annos nata quadraginta quinque, & quæ iam consuetos menses amiserat, robusta, magna, carnosâ, ut eam ex Gigantea prole qui uis diceret, in pleuritim incidit, nam furculam siue clauiculam cum scapula acriter dolebat, continua febris laborabat, non nihil tussiebat, sed ægre spiritum ducebat, hanc igitur sic male affectam ubi primum vidi, illico sanguinem ex axilari eiusdem brachij dolorem respicientis ad integram usque libram emittendum curavi, postquam sanguinis emissionem fomentum exceptum filtro loco dolenti adaptabatur. habet autem fomentum sic, ℞. hordei mundi, matrum violarum, foliorum maluarum, camomillæ, branchæ vrsinæ, radicū maluaufci, parietariæ, rosarum, ana pugillum vnum, Seminis maluæ fænu græci. S. lini, ana pugillum medium, in aquæ libris decem fiat decoctio sufficiens, cui postea adde olei violacei, rosacei, ana uncias duas, misce, & in ea filtrum imbuatur, exprimaturque & dolenti loco calidum admoueatur, & iteretur, ac postea ex unguento pectorali locus prædictus doloris inungatur, sed tunc syrupum violaceum aqua hordei dilutum in aurora bibebat, & interdum syrupum eundem violaceum cochleari lingebat, aut loch ex althæa, vel farfara, & hordeaceâ iulepo violaceo mistam bibebat, & panatellam simplicissimam penidiis paratam, aut ptisanam optime coctâ in victu habebat, iis enim ita gubernata, intra septem dies conualuit, clysteres tamen cum opus erat iniiciendos curabamus. Simili modo sanitati restituta fuit filia
Marini

Marini, prædictæ mulieris vicina, puella septedecim annos nata, quæ & ipsa, eodê die pleuritide correpta fuit, veluti homo Antonij Carrionis, natus annos triginta, coloris ruffi, Qui tunc ex Neapoli per Anconam, Bru-
ias nobilem apud Flandros ciuitatem patriam suam se recipiebat.

*Curatio sexta, de sanguinis reiectione, per intervalla, simulque de fonticulo in brachio adaperto, ad prisco-
rum imitationem.*

IOANNES Baptista Vccelinus, iuuenis Florétinus, optimis litteris, & moribus apprime imbutus, Temperatura atrabiliarius, gracilis, collum oblongum habens, pectus admodum strictum capitis destillatione subiectas corporis partes offendente laborare solebat, Qui subinde, per intervalla, sanguinem per os reiectabat, absque tamen tussi, & anxietudine aliqua, paucum, aliquando satis floridum & viuidum, cæterum, quum optimo victus ordine vteretur, & varia medicamenta, & remedia experiretur, & nihil comodi consequeretur, læguescebat, & contra artem medicam, & eius ministros irascebatur. petijt igitur, quum morbus ex ijs sit, qui indutias præbeat, & temporis intercapedinem ponat, nec sæuitiem, aut periculum aliquod secum afferat, ex late patente tamq; diuina arte remedium decerpamus, quo liber immunisq; ab hoc sanguinis reiectione euadat. Ego uero, ut qui sciam artem medicam uniuersam perfici, uno ex tribus instrumento, suadete id sæpe Galeno, & Auicena, eius interprete, nempe, diæta, hoc est, victus ratione, medicamento, id est, remediorum potu & assumptione, & opera manuali, Græcis chyurgia dicta, uidens utique nec diæta, nec pharmacis iuuenem hunc hucusq; iuuatum, ad opus manuale, tanquam certum & à me, & cæteris hodiernis doctis medicis pro comperto remedio habitum confugi, id autem est, fon-

B 2 sicutus

*Curatio quadragesimatertia de tertiana, gelida potu
expulsa.*

IOANNES Thomafius, mercator Venetus, & frater pharmacopolæ Venetijs præftâtiſ in officina tripli-
ci corona inſignita, quum ex Antuerpia Anconam ueniſſet, ex itineris longitudine, & laboribus cõtractis, fractus & confectus, in tertianam incidit, ad quem cum intraret medicus quidam & illi minorans medicamentum propinaret, & ſanguinem per uenæ ſectionem extraheret, & ſyrupos illi concederet. & grauiffime haberet, elapſis quatuor paroxyſmis, ad eum ſum uocatus die paroxyſmi, quem magna & ingenti febre afflctũ, ac ualidiſſima ſiti cruciatum comperio, in qua acceſſione aſſiſtentes illi aquam obnegabant, ego uero, hominem ſic eo tempore uexatum & ualde ſiticuloſum uidens, linguam admodum quoque aridam habentem, in cuius urina nescio quid ſublimamenti conſpiciebatur, aquam ad ſatietatem bibere concedo. quã ille auidiſſime uno hauſto, affatim ebibit, à cuius potu uehementer ſudauit, & ita bene habuit, ut ſequentis paroxyſmi die, immunis euaserit, ne tamen in morbum recideret, ex mãna, & rhabbarbari diluto, purgatus fuit, & baſilice habuit.

*Curatio quadragesimaquarta in qua agitur, de colico
dolore.*

PETRVTVS Bergomas, Anconę mercator, quum dolore colico uexaretur, ab iniecto clyſterio emolliente, clyſteribus acribus & potētibus uſi ſumus, & breui

sentim mercatoribus, qui ex Ancona Armeniam petunt ut inde ex oppido Angorae undulatas vestes sive symballicas advehant ...» (43) Due grandi scali dunque, due empori contrapposti ma uniti, Anversa nel Belgio, Ancona nell'Italia, egregiamente individuati in opere che, si può ben dire, sono state studiate sino ad ora, solo per il loro contenuto pertinente la medicina.

Che quell'ampiezza di scambi che aveva Ancona col medio oriente, fosse un fatto acquisito dagli operatori cinquecenteschi, lo ritroviamo nell'interessante, lungo e serrato scritto del Sassetti: *il ragionamento sopra il commercio tra toscani e levantini*, che ho pocanzi accennato, e dove con molte argomentazioni, pur nel tentativo di voler sostituire lo scalo di Livorno a quello di Ancona, l'autore giunge alla conclusione della quasi impossibilità di poter togliere il primato alla nostra città. Preminenza e naturalmente convenienza già riconosciuta e sfruttata dai toscani ospiti di Ancona; e lui Sassetti ne sapeva di molto, non soltanto per avervi dimorato, ma anche per i continui contatti d'affari avuti col cugino Giacomini. (44) E le due città sul mare Anversa ed Ancona, fatto di grande rilievo, erano ben collegate fra loro con diverse vie terrestri, di cui una sicuramente passava per Bologna e Lione, un'altra si dipanava verso Genova, ed erano sempre percorse da un ininterrotto e qualificato rivolo umano.

A darcene notizia e conferma molto significativa è sempre il nostro Lusitano, che nella *LXI memoria clinica* della *V Centuria*, con poche parole, ha la grande abilità di animare quella via di comunicazione ...«*Raphael Thadeus, iuvenis florentinus, et qui Anconae apud Aloisium Pixonium mercatorem agebat: quum Antuerpiae quartana laboraret, in Italiam se recipit ...»* (45) Costituendo inoltre anche una altra sicura prova che i mercanti fiorentini d'Ancona, avessero i loro agenti commerciali nel Belgio ed in altri importanti nodi di traffico.

Ciò è ribadito di nuovo, nella *XXIV memoria clinica* della *V centuria*, ove ci racconta che cura un certo Joannitius, mercante di Anversa, noto per i suoi capelli fulvi; nonché nella *XLIII memoria clinica* della *V centuria*, per le cure prestate a Giovanni Tommaso mercante veneto, fratello dello speziale che aveva la sua officina a Venezia intitolata alla *triplice corona*, giunto spossato ed ammalato dal lungo viaggio effettuato tra Anversa ed Ancona. Nella *V memoria* della *V centuria*, a proposito di una donna che cura per pleurite, trova sempre lo spunto per darci un'altra interessante conferma di un itinerario, Napoli, Ancona e le Fiandre; egli dice che la donna in esame ammalò nella stessa maniera di quell'uomo che ...«*Veluti homo Antonij Carrionis, anch'egli fulvo di capelli, qui tunc ex Neapoli per Anconam, Bruias nobilem apud Flandros civitatem patriam suam se recipiebat ...»*

E la lunga lista di viaggiatori per le vie europee, latori di messaggi, di lettere d'affari e di merci speciali potrebbe continuare ancora. Ma nel tempo della città, fatto già documentato, accanto alla nutrita ed organizzata colonia fiorentina erano numerosi gli armeni, turchi, slavi, greci, dalmati e molti immigrati da ogni parte dell'Europa, come i portoghesi, spagnoli ed altri. Molti di essi vi erano giunti per motivi politici e soprattutto religiosi. A conferma di quest'ultima affermazione la XXX memoria della II centuria, assume un interesse del tutto particolare; essa tratta di alcuni etiopi che il Lusitano cura per una malattia che egli definisce *marasma*. Il ritratto fisico-che-fa di essi è ammirevole nella sua precisione, ma lo svelare il segreto della loro presenza nella nostra città, quasi un accenno, vale più di una lunga lista di documenti. ...«*Aethiopes iis ex populis qui sub aequinoctiali habitant, sunt colore nigris et quibus capilli torridi, crispi piperis modo rotundi insunt: facillime autem homines iis senescunt, ut vix sexagesimum aetatis suae annum attingant ...*»

E dopo la minuziosa descrizione della loro malattia, così continua ...«*quos neophiti ex Lusitania iuxta Hispaniam, in Italiam ob inquisitiones illis factos venientes traxerunt...*» e nel ricordo della sua origine, nel ricusare un altro termine, sicuramente quello dispregiativo di *marrano*, conclude ...«*voco autem hic neophitos, Divi paulo usus verbo, eos qui ex iudaismo in Christi religionem deducti sunt...*» (46) che è tutta un'accorata, quanto dignitosa precisazione.

* * *

Si susseguono in questi libri di medicina, regioni, città e soprattutto governanti e nazioni che hanno rapporti diplomatici e commerciali con Ancona, ma principalmente uomini di tutte le condizioni. L'elenco dei loro nomi sarebbe molto lungo e la maggior parte di essi, quelli noti, li abbiamo già conosciuti nei *documenti dell'Albertini*, (47) nelle *notizie storiche* di Guglielmo Saracini, (48) nel libro dell'abate Leoni (49) ed in molti altri autorevoli studi del tempo moderno. Ma nelle opere del Lusitano, questi uomini illustri od umili che siano, sorgono dal piatto del libro, si animano, ritornano veri con le loro debolezze, le malattie, i difetti, gli amori e le speranze, e se la trama degli atti politici nella quale si muovono, bisogna ricercarla fra le righe, quando vi si riesce; al contrario gli atti semplici che fanno parte del quotidiano, riempiono con la loro pienezza descrittiva, i lati bui ignorati da molti autori.

Curatio trigesima, in qua agitur de Aethiopibus marasmo consumptis.

AETHIOPEs qui ex Lusitania Anconam venerunt, rheumatismo omnes ferè ex capite in pectus cum graui tulsì descendente laborarunt, at quibus illico secta fuit vena & copiose sanguis extractus euaserunt, cæteri vero marasmoide affecti, ac consumpti interierunt.

SCHOLIA.

AETHIOPEs ij ex populis, qui sub æquinoctiali habitant sunt, colore nigri, & quibus capilli torridi, crispi piperis modo rotundi insunt: Facillime autem homines ij senescunt, vt vix sexagesimum ætatis suæ annum attingant. Quod memoria Galenus commendauit libro de Historia philosophica, capite ultimo. Calida enim plus iusto regio æquinoctiali subiacens est: ex gemina videlicet singulis annis contingente ad verticem directione, & ad perpendicularum radij iaculatione, fereq; angulo carente reflexione, vt Manardus feliciter admodum contra multorum vota indicauit, libro septimo suarum Epist. Epistola prima, ad Ciglerium missa. Cæterum Aethiopes ij serui pecunijs empti sunt, quos Neophyti ex Lusitania iuxta Hispaniam, in Italiam ob inquisitiones illic factas, venientes traxerunt. ~~Voco autem hic Neophytos, Diui Pauli vsus verbo, eos qui ex Iudaismo in Christi religionem inuitò deducti sunt.~~

Curatio trigesima prima, in qua agitur de Methodo & vera regula propinandi decoctum radicis cynarum, pro Iulio tertio Pontifice maximo, ad illustrissimum, ac iuxta humanissimum Dominum Vincentium de Nobilibus, Anconæ equissimum Præsidem.

QVEM ADMODVM noui morbi indies oriuntur varias mortalibus pœnas afferentes, Vincenti Princeps illustrissime, & Iulij tertij Pontificis maximi, ex sorore nepos dignissime, ita Dei Opt. Max. nutu medicamenta quædam pro illis arcendis inueniuntur, & à finibus orbis Europam mundi regiam partem transuehuntur. Inter quæ multorum votis Cynarum radi-

dix

dix tanquam primatum obtinens adnumeratur. Et inter ea tanquam Deorum donum, ad salutem humanam conseruanda reponitur: quæ quia in Sinarum regione finibus Indiæ contermina nascatur, ad quam Lusitani nostri continuo mercium exercendarum gratia confluunt, & inde eam afferunt, cynarum nomen sibi merito vendicauit. Est enim Cyna, vel Sina (vt Cosmographis placet,) Indiæ trans Gangem quæ ad Sericam terminatur, contermina regio. Nam India trans Gangem ab occasu alterâ habet Indiâ, & Gangem fluuiû: à Septentrione Scythiam & Sericâ: ab Ortû Sinarum regionem: à meridie Indicum Pelagus, & vt nostris placet Lusitanis testibus oculatis, quorum (vt apud Plautum est,) plus valet vnus, quàm decem auriti: Cynarum hæc regio Scythiæ contermina est. Cuius incolæ albi subruffi, proceri, Germanis similes sunt. Qui, vt cæteri mortales, quum multis obnoxii sint morbis, quos paulo post enarraturi sumus, ad hanc se conuertunt radicem, & ad eam tanquam spectatissimam salutem, ac sacram anchoram, naufragii tempore, confugiunt. Quam ex Cannarum quodam genere apud littora maris nascente effodiunt, quod ita esse radicis ipsius figura ostendit: quum cannarum communium nostrarum radicibus similis sit, fungosa, nodis cincta, intus cum rufo colore albescens: nam exterius rubescit. Recens præfertur, quæ valde est grauis, & ponderosa, vndique solida, non corrosa, sed viuido quodam fulgore foris cum quadam lenitate rubricata, quam Turcæ lucri etiam audi, inter rhabarbarum, nunc in Italiam venalem afferre incipiunt. Gustu tamem insipida est, quandam præ se ferens vntuositatem. Ex quibus omnibus iunctis eius, duntaxat effectibus, iudicandum est radicem hanc siccam propè tertium gradum esse, humiditate vero primi metas non transcendere consentaneum est dicere. In actiuis enim qualitatibus symmetra, & temperata ab eo, qui in Galeni regia via instructus incesserit, constituetur. Si ad earum tamen aliquam accedit, ad caliditatem dicendum arbitror. Valet autem radix hæc vt ad Illustrissimum Cosmam medicem secundum Thuseorum ducem scripsimus, corporis malo habitui cachexiæ dicto: Hydropisi aquosæ, quam Græci asciten dicunt: Vertigini, hemicanæ, destillationibus à pituita & crassiori bile ortis catarthis dictis, podagræ, chyagræ, Arthriti, coxendicum doloribus, febribus pituitosis, morbo Gallico, lepræ, scabiei. Item stomachi & oris ventriculi humiditates consumit, & earum vitia emendat. Proinde studiosis, & mente occupatis vnicè opitulatur, 000

Intanto una cosa è certa, che un *neofita*, pur nell'Ancona del 1550, esperto nella sua arte, poteva essere ovunque accolto senza alcuna discriminazione, in assoluta libertà di parola e di azioni. Infatti nella XXXI^a osservazione della II^a centuria, accanto ad altre importanti notizie, abbiamo una buona conferma della libertà dominante. Egli cura Vincenzo de Nobili, che non solo era preside della città, ma anche imparentato con Giulio III, era il nipote della sorella. (50) Tanto per inciso, adopera per lui la radice di china come farmaco d'elezione, *vel sina ut cosmographis placet*. E nella lunga discussione che ne deriva, discute e polemizza garbatamente con Vesalio, rivendica la primizia di quest'uso in terapia, iniziato dal tempo che risiedeva in Anversa, proseguito a Ferrara, Venezia, Roma, Ancona. Ma allorché passerà a trattare della dieta pertinente, ecco che ci da' ancora una altra notizia, che dobbiamo inserire, questa volta, nel quadro della nostra storia degli allevamenti e dell'agricoltura; perché nel raccomandare nella malattia l'assunzione di un particolare alimento, precisa ...*«carnes sint gallinarum optimarum veluti patavinarum nam vero Antuerpiensium, quarum carnes caprinis sunt duriores»...*

Intanto il preside Vincenzo de Nobili rientra nuovamente in scena nella XXV memoria della III centuria, per l'incidente che involontariamente provoca, al nobile Giovanni Poliziano, bell'uomo robusto e forte trentacinquenne, prefetto della fortezza Anconitana così detta la *Ribellina*; *«praefectus arcis Anconitanae Ribellinae dictae ...»* Lo aveva fatto accorrere a cavallo, tutto d'un fiato, da Parma ad Ancona. In quel luglio infuocato del 1551 (altra notizia meteorologica del nostro), si stava combattendo la guerra per Parma e Mirandola, ed è ben immaginabile ciò che poteva accadere ad un uomo robusto sì, ma esausto da una guerra e dopo tante *miliaria*, fatte in sella e per lo più al galoppo. (51) Che il Lusitano fosse poi stato il medico particolare del de Nobili e di tutta la sua casa lo desumiamo dalla XLIV memoria della IV centuria, ove al de Nobili di nuovo infermo, pratica la stessa cura adottata per Nicandro Toletano, tanto che rammenta la nota missiva inviata da quest'ultimo al nobile di Firenze Antonio Barberino. (52) Del resto anche in un'altra memoria Clinica, la XLII^a della III centuria, nella discussione, ci dice di aver curato per una frattura del cranio, un servo di Vincenzo de Nobili, che si era azzuffato con un suo collega, memoria molto importante per il concetto della Pachimeningite emorragica (ematoma della dura madre) e la cura chirurgica conseguente.

Dalla nostra fonte, intanto, abbiamo modo di conoscere una altra fortezza di Ancona in piena attività di esercizio, o come essa si animi per la

207

A M A T I L V S I T A N I
M E D I C I P H Y S I C I P R A E S T A N
T I S S I M I C V R A T I O N V M
M E D I C I N A L I V M
C E N T V R I A S E C V N D A ,

M V L T I P L I C I V T R A Q V E R E R V M
C O G N I T I O N E R E F E R T A .

Curatio prima in qua agitur, De destillatione calida.



L L V S T R I S S I M A Domina Iacoba de Monte, Iulii tertij Summi Pontificis soror dignissima, Anconæ destillatione calida laboravit. Testabantur autem notæ destillatione hanc ab humore pendere calido & subtili, quia quum à capite humor descendebat, palatum, fauces, guttur, laringe, hoc est, tracheæ arteriæ caput, & iis reliquas affines articulas, vrebat, exasperabat, vexabat, ac mordebat, ut igneum quoddam excorians descendisse aliquando lamentaretur. Secunda, humoris citrinitas, qui color bilem attestatur: tertia falsus sapor, quem in ore percipiebat, non adeo tamen intentum, caliditatem utcumque præ se ferens. Quarta, febricula illam interdum detinens. Quæ omnia ut nostis caliditatem & humoris acuitatem arguunt. Porrò humori subtili bilioso, crassiusculus pituitosus erat mistus, ut ex ipsius humoris substantia per sputum deiectioni videbatur. Quin & eius ætas ita esse clamabatur, duos enim supra sexaginta ætatis suæ annos agit, dominabatur tamen (ut dixi) humor biliosus, subtilis, qui per palatum in fauces & stomachum defluens, cibum in eo sæpe corrumpebat, quem postea aciditate infectum euomebat. Qui descensus Græcis catarrhus, Latinis verò proprie destillatio dicitur: nec minus humor hic in asperam arteriam destillabat, qui maximam ac infestam concitabat tussim, quem defluxum, Græci branchû, Latini verò raucedinem appellare solent. Huius quoque humoris portiuncula in nares currebat, aliarum affectionum salubris facie defluxus, & quem Græci Coryzam vocant, Latiniore verò Grauedinem. Cæterum, morbus hic à mala cerebri intemperie

rie calida materiali pendentiã habet, pro qua extirpanda remouendaue sanguinis extractione opus erat: præcipue ex vena cubiti exteriorẽ, quam cephalicã vocamus. Sed quum nonnulla impedimento essent, eã prætermisimus, cuius vice cucurbitulas scapulis admouere fecimus, & ipsis sanguinem per vulnusculla extrahere. Erebinorum medicamentorum vice, aqua violarũ erat, quæ nares dilatat, & viã reddit liberã, materiæ per eas effluxuræ. Humores quoque exuberantes a capite deorsum delati ac retracti fuere, extremitatum frictionibus, & ligaturis. Syrupus excellentissimæ huiusdominæ oblat, violaceus erat, & iuiubinus, cum aqua violarum & hordeacea dilutus, quo crassiuscula facta est materia, quam pilulis aureis & aggregatiuis purgauimus, veluti postea manna, cassia fistulari, & aliis similibus. Ac postea diatragacanthum cum bolo armeno illi offerebamus. In nocte vero pro conciliando somno ac crassiori reddenda materia, syrupum papaueris pondere duarum vnciarum cum totidẽ aquarum lactuæ vnciis bibebat: aliquando vero syrupi huius vice, diacodion solidiori forma paratum in ore tenebat, vt oris caliditate eliquatum per asperam arteriam laberetur supine cubando. Nam alio in tempore præsertim somnus, supinum decubitum fugere oportet, dormire autem in ventrem magis vt catarrhus in nares defluat expedit; iis annectere est pilulas bechicas, saccharum candum violaceum, diatragacanthum frigidum, præcipue eo modo quò in Italia album trochiscorum modo concinnatur: & eius apparatus ita habet. Recipe Gummi Tragacanthi boni, unc. ij; Gummi arabici unc. j. & drach. ij. Amili drach. iij. Liquiritiæ mundæ drach. ij. omnia subtiliter puluerizentur, & libris quatuor sacchari optime cocti & clarificati, adiciantur. Postea in mortario marmoreo tam sæpe tractentur cum farina amili quoad massã fiat apta, vt ex ea trochisci sigillati forinari possint, hoc enim diatragacanthum vulgare vniuersæ Italiæ est, quod albissimum ac ægrotis placidum admodum est, secus autẽ illud alterum coloris cineritij à Nicolao in suo Antidotario descriptum: tamen si maioris efficacitatis esse non sit diffidendum. Conditum quoque delicatissimum citare est, quod ex succo violarum ac floribus ipsis violarum contusis, & saccharo exceptis componitur. Paratur autem ad ignem ac rotularum figura redigitur, quod & in ore ut cætera artheriaca tenetur. Sed & decoctum sputum facilitans interdum sorbebat, quod ex zzyphis, id est, iuiubis; myxariis, sebesten hodie officinæ uocant, floribus violarum, hordeo mundo, capillo ueneris, Glycyrrhiza,

vua

vua Sole exiccata, seminibus frigidis, & iis similibus, aqua incoctis constabat, adiectis tamen penidijs ac saccharo. Cuius vice, aqua hordeacea saccharata interdum vsurpabatur, quum multum existat pectoralis, sicuti iulep violatum, quæ omnia cochleari sumi debent, & paulatim deglutiri, vt portio eius assumpti in asperam arteriam deerret, ijs faciunt eclegma, siue elambetium sequens, quod habet. R. Mannæ electæ vnciam vnam, Penidiarum vnciam vnam, & sem. Olei amygdalarum dulcium, 3. vj. Oxymelis simp. Syrupi violacei. ana. q. suff. misce, fiat electuarium, in forma loch. & hoc sequens. R. Butyri recentis 3. ij. Syrupi violacei compositi quantum ad spissitudinem & formam loch sufficit, misce, & elambendo vt cætera accipiat. At thorax foris oleo violaceo, aut butyro recenti, vel oleo amygdalarum dulcium inungebatur, nec ad emplastra aut cataplasmata, ex mucilagibus, seminibus lini, fœnu græci, cum maluis & matribus violarum, adiectis oleis prædictis, vt parari solêt, deuenire opus fuit: sed interdum hæc tractabantur. Illustrissima domina hæc male habebat, & morbus grauiter eam affligebat, & fluxio siue destillatio perseuerabat; ex qua tussis vt dixi oboriebatur cõtumax ac difficilis pro quibus amouendis curâ siue propositum à Medicis fuit, An ceratum ex thapsia cõcinnatû, vel Emplastrum de stercore columbino, aut Emplastrum rubricans vt synapismum, aut huiusmodi alterum, capiti ad mouere esset optimum: de qua re in Scholiâ legere est. Cibis huic oblati capi cõtusum, cum ptisnæ optime concinnata, parte dimidia erat, veluti amygdalatû seminibus frigidis paratû. Potus, vini subdulce hordeacea aqua dilutuerat, cuius vice, sæpe aqua mellis utebatur. Sed morbo iam inclinante, inter cibos, porrum vnum vel alterum adnumerare est, quod aqua coctum, ac recentij butyro exceptum, acetarij vice concedebamus: ed enim multum delectari aiebat. Nam, porrum nimium pectori valere, omnes authores astruunt: quod & Nero Imperator olim non negabat, qui quum bene cantaret, porris multum debere fatebatur: vt memoriæ commendauit Platina libro suo de Obsonijs, siue de Hõnesta voluptate: Qua de re hodierni medici, porrorum decoctum tanquam pectorale, ad multa concinnanda artheriaca medicamenta vsurpant. Sed & Fabas illi offerre inter nos conuentum fuit: præcipue quum iam meliuscule haberet, & materiam spuebat. Sed quum disidium ortum esset an cùm cortice vel sine eo fabæ coctæ dandæ essent; ideo ab eis abstinuimus: pro qua re inuestiganda paulisper hic immorari non pigebit, & eo magis quia hæc sunt res de quibus scire iustum est.

*Curatio vigesima quinta, in qua agitur, de febre sinocha,
in biliosam postea degenerante.*

IOANNES Politianus, vir nobilis, & præfectus arcis Anconitanæ, Rebelinæ diætæ, annos natus circa triginta quinque, robustus & fortis, quum ex bello inter Carolum Imperatorem, & Iulium tertium Pontificem maximum, contra regem Galliarum ob Parmam ciuitatem contracto, Anconam, vigente canicula, iussu excellentissimi domini Vincentij de Nobilibus, reuerteretur, in morbum incidit. Is enim flagrante bello, septingenta vel octingenta milliaria equis dispositis confecerat, vnde ob bellicos labores & iter tantum confectum, in febrim lapsus est; & illam quidem sanguineam: est nanque hic natura musculosus, fortis, rufus, temperatura sanguineus, vnde mirari non est, si in sanguineam inciderit febrem, & eam quidem cæteris minus periculosam, iuxta Hippocratis aphorismum. In morbis minus periclitantur, quorum naturæ, aut ætati, aut habitui, aut tempori magis congruit morbus, quàm quibus secundum nihil istorum congruit. Cæterum, hic continuo febriebat, caput dolebat, & in scapulis & cruribus pondus sentiebat, bilem primo die uomuit, secundo bolum ex cassia fistulari comedit, quo optime egeffit, & non nihil quoque uomuit, tertio vero die, sanguis ex basilica brachii dextri ad libræ vnus pondus extractus fuit, & ille quidem corruptus, ac infectus admodum. Postquam sanguinis missionem illico sudauit, & melius habuit, quinto vero die frixit paululum, sed post frigus febris grauis admodum cum stomachi dolore quodam sublecuta est, qui ventriculi dolor non
ob

Curation. Medici. Cent. III. 387

ob biliosi alicuius humoris influxum, sed potius ob pituitosum & flatulentum in eo contentum, ortum trahebat, ut ex eius por-
tiuncula per vomitum emissa venati sumus. Cæterum, ex san-
guinea febre, hæc in biliosam degeneravit, unde duplex conti-
nua facta est tertiana: septimo vero die, ab arce in palatium du-
ctus, breui sanus fuit factus, primo tamen incisuris eius vniuer-
sa labia ulcerata fuere, interpositis porro nonnullis diebus, hic
intentam febrim cum capitis & barbæ pilorum decidentia, inci-
dit. Vigebat autem Gallicanæ scabiei humor, pro quibus affe-
ctionibus deponendis, ad Guaiacum lignum confugimus, & ex
toto sanus euasit.

cura che il Lusitano pratica a colui che la comandava, il prefetto *Zephiro* ... «*quem Castello vulgo dicimus...*» (53)

Sempre il Marini, nel citare il personaggio, soltanto perché era fratello di Silvio, che fu un medico di Paolo III, non perde tempo a sottolineare come nella sua memoria clinica, il Lusitano abbia ommesso di citarne nientemeno il nome, infatti egli dice ... «*Amato Lusitano non ci ha indicato il nome del suo maggiore fratello; che fu Castellano di Ancona, in quel luogo riferito dal Mandosio, ma L'odo chiamarsi Pier Ventura ...*» (54)

Ma il cavilloso appunto del Marini al Lusitano, questa volta solo di citazione incompleta, non può reggere perché egli per il personaggio trattato, non segue una regola precisa, a volte ne cita il nome di battesimo, a volte il solo cognome o addirittura soltanto la professione o il suo stato civile. In tutti i modi, che il Lusitano fosse a conoscenza del nome dello Zeffiro ce lo fa sapere il Saracini *nelle notizie storiche della città di Ancona*, allorchè ci riproduce il testo della lapide con tanto di nome di Pier Ventura Zeffiro apposta nella fortezza in parola dal 1535, e sicuramente in sito nel tempo del Lusitano. (55) Nel luglio del 1549 egli cura, ma con esito infausto, Caterina figlia del patrizio ragusino Giovanni Gondola ... «*pulcherrima virgo aetatis septendecim annorum ...*» (56) Ai fratelli Giovanni e Benedetto Gondola, rettori del senato di Ragusa e rappresentanti della loro città presso Ancona, il Lusitano dedicò le tirature del *Commento al Dioscoride*, eseguite dopo quell'anno. (57)

Egli è accolto con molta stima, anche dalla famiglia di Giovanni Antici, patrizio anconitano e console presso Venezia, incarico mantenuto dalla famiglia Antici per diritto e tradizione. (58)

Ecco che l'architetto di Paolo III in Ancona, è ferito in un duello, e per questo ne muore, ma la citazione purtroppo è senza il nome, e malgrado le nostre accurate ricerche, non ci è stato possibile individuarlo fra i veri maestri dell'arte muraria, al servizio del sommo pontefice. (59)

Comunque l'osservazione rappresenta così come è, un gran bell'esempio di perizia medico-legale del tempo. Il povero architetto aveva ricevuta una profonda ferita di spada nell'epigastrio ... «*perquae intestina gracilia exerunt ...*» E siccome i chirurghi che avevano prestata la loro opera ... «*intus intestina reduxere, quae illesae esse dixerunt, quia nullum inde stercus exierat...*» Il Lusitano nel confermare in parte la diagnosi, la rettifica più scientificamente con una bene indovinata espressione ... «*Caecutiebant hic chirurghi in hoc ...*» non ci vedevano dunque quei chirurghi perché il non interessamento del tenue, che avevano elegantemente ridotto in cavità, era stato dedotto soltanto dal segno che non vi era stata nessuna fuoriuscita di feci.

Curatio nonagesima secunda, de ventriculi antiqua erosione, & capitis destillatione, ac tussi ingenti sicca, & nonnullis alijs, quæ aegrotam ad obitum traxerunt.

CATHARINA filia magnifici, & generosi Ioannis Gondulani, patritii Raculini, pulcherrima virgo, ætatis septemdecim annorum: quæ à teneris annis apud monachas D. Bartholomæi ageret, non ea intentione, ut ipsa monacha futura esset, sed pater illi maritum virum probum affectans, interim apud illas commorari statuit. Hæc igitur quum apud illas ageret, circa os ventriculi erosiones perfentire cœpit, nõ eo tamen ut ex illis ingens perciperet nocumentum: grandior tandem facta, ægrius erosiones ferebat, quia magis ingrauescebant, & caliditatem ingentem circa ipsum ventriculum cum morsibus illis patiebatur. Mala igitur qualitate per tam longum tempus in ventriculo impressa, necessum erat inde alias per communionem quædam oriri: veluti fuit à capite destillationem in stomachum ipsum, unde dolores intensiores facti sunt, & ad pectoris regionem, unde tussis sicca, & ingens oriebatur: demum, ut paucis concludam, ob impressam malam intemperiem in ipso ventriculo, ob otium, merorem: quia tanquam carceribus retenta manebat, feminis retentionem & iecur calidum, pituita salsa orta est, ut in Scholijs indicabitur, quæ in caput obrepens, & per continuum adscensum debilius factum, pituitam ipsam discutere non ualebat: unde ad pectoris cavitatem per asperam arteriam, bronchum distam destillans, tussim siccam concitabat, & febrim quotidie per duas vel tres horas cum quodam membrorum tepore mouebat. Nam tussis frequentissima, ut dixi, erat, & illi quidem sicca, ex falso humore exasperante membranam, asperam arteriam intrinsecus ambientem, ex qua timor erat venæ rumpendæ, ita ut postea euenit, cum quibus & ingens capitis dolor erat, & membrorum grauitas, & sitis cum falso sapore continua, quinimmo parum dormiebat, & in stomacho intensam caliditatem, febris tempore sentiebat: & eo tempore quò non tussiebat, pectoris magnam constrictionem incurrebat, & difficile

difficiliter spirabat, quod non aliunde euenire certus eram quàm à multo humore destillante, asperam arteriam repletam, & coarctatam habente: hic enim est tantorum morborum & affectionū uariarum concatenatio, cum quibus mensis semper cursum suū solito tempore habuerunt. Pro quibus curandis uarij Medici accersiti sunt, quorum primus Guidus, qui nunc apud Fulginates ex conducto Medicus agit, sanguinem per uenæ sectionem illi extrahere fecit, cui ipse ac Federicus Seuerinus superadditi sumus, per duos longos annos in eadem perseverantes curatione: quartus Ioannes Lucensis Reuerendissimi Cardinalis de Sancto Angelo Medicus doctilissimus: quintus Hieronymus Fulginas, qui & nunc apud Anconitanos agit. Quia igitur morbus ex ore uentriculi originem habere cœpit, circa eum primum animus aduertere, cæteris non despectis opus erat qui ut multis indiciis percepimus, à multa pituita uiscida crassa & tenace tenebatur: proinde ad oxymel, & hierā Galeni simplicem, ex septem rebus compositam confugimus, quæ etsi Galeni dicatur, ea potius tamen Andromacho tribuenda est, ut ab illo octauo lib. de Cōpositione medicamentorum secundum locos colligitur, immo Andromachum ex Themisone uiro Prisco, & Asclepiadis discipulo eam accepisse, Aëtius refert, & Galenus non negat: habet igitur hiera hæc Galeni simplex dicta ad istum modū. R. aloes Indicæ ʒ. xc. mastiches, cinnamomi, assari, croci, spicæ Indicæ, xylobalfami, ana drach. vj. misce, & cum melle despumato fiat hiera picra simplex dicta, cuius drachmam vnam cum agarici scriptulo & oxymelite, catapotia parare faciebamus: quibus plerunque post attenuatam cum oxymelite materiam utebatur: quanquam & scamonium & fortiora nonnunquam prædictæ hieræ adiungebamus medicamenta: renitens enim humor hic erat, ac solutu difficilis, ut ad scyllinum oxymel deuenire sæpe quoque opus fuerit. Cæterum, quia à capite facta destillatio, multum urgebat: quia ex ea stomachi affectio magis intendebatur, & tussis ingens sicca oriebatur, & in somnis ægrotus perseverabat: circa eam multum solliciti quoque eramus: & eo magis quia humor destillans acutus, & salus erat, syrupum igitur hunc descripsimus. R. syrupi violacei, iuiubini, ana ʒ. sem. papaueris ʒ. i. aquæ lactucæ ʒ. iii. misce: quatuor igitur interpositis diebus, in quibus ieiuno stomacho in aurora, & quando ibat dormitum ebibit, ac de ventris respondentia habita sollicitudine, pharmacū hoc propinauimus, quod habet. R. pulpæ cassiæ nouiter extractæ vnciam vnam agarici boni nouiter parati ʒ. i. & sem. syrupi rosati

Fatto al quale il Lusitano ben giustamente dà la seguente spiegazione ...«*non inde per ea stercus emitti necessarium est, quia in intestinis gracilibus stercus nullus reperitur: Sunt enim viae deductionis chyli...*» Ma non so sdi-sfatto ancora, sulla scia del Benivieni, di cui era un fervido ammiratore, e sulla sua esperienza ed abilità dissettoria, ricorre alla conferma anatomopatologica che gli dà questo risultato ...«*Sequenti vero die obiit, cuius cadaver disseccare fecimus, et stomachi infimam partem incisam conspeximus...*» (60)

Ma la folla dei personaggi importanti, gli affari nella storia di una città nel tempo, non si arresta qui. Ricorrono i nomi dei Margareti, Trevisani, Racani, Cordella, Amiani di Fano, Ferretti e di tanti altri. (61)

Nel 1550, cura in Ancona la sorella del sommo pontefice Giulio III, donna Jacoba del Monte, (62) e per costei naturalmente, fa ricca la storia clinica di una lunga discussione, uno dei suoi corsivi interminabili. Cura anche la nipote del famoso Balduino Fiorentino, monaca di S. Bartolomeo, (63) un Racano, un Cordella, Vincenzo Vergilio, *prior dignissimus*, del monastero anconitano dell'Ordine di Sant'Agostino; consanguineo di quell'illustre personaggio che fu Polidoro Vergilio da Urbino: lo storiografo ufficiale della casa reale inglese ed autore della *Historie Anglica*, che in quel tempo si era già ritirato nella sua patria. (64) Ed ancora, ma la lista sarebbe molto lunga, il pubblico notaro Marinangelo di Staffolo, che viene curato per una *scabbia generalizzata*, usufruendo per questo, di tre consulenti di eccezione, il Trincavelli, Bartolomeo Abioso e l'Orsato, (65) nonché l'anconitano Bartolomeo Tommasi, che fu console presso i fiorentini ed ancora nella nostra città, Fabrizio dei Medici dell'illustre famiglia fiorentina, osservazione molto interessante anche per la discussione che la completa avuta col suo nipote Brandano. Descritto nella costituzione fisica e caratteristiche degli spagnoli, nell'osservazione XVI della V centuria (66).

I suoi malati si susseguono dal nobile al diplomatico, dal religioso al notaio, allo scalpellino (lapicida), al sarto (sarcinator), al rivendugliolo (propola), allo speziale (farmacopula), al banchiere (trapezita), al mercante (mercator), al soldato che torna dalla guerra di Siena e che mette a frutto quella somma guadagnata col mestiere delle armi, aprendo e gestendo un'osteria alle Torrette «ad Turrim», (67) Costituendo questi brevi cenni una indicazione di notevole interesse sulle arti, mestieri e professioni esercitate nella città, sino a fornirci in qualche caso delle indicazioni sull'urbanistica, come nella memoria LXXVII della IV centuria in cui così inizia a dire ...«*Andreas Caupo, qui in via stricta ed angusta habitat...*» (68)

*Curatio sexagesimasexta, de vulnere quodam inflictio
in quinta costa.*

P **ARISIVS** miles Coronelii ense perfoſſus fuit, per tranſuerſum vulnus illi inflictum fuit in pectore, ita ut quintam coſtam dextram ab ſpuris computando vulnus occupauerit, quod in ſiniſtra quoque ex directo respondebat. Huic cæterum ſanguis illico ex baſilica extractus fuit, & ſequenti die illi bolum caſſiæ propinauimus, ac ſic in nullum deuenit ſymptoma: nec enim tuſiuit, aut in febrim incidit, quæ duo ſigna attendantur, nullum internum viſcus præcipuum læſum fuiſſe: per utrumque enim vulneris os linamentum digitalis longitudinis, & craſſitudinis cum debitis et neceſſariis medicamentis immittebatur. Nam quum locus neruis admodum interſeptus ſit, medicamentis illis reſpectum habentibus, uti neceſſum erat: proinde digeſtuo dicto medicamento, & crocus & lumbricorum oleum, ueluti Hippericonis ex abietino compoſitum miſcebatur: fuit autem hic ſanitati reſtitutus intra paucos dies, & à Chirurgo Petro Camerini optimè curatus.

*Curatio ſexageſimaſeptima, de uulnere quodam inflictio
inter umbilicum, & os uentriculi.*

A **RCHITECTVS** Pauli III. ſummi Pontificis: uir qui ob raras eius dotes ab omnibus in precio habebatur: quum apud Anconam ageret enſe perfoſſus fuit inter umbilicum, & os uentriculi tranſuerſaliter, hoc eſt ab uno latere ad aliud: adeo ut ab utroque latere uulneris oſcula magna apparerent: per quæ inteſtina gracilia exierunt, ad quem quum Chirurghi acceſſerunt intus inteſtina reducere, quæ illaſa eſſe dicebant: quia nullum inde ſtercus exierat: ac ſic cutis uulnera ſuerunt, ab utraque parte oriſcium dimittentes: in ſingulo quorum linamentum immittebant. Sequenti verò die obiit, cuius cadauer diſſecare fecimus, & ſtomachi infernam partem inciſam conſpeximus.

SCHOLIA.

S C H O L I A .

CAECVTIEBANT hic Chirurgi in hoc, quod dicebant intestina laesa non esse: quia inde steruus non exierat, quem si intestina gracilia laesa & incisa fuissent, non inde per ea steruus emitti necessarium esset: quia in intestinis gracilibus steruus nullum reperitur: Sunt enim viae deductionis chyli: ex quibus meseraica hiantes venae ad iecur alimentum trahunt: vnde Auicennam in hac re hallucinari, qui steruus formam substantialem in stomacho recipere contendit, certum est: quem quoque secuti sunt eius enarratores, praecipue Iacobus Foroliuensis, ac Alexander Benedictus, veluti ante eos Cornelius Celsus. Caterum, occurrit dubium non vulgare in praesenti. An ventris vulnera ex toto debeant sui, vel potius in illis orificium aliquod sit dimittendum: cui respondet Petrus ab Argelata non infelix Chirurgus, quod ex toto vulnera ventris debeant sui: quia aliter intestina multum alterarentur: sed dicit forte aliquis, immo oppositum agendum videtur, quia si non aliquod orificium ibi maneret sanguis concretus abcessum faceret. Respondet Argelata, ventris partes esse exanguas, & quod pauculum illum sanguinem natura ad emunctoria emittere poterit, & eo magis si à Medico cum medicamentis sanguinem dissoluentibus adiuta fuerit, inter quae coagulum leporis palmam obtinet.

Curatio septuagesima quinta, de vlceribus Telephii & Chironiis dictis, spurias costas occupantibus.

INCENTIVS Virgilius monachus ordinis sancti Augustini apud Anconitanos Prior dignissimus, & Polydori Virgilij Vrbinatis, viri hac nostra ætate, vteius attestantur monumenta doctissimi, consanguineus, vlceribus malignis circa costam mendosam ad spinam versus scatebat, & illis quidem exijs quæ Telephia, aut Chironia dicuntur, ad quem quum primum Anconam veni sum vocatus, & eum quinquagenarium conspicio hilarem, sanguineum, hirsutum, optimi profectò habitus: conspèctis igitur vlceribus, ea esse diximus, quæ supra annotauimus: vnde enim ortum traxerint, quum inquiri, ignorare respondet, nec vltra eundum erat, præsertim quia cum viro religioso agebamus, antiqua esse vlcera fatebatur, contra quæ iam olim decoctum ligni guaiaci per triginta dies ebiberat, & bene habuerat, ac vlcera quodammodo sanitati restituta fuerunt, sed postea temporis discursu repullularunt. At causis pro catharticis extrinsecis, siue primitiuis dictis posthabitis, quæ parum ad morbi curationem faciunt, hominem tractare cepimus ordine sequenti: primo optimo victus ordine instituto.

R. Syrupi de fumo terræ ʒ.i. boragin. ʒ. se. decoctionis senę, in qua maduerunt flores fumi terræ ʒ.iiij. misce: istum verò syrupum mane ieiuno stomacho bibebat, & in nocte tribus à cæna horis, in cuius ebibitione, per sex perseverauit dies: in quibus quoque, quum præsens esset Chirurgus, nobis cura fuit antrosâ illa & cauernosa vlcera ad benignitatem reducere, pro qua complenda operatione: primo pulueres ex percipitato, quod ex argento viuo, & aqua forti argentariorum ad ignem concinatur, vlceribus illis indere iussi, vt tandem corrosa putrilagine, latiora & patentiora fierent: postea verò ad vnguentum Aegyptiacum & Apostolicum deuenimus: simulq; ad digestiuum dictum, & mundificans medicamentum. At exterius in splenijs vnguentum de plumbo & minio, ac rutia admouebatur: quibus antrosâ illa, ac maligna vlcera, ad cicatricem peruenerunt, nec

L 4 amplius

amplius reciduarunt, quia post tertiam & quartam adhibitam cum catapotis purgationem, ex nitro dictis Alexandri & foetidis, ac de fumo terræ, ad decoctum guaiaci peruenimus, quo per quinquaginta dies integros in potu vsus fuit. Non ab re tamen fuerit hic describere ordinem, quo vsi sumus, in hoc præbendo decocto, qui talis habetur. R. Scobis ligni guaiaci raulum nigri & vn̄uosi habentis, lima parati vncias viij. corticum resinoforum vncias quatuor: præstant enim cortices huius ligni resinam multam habentes in hoc morbo: quia multis modis exsiccant, cum caliditate tum siccitate sua, & imbibitione, quibus qualitatibus sudorem possunt prouocare, tum & subtiliare, & liquare materias; & abstergere: ac, quia resinosi sunt, putrefactioni & contagioni quoque obsistere possunt: vnde mirari satis non possum Hieronymi Fracastorij Veronensis, viri omnium votis doctissimi: quum cortices ligni huius guaiaci ab opere medico eliminat, vt apud ipsum est legere libro tertio de Curatione morborum contagiosorum, capite decimo. Receptui igitur canentes dicamus, quod scobs, siue puluis ligni & corticum, eo pondere vt diximus in libris quindecim aquæ infunditur per horas viginti quatuor in olla librarum sexdecim capaci: dein lento igne coquitur, collecta diligenter spuma & seruata ad ulcerum lauationem: donec ad libras sex perueniat: tunc facta colatura, iis sex libris decoctionis, in ollula uitreata eas recipiente, adde folliculorum senæ unciam unam, & ad ignem quum parum calsierit, optimè cooperta dimittatur quoulsq; frigeat, & à sena percoletur quod primarium decoctum dicitur: cuius in aurora pondus septem, uel octo unciarum bibebat, & bene lectulo coopertus & calidus, in sudorem ueniebat, quem per tres ferè horas ferebat. Cæterum post absterisionem sudoris, interpositis una uel altera hora, un. iiij. biscocti panis pro prandio absque obsonio aliquo exhibebantur: interpositis uerò horis quinque à prandio totidem uncia biscocti pro cæna offerebantur: rursus à cæna quatuor horis, prædicti decocti uncias sex bibebat, & optimè ferebat, & copiosissimè sudabat: porrò secundarium decoctum quo aquæ uel uini uice utebatur ita parabatur: relictis autem scobibus, pulueris ligni noui unc. iiij. addebamus: quibus totidem aquæ libras iniiciebamus: quas ad tertie consumptionem decoquere permittebamus. Cæterum, primum decoctum, sic sena confectum primis quindecim diebus illi obtulimus. Sequenti uerò tempore absque illò eum ebibit: sed unum hic præterire non est opus, quod singulis decem diebus

Curation. Medicin. Cent. I. 169

diebus ægrotus hic, ex drachma catapotiorum nitri Alexandri purgabatur: quo ordine intra quinquaginta dies sanitati integrè fuit restitutus, in quib. mirum dixerim, solo biscocti pondere dicto, absque obsonio aliquo, cum prædicto secundario decocto, in uictu contentus fuit.

*Curatio vigesimatertia, in qua agitur de apoplexia illi-
co interficiente, & de apoplectico paroxysmo tres
dies perdurante.*

D I D A C V S Ferdinandus à Lapide, vir qui diu apud Indos egit, & inde nobilem lapidem adamantum magni precij & ualoris attulit, vnde illi cognomen à Lapide inditum fuit: quum septuagesimum ætatis suæ prope annum ageret, & optime ualeret, apoplexia correptus fuit, ita graui & forti, vt illico mortuus conciderit, neque pulsus aut respiratio vel minima apparuerit, quæ plerunque per aliquod vel breue tempus comparere solêt, vt in speculo percipitur, vel gossipio subtiliter carpto naribus admoto, & ori, vel tcutula aquæ plena pectori superposita, aut alijs similibus. Obijt autem vigesimo secundo die mensis decembris, anno 1552. Sed quum hæc scribo, memoriæ occurrit, olim apud Ferrariensēs puellam quandam apoplexia detentam fuisse, quæ ab omnibus medicis pro mortua habebatur. Cæterum, cū mater puellam summopere amaret, eam nō ita facile sepeliri permisit,

Soprattutto sfilano nelle sue osservazioni in gran numero gli uomini del porto, i navigatori, con la precisazione delle loro provenienze, delle rotte abituali, e fatto ancor più interessante, delle mercanzie che scaricavano ed esportavano. In una Enarratio del *Dioscoride* la XI^a del I libro (*de Malabatro*), come non dover annotare questa notizia? ...«*quod hodie verum ex India delatum, Anconae habemus...*» E in una memoria, la LVII^a della V centuria, abbiamo modo di far conoscenza con un *Luca Ligurus, vir robustus* e grande esploratore delle vie del mare, affetto da una complessa sintomatologia provocata dal *morbo gallico*, ma corredando le notizie con l'indicazione della sua rotta usuale ...«*quum ex Alessandris, Anconam navigaret ...*» (69)

Un altro mercante, che ammalia per un carbonchio, arriva da Antibari, Halì turco sbarca in Ancona da oltre Costantinopoli, (70) Altarasio dalla Turchia; mentre Halì Didaco della Pietra, dalle Indie (71); ed è di bell'interesse la spiegazione che il nostro dà alla derivazione del cognome *della Pietra*, assieme al contenuto scientifico della memoria, che è la XXIII^a della IV centuria, riguardante le morti presunte. (72) Così vediamo giungere in Ancona una varietà infinita di gente da Bari, da Napoli, da Firenze, Ferrara, Venezia, ed altre dalle vie del mare, mentre molto pochi vi pervengono dal restante delle Marche. Ancona nella cronaca del Lusitano, che è poi una conferma ai documenti, è tutta protesa altrove. Verso le coste vicine della Dalmazia e lontane dell'Oriente con i suoi traffici marittimi, mentre per via di terra ha linee umane continue con tutta l'Europa, da Anversa nel Belgio alla Germania, dai paesi nordici alla penisola Iberica (73).

Fra le comunità straniere stabilitesi in Ancona, egli naturalmente insiste sull'ebraica, ma come al solito non si ferma in superficie. Nella descrizione delle malattie riscontrate nei suoi componenti, ci svela particolari lati della loro costituzione psichica, almeno in quel tempo; rappresentata da una certa instabilità di carattere, una notevole tendenza alla depressione ed alla malinconia, l'andare incontro a quelle burrasche sentimentali, a mali d'amore, come l' ...«*Hebreus, puellae Hebraeae, amore captus...*» che per la passione arriva addirittura all'insania.

In tutti i modi, le *puellae*, le *mulieres*, le *viduae*; i singoli personaggi con l'indicazione della strada, della casa, del mestiere, sono infiniti, e costituiscono un quadro non solo vivace ma realistico e sincero.

Il Lusitano ha poi la grande abilità di saper dare con poche parole, un'esatta idea del proprio paziente, dalla costituzione fisica, al suo psichismo, all'ambiente in cui vive ...«*Mulier nobilis, quae ad mare abitat, pulcre si qua altera...*» (74) ed ecco ancora qualc'altro esempio ...«*Virgo delicata*

*Curatio quadragesimatertia de tertiana, gelidæ potu
expulsa.*

I O A N N E S Thomafius, mercator Venetus, & frater
pharmacopolæ Venetijs præfatis in officina tripli
ci corona insignita, quum ex Antuerpia Anconam
uenisset, ex itineris longitudine, & laboribus cōtractis,
Fractus & confectus, in tertianam incidit, ad quem cum
intraret medicus quidam & illi minorans medicamen-
tum propinaret, & sanguinem per uenæ sectionem ex-
traheret, & syrupos illi concederet, & grauisime habe-
ret, elapsis quatuor paroxyfmis, ad eum sum uocatus die
paroxyfmi, quem magna & ingenti febre afflictu, ac ual-
lidissima siti cruciatum comperio, in qua accessione af-
fistentes illi aquam obnegabant, ego uero, hominem sic
eo tempore uexatum & ualde siticulosum uidens, lin-
guam admodum quoque aridam habentem, in cuius uri-
na nescio quid sublimamenti conspiciebatur, aquam ad
fatietatem bibere concedo. quā ille auidissime uno hau-
sto, affatim ebibit, à cuius potu uehementer sudauit, &
ita bene habuit, ut sequentis paroxyfmi die, immunis e-
uaferit, ne tamen in morbum recideret, ex māna, & rha-
barbari diluto, purgatus fuit, & basilice habuit.

*Curatio quadragesimaquarta in qua agitur, de colico
dolore.*

P E T R V T I V S Bergomas, Anconæ mercator, quum
dolore colico uexaretur, ab iniecto clysterio emol-
liente, clysteribus acribus & potētibus usi sumus,
& breui

*Curatio quinquagesimaquarta de puero nigente lotiū
nigrum, qui non febriebat, sed scabiem ulcērosam
multam in capite, & collo, patiebatur.*

FILIVS Angeli Anconitani, natus annos quinq;, obefulus, cum bene recteque ut parentibus uidebatur, gubernatus esset, circa præcipue sex res non naturales, in capite, & collo, multam scabiē crustosam, ulcērosamve passus est, ex qua ichores & sanies multæ in dies fluebant, cæterum, elapso mense, à morbo, puer hic lotium multum nigrum ad tres dies non sine acrimonia & uirgæ dolore meiebat, absque tamen febre, porro recte gubernato puero, & abstemio facto, mannæ uncias duas iure pulli incocti lactuca, exceptas, bibit, quas illico uomuit, sed postea ex calsia ægyptiaca atramentum manibus suis exemptum, comedit, quo alius optime respondit, & melius habuit, ad sequentes uero octo dies, singulis auroris, singulas gabatas plenas, iuscule pulli incocti malua, & paucis foliis senæ, bibebat, & tandem sanus est factus, nec enim ad capitis scabiem quicquam admouendum permisi, ex se enim postea sanata est. Cæterum, lotium nigrum quod puer hic misit, crisis & terminus fere huius morbi fuit.

*Curatio quinquagesimaquinta in qua agitur,
de Angina.*

PISTOR, Qui ad facellum Diui Marci habitat, angina laborabat, febriebat, tussiebat, difficulter respirabat, os non aperiebat, ad latus sinistrum phlegmon magis daclinabat. quibus animaduersis, illico cephalicam sinistri brachii locum læsum respicientem, secare iussi, & sanguinis uncias decem per interualla demere, vires constabant, & emplastrum extra admouere iussi, nam & gargarismo utebatur. Cuius usu, & emplastrum
stri

stri beneficio, disrupta phlegmone ægrotus ab orci faucibus reuocatus est, tunc uero, aqua mellis gargarizabat, & paucis postea diebus pancreaticæ habuit. Erat autem emplastrum ex nido hirundinis apparatus, ut sepe iam me fecisse uidistis.

Curatio quinquagesima sexta, de morbo gallico, uarijs symptomatis complicato.

L V C A, ligurus, Vir robustus, & rei maritimæ maximus explorator, quum ex Alexandria Anconâ nauigaret, ita male affectus, & uariis uitiis oppressus erat, ut pedibus deambulare non posset. Nam, morbo gallico uehementissime uexabatur, & eiusdem ulceribus, ab umbilico ad pudenda illi omnes particulae excorticatae erant, ad hæc, brachiorum, ita intensum dolorem patiebatur, ut ea mouere non posset, nec eisdem functiones obire, per uniuersum quoque corpus, papulas plures habebat, nonnullas uero crustaceas, Gonorrhæam namq; iam diu illi familiarem, omnibus prædictis coniunctam quoque patiebatur, cum quibus omnibus uires imbecilles quadam cum febricula erant. curaturus igitur hunc, primo eum reficiendum, ei usq; uires instaurandas putavi, deficiente namque facultate uitali, curatio cassa, & nulla sit necesse est, ut ex Galeni libris, docti euadimus, interim tamen ulcerum aliqua nobis cura erat, quia eis maxime torquebatur, adeo ut nec syndones, nec stragula opertoria, supra se ferret, tunc ea ulcera lauacro exiccandi, & abstergendi uires habente, abluerantur, & unguento plumbeo inungebantur, relictis tandem uiribus, intra octo dies, hunc leuiori quodâ pharmaco, purgauimus, quo optime aluus rûdit, tandè pro extirpanda mala qualitate, iecinori, & reliquis mēbris impressa, q̄ prima intētio in curatione esse merito debuerat, ad decoctum radicis synarum bibendum eū traxi, quod ad viginti quatuor dies ebibit, & eo parum

F 4 sudabat,

Curatio septuagesimo octava, in qua agitur de dysenteria vera.

MILBS qui Senensi bello, Anconam reuerfus est, & extra urbem ad turrim tabernulæ agebat, iamdiu est dysenteria laborabat, ad quem accitus ipse, eum prædicto morbo laborare inueni: nam hic multum egerebat, cum sanguinis aliquali permistione, & circa umbilicum dolebat, & non febricitabat, & ad oblata non bene se habebat. Huius igitur curationem succipiētes nos, lac, ferreis soleis equorum ignitis bene coctum, quoad serosa pars ex toto consumpta sit, bibendū ieiuno stomacho dedimus, ex quo lacte, clysteres quoque parare illico fecimus, neque minus per exteriora uenter inungeretur ex unguēto à corticibus parato, curauimus, quibus intra biduum optime se habuit. Cæterum cibus huic ex capro asso parabatur, non nisi resperfus boli Armeniæ puluere, aut simili, sed postea clysteres parati sunt, ex plantagine, centum nodia, summitatibus rubi, in aqua calibeatâ, adiecto seuo hircino, oleo myrtillorum, pulueribus thuris, mallichis, sanguinis draconis, boli Armeniæ, & similibus, de quibus secunda Centuria multa, si recte teneo, dixi.

S C H O L I A.

DYSENTERIA hæc, neque à bile meraca ortum trahebat neque eam febris comitabatur: proinde eam lacte sic curauimus, & agrum breui in sanitatem traximus. Tu uero optime lector, qui huius rei multa & pulchra desideras, lege secundam nostram Centuriam.

Curatio quadragesimo octaua de dolore occupante sinistras costas mendosas .



QVI ex Apulia Anconam venit, vir robustus, ætate quadraginta annorum, quum antea morbo laborauerat, & bene iam se valere putaret: quū cœnaret, vigente ætate dolore correptus fuit, versus costas nothas, & illas quidem sinistras: Ita enim dolor illum vexabat, vt æger tremore corripereetur, valde gemebat, multum quærebat, non dormiebat, in angusto demum res erat. Nam & quæ cœnauerat, illico euomuit, mane tandem accedens illum prædicto modo afflictum inuenio: Clysteres nullatenus ferebat, tunc basilicam sinistri brachij tundere, sanguinemq; ad vncias quinque fluere, iubeo: à sanguinis verò extractione multa euomuit biliosa post quæ aliquantulum melius habuit: sed tunc ad topica deuenimus medicamenta: præcipuè verò ad fomentum sequens. Nã antea parietariam, butyro frictam mulieres, sed frustra, remediũ illis satis familiare tentauerant: Habet igitur fomentum sic: R. camomillæ, meliloti, anethi, rosarum siccarum, foliorum taxi barbati, parietariæ, sticados, betonicæ, ana manip. j. scœni Græci, seminis lini ana pug. j. sem. ameos, feminis anethi ana vnciam vnam, in libris duodecim aquæ fiat decoctio sufficiens & cola, cui a lde olei camomillini, anethini ana vncias tres, misceto, in quo fitiũ imbibito, ac expressum, calidum loco doloroso superimponito, & sæpe iterato, vice verò clysteris, quem pati renuebat, potum istum descripsimus. R. camomillæ, meliloti, anethi, scœni Græci, seminis lini ana manip. j. in aqua fiat decoctio secundum art;

I 2 quousque

puella Recinensis ... (75), *Elegans et optime staturae juvenis*, (76) *Juvenis illa quae ex Manfredonia Anconam venit, natas annos sedecim pulcra facie. Mulier veneta quae ex auro et argento, muliebres coronas parare solet, in aurora febrile coepit...*» (77) Neanche si può disconoscere come egli fosse bene accetto e godesse di molta fiducia presso le comunità religiose femminili. Nella *XLIII memoria* della *III centuria*, cura una ...«*Religiosa Maria, nobilis Florentina, omnium mihi carissima, iuvenis et moris sanctitate et pulchredine insignis ...*» Così, tanto per citare un solo esempio; ma dall'attento esame delle sue memorie, si può dire che non vi sia stata comunità religiosa maschile o femminile d'Ancona, in cui il Lusitano non abbia avuto accesso ben desiderato. *Anche nel Dioscoride*, nell'*Enarratio VIII*^ del libro III a proposito del (*Cardo*) egli cita il reverendo Leonardo Bartolo d'Urbino, priore degnissimo dei domenicani d'Ancona.

Egli è amico di tanti in Ancona, delle più disparate condizioni civili, mettendo in evidenza questi sentimenti di simpatia ed amicizia tutte le volte che gli si presenta l'occasione. Nella *LXVIII memoria* della *III centuria* ha modo di parlare di un ...«*Mercator Ariminensis, ... cum Recanatenses mundinas peteret, Anconae saeve crudeli pleuritide correptus fuit ...*» e *sul quale non può fare a meno di aggiungere ... «vir me hercle probus ...*» (78). I suoi stretti e continui rapporti con i librai veneti lo fanno anche il medico di fiducia di questi e dei loro familiari. In una sua *memoria* leggiamo come avesse in cura ...*Marci librari veneti sororius...*» Egli ha diversi clienti fedeli a Montesanto nei pressi di Recanati, patria di Horatio Augenio. Cura in Ancona un giovane Pandolfo che frequentava lo studio generale di Padova, prescelto nel cinquecento dai nostri conterranei. Una donna le viene inviata da Sant'Elpidio, ma ci fa anche conoscere un bel numero di medici che esercitavano in Ancona, come il chirurgo Pietro da Camerino. Mentre l'indicazione di ben precise specializzazioni, di arti, mestieri, di commerci ed infine anche agricoli, la possiamo prendere ovunque, infatti ove parla della malattia di un tal anconitano, non può fare a meno di dirci che egli esercita il mestiere di «potatore di vigne». Per tutto questo così vario, imponente, impreveduto contenuto, il libro delle *sette centurie* ed il *Commento al Dioscoride*, costituiscono sempre una fonte da non tralasciare per completare ogni serio studio della vita anconitana del cinquecento.

Il *Commento al Dioscoride*, dal suo canto, deve essere sempre tenuto presente da colui che si accinge ad una approfondita indagine sui traffici della nostra città, sulle rotte marine e terrestri, sugli uomini nel tempo e soprattutto, se si interrogano le edizioni pubblicate dopo il 1549, per le pre-

Curatio lxxiiij. in qua agitur de crustoso ulcere aures & faciem inficiente.

I V V E N I S illa, quæ ex Manfredonia Anconam venit, nata annos sedecim, pulchra facie, post elapsum à conjugio annū, eius aures, & faciei pars, ulcere crustoso quodam infecta fuerūt: quod per tēpus latitabat, sed postea repullulabat. Pruriebat ulcus hoc, & aures corrodebat. Cuius causam inquirens, comperio ab eo tempore quo morbus inuasit, hanc vigente æstate, ad solis radios caput, ut capillos aureos & crispōs redderet, apertum & nudum habere. Quo factum est, ut humor biliosus acris factus, extra ad aures & faciei partes attractus, scōdum prædictū ulcus cau-
faret. Quibus addebat, caput ad eundem effectum fortissimo lixi-
uio bis lingulis hebdomadis lauare, pro cuius curatiua metho-
do, parte artis præseruatiua dicta præsupposita, quæ futurum in-
commodum idoneis præsidiiis præcauendo prospicit, ad alteram
curatiuā, quæ quod iam factum est delet & eliminat, accedimus.
Quanquam in hoc casu hæ duæ artis partes inuicem connectun-
tur. Sublata siquidem causa ex qua morbus hic fit, & factus est,
ilico quilibet cessabit effectus, & partes infectæ ad naturæ suæ stā-
tum reuertentur. Erīt itaque præcipua curationis indicatio, bi-
l. osi

liosi, acris, & ferè adusti humoris euacuatio, qui crustosum vlcus hoc gignebat. Secundo, capitis malam intemperiem calidam, & siccam refrenare: ob quam per interualla, auctis excrementis vlcus repullulabat. Ab insolati igitur, & rebus eam fouentibus abstinebat. Postremo ipsius capitis roboratio procurata fuit: & ipsa sanitati restituta. At quia capitis affectiones recte non curantur, nisi vniuersum prius corpus inaniatur, à vacuatione vniuersali vniuersum corpus inaniente, initium fecimus: & primo quidem purgatorio hoc medicamento. R. floris cassiæ recens extracti, ʒ. j. Confectionis de seni. ʒ. ij. Cum saccharo fiat bolus, què capiat ante prandium spacio duarum horarum, quo optimè egesit. Sequentibus verò diebus syrupum hunc ebibit. R. aquæ decoctionis hordei excorticati ʒ. iij. iulep violacei ʒ. j. & s. misce, post octo uerò ebibitos, sic descriptum fuit. R. pilularum cochiarum drach. s. aurearum ʒ. ij. de fumo terræ ʒ. s. diagridii gra. ʒ. cum electuario de succo rosarum Mesue, formentur pilulæ quinque, quas quum uadit dormitum capiat. Eis autem optimè alius respondit. Sed interea dum hæc machinabantur, vnguentū parti exteriori affectæ admouebatur, quod habet. R. vnguenti de Lythargyro ʒ. j. populeonis, de plumbo ana ʒ. s. misce, & in mortario plumbeo cum pistillo plumbeo fiat vnguentum. Deposita autem materia pro mala intemperie calida domanda, ex cubiti exteriori vena (cephalicam medici dicunt) sanguinis vncias sex extrahere fecimus: Sed interpellatis diebus quatuor, vt vires reficerentur, syrupum violaceum cum prædicta hordeacea per aliquot dies iterauimus, & scapulis cucurbitulas cum scarificatione admouimus, & tetro aures hirudines. Post quæ omnia, ad catapotia ex nitro secundum Alexādrum parata deuenimus, quæ in eis affectionibus primatum habent: tandem lauacro capiti admoto ex rosis siccis, chamæmelo, myrtho, & similibus refrigerantibus, & roborantibus confecto, præassumpto condito describendo, & ebibitis destillatitiis aquis, sanitati fuit restituta: nec amplius in dictam affectionem lapsa est. At quum mentes suo constituto tempore optimè respondebant, de illis nulla in hac curatione mentio facta est. Conditum, conserua dicta. R. succhari borraginati, rosati, buglossati, uiolacei, ana ʒ. j. pulueris santalorum rubeorum, & alborum, ana drachmam vnam, & s. cum syrupo rosaceo simplici. misce, fiat mistura, & folio auri in auretur. Aquæ de super ebibendæ. R. aquarum uiolarum, borraginis, cicoreæ, ana lib. s. misce. Eis autem clausa fuit curatio, habita victus ratione conuenienti, & cæteris huic rei annexis.

S C H O L I A.

*Curatio quadragesimatertia, in qua agitur de cordis pal-
pitatione, ægritudine, quam cordis tremorem, medi-
ci vocant.*

RELIGIOSA Maria, nobilis Florentina, omnium mihi
charissima, iuuenis & morum sanctitate, & pulchritudine in-
signis: cum ætatis suæ annum vigesimum ingrederetur, de cor-
dis palpitatione, tremore quoque dicto morbo, corripit, &
& eo quidem vt paucis percipiebamus ab humore qui in pericar-
dio continetur plus iusto aucto, originem trahente, cum ipsa
magnam cordis eleuationem depressionem uel perſentiebat: adeo
vt cor palpitare ac tremere sæpe inculcarer, & ita esse hæc testa-
bantur, quia emaciari indies magis videbatur, & sæpe cum in-
genti capitis dolore in ſyncopim incidebat, quæ tametsi raro fe-
bricitabat, pulsum tamen languidum & mollem habebat, cum
quibus omnibus iuueni huic affueti menses nunquam defuere,
sed semper suo affueto more effluxere, copiosi admodum & ru-
bicundi. Huius igitur præclaræ & optimæ indolis puellæ con-
sulturus salutis, Hippocratis & Galeni doctrina instructus, à san-
guinis missione per iecoratiæ sectionem auspicatus sum, ex eoq;
fluere permittens ad libram mediam, post quam sanguinis mis-
sionem, syrupum hunc ebiberet mandauimus, qui habet. R. Sy-
rupi de melissophyllo, id est melissæ succo saccharo parati vn-
ciam

ciam unam, fyrupi de pomis saporis, de mentha, ana drachmas sex, decocti sene, cum additione pomorum camuliorum optime redolentium, vt Salmanticæ, & Alcobatiæ, & Antuerpiæ comperiuntur, vel eorum vice, apianorum in Italia repertorum vncias quinque, cum albumine oui clarificetur, & scriptulo vno agallochi, id est ligni aloes optimi aromatizetur, & vespere ante cœnam duas horas, iteretur, & per aliquot dies continuetur. Victus ratio in vniuersum exiccatoria & attenuatoria erat, sed optimi succi. At potus, uinum meratius est, pauca tamen in quantitate: cætera vero quæ spiritum vitalem perturbât & resoluât abnegabantur, vt ira, timor, mœror, fames, vigilia, frigus, æstus, & cibi mali succi, aer tamen ad calidum & siccum declinabat. Præparata igitur ad exitum intra octo dies communi totius corporis materia, per pharmacum ex rhabarbaro & agarico concinnatum, eam euacuauimus semper ante & post soliti de alui respondentia, clysteri, uel balano, quando præcipue natura consueta non remittebat. à qua purgatione, uno vel altero interposito die, ad cordis regionem cucurbitulam vnam magnam & multa flamma ignitam affigi fecimus, non nisi vt decet, prius cute per parua vulnuscula incisa, quo opere optime valere dixit: cum post sanguinem per ea vulnuscula extractum, humor multus per eadem, sale respersa, ad aliquot dies exudauit. Sed postea epithematis cordialibus sæpe admotis, & conferuis ventriculorum & cor roborantibus comestis, ac iterata purgatione dicta, & cucurbitula iam applicita, intra mensem ex toto sanata est, habent autem epithemata sic. R. Aquarum floris arantij, melissæ, an. libram med. specierum diamoschi, diambræ. ana scrup. ii. croci optimi, gran. iii. vini maluatij vncias duas, galliæ moscatæ mesuæ scrupu. i. garyophyllorum, corticij citri, ana drachmam mediam, florum arantiorum, pseudodiptami, ana drachmam vnam. Omnia in olla noua, vt decet tractentur, & ad ignem admota, in iisdem pannus ruber cocco, vel charmusino infectus immergatur, & paululum expressus sic calidus cordi admoueat, & sæpe innouetur. Huic vero epithemati, varia alia parari possunt similia, modo medici simplicium & adornantium exactam cognitionem habeant, aliter non secus ac artifices cœci hebebuntur, qui nihil præter à libris emendicata, miseris ægrotantibus, non sine ingenti periculo describunt. Sed quali iudicio, docti norunt, ex multis tamen simplicibus pauca hæc ad institutum nostrum faciunt, crocus, ambræ, moschus, styrax, agallochon, gariophyllus, macer, id est, ma

D d cis,

cis, melissa, buglossus, zedoaria, zurumbet, bæen album & rubrum, zibetum, santalus citrinus, flos arantiorum, flos citri & limonum, flos rorismarini, qui à pharmacopolis anthos particulariter dicitur, flos pseudodiptami, flos myrti, vinum cretense, poma odorifera, os de corde cerui, modo verum sit, & varia alia quæ consulto subtrahimus: ex compositis vero sunt, diambra, diamoschus, dianthos, pliris arcticon. citra condita, electuarium aromaticum moschatum à Mesue descriptum, electuarium rosatum Gabrielis: quanquam eo efficacius sit aromaticum rosatum à Mesue descriptum, raro in usu habitum, electuarium lætificans Conciliatoris, ex differentia centesima nonagesima sexta decerptum, vel lætificans Rasis ex libro nono ad Almanzoré & quinto cõtinentis, & varia alia quæ consulto prætermittimus. Sed temporis processu sacculus hunc cordi admotum semper defererebat, qui habet. R. Specierû diamoschi dulcis drachmas duas, diambrae drachmam vnam, florum arantii, melissæ, buglossi, ana manipulum vnum, xyloalques agallochi dicti drachmam mediam, cinnamomi optimi & veri, gariophyllorum, croci, ana unc. iiij. corticum citri, unc. duas, omnia in puluerem redigantur, & fiat sacculus inter ceptus serico, & supra cor vt dixi applicitum deferat.

S C H O L I A.

TRADIT Galenus libro quinto De locis affectis capite secundo. Est & alius affectus, palpitatio videlicet cordis, aut per se eueniens, aut cum suspiratione quadam, quod in humore cor ipsum moueatur. Neque enim mirum videri debet tantam humoris multitudinem cumulari aliquando in ambiente cor tunica, vt ipsum ne attollatur impedire possit: quippe in animalibus dissectis vidimus plerunque plurimum humoris, vrinæ speciem referentis, in eo qui ipsum inuoluit panniculo contineri. Etenim simia quadam cum emaciari in dies videretur, eam tamen necessarijs nostris negocijs impediti, secare in tempore non potuimus: post mortem vero, reliquis corporis partibus omnibus illæsis, inuentus est in ambiente cor tunica tumor præter naturam humorem in se continens, qualem pustula, quæ Græci hydatidis vocant, emittere solent. Atque in gallo quoque vidimus, cordis tunicam huiusmodi tumore & quidem duro affectam, perinde ac si plures crasse membrane inuolutæ altera alteri fuissent. Verum in eo nihil humoris continebatur: vnde verisimilis coniectura elicitur, homines etiam similibus posse affectibus infestari. hæcenus Galeni verba, quæ sic ad amussim citare placuit, vt Zoaris errorem libri sui Thaisir in præsentem patefaciam: qui prædicti libri parte prima capite quarto tractat. duodec. audeat dicere Galenum huius morbi nullam penitus fecisse mentionem, sed quo errore, norunt

norunt omnes a nobis citata Galeni verba legentes, quæ Auicenna vt solent, non siluit, Fen vndecima, libri tertij, tractatu secundo, quo de cordis tremore agit, & Aetius sermone octauo sue medicinae, capite quinquagesimo octauo, & post hunc Paulus libro suo tertio capite trigesimo quarto. Cæterum ex dictis satis liquet. Curtium in Mundini Anatomia hallucinatū, cum de humore in pericardio contento agat folio ducentesimo nonagesimo quarto: vbi Zoarem forte secutus aquam illam in panniculo cor ambiente non reperiri contendit, quod si reperitur eum in corpore egrotante vel mortuo reperiri. minime vero sano contendit: cuius rationes vt pote ficulne prætermitto, quum aqua hæc etiam in corpore inculpate sano reperiatu, vt ex Galeni citatis verbis facile quis percipiet. Vnde vero aqua hæc oritur, & ad quem finem orta sit, vt Curtio, & alijs Carpium sequentibus, satisfaciamus, Hippocratis verbis respondemus, qui aquam hanc, in eo qui cor inuoluit panniculo contineri, corpore optima surgente valetudine tradit, vt apud eum legitur initio libri de corde ad hunc modum. cor figura velut pyramis est, colore autem abunde puniceo, & tunicam leuem circum datam habet, & est in ipsa humor modicus velut vrina, vt putare possis in vesica cor diuersari, facta est autem ea gratia, vt sanum in custodia florescat: habet autem humiditatem tantam, quanta satis est astuanti in medellam. Cæterum hunc humorem cor emingit, bibendo ipsum assumens, ac consumens pulmonis nimirum potum lambens, & cætera, quæ Galenus sæpe in eius doctrina inculcat, dicens potus aliquid semper in asperam arteriam errare, qui humor à corde attractus, postea ad ambientem tunicam remittitur. plura vero quæ huic rei facere possunt, consulto prætermittimus, quando hæc iam nunc sufficiant, & eo magis si noueritis cardiacum morbum oris ventriculi affectionem esse, non vero cordis, porro cucurbitulam cordis regioni admotam, vt summum remedium in hoc morbo habeto.

Curatio quinquagesima in qua agitur de malignis quibusdam tuberculis, quæ in digitorum articulis sæpe oriri solent.

ROSA, mulier Anconitana, sexaginta nata annos, articulario morbo obnoxia, in manus pollice digito, tuberculum articulum prehēdens passa est, ex eorum genere, quæ dolores, & grauia symptomata afferre solent, pro quo domando, illico emplastrum parare iubeo, quo nullum præstantius aut diuinius excogitari potest, & supra tuberculum admouere. habet autem remedium sic. ℞. scabiosæ herbæ, pugillum unum, fuliginis camini, unciam unam, album oui unū uel duo, salis drachmas tres, omnia optime triturentur, & fiat emplastrum, & supra tuberculum apponatur. Cæterum, si tuberculum tibi incidendum uidebitur, incide & aperi, cui quoque sic adaptato emplastrum admoueat, eo enim dolores, & symptomata pessima euenire solita, ex ijs tuberculis, leniuntur, & sæpe omnino remittuntur, immo & tuberculum ipsum, hoc remedio minuitur, & delitescit. Cæterum, si tibi uidebitur corrodendam esse carnem, prout sæpe euenit, utere alumine rochæ exusto, uel unguento apostolico, uel simili alio; supra tuberculum prædictum semper ponendo emplastrum, quousque omnino compos uoti sis, sic enim mulier hæc sanata est, nec in digito uisium aliquod relictum fuit, ut sæpe ex iis tuberculis cōtrahi solet.

SCHOLIA.

EST tuberculum hoc, ex eorum genere, quæ tria sæpe citantur, scilicet

F 2 coma,

*Curatio trigesimanona, in qua agitur de ventris dolore,
ob durum retentum stercus .*

MERCATOR, cui ventris ingens erat dolor, & pro eo propulsando, clysteres plures pararunt, & absque fructu & profectu iniecerunt: cum ad eum perueni, ex oleo communi ad manus habito, sed parum tepente, illico nulla interposita mora, clysterem parare feci, & immittere, sed interea clyster hic parabatur, clysteres emolliendi uim habentes concinnabantur, dein potentiores, habent ante emollientes clysteres sic. R. Malux, branchæ ursinæ, foliorum caulis, betæ, ana manipulum unum, seminis lini, scænuigræci, ana pugillum unum, caricarum numero quindecim. In aqua fiat decoctio, facta colatura. R. Prædicti decocti lib. unam & med. cui adde, butyri, olei, seminis lini, mellis rosati colatitii, ana uncias duas, salis drachmam unam, Misce fiat clyster. Clysteres uero acres ita habent. R. Centaurii minoris, camepitis, camedreos, ana manipulum unum, seminis cartami, urticæ, ameos, sylvæ montani, an. unciam unam, ficuum pinguium numero duodecim, in lixiuio leuiori fiat decoctio. R. Prædicti decocti uncias quindecim, mellis rosati colatitii, olei rutacei, ana uncias duas, diaphiniconis unciam unā, trochiscorum alandaal scriptulos duos, uitelli oui, numero duos, salis drachmam unam & mediam, misce, fiat clyster. Cæterum exterius eius aluus unguento de agrippa, & althææ inungebatur, & sanatus est.

*Curatio quadragesima, in qua agitur de febre continua,
excrementis habente .*

PANDOLPHVS iuuenis nobilis Anconitanus literis operam dans, cum Patauio Anconam rediret, in febrim incidit, & eam quidem biliosam, malignam, ex genere earum quæ
nunc

nunc publicè grassantur : nam cum semper affligit, à meridie tamen grauius corripit, adeo ut æger noctu non dormiat, neque quiescat, cum quibus aphtæ in gutture apparuerunt, ut omnibus fere nunc febrientibus euenit : hic cum secta illi uena esset, & sanguis extractus & syruos acetosos & refrigerantes ebiberet, ac de aphtis, hoc est, oris ulceribus, cura haberetur, pharmacum ante septimum ebibit, & optime egessit. Cæterum septimo die rigor huic paruus superuenit, quem febris consueta sequuta fuit, pro qua abigenda, syruos aperiendi meatus, & recludendi oppilationes cum quadam refrigerandi ui, concessimus: properabat autem autumnus: habent autem syrui, vel potius apozemata, sic. R. Radicum endiuix, buglossis, borraginis, petrosilini, ana vnciam vnam, tamarindorum, folliculorum sene, liquiritiæ, an. vnciam mediam, prunorum pinguium, numero duodecim, hordei integri libram mediam, florum borraginis, buglossi, cicoreæ, an. vnciam mediam, feminis mellonis, cucurbitæ, citruli, an. drachmas sex. In libris septem aquæ fiat decoctio, quousque maneant libræ quatuor: facta colatura, adde, syrui bisantini completi, hoc est, cum aceto, de cicorea cû rhabbaro, an. vncias tres. Misce, fiat apozema: de quo singulis diebus in aurora ieiuno stomacho, septé vel octo vncias bibat, & desuper dormiat, exterius vero, venter vnguento deopilatiuo à succis dicto, inungebatur: cuius descriptionem prioribus Céturijs descripsimus. Porro pro renum dolore, quo maxime cruciabatur, vnguentum Galeni, dictum ceratum refrigerans Galeni: aut album Galeni, paratû fuit, quo inungebatur. Huic, vinum per totum hoc tempus abnegatum fuit, post septem tamen dies pullorû carnes concessimus: duodecimo vero die, ab ingestio syrupo rosaceo solutiuo, cû aqua endiuix in qua rhabbarum per noctem maceratum fuit, quæ purganda erant, purgata sunt, & tandem decimoquarto sanatus est. Ori tamen ventriculi, ob assumpta & morbum ipsum debiliori facto, ceratum roborans, scuti figura, in panno cocco infecto extensum, apt. licitû fuit, & saccharum rosaceum, cum speciebus diarhodonis abbat. ad aliquot dies, ieiuno stomacho comedebat.

*Curatio quadragesimasexta , in qua agitur de Stomachi
cuiusdam erosionibus , ad quas postea supra mamillā
sinistram secuti sunt carbones siue carbunculi tres .*

ANTONIUS Chius homo vinosus, ætatis suę anno quin-
quagesimo quinto properate hyeme, circa ventriculum erosio-
nes, & morsus quosdam patiebatur, sentiebat uē, & ita infestan-
tes, ut viscera illi dilacerari exclamaret. Præsens igitur ipse, &
eius uentriculū infra cartilaginē ensiformē (seu malū punicū, aut
malū granatū dictā) quæ disertissimis anatomicis in medio perfo-
rata cernitur, ut ipse sæpe vidi, tangens subduriusculum inueni.
Protinus igitur contra morbum agentes nos, exterius fomen-
tum emolliens & dolores leniēs cum spongia sæpe admouimus
& interius oxymel compositum illi dedimus, ac postea interie-
ctis paucis diebus, catapotia illi propinauimus, ex hiera cum
agarico, quibus optime egefsit, & sequenti die stomachi dolore
leuatus fuit. Sed circa papillam sinistram carbunculi tres appa-
ruere: tunc vero febriebar, & mori desiderabat, sed carbunculi,
ab emplastro ex scabiosa & aliis varijs medicinis confecto admo-
to, breui extirpati fuerunt, & æger ipse ab orci faucibus libera-
tus. Cæterum cum bene haberet, vinum meratius in quantitate
magna ebibebat: ex quo iecur exassatum innatum calidum ami-
sit, & consequenter eius vniuersum corpus tumuit, & intra sex
menses obiit.

*Curatio quadragesimasextima , in qua agitur de duplici
tertiana .*

DIIONYSIVS Ricius de monte sancto victo, iuuenis ro-
bustus

bustus & fortis. quum carcere clauderetur in duplicem tertianam continuam lapsus est. Nam cum continuo febreret singulis diebus horrore corripiebatur, huic bis brachii iecoraria secta fuit vena, & sanguinis libræ duæ extractæ. At quum siti intensissima vexaretur, illi gelidam ad satietatem dedi, qua multa vomuit, & tandem septimo die crism per sudorem vniuersum corpus irrigantem habuit, & sanus euasit. Cæterum in reliquis, vt decebat tractatus fuit, nec pharmaco purgante opus habuit.

Curatio quadragesimaoctaua, in qua agitur de scirrho in iecinore.

MARCI librarii Veneti fororius, in iecinore tumorē scirrhosum diuturnum patiebatur: nunc demum febrī cum ingenti circa ipsum iecur dolore corripitur. Occupat autem scirrhus hic iecinoris gibbas partes, vt ex iis deprehendebamus signis, primo & fistularum partium inflammationes, per alia potius accidentia, quam per tactum inuestigare oportet, vt suadet Galenus libro quinto De locis affectis capite septimo, gibbarum tamen partium scirrhi tactu facile deprehenduntur. Erat igitur iecinoris durities, & dextræ præcordiorum partis ingens grauitas, & pectoris cum iugulo retractio, cum quibus tussis exigua sed sicca quædam erat, omnia me hercle cum vrina gibbas iecinoris affectas partes indicantia. Nam concauis iecinoris partibus affectis, magis stomachus & intestina affici consuescunt, vt ex Galeno citato, & varijs alijs, docti euadimus. Morbo igitur perspecto, & hominis viribus consideratis, cuius anteauctum victum, vtpote malum succum gignentem, ipse expendens illico à minorante pharmaco orsus sum, & ita habet, R. Syrupi rosati solut. vnc. iij. syrupi de cico. cum rhabar. vnc. i. diacatolichonis, diaphiniconis, ana ʒ. iij. aquæ cicoræ vnc. iii. misce, fiat potus, detur in aurora, & desuper per horam dormiat: cum quo alius optime respondit, sequenti vero die, ab iniecto lauante clysteri hoc vnguento illinitum iecinori fuit. R. Emplastri de meliloto vncias duas, vnguenti santalini vnciam vnam, pulueris rosarum, camomillæ, absinthii, ana vnciam mediam, olei rosati, absinthini, ceræ, ana quantum ad linimentum sufficit, misce, & ad ignem vt decet paratur, quo bis in die iecur inungatur, tertio vero die post alui respōdentiam basilica dextri lateris incisa fuit, & ex ea sanguinis vnciæ sex effluxere: cum ijs autē febris

ziose notizie sulla nostra flora e dell'Italia centrale. Per l'Abruzzo, regione a noi finitima, nella *XXV Enarratio* del libro I, a proposito del *croco* (vulgo zafferano), coltivazione ancora in piena attività, riesce con poche parole a renderci edotti di quella coltivazione, dove nel cinquecento abbruzzese si esportava e come fosse ritenuto il migliore ...«*Nunc vero apud italos Aquilanus palmam abtinet ... qui ex Aquila Neapolim affertur, quamquam qui a germania hodie adducitur, primas obtineat ...*» (79)

Nella *Enarratio CLIII* del I libro, sull'argomento riguardante il *Loto*, albero raro in Italia, egli ci fa sapere che nel 1550 la pianta ...«*viget autem arbor haec Ancone apud divum Ciriacum...*», completando con la notizia, che ad attestarne l'esistenza, sia stato ancora Nicandro Toletano, che gli mostra l'esemplare in un incontro nel corso di una passeggiata; (80) momento oggi, ove tutto, è solo un correre, dimenticato. A quanto sembra, sia dagli scritti del Lusitano, che del Sassetti, San Ciriaco costituiva un luogo molto frequentato, non per affari, ma come meta di culto, di placide passeggiate e di riposo nelle ore solatie. Filippo Sassetti, in una lettera che scrive di Ancona, il 28 Giugno del 1572, al cugino Giacomini in Firenze, si esprime così ...«*stiamoci qui con tempi travagliosi non senza caldo eccessivo. Io m'aiuto con l'uscire di casa il meno che si può, andandomene la sera a San Ciriaco a cercare del vento al prospetto della marina ...*»

Ma con animo ben differente, possiam dire, da quando egli, qualche anno appresso, cercava del vento per settimane e settimane in mezzo all'oceano. (81)

L'altura di San Ciriaco è un ricordo perenne per il Sassetti; anche nella lettera che scrive di Firenze il 20 di Giugno 1573, sempre al cugino in Ancona, dice tra l'altro ...«*Guardatevi costì dal vin dolce e dall'acqua del calamo; e andando a San Ciriaco, sedete un poco su quella colonna che scuopre la marina, per amor mio, alla quale io sono assai d'obbligo, avendovi passato il tempo di gran pezzi quando il sol più forte ardeva.*» (82)

Preso a caso fra le tante, ecco un'altra notizia molto interessante per noi, il *ceratonijs*, vulgo carruba, il cui legno veniva importato in Ancona ...«*per navim oneraria ex Alessandria*», scopriamo tramite il suo amico Federico di Rocca Contrada, come vegetasse anche da noi ...«*Saepe observavi quum frequens apud patriam meam, oppidum in agro piceno, quod vulgo Rocha contrada dicit, nascatur ...*» (83)

Si potrebbe intanto continuare all'infinito con questa enumerazione di esempi che vanno dalla descrizione di piante della nostra terra all'uso che se ne faceva, dei minerali, dei pesci delle nostre coste, degli usi umili, come allorché parla del cavalluccio marino, non può fare a meno di

*De Croco.**Græce, κρόκος; Latine, crocus, uulgo zaffran.*

Enarratio 25.

OMNIBVS notissimus est Crocus, quo condimenta coquinaria, pas sim ornantur, cuius descriptionem sic habeto, quum eam Dioscorides silentio præterierit: crocus est herba folio gracili, angusto, paruo, pene in capillamenti modum dissoluta, cuius radix bulbosa nucleis intersecta: alliis simillima est, quæ uergiliarum occasu flore cæruleo floret, in quo capilli illi crocus dictus, hebetes licet postea odorati nascuntur, is enim olim Cilicius nobilior habebatur, nunc uero apud Italos Aquilanus palmam obtinet, qui ex Aquila Neapolim affertur, quãquam qui è Germania hodie adducitur, primas obtineat, ut Venetiis aliquando uidimus, in ea præcipuè officina cui Coraliu m pro symbolo est. In Hispania quoque plurimus & optimus nascitur: At qui à Græcia ubi uberrime crescit, aduehitur, pessimus omnium iudicatur, optimus enim ut dicatur crocus, flauissimus sit oportet, tum odoratissimus & longo tempore in uigore suo persistens, ut ex Galeno libro de Antidotis desumitur. Est autem crocus medicina cordialis, quæ merito intus, tum extra medicamentis cordi adaptatis, miserari debet, nam cor roborat, & lætificat, & ea de causa, risum promouet, & ita promouet, ut fabulosum non sit aliquando hominem risu & cachinno, ob nimium croci esum mori. Vidimus enim nos apud Mitinam à Campo, totius Hispaniæ celeberrimum emporium, mercatorem quendam, qui quum plures croci sarcinulas siue inuolucra emeret, ut in Lusitaniam portaret, multum ex illo in olla carnes iurulentas pro cena continente iniecit; qui post earum esum, in tam intensum ac uehementem risum prorupit, ut non multum abfuerit, quum risu, & cachinno tunc è uita discederet. Tunc enim Serapionem uerum dixisse credidi, quum capite de croco ex mente Rasis dicat: crocus pondere duarum drachmarum: partum accelerat, & inebriat ebrietate forti si cum uino miscetur, & lætificat adeo donec facit insaniam excellenti læticia. Quum igitur crocus summam hanc cordialem uirtutem habeat, non multum mea sententia damnandi illi sunt medici, qui Ruffi pillulis, crocum tempore præsentim pestilenti addunt; quod uero crocus appetitum deiciat recentiorum est inuentum: ut uero Galeno placet libro septimo de Facultatibus simplicium medicamentorum, crocus secundi quidem est ordinis ex calfacientium, primi uero exiccantium, proinde con coquendi quoque uim obtinet, adiuuante etiam ad id quadam exigua astrictione: nam lib. de Antidotis, se ob croci odorem incurere capitis dolo rê, faterur: Proinde non mirandũ, si agaso quidam apud Pisauenses, super duabus croci sarcinulis dormiens, eadẽ nocte obierit, ut superioribus

*Croci de-
scriptio.**Officina
Coralium
apud Venetios.**Crocus me-
dicina cor-
dialis.**Crocus in-
terficat.**Crocus pil-
lulis Ruffi
addipotest.**Crocus ca-
llidus in se-
cundo ordi-
ne siccas ne
ro in pri-
mo.**Galenus
ob croci o-
dorem in-
currebat c-
pitis dolo-
rem.*

gari: Gallice, des nesples.

Enarratio. 152.

*Error in
exemplaris
bus Diosco
ridis.*

*Azarolus
fructus, pri
mū genus
mespili.*

*Epimelis
Galeni unedo
est.
Serapionis
interpre
turpiter er
rat.*

MESPILVS arbor, oxyachantæ, non uero pyxachantæ folia habet, unde impressoris incuria, hic errorem commissum esse, nulli dubiū est, Sunt igitur ut capite de oxyachanta meminimus, folia huic primo generi mespili, tanq̄ apii, fructus uero ruber pillularum magnitudine, intus ossicula tria habens, sapore subacidus, stomacho gratus, qui apud Neapolitanos azarolus dictus optime & felicissime crescit, ueluti apud Pisaurēses, & alios nōnullos. Nam in Hispania uniuersa, quod nouerim, fructus iste non prouenit. Secundum uero mespili genus, ubiq; uulgatum est, penticocon dictum, quia intra se quinq; contineat grana, quæ, ut experientia comprobatum nonnulli habent, contra nephritim multum ualent, hoc uero mespilum epimelis à Dioscoride dicitur, quanquam epimelis apud Galenum, unedo, fructus comari, id est arbuti sit, ut apud ipsum est legere lib. sexto de Facult. simpl. medic. ad istum modum dicentem: Epimelis acerba hæc planta est, ut quæ dixerit quispiam pomum syluestris. Vocatur autem ab Italis rusticis unedo, ingens eius in Calabria prouentus, fructus eius acerbus quidem est, nihilominus tamen stomacho ingratus, & capitis mouens dolores, admixta siquidem ei est aliena quæpiam qualitas. Hæc Galenus. Per quæ facile percipitur epimelida, unedonem appellare, non uero mespilum, ut Dioscorides in præsentia facit. Attamen Serapionis interpreturpiter errat, quum lemma capitis de mespilo, non mespilo tribuit, sed potius sorbo, ut legenti manifestum erit, quum quæ ille sorbo tribuit, Dioscorides de mespilo dixerit. De quo Galenus. 7. libro de Facult. simpl. medic. ita differit: Mespili fructus admodum acerbus est, uixq; edi possit, uentrem strenue coercens, quin & in germinibus, & foliis acerba hæc qualitas non pauca reperitur.

De Loto.

Græce, λóτος: Latine lotus arbor, celtis: Hispanice, almez arbol: Italice, bagolaro, cerefe del inuerno: Gallice, du aliser, alisa.

Enarratio. 153.

Lotus.

RARA arbor lotus in Italia, & perpaucis cognita; nos uero in Italia sedulo eam inquirentes, tandem post longam inuestigationem inuenimus. Est enim lotus arbor spaciofa, grandis, ramosa: corticem subnigrum & lucidum habens, ac ob id oculis perquam gratum: Huius folia ilicis, magna, crassa, ex nigro uiridantia & in cuspidem desinentia sunt: ualde per am

bitum ferrata, quæ ab arbore nunquam decidit; sed illi perpetuo hærent, ut malo Medico, & lauro, & reliquis eiusmodi: pro fructu baccam arbor hæc fert, pipere nigro maiore, pediculo oblongo cerasorū modo pendentē primo uiridem dein uero quū ad maturitatē Octobri mense peruenit nigra, rotūda ori grata & suavis euadit, dulcis namq; est, odore quodam herbaceo quæ comesta ex se subtilem quandam in ore pelliculam exiit, sub qua carnis parum subest, quia ossiculum baccæ fere totius occupat corpusculum: Hunc porro fructū Anconitani à similitudine quàm cum cerasorū habet, cerasum hyemale appellare solent: quanquàm non desint eorū aliqui qui arborem hanc sycomorū uocēt, sed falso: Viget autem arbor hæc Anconē apud Diuū Cyriacū, quam nobis Ambrosius Nicander Toletanus uir doctissimus & humanissimus primo, ut si quod nomen illi à priscis impositū tenerē, illi aperirem, mihi demonstrauit: quænam illa. n. esset omnes ignorabant: nos uero, ea conspecta, lotū arborem apud Diosc. descriptā ex multis signis cognouimus, nec minus ex Plinio hoc decerperamus, qui lib. 13. suæ Naturalis Hist. cap. 16. in Italia huic arbori inesse fructum cerasi modo, tradit: Nam in Africa & uariis aliis regionibus fructu arbor hæc uariat: quū magnitudine fabæ crocei coloris, eumque densum in ramis myrti modo ferat, & is est qui copiose apud Lotophagos, authore Homero in sua Odyssæa prouenit: porro nostratis loti fructus stomacho perquam gratus est; arboris uero lignū dyntericis utile, si modo in scobem redactum aqua ferratorū maceretur & ad ignem coquatur, & per clysteres eius decoctum iniiciatur adiectis uariis aliis quæ dyntericis affectibus profunt, à nobis centuria secunda Curationum medicinalium nostrarum ex amissim tradita. Cæterū lotus æquiuocum nomen est, non solum arborem, sed herbas quoq; nonnullas complectens de quibus in hoc opere agendum est.

Baccæ fert
lotus.

Cerasum
hyemale.

Ambrosius
Nicander.

Fructus lo-
ti uariis.

De Corno.

Græce, κρᾶνιξ : Latine, cornus arbor : Hispanice, cornizolos : Italice, corniolo : Gallice, cornelia, cornier.

Enarratio 154.

CORNVS Arbor, procera, fortis, & speciosa, nota est, cuius mas & foemina, referente Theophrasto capite duodecimo libri tertii de Historia plantarum reperiuntur: mas robustius crescit, adeo ut eius lignum ad rotarum radios utile sit: foemina uero uiticis modo ramosa expanditur. Nam huius arboris fructus, oliuæ magnitudine cernitur, qui quum ad maturitatem peruenit, ruber efficitur, sapore acetosus, auster, mirum in modum constringens, ut merito hodie ex illo seplasiarii, & succaro conditum pro cohibendis fluxibus biliosis parent. Hæc enim illa corna sunt, quæ Virgilius

Cornus.

aggiungere che le donne di Ancona, polverizzato lo reputavano un buon lattagogo. (84)

Una purezza di sentimenti incombe su questo libro, una immobilità di fatti, anzi diciamo perennità, ancor oggi riscontrabili nelle Marche ed altrove in Italia, per poco che si sappiano cercare. Nella Enarratio 172 del libro II, *de anemone*, egli dice con stupenda e precisa descrizione ... «*quum olim Ferrarie ... in horto amoenissimo magnifici Azaioli, convenissemus ...*» E nell'Enarratio 135, sempre del II libro, sul *Basilico* ... «*Non solum in ortis satum ocinum videtur, sed passim ad fenestras figulinis vasis repositum, quod mulieres ob fragrantissimum quem habet odorem ...*» E questa immagine del basilico nei vasi alle finestre d'Ancona cinquecentesca, che il Lusitano teneramente fissa, fragranza mai spentasi, che ritroviamo oggi immancabile sui davanzali in molti nostri vicoli, è non solo un recondito che riaffiora, ma un rifugio, e come tale, anche la certezza di una speranza.

* * *

Ma il *Commento al Dioscoride*, è un libro che, a parte il contenuto-specifico, si discosta alquanto, anche per un altro motivo dalle *centurie*. L'autore vi transfonde ancor più con aulico linguaggio la sua vasta cultura, soprattutto la conoscenza che aveva dei nostri poeti latini, citati a proposito ed in riferimento a questo o quest'altro argomento. E se Ovidio, Virgilio e Catullo sono da lui molto conosciuti, egli non ignora neppure quei poeti minori in lingua latina del suo tempo. Dimostrando quell'assillo quotidiano, che malgrado le sue vicissitudini, lo portava pur in quei tempi, ad essere al passo con la cultura del giorno; e ciò voleva dire fra l'altro, anche la preoccupazione dell'acquisto del libro, cioè continui ed intensi rapporti con librai e stampatori, specie con quelli veneti. (85)

A ben scrutare il *Dioscoride*, risorgono autori che noi abbiamo dimenticati, e non ancora riscoperti pur nell'affannosa odierna ricerca per i così detti «*minori*».

Uno di essi è Girolamo Vida cremonese, il bel letterato e religioso di Cremona, che fu vescovo di Alba per trentatré anni, ed ebbe una parte notevole nel Concilio di Trento. I suoi poemetti, alcuni di eleganti imitazioni virgiliane, nel culto della latinità, anche se l'ellenismo fosse in pieno trionfo, erano ben conosciuti e letti dal nostro Lusitano, che a proposito dell'albero del *moro* (gelso) ci racconta ... «*Nam alba morus ovidio cognita fuit, ut ex fabula citata apparet, cuius foliis bombices, sericei vermes dicti, maxime oblectantur...*» aggiungendo di poi... «*De quibus Hieronimus vidae cre-*

De Erinaceo terrestri.

Græce, ἐχίνος χερσαίος: Latine, echinus terrestris, erinaceus terrestris: Hispanice, orico quacheiros: Italice, riccio terrestre: Gallice, ericcio terrestre.

Enarratio capitis secundi.

Echinus terrestris.

ECHINVS siue erinaceus terrestris, marino admodum similis est, qui taxo uel potius histrici similitur apparetur. Animal omni ex parte spinis horridum, & aculeis armatum. Quod quum uuis aut fructibus aliis adhereret, eos spinis transfixos, onustum incedit, & ad cuniculos & nidi sui anfractus portat. Est enim animal hoc frigidum natura, multis scatens superfluitatibus. Qua de causa eius caro potius in medico usu, quam in continuo uictu accipiēda est. Habet enim animal hoc ut obiter hoc notem, testiculos renibus adhærentes, de quo Razes multa tractatu de sexaginta animalibus scripta reliquit: quæ omnia apochrypha, & non Razis esse certissime crediderim. Ad multa tamē ualet, quæ Dioscorides in præsentis scribit, inter quæ alopeciam pilorumue defluuium præcipue nominare est.

De Hippocampo.

Græce, ἵππος καμπός: Latine, hippocampus: Hispanice, caualinho marino: Italice, caualin marino, caualin ritorto, dragonetto: Gallice, draconeto.

Enarratio tertii capitis.

Hippocampus.

Mathioleror.

NVSQVAM quod equidem notauerim frequentius hippocampus, quam in Anconitano flexuoso hoc mari cernitur, ubi piscatores illum, draconē, alii uero equulum circūflexum appellitāt, pisciculus scilicet, subniger, equinum habens caput, oblongum & rotundum, collum uero latū multis clauatum ordinibus; nam cauda quadrata, subtilis, ac circūflexa in eo cernitur. Verum, hunc pisciculum marinum Dioscorides nō descripsit, ipsius nomenclatura contentus, quæ satis ipsum exprimit declaratue. Dicitur enim Hippocampus Græce, ἵππος καμπός καὶ δράκων, id est ab equo & flexo, quasi flexuosus equus. Vnde Mathiolus Senēsis hæc ignorans, plura non nisi absurda, de hippocampo scripsit: inquit enim ille, particulam hippo, magnum significare, ut in hipposelino, & hippomaratro fit; ignorabat enim Mathiolus, hippon equum crebrius significare, ut in præsentis euenit, & capite. 22. sequenti, ubi de hippopotamo, id est fluuiatilis equi testiculo agit, ut sexcentos alios præteream locos, in quibus hippos pro equo accipitur. Cæterum, mulieres Anconitanæ, pisciculo isto in puluerem redacto,

& uino excepto, pro lacte euocando in potu utuntur, ac ea uero quoque quæ Dioscorides ualere tradit, potentem esse, experimento compertum habeo.

De Purpuris & Buccinis.

Græce, πορφύρα: Latine, purpura, buccina concharum genera: Hispanice, buzios: Italice, buccine.

Enarratio 4.

PURPURA & buccinum, è genere concharum in mari repertarū *Purpura quid.* sunt, nam purpura aculeis clauata, lingua digitali, firma, torosa, & ualida, ut reliqua conchilia perforare ualeat, est; in cuius colli uena liquor ille pretiosissimus, purpureus dictus reperitur, quo purpuræ Imperatorum & Regū uestes tingebantur. Hunc uero liquorem, casu canem Herculis inuenisse distant, quem Latini non solum liquorem uel succum, & florem; uerum etiam, rorem, & farranū, & tyrium, & faniem, & pelagium, ueluti Vitruuius, ostrum appellant. Extrahitur enim liquor iste à uiuis purpuris, nam in mortuis illico euanescit: qua de causa, piscatores uiuos purpuras ad manus habere, maxime solliciti sunt. Viuunt autem purpuræ extra mare, quinquagenis diebus, salua sua; si tamē aquam dulcem gustare illis contigerit, illico moriuntur, Latitant uero, ut placet Aristoteli libro octauo de Historia animalium, & libro quinto eiusdem uoluminis, circa Canis ortum tricenis diebus. plura uero Apud Plinium legitur, & illius enarratorem Massarium lib. nono, capite trigesimo sexto. *Buccina.* Buccina uero ut prædiximus, purpurarum sunt species, minor tamen, quæ ideo buccinum dicitur, quia ad similitudinē eius buccini quo sonus editur, est: habet uero orificium quo sonus illiditur, ut ori sonantis applicetur, aptissimum: hoc enim buccinum credere ipse, concham illam esse, qua olim Triton apud Olyssiipponenses canebat, ut eorum legato ad Tiberium Cæsarem, (referente Plinio) nunciauit: cæterum, iis buccinis ut diximus, purpuræ sunt maiores, quæ rostrum canaliculi modo oblongum, in quo lingua continetur, habent; non nisi clauatū, ad turbinem usque septenis fere in orbem aculeis, qui in buccino non reperiuntur: at cōmune purpuris & buccinis, unum est, quod tot orbis siue uolutas habent, quot annos: Buccina tamen non nisi petris adhærent, circa que scopulos leguntur: quarum puluis, ut hodie operatur uel cinis, ut Dioscorides & Galenus suadent, ulcera maxime purgat. *Tritō apud Olyssiipponenses.* Buccinis hodie uice cadorum Lusitani nostri utuntur, præsertim ex India delatis, quæ procul dubio, alba, nitida, margaritarum colore conspiciuntur, & in maximo pretio habentur. Non est quoque in præsentī filere id quod dicit Dioscorides, scilicet, quod ex buccinis calx sit, quum hodie apud Indos, non alterius calcis

Curatio nonagesima secunda, in qua agitur de euocando lacte ad vbera.

MVLIER quæ puerum lactabat, & lactis defectum patiebatur, non propter mamillarum, aut corporis totius siccam intemperiem, non quia sanguis altera quatuor qualitatum infectus erat, calida, frigida, humida, sicca, non quia puer imbecillis, vt non probe sugere ex mammis ualeret, sed quia sanguis bonus, paucus in corpore est. Vt igitur mulier hæc scopum attingat, optimis cibarijs, bonum & multum sanguinem gignentibus vtatur confului, vt ouis recentibus, testiculis gallorum, carnibus gallinaceorum, ficédularum, turdorum, perdicis, phasiani, attagenis, & similium, tum asis, tum etiam iurulentis, adiectis oryza, vel cicere, vel ocimo, anetho, sceniculo, malua, & lactuca, quibus quoque carnes veruecis, aut vituli, vel hædi, & similium qua drupedum parari possunt: sed oryza, lacte & saccharo parata, & amygdalis uel pistatijs, aut pineis adiectis, multum commendatur, placentulæ, sesamoides, melle vel saccharo confectæ præstantes in hoc casu sunt, non minus ac ex melanthio nigro, vel
citrino

Curation. Medici. Cent. IIII. 633

citrino paratæ: sed ferculum in mensas magnatum passim veniens, album dictum, id quod Græci λευκοφρυγιον appellant, per se solum sufficiens est multum gignere lac: sed lac in hoc casu optimum est, & butyrum, & ubera optimorum animantium, ueluti pisces optimi, quibus addimus, pinosaccharatum, martios panes, amygdalas saccharo incrustatas, semina melonum saccharo cooperta, & uua passâ, & uaria alia bellaria, sed uinum uermiculum & odoriferum, optimum est: cum quibus omnibus frictio lenis ad mammas, secunda hora post habitum cibum fiebat, quibus omnibus lac intra octo dies recuperatû fuit, & ad mammas attractum. Porro Anconitanæ mulieres hippocampum pisciculum flexuosum, in puluerem redactum, & uino exceptum, ad lac prouocandum, bibunt & optime uotis respondet.

monensis, vir singularis, eloquentiae, elegantissime cecinit; nam Ovidio antiquiores, arborem istam ignorarunt ...» (86) Alludendo al poemetto *de Bombicum*, dedicato alla marchesa di Mantova Isabella Estense, che nella comunale di Fermo possediamo in molte edizioni, a partire dall'Opera Omnia del 1538. Nelle nostre Marche il Vida era un autore apprezzato e letto, possiamo dire che ebbe molta fortuna fra di noi, tanto che le ultime ristampe dei suoi poemetti proseguono sino a metà dell'Ottocento e qualcuna anche dalle parti nostre. (87) Ma Ancona, nei libri del Lusitano non vi appare come una città soltanto di patrizi, navigatori, mercanti, uomini d'arme, artigiani, ma anche ricca di una varietà infinita di persone che vivono alla giornata e che al pari dei primi ne completano il mosaico. Sono essi i venditori ambulanti, i saltimbanchi, i gaudenti, gli oziosi ed i giuocatori d'azzardo. Se il Ferretti, pur nei suoi «*Diporti notturni*», che è libro di arte militare, inserisce questi temi descrittivi, tanto che gli storici del nostro tempo sentono il dovere di porli in risalto. Il Lusitano nelle sue opere, alla visione generale degli altri, ci presenta ad uno ad uno i singoli attori, li individua, dà a loro il nome vero, presentandoci così dei documenti umani di eccezionale importanza, pur nella laconicità della forma. Nell'Ancona cinquecentesca dunque, non potevano mancare i venditori ambulanti, ve ne erano di tutte le specie e provenivano dalle più svariate regioni, segno che la città costituiva una gran buona piazza; conoscerli è un po' appagare la nostra immaginazione e fonte di nuovo.

Fra gli ambulanti, pertanto, non mancavano i nativi di Norcia, che per la indiscussa loro tradizione medica, che co sa avrebbero dovuto vendere se non medicinali? Essi fanno la comparsa nella *XCVII* memoria della *III* centuria; ...«*Nursinus qui publice, per universam Italiam contra vermes, pulveres venales clamabat, it potentes et efficaces erant, ut omnibus admirationi essent ...»* (88) Gli ambulanti di Comacchio, li conosciamo a loro volta per la malattia che capita ad uno di essi, nella *LXXX* memoria della *III* centuria; ...«*Comachienses mercator, vir annos natus quinque supre triginta, et qui multa anguillarum vascula Anconae vendenda conduxerat ...»* (89) Anche gli immigrati stranieri che esercitavano questo tipo di commercio non erano pochi. E, l'iberico che conosciamo, anche lui, per una certa malattia nella *XXX* memoria della *IV* centuria, ci mostra quanto immobili nei secoli siano certe forme, ma nel vero senso della parola, e come il prodotto nel secolo XVI, fosse normalmente importato e venduto in Ancona; ... «*Carmonensis, qui magnas et ingentes casei Parmensis rotas vendebat ...»* (90)

Ecco poi che i serpenti della religione dei Marsi e del tenebroso culto

*Curatio nonagesimaseptima, in qua agitur de selectis
quibusdam remediis, contra lumbricos & uermes.*

N V R S I N V S, qui publice per uniuersam Italiam contra uermes, pulueres uenales clamabat, ita potentes & efficaces erant, ut omnibus admirationi essent. Vexari autem Itali solent magis uermium lancinatione, quam Hispani uniuersi, biliosi nanque exusti Hispani omnes sumus, Itali uero pituita magis abundant, & eo magis quia herbis frequentissime uescuntur, ut eas etiam in hyeme sicuti in æstate pro oxyporo, in prandio & cœna continuo habeant, quod unum aduertens ipse, uel continuo febricitantibus cum medicor, semper aliquid uim contra uermes habens, inter medicamenta miscere soleo. Horum igitur puluerum eximias dotes considerans, gratum mihi facere posteritati uisum est, si eorum descriptionem, ac ueram componendi rationem in præsentis subsignaui. Pulueres contra uermes, & lumbricos. R. Corallinæ, seminis sanctonici, ana uncias duas, dictamni albi, bistortæ, tormentille, ana unciam unam, omnia in puluerem redigantur, & aceto acerrimo irrorentur, ac ad unibras quousque sicci fiant, tractentur, quorum pondus à drachma media ad tres usque, pro uirium & morbi magnitudine signatur, aliquando in uino, quandoque uero, aqua graminis uel portulacæ: iure ué alicuius carnis. Porro Veneti medici, uiri me hercle doctissimi & sapientissimi, pro interficiendis uermibus, & ipsis abigendis, hoc utuntur condito. R. Seminis Macedonici, seminis sancti ana drachmas tres, corticum granatorum, cornu cerui usti ana drachmas duas, dictamni albi, rhabarbari electi, gariophyllorum, ana drachmam unam, cinnamomi drachmas octo, croci drachmam unam, misce & fiat puluis, & cum libris tribus sacchari, ad ignem fiant rotuli. nouisti autem tu medice, singulis sex drachmis pulueris, sacchari alteram libram ponendam esse, quanquam nos, non exacte ut uides ordinem seruamus hunc, datur autem rotulus unus uel alter, drachmam uel plus ponderans, pro medici iudicio.

*Curatio trigesima, in qua agitur de febre continua cum
capitis dolore, & renum grauedine, ac oris amarore.*

CARMONENSIS, qui magnas & ingentes casei Parmensis rotas vendebat, iuuenis annos natus triginta, febre continua corripit cœpit, cum qua & caput dolebat, & renum grauamen sentiebat, quibus & de oris amarore maxime querebatur, hic ex se primo bilem meram vomuit, ad quem postea ipse perueniens, illico haustum hunc illi descripti, & ita habet. R. Syrupi rosati solutui vncias quatuor, decocti tamarindorum vncias tres. Misce, fiat haustus vnus, quem frigidum bibit, quo optime egeffit, postea vero cum febris quoque vigeret, & lotiũ rubrum & crassum appareret, sanguinis vncias sex ex basilica educi feci, syrupos autem acetosos, & de endiuia tunc bibebat: post quorum bibitionem, apparente concoctione in vrina, pharimacum leuc ex rhabarbaro propinatum fuit, & sanitatem obtrinit. Nam capitis dolor, post primam euacuationem adhibitã, oxyrhodino applicito, euanuit: veluti renum grauitas, post eorum inunctionem ex Galeni refrigerante, cerato dicto: Victus huic, carnes pullorum & auicularum erat, potus vero, primo hordeacea vino granatorum excepto, sed pollea vinum ελαφοπόρου pauciterum dictum.

Curatio

*Curatio octogesima, in qua agitur de quodam duplici
tertiana laborante.*

COMACHIENSIS mercator vir annos natus quinque supra triginta, & qui multa anguillarum uascula Anconæ uendenda conduxerat, in duplicem tertianam lapsus est, ad quem ipse perueniens, & omnia ut decet considerans, illico clysteri præmissio, & alui excrementis depositis, ex brachij dextri iecoraria vena, sanguinis vncias sex extrahi feci, & syrupum huic ebibere. Recip. Syrupi acetosi simplicis vnciam vnam, de endiuia vnciam mediam, aquarum endiuia, buglossæ, acetosæ, ana vnciam vnam, Misce. Victus huic in prandio pulli gallinacii carnes erant, vesperi ob paroxysmum occupantem, parum cœnabat: sed potus, vinum oligophorū erat, quo ordine breui altera tertianarum deposita est, altera manente: quæ quoque ebibitis apozematis aperiendi & refrigerandi uim habentibus, breui extirpata fuit, præmissio tamen leui quodam pharmaco & iecoris roboratione, ut decet: quia ut nostis, in atrabiliarijs lyen, in pituitosis ventriculus, in biliosis uero iecur roborari debet: fuisse autem omnes dies viginti.

Curatio

della dea Angizia, scendono improvvisamente dal loro piedistallo sacrale. Culto ravvivato da studi del passato, dal permanere di usi e costumanze, da opere di poeti, come la tragedia dannunziana, *La fiaccola sotto il moggio*, e da ricerche effettuate proprio in questi anni da una associazione di studiosi a Luco dei Marsi, sulle connessioni Dea Angizia e serpenti. (91) Ma tutto ciò da una notizia, che per inciso, ci fornisce il Lusitano sui serpari d'Abruzzo, sinora sfuggita e non valutata nel suo valore; rivelante un altro volto [insospettato, ma che certamente rappresenta una dissacrazione vera e proprio del serpente ed un ruolo inusitato del serparo. In pieno cinquecento, i nostri abruzzesi importavano dalla Marsica in Ancona le serpi, non per riti sacri o magici e neanche come motivo di richiamo o di attenzione per questo o quell'altro prodotto da vendere. Ma addirittura come materia prima per la preparazione di quel complicato e ben noto medicinale che erano le pastiglie di *Theriaca*.

E la notizia, che è ben straordinaria, la conosciamo dalla *LV^a osservazione* della *II centuria*, a causa di una piccola truffa commerciale tentata da codesti cacciatori di vipere, i quali non le avevano catturate e portate, come da ben precisa ordinazione nella stagione adatta, adducendo a loro discolpa varie ragioni, il freddo, la stagione piovosa etc. ...«*Marsi homines viperarum venatores, quibus viperas pro conficiendis pasthillis theriacis commendaveramus, viperas non nisi media aestate Anconan portarunt ...*» (92) Se come ho accennato, Gabriele d'Anunzio, in piena epoca moderna, nella sua tragedia riprende il tema del serpente e dei serpari della Marsica ed accenna, nello stesso tempo, a quelle acque sante o cisterne dei luoghi, atte a guarire dal veleno della serpe, suscitando negli autori dell'innanzi citato studio sulle tradizioni marsicane, anche l'assillo della ricerca della loro ubicazione. (93) Ancora il nostro Lusitano, nella *I^a memoria* della *I^a centuria*, che avrò ancor modo di interrogare, a proposito della terapia del morso delle vipere, con giudizio rigorosamente scientifico, alla luce delle sue cognizioni, ben lontane dalla sacralità e dalla magia, da tener presente che in quel tempo i re d'Inghilterra, erano ancora guaritori di epilettici e scrofolosi col tocco dell'anello. (94) Ci fornisce una ben precisa notizia, con la descrizione del luogo e della posizione geografica di un'altra acqua, una delle tante, che per lui è soltanto terapeutica, e ne spiega il perché alla luce di quelle cognizioni scaturite da un ragionamento, nel tentativo quasi riuscito di rendersi conto del come dovessero agire sull'uomo.

«...*Coeterum Norcheriae, octo miliaribus a Fulgineo Civitate, Gentilis, illius magni Avicennae interpretis patria, saluberrimus fons est, aqua frigidissima plenus, in qua si vipera, aut serpentibus demorsi demergantur,*

Curatio quinquagesima quinta, in qua agitur de apparatus trochiscorum de vipera theriacam adornantium.

MARSI homines viperarum uenatores, quibus viperas pro conficiendis pastillis theriacis commendaueramus, viperas non nisi media æstate Anconam portarunt. Præcesserat autem ver pluuiosum, & frigidum, qua de causa reptilia, non nisi æstate venari potuerunt. Iubet autem Galenus veris tempore viperas capi: vel saltem æstatis initio, pro prædictis conficiendis pastillis. At quum ver pluuiosum, & frigidum (vt dixi) antecesserat, & eas venari, non nisi media æstate fuit possibile, eisdem vti coacti sumus. A mari autem longe captæ fuerunt, vt Gal. suadet capiantur: nam quæ ad ripas maris versantur viperae salugine quadam præditæ, theriacam sitis conciliatricem maxime constant. Quo fit, ab eis abstinendum iure Galenus suadet. Exemplum est: quod, qui ab ijs viperis ad ripas maris agentibus morfi fuerunt: siti ingentissima anhelantes interierunt. Ex Pineto autem Rauennate hæ adductæ sunt, promiscuè masculi, & fœminæ, recens captæ, numero duodecim. Quas Albericus dexter pharmacopola, super tabulam interficiebat, vnicuique caput, & caudam acutissimis duobus cultris, quatuor digitorum quantitate, & maiori, præcidendo. Quarum nonnullas fœtas viperinis catulis ad exitum maturis, offendimus. Erant autem vipere omnes hæ post obitum uiuaces, & mobiles. Cupit uero Aetius pro iis theriacis concinnandis orbiculis fœminas viperas habere, quas fœtas omnino detestatur Galenus lib. primo de Antidotis. Quia, ut tradit Aetius, seipsis prægnantes magis exasperatę redduntur. Eis igitur interanea exempta sunt, & pellis detracta. Quæ in longitudinem apertæ, & optime aqua lotæ, & albæ redditæ, in cacabo aqua pleno, adiecto uirerente anetho, ita incoctæ sunt quoad spinæ à carnibus separari uidebantur. Hieronymus. Cur micam salis à Galeno desideratam, in hac coctura prætermisisti? Amatus. Quia æstatis tempore uipere captæ sunt, quarum caro tunc sitis efficacis admodum est

ui sunt compositi, quos oppobalsamo ex Peru, terra superioribus annis nouiter reperta aduecto inunctos, ut suadet Galenus in umbra exiccari fecimus, ita tamen ut singulis diebus eos phar macopola, bis & ter euerteret: ne altera eorum parte exiccata, al tera humidior maneret, putredini obnoxia. Continuo igitur ad quindecim dies uertebantur, qui optimè siccati uitreo in uase, sunt repositi, & asseruati. Perdurant autem ij ad quatuor usque annos, & amplius, qui theriaces fundamentum sunt, & ab eis the riaca nomen contraxit: ut in Scholia patebit. Valent autem tro chisci ij potissimum Elephantias, & aliis uariis affectionibus, de quibus, quum dabitur occasio loquemur.

S C H O L I A.

VOCANTVR *pasilli ij de vipera, siue orbiculi theriaci, aut potius trochisci de Tyro, unde qui inter trochiscos de vipera, & trochiscos de Tyro differentiam facere contendunt, omnino hallucinantur. Ex ijs autem receptarij quidam sunt luminaribus aequales, quos sua inscitia dimittere satius est. Est autem Σίπιος Græcis idem quod Romanis fera, siue reptilium omne genus: unde è vipera, quia fera, & therion dicta, theriaca antidotus appellatur, non vero à Tyro animali particulariter sic dicto. Vocant autem Arabes tyrum, viperam: vt ex Scrapione facile quis comprehendere poterit: quum, qua Echidna Græci tribuunt, ille suo tyro conscripsit. Multi tamen tyrum à vipera diuersum animal, & in Aegypto repertum credentes, trochiscos de vipera diuersos à trochiscis de tyro faciunt, quum tamen tyrus apud Arabes, & vipera Latinus, idem sit, vt latius Leonicensis, in Plinij, & Medicorum erratis primo aperuit: & post eum Manardus Ferrariensis, ac ~~Leonardus Euchsius Germanus~~. Caterum theriaces apparatus, breui quum omnia ad manum fuerint, & eam præparauerimus, describemus. Curamus autem nos singula simplicia eam adornantia, vel ex finibus orbis, nullis parcentes sumptibus selecta habere.*

Curatio quinquagesimasexta, in qua agitur de lysteria

DOMINICVS Margaretus nobilis Anconitanus senio confectus, quum per plures dies semicrudum cibum per secesum emitteret, & multa illum præsidia tentata non iuuissent, hoc electuario ultimo refectus fuit, & sanitatem obtinuit. R. succhari rosati Neapolitani antiqui unc. sex, theriaces optimæ drachmas sex, cum miua cidoniorum completa q. suff. misce, fiat conditum: cuius semiunciam singulis auroris ieiuno stomacho capiat, & nihil desuper bibat.

Curatio

est, unde à Galeno citato loco traditum est : iam uero salis iniici debet, si quidem conueniente tempore uiperas ceperis, modicum : sin autem æstate, nihil. Hieronymus. Recte sanè Galenum tenes : quem quoque aliquando uiperis in æstate captis, pro orbiculis ijs componendis usum fuisse, creditu facile est, quum tunc temporis uiperas absque sale incoquendas suadeat. Amatus. Id uerisimile est, & eo magis, quia nonnulli (ut ille refert) media æstate uiperas uenandas esse contendebant: tamet si eorum opinionem refellat. At quia non semper instituto tempore uenari uiperæ possunt, media æstate si habentur, ex eis pastilli recte conficiuntur : modo nihil salis, aut panis saliti, aut fermentati, ut à nobis factum est, addatur. Viperas igitur optime coctas ad prunarum ignem ex lebete extraximus, quarum carnes ab spinis optime purgatas mortario indidimus. Quibus panis azimi biscocti tantum superaddi fecimus : quantum pro componenda materia, ut recte ex ea pastilli formentur, uisum fuit. Nam libello de Theriaca ad Pamphilianum Galenus tantum panis nitidi arefacti admittit, quantum carniū uiperæ par pondus est, Democritum forte secutus, qui tantum panis, quantum carnis pro iis orbiculis fingendis, adiungebat: ut meminit ipse libello de Theriaca ad Pisonem. Criton tamen, ut idem Galenus meminit ultimis uerbis de Theriaca ad Pomphilianum, carniū uiperarum decem, unciam unam panis siliginei, id est, ex farinæ flore parati, admiscendam censet. Porro libro primo de Antidotis Galenus, ubi de hac re perample loquitur, inquit : Nonnulli dimidiam ponderis partem ex pane iniiciunt, nonnulli uero tertiam. Ego etiam quartam, quintamque nonnunquam indidi. Quum igitur Galenum nos hac in re uarium contemplaremur, diligentem pharmacopolæ commisimus, tantum biscocti panis misceret, quantum pro formandis pastillis sat esset, qui, ut mihi quærenti postea exposuit, panis tertiam partem ad summum, carniū pro conficiendis pastillis admiscuit, ut ex carniū pondere equa lance facto deprehendebat, in qua carniū cum pane mistione, iuris siue ex uiperis decocti paululum miscuerat, tamen si Galenus hoc non admodum laudet, dicens : Qui ante me Cæsari antidotum præparabant, uiperarum decocto ipsum irrigabant. At ego longo tempore id factitabam, uerum postea melius esse existimaui, panem in leuorem detritum, ita uiperarum carni diligenter prius contritæ, permiscere: citius enim hoc pacto orbiculi siccescunt arido pane, non humido illis admisto. hastenus Gal. Ex hac igitur optime efformata massa, trochisci admodum subtiles, & par-

ui

ac per horam ibi manserint, sani et liberi evadunt, quod evenire forsant contigit, quia gelida frigiditas, veneni viperini caliditatem infringit, ac obtundit, et hebetat ...» (95)

La pubblicazione d'un mostro a scopo di lucro, è un fatto sempre accaduto in tutti i tempi, e nell'Ancona cinquecentesca era un avvenimento dato per scontato. Infatti nella *LVII^a osservazione* della *III^a centuria* apprendiamo che ...*«fuit autem hoc monstrum Anconae anno 1552...»* mentre la ben dettagliata descrizione clinica è chiusa però da un'amara conclusione ...*«ut eo parentes per universam Italiam magnam corraserint pecuniam ...»* (96)

Ma in una città cosmopolita allignano anche i gaudenti, gli oziosi, e fra i primi, potrebbe essere annoverato, quel tal Eduardo Gomez Lusitano, uomo dotto ed anche poeta, traduttore del Petrarca in endecasillabi nella lingua portoghese, che, come raccolta nella *XIX^a memoria* della *V^a centuria*, a quarantacinque anni di età ammalava durante uno dei suoi abituali viaggi d'affari, effettuati tra Venezia ed Ancona, *ubi varia et ingentium mercia negotia exercet ... Ubi ad amicis, (ut fieri solet), ad opipara et lauta convivia invitatus...»* (97) Fra gli oziosi, come non notare i giuocatori d'azzardo? E che poi il giuoco della cosiddetta primiera, fosse molto in voga nell'Ancona del cinquecento, l'apprendiamo dalla descrizione di una malattia contratta da un giovane che viene schedato così ...*Qui cartas (98) pro ludo primieriae componebat iuvenis aegrotavit ...»*

Sempre in relazione al giuoco della *primiera* nella nostra città, è molto più convincente l'accaduto narrato nella *LXXXI^a osservazione* della *III^a centuria*, in cui un altro giovane, anch'esso accanito giuocatore, paga il suo deleterio vizio con una triste e, se vogliamo, grave disavventura.

La storia non solo conferma quelle maniere di vita, ma soprattutto rappresenta una precisa e moderna descrizione di un delirio emotivo. Una crisi spaventosa che si scatena in tutta la sua intensità, non più troncata né mitigata dalle misure difensive, che per l'importanza che riveste la riporto in nota, nel testo integrale della lunga memoria. (99)

Ma se ogni civiltà ha i suoi lati negativi che non possiamo non valutare anch'essi. La calma della nostra gente, la dolcezza sempre presente, ricorrente e riaffiorante anche nei più gravi momenti della storia che ci appartiene, è stato anche continuamente sottolineato per Ancona e per Pesaro da Amato Lusitano, in modo persuasivo soprattutto nel vero. Ho sottolineato soltanto le due nostre città, perché, come ho detto, dappriincipio la *VI* e la *VII centuria* non ci appartengono, perché di già nell'ultima memoria della *V centuria* il Lusitano ha lasciato le Marche per trasferirsi a Ragusa, nella quale città opera particolarmente in seno a quel patriziato. Mentre le memo-

*Curatio quinquagesima septima, in qua agitur de mon-
stro quodam.*

MV L I E R Anconitana monstrum quoddam peperit, nam tertio vel quarto mense impregnationis informe quoddam carneum corpusculum emisit, quod omnino hirsutum erat & pilosum, quatuor habens oculos, duas nares, quatuor aures, labra ue

ro

ro deformia, vt omnibus esset admirationi. Cæterum cum hæc scribo Anconam venit puer Illyricus sex natus annos, boni sane habitus, exacte & perfecte omnia sua membra habens, monstrum tamen præ se ferens, quia ab eius umbilico thoracem uetus, alterum pueri corpusculum deducebatur, absque tamen capite, sed duo habebat brachia, duos crura, sed vtraque immobilia, ano carebat, sed scroto absque didymis, id est, gemellis testiculis dictis ornabatur, non fecus ac pelle oblonga quadam glandis uice, per quam vrina fere semper destillabat. Sed puer quum mingebatur, & per hanc quoque uiam vrinam repente mittebat, erat autem puer hic ita omnibus admirationi, vt eo parentes per vniuersam Italiam, magnam corraferint pecuniam. Cæterum hanc corporis deformitatem, si Eucharius Francofordiensis medicus diligens cognouisset, eam dubio procul in suo de partu hominis libello nunquam præterisset, fuit autem hoc monstrum Anconæ, Anno M D L I I.

Curatio quinquagesima octaua, in qua agitur de quodam phtiriasi, id est pediculari morbo infecto.

VENETVS vir bonus Anconæ pediculis per uniuersum corpus scatens, ita ipsis lancinabatur, scædabaturque: vt parum fuerit, ne ex hoc decederet morbo, contra quem morbum, utpote à putidis & corruptis humoribus originem trahentem primo eius causam venæ sectione, tum medicamentis purgatorijs deposuimus: non solum semel, sed bis, & ter, ac postea topicis remedijs adplicitis, breui ab hac scæda lue liber factus fuit habent autem topica medicamenta sic. Recip. Lupinorum amarorum pugillos tres, seminis staphisagriæ officinis satis familiaris pugillos duos, in aceto acerrimo fiat decoctio sufficiens, quo aceto uniuersum corpus à capite ad pedes vsque lauatur, ac postea linimento sequenti, corpore bene terfo & exiccato illinatur. R. Seminibus staphidis, id est, staphisagriæ pedicularis dictæ herbæ partes duas, sandarachæ Græcorum, partem vnã, nitri hodierni fini, & purgati partem mediam, in aceto acerrimo cum oleo raphanino omnia accuratissime pista misceantur, & ex eis fiat inunctio, quibus breui assècuti sumus scopum, nec amplius in eandem scædationem æger deuenit. Cæterum, dixit Paulus libro tertio suæ medicinæ, capitis tertij finè. Ego pediculariam ex aceto oleoq; tritam inunxi, ac semper quod volui sum assècutus.

Ee 4 milla

*Curatio decimanona, in qua agitur de tertiana duplici
in simplicem versa, & breui sanata.*

EDVARDVS Gomez Lusitanus, vir grauis, doctus, & Poeta non vulgaris, ut qui Petrarca numeros hendecasyllabos, & cantiunculas hetrusca lingua scriptas feliciter in linguam hispanicam uertat, ita cordate, apposite, & suis numeris confore, ut omnibus admirationi sit. hic anno ætatis suæ quadragesimo quinto, ex Venetijs ubi uaria & ingentia mercium negotia exercet, Anconam uenit, ubi ab Amicis (ut fieri solet) ad opipara & lauta conuiuia inuitatus, in duplicem tertianam lapsus est. cæterum, is secundo elapso ægritudinis paroxismo, uncias tres syrupi rosati solutiui, totidem aquæ Endiuia dilutas ebibit, quibus aluus optime respondit, & humor excernendus excretus fuit, ad eo ut paroxismus eo die uenturus, non uenerit, & sic ex duplici tertiana simplex facta est, nec multum ab exquisita distans, in qua paroxismus singulis inuasionibus singulas tres horas anteponebatur, adeo ut ad horam unde coeperit deserit, ut consonum sit dicere, humoré hunc, circulum suo motu perfectum & integrum confecisse, terminabatur autem paroxismus sudore copiosissimo, ad duas & plures horas. Nam cum primum ad statum paroxismi febris ueniret, multam gelidam ad fatietatem usque bibebat, qua & sudor copiosior illiciebatur, & febris expers tunc manebat. cæterum, hic Syrupos de Endiuia, & acetosa, eisdem aquis stillantitiis, uel decocto optime dilutos bibebat, sed elapso quarto paroxismo, ani uenis Hemorrhoidalibus dictis, duas hyruides apponi iussi, nam sanguinis missionem per uenæ sectionem in brachio non admisit, post sextum uero paroxisimum, multa & copiosa apparente in urina concoctione hoc ebibit pharmacum, quo sanitatem adeptus est.

Recip. Mannæ electæ uncias duas, rhabarbari optimi drach-

drachmam unam, Electarij lenitiui, unciam mediã, aqua endiuia excipiantur, & fiat haustus unus, super quem dormiat horam unam uel alteram, quo ita multa biliosissima & peccantia excreuit, ut inde sanus euaserit. huic porro, requiei die, pro uictu pullus gallinaceus lactuca incoctus erat, die uero paroxifimi, aut panatella, aut lactuca oxaleo cocta, mica salis adiecta, uel potius per se cruda pauculo aceto intincta, & recentes amygdalæ à putaminibus extractæ & dealbatæ, ac aqua frigida immerfæ, & cerasa acida saccharo concinnata, potus uero in uniuerso morbi tempore, aqua fontana per se fuit, aut iulebo mista: fuere autem paroxifimi simplicis huius tertianæ septem duobus prioribus non numeratis.

Curatio octogesima prima, in qua agitur de febre putrida continua.

IUVENIS magnus lusor, & qui totam pecuniam primariæ ludo amiserat, in febrem putridam continuam lapsus fuit, caput dolebat, sitiebat, & delirabat: ad hunc igitur ingressus medicus quidam, cucurbitulas scapulis admouere fecit. Nam sanguinis missionem per venæ sectionē, eo tempore (vt aiebat) timuit, quia luna ex diametro soli opponebatur: quarto vero die, ad eū accedens ipse, videns omnia prædicta pati, illico ex flexu brachii basilicam venam secare feci, & ex ea sanguinis libram vnam extrahere. Miseri profecto reputandi sunt medici illi, qui ad lunæ coniunctiones & oppositiones, ægris male habentibus animaduertūt, sanguinis missionem, vel per pharmacum purgationem

Gg 3 nem

nem necessariam timentes . Delirabat autem hic , & multa effu-
 tiebat, quæ ad ludum faciebant, cum aliquando magno applau-
 su, primariam habere eleuata voce loquebatur, quandoque uero
 ad eam conficiendam, deesse carchesiorum folium vnum vel al-
 terum, aut aureorum, vel baculorum, aut ensium, anxio animo,
 & summissa voce dicebat, & interim contra vasrum, & cauillato-
 rem, & eum qui artem componendi folia tenet, agere imaginaba-
 tur : vesperi tandem videns eum sic prædictis teneri, ex cephalica
 vena brachij totidem sanguinis vncias extrahere feci, quo in
 die aluus responderet balano curauimus, & syrupum refrigeran-
 tem, & aperientem ebibebat : quinto vero die, cum multum siti-
 ret, aquam multam ebibit, qua nonnulla euomuit, & paululum
 sudauit : sexto, pharmacum purgatorium ebibit, quo multa eges-
 sit : octauo, lotium crudum multum & viride meiebat, qua de cau-
 sa iuleb longum nostro modo concinnatum sepe ebibebat. Vn-
 decimo illi labia torquebantur, retrahebantur, & in capite ma-
 gnâ sentiebat caliditatem, vesperi ano applicitæ sunt hiru-
 dines, vires parum constabant, sed lotium tunc vt primo subui-
 ride multum, sed cum nebula apparere cœpit, & lingua nõ adeo
 exusta vt antea erat : duodecimo sua sponte duriuscula eges-
 sit, & multa, in quo die frictions, & retractiones ab scapulis ad cru-
 ra vsque sunt factæ : tertiodecimo vinum olfecit, cuius odore
 multum oblectabatur, sed post eius odorem caput doluit, & fe-
 bris aucta fuit, & sitis intensior, cum linguæ crassitie, videbatur .
 Tunc vero cum in decocto bibendo perseveraret, symptomata
 omnia sunt remissa, & ipse ad sanitatē paulatim peruenit, timor
 autem apud me fuit, ne hic in quartanam, aut abscessum aliquem
 laberetur .

rie contenute nella *VII centuria* riguardano tutte fatti e personaggi avvenuti ed esistenti in terra macedone. Compostezza e calma della nostra gente un amore del proprio stato che è recondita espressione di indipendenza, spontaneità di gesti, tratteggiata con poche parole, un quadro ripetentesi nei secoli pur nella diversità ed irripetibilità dell'attore, domina dunque nelle memorie d'Ancona. Come nella *XLI memoria* della *V centuria*, ove appare una ...«*mulier quedam, quae puellas legere docebat ...*» si direbbe oggi, una maestra privata, la quale in una certa notte ebbe all'improvviso il suo cuore in tumulto ...«*nocte quadam angustis et cordis valde opprimebatur ...*»

Il nostro medico accorre e le ordina una cura molto semplice che la guarisce così rapidamente, come per incantesimo ...*incantamentum*.

E la risposta della donna è tutta una esplosione di gioia e riconoscenza non più contenuta, che manifesta al suo medico con un applauso ...«Se sanam dixit ut incantationi opus similis, applausis manibus eclamaret» (100). E con quest'applauso, che eleva una donna nella notte perché guarita, quasi per un incantesimo. Con tale gentile visione così tipicamente femminile, una delle tante, sempre presenti nelle storie cliniche redatte in Ancona, riprendiamo a seguire il nostro autore nel suo iter attraverso le Marche.

* * *

Ma le condizioni politiche di Ancona, specie per lui *Neofita*, vanno mutando; siamo verso la fine del Luglio 1555 e la liberalità del Pontefice Paolo III, nonché di Giulio III è solo un ricordo. Amato Lusitano ed i suoi familiari sono costretti a trasferirsi a Pesaro, ma con più esattezza deve essersi trattata di una fuga. Infatti nella *LXX^a memoria* della *V^a centuria*, a proposito della vena azigos, nel discutere alcune affermazioni al riguardo del Vesalio e del Fuxio. Precisa che le aveva già manifestate in un suo manoscritto; i *commentari di Avicenna*, tradotti in latino dall'ebreo Jacopo Mantino e da lui chiosati, con la speranza di farli stampare in seguito. Ma a detta di alcuni amici, essi avevano purtroppo presa, la stessa strada delle sue suppellettili, di una grande quantità d'argento e della cospicua raccolta libraria, dovuta abbandonare in Ancona. La conclusione del Lusitano al proposito è molto amara, se pur con un filo di speranza; ...«*Speramus tamen, ad aliquot dies, resumptis viribus, hos commentarios, denuo parturire, aedere, et in lucem mittere, ut noscant omnes, meos illos esse labores, non illius, qui alienis se plumis se cupit ...*» (101) Ma nessuna invettiva egli pronuncia contro i suoi persecutori, anzi neppure li nomina; dignitosamente rassegnato, pronto ad iniziare una nuova vita e l'attività di medico in una sede

*Curatio quadragesimaprima in qua agitur de angustijs
& cordis doloribus.*

MVLIER quædam, quæ puellas legere docebat, nocte quadã, angustijs & cordis doloribus ualde opprimebatur, ad eam igitur accitus, breui cucurbitam ad uentriculum affigi iussi, & illico se sanam dixit, ut incantationi opus simile applausis manibus exclamaret, non minus mulier illa que post ebibitum pharmacû purgatorium, in cordis pressuras & angustias incidit, ab applicita cucurbitula uentriculi regioni, illico se sanam dixit, & ad Deum pro tanto beneficio præces fundebat.

ritenuta più liberale e sicura. Ha ancora con sè i familiari, che abbiamo conosciuti nei nomi, nell'aspetto fisico e nella condizione civile, qua e là nelle sue memorie. Ha perso però i suoi libri, i suoi averi, siamo dunque nell'autunno del 1555 a Pesaro, ove si ferma sino al maggio dell'anno seguente, il 1556.

* * *

Nella premessa che introduce le osservazioni pertinenti Pesaro, com'era da presumersi, troviamo un garbato saluto al Duca d'Urbino, ai quali governanti era legato da molto tempo. Mentre ancora una volta, pur in questo capitolo introduttivo, quella sua cultura classica occhieggia con prepotenza assieme all'inseparabile spirito polemico e contraddittorio; questa volta il contraddetto è Catullo, che aveva definita non [salubre questa città sull'Adriatico (carm. 81)] ...«*Pisaurum venimus*, egli dice, *Urbem antiquam de qua Catullus dixerat. Sedes moribunda Pisauri. Nunc vero civitatis nobilis est, et magnifica, in qua ita salubri aere et elementi amenaque aura fruitur ...*» (102)

Sono circa una trentina le *memorie* della *V centuria* che riguardano Pesaro, ma esse mutano, e non di poco, nella cornice ed altrettanto negli uomini; perché differente è la città, diversi sono gli abitanti.

Anche qui la sua opera di medico si svolge presso i nobili, i mercanti, la gente comune. Pesaro per il Lusitano è una città più tranquilla, meno cosmopolita di Ancona, vigilata da un Signore illuminato e vicino, anch'essa piena di mercanti, sui quali non dà nessun particolare giudizio, mentre Filippo Sassetti, vent'anni dopo, in una sua lettera inviata d'Ancona al cugino Giacomini, ne esprime uno molto preciso, ma in senso decisamente negativo. (103)

In tutti i modi, tanto nella città di Ancona che in quest'ultima egli non accenna mai alla presenza mostruosa della folla, ma soltanto ad uomini che al culto della personalità univano quello di costruire da soli la propria vita, o che la distruggono se pur in modo violento, come il monaco Paolo di Pesaro, suicida per amore, il 5 Febbraio del 1556. (104) Anche le abitazioni differiscono, e non possono non sfuggire all'occhio indagatore del nostro medico, come incidenza dell'ambiente sulla malattia. Da lui apprendiamo che nella città era frequente il riscontrare un particolare tipo di casa, una monocamera, col tetto ricoperto da adatte pietre piatte a composizione lamellare, senza nemmeno l'ombra di un'intercapedine capace di proteggere la stanza dal caldo, dal freddo e dall'umidità. Questo interessante particolare dell'edilizia del tempo, ancora riscontrabile in alcune località dei monti del pesarese,

Curatio septuagesima, in qua docetur quòd propagines uenæ aigos, idest, uenæ paris expertis, coniunguntur ramulis uenæ cauæ, thoracis internas partes nutritibus.

NOLLEM quis mihi uitio uertat, quod Vesalij Bruxelensis opinionem memoriæ reuoco, quam curationum medicarum harum céturia prima, ab hinc octo annos confutauī, est nanq; Andreas Vesalius Bruxelēsis uir medius fidius doctus, & honore multo dignus, ut qui magna cura, & ingenti solertia, ac nō uulgari labore, rem anatomicam, hac ætate illustrarēt, et ita illustrarēt, ut primas in hoc munere inter medicos obtinuerit, coactus tñ, eius opinionem testis est Deus, in medium afferō, ob quam uim, unum pulchrum accedit, quod ratio propter quam in pleuritide dextra, axillaris dextri brachij secatur, in sinistra uero axillaris sinistri, illustratur. prædixi nanque prima céturiā Andream Vesalium, Caroli quinti Imperatoris medicum, non recte dixisse, quādo in pleuritide, siue phlegmone partes occupet dextras, siue læuas, dextram axillarem semper secandam esse, ex eaque sanguinem mittendum, memorie

riæ cōmendauerit. credebat nāq; Vesalius, quia uena a-
 iugos, quæ à uena caua iuxta cor, in dextra parte oritur,
 & ad inferiora reflectitur, crassa, & multo sanguine re-
 fecta est, optimum consilium fore, si semper, quacunque
 in pleuritide dextra, siue sinistra, axillaris uena sece-
 tur, ex eaque sanguis mittatur, quam opinionem Vesa-
 licam, ut erroris plenam, nos citato loco cōfutaui-
 mus, quia in corporibus humanis, à nobis magna dissectis di-
 ligentiā, comperiuimus, ea quæ uenam hanc siue pari in-
 trant, non amplius remeant, nec foras transmittuntur,
 obuiantibus, impredientibusque ea, ostioliis quibusdam,
 quæ ad recipiendum aperta prostant. Cæterum, ea quæ
 recipiunt, nunquam remeare sinunt, proinde credēs Ve-
 salius in axillaris dextræ uenæ sectione, magna sangui-
 nis quantitas per uenam siue pari phlegmonem alente,
 extrahitur, quod summum remedium sit axillaris dextri
 lateris uena, in omni siue dextra, siue sinistra pleuritide,
 secetur: sed ille ignorans, per uenam illam, nihil sangui-
 nis foras euocari, hanc in lucem misit opinionem, quam
 postea Leonardus Fuchsius Germanus libris suis Ana-
 tomicis, ueluti commentarijs suis in Galeni librum, de
 sanguinis missione per uenæ sectionem omnibus uulga-
 rem fecit, & ita pro coronide habet, si pleuritis latus
 dextrum, tam in parte alta, quàm in parte infima, occu-
 pauerit, sanguinis missio ex axillari dextra fieri debet, si
 uero sinistrum offenderit, distinguendum, uel dolor la-
 cessit costas tres superiores, uel nouē inferiores, si tres
 superiores, ex latere sinistro sanguis demendus est, si no-
 uem inferiores, ex brachio dextro sanguis extrahendus
 est, quoniam nouem hæ costæ, (ut ille ait) aluntur: pro-
 paginibus & ramulis uenæ aiugos, idest, paris expertis
 uenæ, quæ ad latus dextrum iacet. Cæterum, cum à no-
 bis compertum sit, per uenam siue pari, sanguinem fo-
 ras non uenire, nec remigrare, consequens est, Vesalij
 & Fuchsijs ratiocinationem, cassam & uanam esse, ut
 Commentarijs meis, quos supra Auicennæ Fen quar-
 ta, libri

ta, libri primi conscripsi, uberius dixi, præfixo etenim Auicennæ textu, per Jacobum Mantinum hæbreum, fideliter uerso; & à nobis reuiso, & latiniori facto, commentarios scripseramus, me hercle, ut ab iis, quibus legendos dedimus, accepimus, non obscuros, quos Anconæ in ea bonorum direptione, una cum uniuersa mea supellectili, & non paruo argenti pondere, ac non contemnenda bibliotheca, amisimus, speramus tamen, ad aliquot dies, resumptis uiribus, hos commentarios, denuo parturire, ædere, & in lucem mittere, ut noscant omnes, meos illòs esse labores, non illius, qui alienis se plumis ornare cupit. Sed de iis satis, & proposito redeuntes, scire decet, quod cum hæc de pleuritide prædicto in loco tractassemus, ut rem claram & omnibus euidentem faceremus, indicaremque causam, ob quam in pleuritide, interna secanda sit uena, dextra in dextra, sinistra in sinistra, dixi, quod rami uenæ sine pari coniunguntur & copulantur osculis uenarum propagatarum à uena axillari, quæ internas thoracis altas partes aluat, id quod nunc ita esse firmamus, quando sic in corpore uno, uel altero, à nobis dissecto, euenire obseruauimus, quanquam uariis aliis in corporibus, uenæ huius aiugos ramos, non omnino coniungi & copulari propaginibus. uenæ axillaris in thoracis interna alta parte percepimus, sed ita oscula osculis sunt propinqua, ut non difficilis sit transitus humorum contentorù ab unis uenis, ad alias, adeo ut si non copulentur copulari tamen & coniungi uideantur, ut in omnibus fere euenire percipimus. nobiscum hac in re est, Bartholomeus Eustachius ducis Vrbinatis medicus, qui ita rem haberi, per literas è Roma mihi significauit, ut prope diem, docto, & eleganti libro suo de Anatomia in lucem futuro, omnibus palam faciet. Cæterum, ut de hac re plenius dicamus, scitatis, quòd rami uenæ paris expertis, qui per inferiores costas distribuuntur, quando uersus sternum reflectuntur, non solum coniunguntur, sed eadem euadunt

euadunt cum ramis uenarum, quæ sub os pectoris currunt, quæ originem à uena caua in iugulo antea quam diuidatur, habent, item ut supremam & ultimam manū huic rei imponamus, dicimus, quòd uenæ infixæ spatiis intercostalibus inferioribus, ex se mittunt uenas iuxta crassitudinis, & notatu dignas, ad thoracis externas partes, quæ coniunguntur propaginis, & ramis thoracis in parte exteriori, qui ortum habent à uena axillari, & sic quoque uersa sine pari cum axillari consensum habet, ex eodem loco, & parte. At hæc ita ingenti speculatione, diligentia & cura, ut adipiscantur, indigent, ut perpauci hodie extent qui rem hanc ita se habere noscant: non vulgari igitur diligentia deditus sit, immo ingenti labori, & assiduo studio incubat oportet is, qui ad artis medicæ cacumina peruenire debet, prout de uirtute acquirenda ex Hesiodo decantatur. Hæc porro si Syluius parisiensis in sua ut ille ait, contra Vesalium Apologia, sciret, nunquam me hercle sileret, ac sic ex tā multis debacchationibus friuolis, futilibusue depulsionibus, aliam ueram in lucem mitteret.

Curatio septuagesima prima, in qua agitur, de Ischuria, id est urine suppressione, ob urine fistulam crassis & lentis humoribus constrictam.

VIR Venetus nobilis, qui Pisauri agebat, & urine omnimodam suppressionem, propter crassos, & lentos multos humores, urine fistulā obstruentes, patiebatur, ita afflictabatur, ut in uitæ desperationem ueniret, quum non nisi accersito chirurgo, & immiso catectere, meiere posset, proinde ut nobilis uir hic expedite meieret, ne catectere, nec chirurgo opus haberet, sic curationem adorior, ebiberat antea plures syrupos, & pharmaca purgatoria uariā. R. radicis raphani, foeniculi, apij, saxifragiæ, ana unciam mediam, corticis radicis anonis uel ononis, dictæ remoræ aratri, unciam unam, capillorum ueneris, agrimonie
ana

ana pugillum unum, baccarum Alkekengi numero viginti, feminis asparagi, rusci, urticæ, cari, ana unciam mediam, florum sambuci, camomillæ, ana pugillum unū, in libris sex vini optimi albi, fiat decoctio, quousq; remaneant libræ tres. facta colatura, & expressione forti, adde theriaces optimæ, si quæ habetur, uncias duas, misce, fiat potus longus, ex quo ieiuno stomacho bibat uncias octo, uel decem, sed exterius, ad partes inferiores, etiam intra testes, & anum, hoc illinebatur linimento. Recip. aquæ uitæ unciam unam, olei scorpionum, uncias duas, Mithridati antidoti optimi, unciam unam, & alterius mediam, cantaridum panno lineo exceptarum, numero duas, cum cera ad ignem fiat linimentum secundum artis ministerium. Cæterum, linimentum hoc præcedebat balneum, ex oleo communi apparatus, in quo incoctæ erant nonnullæ excitatis herbis, quibus ita recte habuit, ut deinceps non opus habuerit cætetere, aut chirurgo, expedite autem meiebat. Porro, pro hac complenda operatione, succus limonis pondere trium uel quatuor unciarum, approbatissimum habetur remedium, sua namq; acutie, crassas & lentas attenuat & subtiliat materias. Qui quoque pro extinguenda gonorrhæa, primatum habet, ut milies experientia comperit habemus, caute tamen limonis acidi succus bibatur decet, cum impotentem sæpe hominem reddat, & ad procreandam sobolem inhabilem, ut cuidam ex principibus Italiæ, superioribus annis, in bello germanico euenit. Cæterum, ad egrotum de quo agimus redeuntes, interim dicta parabantur, hic optimo uictus ordine utebatur, uescebatur autem ficedulis, & aliis auiculis montanis, perdice, turdo, ueluti & pullo gallinaceo, ex herbis uero aneto bene olente, feniculo, petroselino, caro, mentha, cerepholio, cappare, & similibus, quæ aperiendi, & incidendi uim habent, eius namq; potus uinum album generosum erat, non enim iecoris, aut renum caliditatem extraneam timebat.

Scholia

*Curatio sexagesimanona Pisauri habita, in qua agitur
de ramice carnosio, uarijs alijs affectionibus com-
plicato.*

PISAURVM uenimus, urbem antiquam, de qua Ca-
tullus dixerat. Sedes moribunda Pisauri.
nunc uero ciuitas nobilis est, & magnifica, in qua
ita salubri aere & clementi amœnaq; aura fruitur, ut nul-
quam, quod sciam salubrius aut uegetius uiuatur, sed id
in causa esse, à senioribus ciuibus accepimus, in rotum
exsiccatas lacunas, à quibus olim inficiens & pestilens
aer expirabat, item, quia silicibus munitæ uix, nunc late-
ribus sunt ornatæ: Cæterum, Pisaurum, ita fructibus, &
ad uictum hominis, per necessarijs bonis abundat, ut ho-
die Italiæ totius hortus dicatur, & merito, quum inde
ingens tritici, uini, fructuum, & frugum copia, per ua-
rias totius Italiæ partes, dispartiat. Hæc dum scriptis
mandarem regnabat Guidus Vbaldus Illustrissimus
Vrbini Dux quartus, & Pisaurensium dominus clemen-
tissimus, & liberalissimus: qui ut est, omni genere lite-
rarum ornatus, & in gerendis bellis alter Mars, ita Iulti-
tiæ administratione alter Traianus habetur, sub cuius
tutela Pisauri aliquot menses moratus sum, & ex pluri-
bus quibus medicati sumus ægrotantibus, paucas has
curationes memoriæ comendauimus, quarum prima se-
quens habetur.

IACO-

Jacobus Mantuanus, mercator Pisarenfis tres fupra quadraginta annos natus, tēperatura biliofus, & qui ad rixas ita promptus eſt, ut uel ex facili caufa, furibundus ad arma currat, hic adeo morbofus eſt, ut in hoc uicē ſuę curſu magnam partem affectionum, quę homini euenire ſolent, ſuſtinuerit: nam à capite deſtillationem patitur, ex qua grauiffima tuſſis per interualla oritur, quę ipſum infomnem tenet, quas affectiones comitantur ſcapularum & coxendicum dolores, ueluti coli inteſtini affectio, & renitēs curationi ramex carnoſus, pro quibus abigendis, profligandisue tam uarijs, tamq; concatenatis, ac contumacibus affectionibus, multi multa, & doctrina & artis excellētia præſtantes uiri machinati ſunt, nam & decoctum guaiaci illi ebibendum tradiderant, quo peius habuit, & Thermarum aquas non paucas Patuij ebiberat, ſed fruſtra, quo tempore ramicem ita ſiniſtre medici tractarunt, ut ipſis in teſticulis cauernoſum ulcus fieri permiferint, ſed tunc docti medici Veneti ad nucham, fontem ſiue ulcus, candente ferramento excitarunt, per quem paratum fonticulū muſci & ſolitę deſtillationes, foras utcunq; exhibant, adeo ut curandis teſticulorum ulceribus locum præſtiterint, & cæreræ affectiones non ita ſęue cruciarent: carnoſus tamen ramex, cum ijs contumaciter uigebat, ad hūc igitur accerſitus ipſe præter citatas affectiones, alias nonnullas pati deprehendo, iecur nanq; calidum admodum habet, in lotioque album pituiroſum multum emittit. Gonorrhæam non patitur, ſed eam longe antea uiderat, proinde curationem ſic adior, & primo, uigebat nanq; hybèrnum tempus, minorans medicamentum illi ebibendum dedi, ſequentibus uero diebus, ex decocto ſequenti, uncias decem in aurora, ieiuno ſtomacho bibebat.

Recipe myrobalanorum citrinorum, chebulorum, indorum, an. unciam mediam, polipodij quercini recentis, unciam unā, ligni ſancti uncias duas, corticis euſdem, unciam mediam, radicum cicoreę, endiuie, an. pugillum

G 4 unum

unum, seminis melonis unciam unam, ordei integri pugillum unum, passarum de corinthio uncias duas, foliorum & folliculorum senarum, unciam mediam, rosarum, rubearum pugillum medium, libris septē aquæ excipiantur omnia, & fiat decoctio secundum artis ministerium, quousque maneant libræ tres, facta colatura, & expressura, adde syrupi de lupulis, de fumo terræ, de endiuia, an. unciam unam, misce. ex hoc cæterum apozemate, ut dixi singulis diebus, singulas decem uncias bibebat, quibus in dies ter, & quater egerebat, ut triplicato apozemate hoc, non opus fuerit illi purgatorium aliud medicamentum propinare, quo ita recte ualere inculcabat, ut nunquam antea, tunc uero ad ramicem carnosum, ceratum hoc descripsi, quo ita in minuta carnositas & durities illa fuit, ut ægrotanti & assistentibus admirationi fuerit, habet autem ceratum sic. ℞. ammoniaci pinguis & optimi, uncias tres, in aceto eas macera, & ad ignem cerati modo redige & postea illi adde, marchasitæ argenti & auri, in puluerem redactæ, *πυρίτην* græci, latini, ignarium lapidem appellare solēt, unciam unam & mediam, & in aluta, ad equi ferri figuram, aut diadematis, aut lunæ falcatæ effigiem extendatur; & loco affecto superponatur. Cæterum, ne destillatio uirum hunc nobilem male afficeret, ad sinistrum brachium, fonticulum machinati sumus, quatuor ab humero digitos, sequenti hoc uesicatorio, ut tyrunculi addiscant, Accipe, cantarides ex aceto maceratos, quindecim, euphorbij, scrptulos duos, in mortario in puluerem redige, & fermento excipe, uesicatorium, ex quo caput cauum glandis infarciatur, & loco signato infigatur, modo in eius circuitu, ceratum in medio perforatū circumponatur, & aliud ac manutens superponatur, ne hinc inde currendo, locellos exulceret, sequenti uero die disrupta uesicula, loco exulcerato, granum ciceris adaptato, & parū prædicti cerati, scilicet, diachilonis, uel similis superponito, & fascia optime fasciato, & singulis diebus, granum

num bis innouato, sic autem factitādo, fonticulus absq; dolore apertus manebit, per quem, mucorum & destillationum, magna diuertitur quantitas. Cæterum, ijs intra mēsem, hic ita recte ualere dixit, ut nunquam antea, solent autem pro simili testiculorum atterenda duricię, uti medici fomentis, linimentis, cataplasmatis, unguentis, uaporationibus, suffumigijs, ueluti uarijs alijs, quæ referre non uacat. porro hæc Ragusij cum commentaremur, occurrit Hilarius senēsis, uir triginta septem annos natus, qui ramicem aquosum & prædurum patitur, ex quo cum singulis sex mensibus, (scroto inciso) humorem contentum foras trahat, recte habet, immo si non coit, peius habet,

riguarda la *LXXVI memoria* della *V centuria*, dove un mercante orientale ...«*qui cubiculum testudine lapidea cameratum, et in loco dormiebat*», non può far altro che ammalarvisi, tanto che il Lusitano sente il dovere di trasferirlo in luogo più asciutto ed igienico. Nonché nella *LXXVIII memoria* sempre della *V centuria*, dove ci descrive la malattia riscontrata ad un suo vecchio amico, conosciuto durante un viaggio per mare *oceanico*, venticinque anni prima ...«*ubi cum testudineam cameram habitaret, (ob varias forte quas habet merces)* ...» affezione aggravata dal fatto che costui, in un ambiente di già così poco igienico, avesse avuta l'idea di alloggiarvi una grande quantità di mercanzie varie. (105)

I mari lontani però, non erano sconosciuti neanche ai mercanti di Pesaro, perché nella *XC memoria* sempre della *V centuria* ci racconta dell'incidente occorso ad Anna Pinta, ma con delle chiose d'eccezione ...«*mulier honesta, quae apud Anglos diu egit, et uxor illius, qui apud indos multos egit annos, et multas callet linguas* ...» Numerosi anche i medici a Pesaro e piovuti da più parti, perché nella *XCV memoria* della *V centuria* a proposito delle cure praticate a quel gran fenomeno del *gigante di Senigallia*, inviato per cura dal duca Guido Baldo della Rovere, conosciamo ivi operanti il famoso medico ducale Marco ed il portoghese Abramo Aloya, ebreo, chirurgo condotto a Pesaro. (106) Nella *LXXIII memoria* della stessa centuria, per la malattia del pubblico notaio pesarese Lorenzo Gentili, facciamo pure la conoscenza con i medici condotti nella città, Battista Gualtieri e Girolamo Carmona, ed infine con l'ebreo Laudadeo Blanc, medico del cardinale Cripsì, in occasione della malattia in Pesaro di un certo Abramo ebreo nella *LXXIX memoria*.

Come si vede, anche nella breve e forse non calma permanenza nella città di Pesaro, il Lusitano ci mostra personaggi illustri e gente umile, nei loro sembianti quotidiani, ma sempre arricchiti di notizie apparentemente insignificanti, ma raramente reperibili in altri documenti o fonti, (107) sia politici, notarili o commerciali, che per lo più, sono sempre i più frequentemente consultati.

* * *

Se il Lusitano, come ho già detto, non ebbe in periodo lontano, troppa buona stampa, perché è sempre più facile dir male o bene di un personaggio che comprenderlo. Negli ultimi tempo, al contrario, è stato rivalutato dai suoi connazionali e da molti altri, per arrivare infine all'esplosioni del 1968 in Portogallo, concluse nel Simposio Senese in occasione del IV cen-

Curatio septuagesimoctaua, in qua agitur, de tuberculo capiti exorto.

QVI mecum olim ab hinc uigesimumquintum annum, oceanum nauigauit, nunc Pisaurum uenit, ubi cum testudineam camaram habitaret, (ob uarias forte quas habet merces) in capitis synicipite dextram partem respiciente, tuberculum passus est, tactu durum, sed doloris non expertem, ex quo, & humor ad oculum dextrum descendit, ipsum quasi ex contusu, denigratum reddens, cum quibus & caput uniuersum dolebat, & aliquantulum feбри pertentabatur. uir etenim hic robustus est, temperatura sanguineus, annos natus quadraginta, quem curaturus, primo deonerata per clysterem aluo, ex eius cephalica uena, locum affectum respiciente, sanguinis uncias octo demere iussi, & tuberculum hoc linimento inungi. ℞. olei rosacei unciam unam, pulueris rosarum, camomillæ, an. drach. duas, ceræ parum, misce fiat linimentum, oculus tamen rosacea aqua lineo panno excepta fouebatur, ac sæpe innouabatur. Cæterum, quum hæc machinabamur, corpus uniuersum syrupis ex endiuiâ & rosaceo simplici, præparatum, purgauimus, ac postea ab oculo, inflatione & nigritie leuata, capitis tuberculum diu perdurans, ex ammoniaco ad emplastri formam redacto, sæpe applicito, euauit, & ægrotus ipse sanus euasit.

Curatio septuagesimanona, de ulceribus in uisurina, maximo cum ardore derelictis, ex curatione caruncularum.

ABRAMVS, qui Pisauri habitat, & iam diu ob carunculas in collo uesicæ habitas, difficulter meiebatur, cum a gallo empyrico curaretur, in grauissima

sima symptomata, & uitæ sue periculum incidit, nam ulcera grauiâ in uis, urinarijs facta sunt, ob quæ tum meiebat, ita acritudine intensa, & maxima cruciabat, ut alta uoce exclamaret, immo ob ea collum, ne fieri ita contraheretur, ut raro meieret. Caterum, ut hunc a tanto malo liberarem, primo symptomata, hoc est, urinae ardorem, suppressum, siue leuandum putauimus. proinde syphonem, siue iniectorio, per uirgam, lac muliebre recens multum immitti iussimus, utque hoc sæpe attarent comendauimus, dein uero, lactis uice, ad collyrium sequens deuenimus, quod habet. ℞. rosarum siccarum pugillum medium, seminis lini, seminis maluarum, an. unciam mediam, seminis citruli, melonis, cucurbitæ, portulacæ, papaueris, an. drach. duas, seminis halikakabi, numero .x. in libra una & alterius media aque fiat decoctio secundum artem & coletur, cui colaturæ adde, trachiscorum alkakengi, halikakabi dicti, unciam mediam, sacchari candi uncias duas, camphoræ dracm. unâ, misce, fiat collyrium, quo collyrio per syphonem iniecto, & urinae acido infringebatur, & ulcera eluebatur, extergebanturq; & urina libere ei aculabatur, quandoque uero trochiscus siue pastillus halichachabi, uno uel altero grano opij, adiecto, iniiciebatur non me late, pastillos hos halichachabi, opio etiam parari, sed apud me absq; opio parati magis laudantur, cum medici iudicio, opium addi, & minui poterit, sed tunc lacte dilui possunt, aut aqua rosacea, uel plantaginis, uel portulacæ, ueluti pastilli diaphysalide, sed tunc unguentum rosaceum, & populeon renum regioni, & uirgæ radici, ac inter testiculos & anû applicabatur, quibus remedijs, statuto optimo uictus ordine, hoc est, ex pullo contuso, & porriuncula ptisanæ, uel per se sola ptisana, uel panatela simplici, aut ex pulli iure parata, & ordeacea aqua in potu admissa, intra octo dies liber euasit, syrupos tamen uioleaceum & capillorum ueneris decocto supra signato dilutos, iis diebus bibebat, sed & clysteres ut aliu respondentem

*Curatio septuagesimasexta, in qua agitur, de humida
qualitate absque humore, hominem ad perniciem tra-
hente.*

MERCATOR orientalis, qui cubiculum testu-
dine lapidea cameratum habitabat, & in eo dor-
miebat, ita ab humida qualitate absq; humore
uexabatur, ut parum abfuerit, quin in tabem ueniret.
at-

attestabantur autem notæ hæ, morbum immaterialem hunc humidum esse, quia ab aere illo ambiente humido, grauedinem corporis totius contraxerat, & eius facies tumescentiam albido quodam colore præ se ferebat, & humiditates in eius corpore non pauca accrescebant, ut nulli sit dubium morbum hunc à nuda qualitate humida ortum trahere. Cæterum, cum homo hic sic affligeretur, eum ab eo cubiculo in alterum sicciori aere perflatum uenire curauimus, & exiccante uictu constituto, nonnullis adhibitis frictionibus, & exercitio admisso, intra mensem sanitatem obtinuit.

S C H O L I A.

HUMIDA *qualitas ueluti quælibet alia, per se sola, sufficiens est, corpus humanum deperdere, & destruere, ut huius rei Auctor est Aristoteles & Galenus, quibus ceteri philosophi ad stipulantur, unde hominẽ hunc sic ab immateriali humiditate affligi, & in uita sua perniciem deuenire, ni malo obstitere, mirum non est, cum q̄s tamen, humiditas absq; humore sufficiens non est dolorem excitare, ut huius rei Auctor est Galenus, libris de facultatibus simpl. med. & de sympt. causis, in hunc differens modum, porro, uehementes eueniunt in tactu à naturali habitu transmutationes, ob uolentum calidi, frigidiq; occursum, atque ob eas res, quæ contundere, secare, extendere, aut erodere possunt, nam siccitas, humiditasq; nisi calori, frigoriue coniungantur, occursum suo uim inferre non consueuerunt. Hæc Galenus, quorum rationem, nos ex eo ibidem collectum, subiungimus, quia nulla res dolorem excitare potest, nisi eius occursum sit uehemens, & repentinus. Cæterum, cum humiditas & etiam siccitas, nullam uolentiam, aut molestam sensationem, in corporibus sensu præditis, introducere n. et. sint, consequens est, dolorem non inferant, in summa, humiditas, qualitas uida, non est sufficiens dolorẽ excitare, quia subito & repente, tristẽ & molestam sensationem inducere non est potens, cum hoc tamen ipsa per se sola, absque humoris complicatione, humanam naturam exoluere, & deperdere paulatim absq; dolore, & tristi introducta repentina alteratione, potest, unde Consiliatorem, dictum Petrum Abanum, differentia 193. aberrare certum est, cum humiditatem, phthisim gignere non posse nisi caliditati, aut frigiditati, aut humori catarrhali iunctum dixeris, experientia namq; rarij*

in

Curatio nonagesima, in qua agitur, de punctura ex piscis spina, in digito oborta.

A NNA Pinta, mulier honesta, quæ apud anglos diu egit, & uxor illius, qui apud indos multos egit annos, & multas callet linguas, Pisauri, cū pisces desquamaret, forte in pisciculū paruum subalbidum, quem araneum uulgus appellat, incidit, qui in dorso ut habet alam parua, ita spina, & aculeo uno uel altero, insignitam, armatamve, quibus pollicem digitū imprudens transfixit, tanto dolore, & sæuitia, ut mortē precaretur, neruus autem punctus fuit, ob id seca punctura hæc appellabitur, ad quam accedentes nos, illico per chirurgum scalpello puncturæ foramen dilatari iussimus, ut si quæ esset spinæ alicuius portiuncula auelleretur, ac postea scarificare mandauimus, aderat autem mulieris huius alia amica, quæ ore suo sanguinem à digito sic scarificato sugebat, quo ad nobis satis uisum fuit, pro curationis ratione. Cæterum, puncturæ, topicum re medium hoc admouere mandauimus. ℞. sagapeni, kalbanes, terebenthinæ, ana drachmam mediam, olei rosati completi, vnciam mediam, theriacis drach. vnam. pulueris radicis cannarum, drach. mediam, misce, fiat unguentum solidum, & admoueatur, quo intra quatuor dies, sana euasit, nec sanguinem mittere per venæ sectionem opus fuit.

S C H O L I A.

PRO salute huius mulieris, in dubium uersum fuit, an tunc, hoc est, punctura initio, affligente dolore, & tumescente manu, & brachio, defen-

defendens, sua repercuiens aliquod medicamentum, quod frigidum natura esse solet, applicare deberemus, ut humorum fluxus cohiberetur, coerceretur ve. Et demum, post multa hinc inde adducta, & dicta, conclusum fuit, quod non iubente sic Galeno, libro sexto de morbis curandis, non procul à principio, ubi historiam enarrat iuuenis philosophia dediti, in medio articulo manus, puncturam habentis, & ita inquit, Nam id quoque uel in primis semper habendum cura est, ne quid ex ijs quae uulnus contingent, frigidum sit, quandoquidem ipsa laborans pars & sensibilis maxime est, & principium partium primati continua, & temperamento suo frigida, quorum omnium occasione, & ex facili à frigido offenditur, & suam offensam impertit cerebro: quòd si ex ijs fuerit, quae in musculos perueniant, etiam conuulsionem facile accersit, si quidem monstratum est, musculos uoluntarij motus instrumenta esse, idem fore & in tendonibus expectabis, ijsdem de causis. Ceterum, cum memoratum remedium tum uulneri ipsi iuuenis imposuissem, tum uero partium quae supra erant, non parum eodem complexus fuisset, quae circa axillas, collum, caputque eius erant, omnia calente oleo assidue madefici. Haec Galenus, per quae nos docet, frigida in nervi punctura sugiamus omnia, quia facile, exangues nervi cum sint, & frigidi, ascititia frigiditate, eorum originem, cerebrum, & nucliam, refrigerabunt, & conuulsionem creabunt, proinde uel punctura in digito stante, oleo sabino calente, uel aliquo simili, ab aelisi ad digitum male affectum, saepe manus foveri debet, id quod clarius paulo inferius tradit, cum dicat, ac quae ad ulceris curationem attinent, hic quoque sunt eadem. Ceterum, detrudere largius sanguinem, ac tenui magis quam in illis uti uictu, tum in quiete omnino, ac lectulo molli, hominem continere oportet, tum oleo calenti, ubertim in axillis, collo, tendonibus, ligamentis, & capite, uti, quod si vulneratus nervus ex ijs sit, qui in crure habentur, sicuti cum in manu erat, alia, ita in ijs bubones largo oleo imbuendi, tum per totam spinam, ad collum, & caput ascendendum. haec tenus Galenus, qui paucis citatis iis, ita rem haberi indicat, ut non oportet illius varios nunc adducere locos, ut ex libris de comp. med. S. I. Ceterum, euphorbium consulto praetermissi, quo in hac curatione, Galeno suadente, tuto uti poteramus, cum nervus denudatus non apparebat, abnegat autem Galenus in nervo denudato euphorbium, ueluti acria, & irritantia medicamenta, adeo ut Terebenthinam non nisi elotam admittat, sed tunc, unguentum ex calce elota, summoperc extollis, ueluti ex pompholige, non minus & medicamentum diacalchiteos dictum, quae omnia remedia, ex libris de compositi. medic. S. Genus petenda

Curatio nonagesimaquinta, in qua agitur de Gigante Senogalliæ nato, crura tumefacta ad summum cum ulceribus habente.

HOMO ingentis magnitudinis, ita ut gigas ab omnibus dicatur, & merito, quia communis hominis staturam, cubito excederet, nam eius manus, hoc est, ab initio metacarpij; ad apicem unguium, dimidium cubitum (dempto digito altero latitudinis) continet, quin, & eius pes calapodio viginti continente punctos, clauditur, dentes trigintaduos habet, sexdecim pro ordine, & eos quidem ingentes, sed raros separatosue, reliquaue ijs citatis, proportionata putato, nam ut de viribus dicam, hic salmam tritici Senogalliæ, sexcentas paruas libras continentem ex terra eleuat, & eam suis imponit humeris, eamque ferens sine labore incedit, cæterum, hic cum Senogalliæ, ubi forte natus est, ætatis suæ vigesimo anno, male haberet, contigit, ut Guidus Vbaldus secundus, Illustrissimus Urbini Dux quartus, qui ut est princeps omnium virtutum genere ornatus, ita regnum suum magna cum iustitia subitinet, eoq; non raro per eum transcurrit, ut cuique petenti, de iure audiat, & quod unicuique debetur tribuat, in Senogalliã ueniret, & hominem tam vastæ magnitudinis cerneret, & forte eo tempore male habentem, pietate, ac misericordia, peripatetica virtute summa commotus, eum Pisaurum deferri curauit, ut ibi omnia pernecessaria illi in promptu essent, ab optimisque medicis curaretur, ulcera nanque cum pedum ingenti tumefactione patiebatur, qui ad sanitatem restitutus fuerit, ignoro, breui nanque tunc discessimus à Pisauero, eius nanque curam habebant, Marcus medicus doctus & Abraamus Aloya Lusitanus Iudeus, Pisauri ex conducto chirurgus, nobis autem satis est hominis gigantis nostræ tempestatis memoriam fecisse.

K Curatio

tenario della morte; morte non certamente sicura e precisa nel luogo e nella data.

Certo che, una strana coincidenza lega tre uomini prestigiosi come Vesalio, Eustachio, ed Amato Lusitano, tre notti fonde nelle ultime ore della loro vita. (108)

Ho sottolineato tale rivalutazione dell'opera del nostro, ma si deve pur dire, che essa ha operato quasi sempre nella direzione della sua arte di medico, anche se con qualche esagerazione, ben spiegabile con l'amor della patria, dimenticando di interrogarlo verso altri e ben importanti motivi; sebbene ciò non si possa del tutto dire specie per i suoi periodi di Ragusa e Salonicco. (109) Ma interrogarlo di nuovo, specialmente nel periodo suo più prestigioso e nei riguardi della nostra città era di doverosa e stretta pertinenza di uno di noi, e mi auguro di esservi in parte riuscito, o di aver almeno suscitato l'interesse a continuare.

Tuttavia, ci ricorda sempre Marc Bloch ...«è indispensabile che la ricerca storica nel corso dei suoi progressi, è stata indotta a confidare sempre più nella seconda categoria di testimonianze: nei testimoni loro malgrado... (110) Ma se ho approfittato delle testimonianze di uno di loro, per un contributo ad alcune facce poco considerate della nostra vita civile; resta sempre il fatto che il Lusitano, con la sua opera colta ed originale, rappresenta sempre l'unico personaggio prestigioso della medicina in Ancona, durante quasi un decennio, dal 1547 al 1556.

I suoi scritti, dall'inedito *commentario di Avicenna*, alle varie edizioni del *Dioscoride*, sino alla stesura delle sue prime cinque centurie di memorie cliniche, sono in tutto di stretta pertinenza anconitana ed una volta stampate si sono rapidamente diffusi con i nostri nomi, i fatti, le cose, per tutta l'Europa civile in innumerevoli edizioni. Egli è l'unico medico in Ancona che intessa rapporti scientifici o polemica, con gli uomini più autorevoli del suo tempo; dall'Eustachio al Vesalio, dal Canano di cui fu allievo, ma soprattutto cooperatore nelle dissezioni anatomiche, al Lacuna; dai medici veneti a quelli umbri, ed in special modo con quei chirurghi, e richiesto per consulti un po' dappertutto a Venezia, a Roma.

Egli, si può dire, fu un cittadino di Ancona che ha dato molto alla città di adozione, innanzitutto perché non tenne mai per sé tutto quello che conosceva. Il Lusitano era uno di quei personaggi che scriveva per render noto ciò che riteneva utile agli altri. E dobbiamo convenire con quest'affermazione, per poco che osserviamo le sue straordinarie memorie cliniche, le malattie, i metodi di cura ed anche di prevenzione.

L'idea e la preoccupazione dell'opera preventiva del medico sono in

S C H O L I A.

Q V V M varia sint sterilitatis cause, varia sint indicationes curatrices, & varia ipsa remedia decet, ex remedijs tamen que empirice accipiuntur, nulla seruata indicatione, aut à mala qualitate uterum efficiente, aut à mulieris uel viri intemperie, aut varijs alijs, que non uacat, nec puto esse operæpretium referre, alpe est, qua tum ieiuno stomacho, tum quando uadit dormitum, mulier deuorare debet, ita enim experimentum hoc pro certo habetur, ut non dubitem mulieres eo utentes mihi pro eo gratiam habituras, dosis autem pulueris, scriptulus sit decet, aut semidrachma, nebula abscondita, ac pauculo iulepo, ut in bolo cassiæ, qui deuoratur fieri solet, amarissima etenim ut nostis est aloë, que ad aliquot dies, sic deuorari debet.

Curatio octuagesimaquarta, in qua agitur, de quodam monacho, qui amore cuiusdã puellæ captus, seipsum (ueneno hausto) interemit.

P A V L V S monachus, ex ordine cruciferorum, iuuenis uiginti annorum, & ex Aquila oriundus, Pisauri apud Cenobium sancti spiritus, cum ageret, puellam

puellam nomine Catharinam Ariminensem, & filiã forte Ortulani, orti monachorum curam habentis, amare coepit, quam successu temporis ita impatiẽter amabat, & deperiebat, ut sæpe puellam in uxorem ducere, cum eaque repudiata cuculla, & monachali uoto, ad Germanos confugere, promitteret, unde flexis genibus, eã non raro ita orabat, ut illius misereretur, ut nisi eius uotis & precibus annueret, aut m̃erore se moriturum, aut sese interfecturum asseueraret, porro, monachus hic, puellę huius amore ita deflagrauit, ut eam cum iam in amorem suum trahi non posse persentiret, animum desponderit, clam enim ex officina pharmacopolia emptum uitriolum deglutit, à quo exhausto, male habere monachus cepit, ita ut in ventriculi erosiones, & uomitum, & secessum deuenerit, ad hæc, linguę nigredinem, & ipsius crassitiem, demum symptomatis auctis, & prostratis uiribus, rem aliis patefecit monachis, sed accersiti ad eum medici, breui ipsum deploratum reliquerunt, & merito, quum eo die, uitam cum morte cõmutauerit, & amoris bonus monachus pœnas luerit. Pisauri hæc euenerit, quinto die Mensis Februarii, 1556.

lui sempre presenti; compare nella memoria dove lui parla della, cosiddetta *tisi* dei lavoratori del gesso, nella *XLI memoria* della *IV centuria*, a proposito di quelle lavoratrici costrette a portare sulla testa i vasi roventi delle fornaci, ed in numerose altre. Se poi si pon mente alle cognizioni del tempo, sono ben ammirevoli le osservazioni sulle malattie della psiche, (112) unite all'abilità di cogliere i sintomi e di raggrupparli in Sindrome: L'eredolues, il polso intermittente, gli avvelenamenti, le ferite, le malattie urologiche, (113) così precisamente descritte; ma il fatto di essere sempre un autore chiaro, sono qualità che gli vanno sempre riconosciute.

Un bell'esempio della sua chiarezza, mi sia permesso di coglierlo anche fuori delle mura di Ancona, e questa volta in campo forestiero, nella *LXVI memoria* della *VII centuria*. Il caso clinico si riferisce a Salomone Bayema, individuo obeso quarantacinquenne, che mentre camminava per una strada, ebbe la disavventura di calpestare un chiodo che gli si infisse nella pianta del piede.

Il nostro uomo, col piede ferito, rimase in casa per una settimana, ed allorché, dopo questo lasso di tempo, egli crede di esser guarito, riprende tutte le sue attività e finalmente esce di casa. Ma non l'avesse mai fatto! Con un brusco esordio, la ferita inizia di nuovo a farsi sentire. Ritorna a casa ed assieme al dolore, alle parestesie, compare un imponente trisma, bocca serrata in modo caratteristico, spasmi tonici ai muscoli della nuca e del dorso, *opisthono scilicet*, e la descrizione prosegue precisa, incalzante, sino all'obitus previsto di lì a qualche giorno. E costituendo questa storia, una fra le più belle descrizioni cinquecentesche di un caso di tetano, ho sentito il dovere di riportarla tal quale in nota. (114)

* * *

Se è stato mio intendimento quello di riconsiderare Amato Lusitano nel quadro della vita civile della nostra Ancona; tornando ai suoi meriti di medico, che ricordo e ricapitolo solo succintamente, perché lo sono stati già egregiamente descritti da altri, devo pur insistere di nuovo nel dire che la maggior parte delle sue tecniche le impiega proprio da noi.

Egli idea ed applica, nelle lesioni luetiche della volta del palato, il così detto, otturatore palatino (115) ...«*Arti medicae, gloria, non vulgaris, ascita est ...*» Trattasi, con una perfetta descrizione, dell'apparecchio da lui ideato che, chiudendo quel foro provocato nel palato duro dall'erosione luetica, ridona la voce al paziente, non dimenticando nel contempo di suggerire minuziosi accorgimenti per l'applicazione e la quotidiana manutenzione. E sic-

Curatio decimaquarta in qua agitur, de miro quodam artificio ad recuperandam uocem in totum amissam, propter ulcus palato innatum.

GRÆCVS nobilis, & qui à Græcis imperatoribus originem trahere se iactabat, variis vlceribus à morbo gallico contractis scatebat, à quibus optimo sed subtili constituto victus ordine, & ebibito Guayaci decocto ad quadraginta dies, ac postea à ceratis cruribus & brachiis, ex mercurio impositis, & postea iterum repetito guayaci decocto, sanus euaserat, vno tantum vlcere in alta palati parte permanente, quod nullis medicamentis cicatricem duxit, immo ibi perpetuum foramen relictum est, ob quod vir hic in totum vsus linguæ & vocis amiserat. Quo tamen modo tanto malo occurrerimus, & vir commode loqueretur, attendite, mirum nanque artificio hoc excogito, quo ita recte & concinne postea loquebatur, ac si nihil mali vnquam haberet: habet autem artificio sic. Ex auro capitatum clauum per aurificem parari iubeo, clauus caput erat rotundum latum, vt vniuersam foraminis circumferentiam cõtegeret, cuspis vero parua admodum & rotunda, in cuius medio auricula lentis modo prominebat, in hac igitur clauus cuspide, siue spica, spongiola adaptabatur, quã simul intra foramen ægrotus mittebat, quæ humiditate tumida inibi fixa manebat, vnde ita eleganter loquebatur ac si nihil mali haberet, dein vero singulis diebus, bis, vesperi scilicet, & mane, instrumentum deponebat, & spongiolam lauabat, & digitis comprimebat, & iterum instrumentum reponebat, & intromittebat, quo ita concinne & eleganter loquebatur, ac si nihil mali vnquam haberet, eo enim deposito, Vox in totum deficiebat, quæ (eodem intromisso) recuperabatur. merito igitur inter alia voci necessaria palatum numeratur, ex hoc namque instrumento, arti medicæ gloria non vulgaris ascita est, quo & nunc dum hæc Ragusij commenta-

Curatio. medicin. Centuria v. 43
remur, simile opus conficimus in Samuele Erquio iuue-
ne Hebræo, cæterum, clauus ut ex auro ita ex argento,
uel stagno parari poterit.

*Curatio decimaquinta, in qua agitur, de duobus simi-
lem faciem habentibus, simulq; eodem
morbo egrotantibus.*

QUVM ad cœnobium prædicatorû inuisum ægro-
tantes de môre accederem, hominem mona-
chum Racanatensem, annos natum triginta,
pleuritide affectum comperio, qui cum omnia necessa-
ria conficienda ut decebat iussissem, ad alterum in eo-
dem cœnobio inuisum diuerti, ætate, tēperatura, & phy-
sionomia, primò similem, qui & eodem die, eodem mor-
bo affligi cœpit, ambobus igitur curatio similis peracta
fuit, & uictus similis præscriptus, & demum symptoma-
ta omnia paria erant, & uno eodem die ambo sanati
sunt, erant uero diuersi patria & moribus.

SCHOLIA.

DVM hæc commentarer, ueniebat mihi in mentem illorum Vir-
gili carminum.

Glautia Laride Thymerq; simillima proles,

Indiscreta suis, gratusq; parentibus error.

*Sed Plinius, & Valerius maximus, multa de hoc similitudinis ge-
nere, memoria prodiderunt. quod uero magis me in admirationem tra-
xit, duo fratres hebræi fuere, Hamisti nomine, septimestres, & eodem
partu ambo editi, qui ita inter se similes erant, ut ipse familiariter
etiam illis usus, alterum ab altero, nūquam discernere potuerim.*

come la memoria che la contiene, *XIV* della *V* *centuria*, secondo la sua precisazione nella *C^a mem.* della *V^a cent.*, fu redatta nella città di Pesaro, *quam Pisauri absolvimus*. Ed essendo preceduta dalla *XIII^a*, che si riferisce a personaggi anconitani, seguita dalla *XV^a* memoria, che si svolge in un cenobio di Recanati; è lecito supporre che il nobile greco al quale viene applicato l'otturatore palatino, possa essere stato un di quei tanti profughi greci, residenti nella città di Ancona.

In anatomia, come è stato largamente ed autorevolmente illustrato, aveva posto in evidenza tra l'altro, l'esistenza delle valvole venose e della loro funzione. (116) Altre tecniche originali riguardano la correzione delle scoliosi, la risoluzione della lussazione del coccige provocato da una particolare maniera di cavalcare, che comanda con tempismo perfetto, dirigendo le mosse della mano del suo chirurgo di fiducia, e tanto per la precisione, il paziente era il nostro cittadino di Ancona Giovanni Cordella. (117) Che dire poi, delle varie tecniche e degli accorgimenti per l'enucleazione dei calcoli nell'uretra e nella vescica, per l'eliminazione di quei danni, delle deviazioni della colonna, dei prolassi dell'utero. (118) E l'ingegnoso tiralatte? Che se oggi può far sorridere, allora costituiva un bel successo, perché se fosse mancato il latte materno o di balia, la malattia dell'apparato digerente e spesso anche la morte, erano fatti purtroppo molto probabili. (119) Lo stesso Giuseppe Michele Nardi nel suo insuperato libro: *Il pensiero ostetrico ginecologico nei secoli*, in un certo punto, non può fare a meno dal ricordarci quest'altra tecnica adoperata dal Nostro ...«Castiglioni, seguendo l'opinione di Siebold attribuì a P. Franco la scoperta dello speculum a tre valve per estrarre la testa, mentre Corradi già aveva messo in dubbio tale priorità di invenzione di P. Franco di fronte ad A. Paré, perché a quanto narra Amato Lusitano in una delle sue centurie, lo speculum era già stato usato come strumento estraente...» (120) Ma al di sopra della sua cultura, al tecnicismo che impiega nell'arte che esercita con tanto entusiasmo ed amore, la sua opera è tutta permeata ed in ogni faccia, da una grande speranza e fiducia in se stesso e nelle società in seno alle quali, ogni tanto era costretto a stabilirsi. Dove bisognava ricominciare, come si dice, ogni volta daccapo, e con molta cautela, specie per chi apparteneva al popolo d'Israele, anche se una volta dovette dichiararsi *neofita*. Ma egli si può dire, fu sempre, malgrado tutto, attaccato alla generosa e gloriosa tradizione dei profeti ebraici. Non abbandonò mai quel senso religioso della famiglia e neppure la comunicazione col prossimo, che in fondo è ciò che lo porta ad ubbidire, pur nel suo apparente distacco, al comandamento di amarlo come se stesso. Sentimenti ogni tanto riemergenti in tutta la sua opera, soprattutto

in quella affascinante prima memoria della prima centuria, (121) posta a guardia con i suoi molteplici contenuti a tutta l'opera. Essa esula per il tempo ed il luogo dalla nostra terra, sebbene le ultime righe del suo lungo corsivo, racchiudono quel riverente ammirato e noto omaggio a Bartolomeo Eustachio da San Severino. E' universale, e sta tanto alla civiltà contadina portoghese, quanto alla nostra, costituendo una delle più belle descrizioni di quegli atti istintivi e grandiosi nello stesso tempo. La storia della contadinella, *rustica puella annos tredecim*, che assieme alla madre, in piena estate, *quando il sol più forte ardea*, un bel giorno, chissà quanto atteso, si reca giuliva e serena a portare la colazione ai familiari intenti alla raccolta delle messi, la grande festa del compiuto. Avvenimento antico e non ancor spento anche oggi nelle nostre campagne, specie le montane.

Ma la bimbetta che camminava a piedi nudi e ignara accanto alla madre, improvvisamente deve arrestarsi per un fatto molto grave ...*«in medio itineris a vipera in pede dextro morsa fuit ...»* La scena idillica muta improvvisamente ed il presagio di una imminente tragedia incombe ormai sul quadro. La madre atterrisce perché sa, per esperienza, a quale fine si vada incontro, ma non perde la calma e per prima cosa pensa di portare, con la maggior celerità che le è possibile, la sua bimba al paese più vicino, per vincere in velocità l'ascesa del veleno ed affidarla al medico. Ma il paese è maledettamente lontano e pur nella sua affannosa corsa verso la salvezza della figlia amata ...*«utrumque tamen properans, medicamentum pro salute filiae machinantur ...»* Ella non cessa di rimuginare nella sua testa, quant'altro si potesse ancor fare. Ma la folla delle idee, in questa donna del tempo, così affannata, dovevano essere ben ordinate e lucide, perché l'improvvisa apparizione di un lungo arbusto, che quasi le sbarra la strada, le fornisce rapido il suggerimento più idoneo. ...*«Et ecce thymeleam fruticem offendit ...ad quem confugit ...»*, magnifica espressione; *confugere* nel nostro caso, sta proprio per rifugiarsi, ed infatti il termine nei secoli precedenti, conservato ancora nel XVI°^o, lo troviamo usato in molte preghiere ed invocazioni rivolte alla Vergine Maria, spesse volte così ...*«sub tuum presidium confugio Virgo Santa ...»* (122) A quest'ancora di salvezza lei s'aggrappa, e con fredda calma, mastreggiando con il lungo ramo ne ricava dei legacci ...*«quibus crus affectum parte alta prope genu, ad poplitem ligavit, ne vis veneni altam corporis subiret partem ...»* con i quali, stringe la parte della gamba al di sopra del ginocchio, affinché l'inesorabile cammino del veleno non invada tutto il corpo.

E quando infine, dopo circa tre ore, l'angosciata madre arriva alla presenza del Lusitano, assistiamo ad un altro mutamento di quadro; alla tem-

AMATI MEDICI LVSI-
TANI CENTVRIA PRIMA
CVRATIONVM MECINALIVM
S V A R V M.

*Curatio prima,habita apud Lusitanos, in qua
agitur de uiperæ morsus curatione.*



VELLA rustica nata annos tredecim, quum vnà cum matre in agrum discalciata absque calapodijs exiret, & messoribus, vigente æstate cibum deferret, incauta in medio itineris à vipera in pede dextro morfa fuit. Mater vero puellam sic punctam & afflictam animaduertens, in oppidú quàm citissime fieri potuit, retrahere se accele-

rat: vtcunque tamen properans, medicamentum pro salute filix machinatur, & ecce thymelæam fruticem offendit, ad quã confugit, & ex ea corrigias parat, quibus crus affectû parte alta prope genu ad poplitem ligauit, optimo sanè consilio, ne vis veneni altam corporis subiret partem. Interpositis igitur tribus horis à punctura, puellam sic affectam ad me deferunt: erat enim tû temporis iam tibia multis & uarijs maculis, liuidis & rubris variegata, adeo vt femur quoque ascenderât, bilem vt mater retulit euo muerat, sed tunc præsens, in quosdam totius corporis tremores, cum vertigine & animi defectu incidit, quapropter cunctatius morsum locum animaduertens, in pedis parte alta, tarso siue pedis raseta, duo nigerrima signa deprehendo, ex quibus iudico, morsum illum à masculo uipera illatum esse, quum duos tantum caninos uipera masculus habeat dentes, fœmina uerò quatuor, nec tantum periculi adfert masculi morsus, quantum fœminæ, præsertim si post cibum morsus fuerit homo, ueluti huic contigit puellæ. Nullo igitur interposito medio, per chirurgum præsentem locum punctam, uulnufculis profundioribus per ambitum scarificare iubeo, & cucurbitulas multa ignitas flamma ad-mouere, quibus sanguis ater & uirulentus latitans, abunde fuit extractus: sed & uniuersam tibiam, leuioribus uulnufculis scarificari quoque iussi, sanguinemq; tandiu ex illis fluere, quoad sua
sponte

sponte cohibitus fuit. Tunc uero ex alijs, ac acribus cepis optime pistis, theriaca adiecta, confectum emplastrum loco demorso admouere curauimus, in potuq; illi theriacas drachmas tres, meracioris uini uncias quinque dissolutas, propinauimus: post hæc uerò, quatuor interpositis horis, panatellam alijs concinnatam, in uictu obtulimus, à somnoq; abstineret quantum possibile esset, monuimus. Sequenti uerò die, puellam quoque tremoribus corripit deprehendi, minoribus tamen, cœperant enim iam fumi uene nosi cor petentes minui, ad infimasq; partes retrahi, tunc ieiuno stomacho, succi foliorum fraxini uncias quatuor in potu dedimus. Est enim medicamentum hoc, omnia antidota in hoc casu excedens, ut latius commentarijs nostris, ad Dioscoridem in lucem æditis, diximus. Emplastrum porrò dictum è nouo paratū, iterum loco per tres sequentes admotū fuit dies, in quibus quoque & alijs sequentibus, prædictum fraxini succum ebibit, iam enim puella melius habebat, & à tremoribus & animi anxietate, ferè leuata erat, sed ex uulneribus profundioribus loco demorso adhibitis oleosa quædã sanies fluebat, immo uulnera ipsa denigrata quodam modo apparebant. Elapsis igitur quatuor primis diebus, plagæ, caprarum fimus cum baccarum lauri ac euphorbii puluere uino mixtus ac calidus in splenio siue plagula apponebatur, cum quo sanies illa, iam æruginosa facta, optime exibat, & eo per quatuor alios sequentes dies usã fuit, postea hoc unguentum parare feci, quod habet.

R. Pulueris Aristolochiæ longæ unc. ii.

Brioniæ

Hastulæ regiæ. i. asphodeli ann. unc. j.

Galbani

Myrrhæ unc. sem.

Olei laurini cum cera. q. suff. fiat unguetum, & in splenio, hoc est panniculo linco, forcipibus multū inciso, loco morso, bis in die applicetur: quo remedio, per mensem ferè integrum usã fuit, quum uulnera ita longo tempore aperta sint, opus est, tandem unguento basilicone, ad cicatricem uulnera redacta sunt, & ipsa puella integræ sanitati restituta. Cæterum Norcherie, octo miliaribus à Fulgineo ciuitate, Gentilis illius magni Auicennæ interpretis patria, saluberrimus fons est, aqua frigidissima plenus, in qua si uiperæ, aut serpentibus demorsi demergantur, ac per horam ibi manserint, sani & liberi euadunt, quod euenire forsitan contingit, quia gelidæ frigiditas, ueneni uiperini caliditatem infringit, ac obtundit, & hebetat.

SCHOLA.

pesta subentra una calma piena di fiducia. Quietè fatta di saggezza che s'irradia dal medico, che tal quale un mago, non nel senso deleterio della parola, nel pronunciare le parole, *optime sane consilio*, racchiudenti la sua ammirazione per l'intelligente quanto tempestivo comportamento della madre, da inizio alla terapia sapiente e precisa, che a parte l'enorme bagaglio farmacologico alquanto pesante e complicato che lo avviluppa; quello chirurgico delle *scarificazioni*, che in fondo è ciò che aiuta la piccola a guarire, è quanto mai moderno, tale da non poter sfigurare neppure in uno dei tanti trattati del nostro tempo. (123)

E se dobbiamo interrompere il nostro racconto, quasi a lasciar tranquillo e calmo Amato Lusitano, nella sua tecnica sapiente, che ridona alla bimba la vita. Possiamo raffrontare, senza esitazione, l'andamento di questa storia clinica, nella sua impostazione e nel fluire, con i suoi vari momenti e tempi, ad una meravigliosa sinfonia, diciamo pastorale. Ma se il quadro agreste, gli affetti familiari, i tumulti dell'animo, l'arte che risana, gl'innumerevoli personaggi chiamati a testimoniare, valgono a riportarla al raffronto sinfonico. La sua completezza, il culto dell'intimo di cui è permeata, vale anche a costituire un insostituibile *explicit*, di questo ricordo delle Marche, al suo grande medico cinquecentesco in Ancona, Amato Lusitano.

NOTE

(Página deixada propositadamente em branco)

(1) Sergio Ricossa nella sua, *Storia della fatica*, Roma 1974, scrive ...«Un onesto studio della storia non porta allo storicismo», porta all'umiltà dell'uomo. Noi viviamo come viviamo per una somma di quasi infiniti addendi, di quasi infiniti contributi piccoli o grandi alla nostra civiltà, recati da un numero quasi infinito di individui ignoti o illustri, che agirono indipendentemente, imprevedibilmente, senza seguire un disegno globale, distribuiti quasi a caso nel corso dei millenni, con inspiegabili addensamenti in taluni periodi privilegiati. Non conosciamo un solo nome della Rivoluzione Agricola del neolitico, e senza nulla togliere a James Watt, egli va considerato più un simbolo che il deus ex machina della Rivoluzione Industriale. Edmund Burke diceva: «Nella mia vita ho conosciuto e, secondo la mia misura, collaborato con grandi uomini; e tuttavia non ho ancora visto mai alcun piano, che non sia stato emendato dalle osservazioni di coloro i quali erano, nel comprendere, assai inferiori alla persona, che aveva preso l'iniziativa dell'affare» Così oggi possediamo un patrimonio ereditario che sarebbe follia denigrare e dissipare.

La storia della gente comune porta al riconoscimento dell'importanza della gente comune, non perché tutti siamo uguali, come le formiche, ma perché tutti siamo diversi: l'esperienza personale di ciascuno di noi è irripetuta e irripetibile. Questa storia porta inoltre al riconoscimento dell'importanza della libertà individuale.»

(2) Marc Bloch: *Lavoro e tecnica nel medioevo*, Bari 1969. *L'apologia della storia o mestiere di storico* (traduz. ital.) Torino 1975. È proprio in quest'ultimo libro, il postumo, di Marc Bloch, che dobbiamo raccogliere questa grande e giusta ammonizione ...«*Sarebbe una grande illusione immaginare che a ciascun problema storico corrisponda un tipo unico di documenti, specializzato per quell'uso. Al contrario, quanto più la ricerca si sforza di cogliere i fatti profondi, tanto meno può sperare luce da altra fonte che dai raggi convergenti di testimonianze di natura assai diversa ...*»

(3) La prima edizione dell'Indice al Dioscoride è indubbiamente quella di Anversa, stampata nel 1536, *Index Dioscoridis...* col nome di Joanne Roderico Castelli Albi Lusitano. Dopo le varie rielaborazioni dei suoi libri, *In Dioscoridis Anazabei de materia medica libri quinque e le sette centurie mediche*, iniziate a scrivere nel settembre del 1546, secondo la sua asserzione nella IX memoria della I^a centuria, il Lusitano aveva in mente di pubblicare anche un libro dal titolo «*de Lapide*», come accenna nella *enarratio* 118 del V libro del *Dioscoride* a p. 510, dell'edizione che più appresso citerò. Un *Commentario* al *IV libro dell'Avicenna*, sul testo portato in latino, purtroppo dovuto abbandonare a causa del suo precipitoso trasferimento a Pesaro, dopo la Bolla di Paolo IV del Luglio 1555, come ricorda nell'osservazione clinica LXX^a della V centuria, e sulla quale mi soffermerò ancora.

Infine, anche nell'osservazione 31^a della II centuria a proposito della terapia che pratica a Vincenzo de' Nobili, preside della città di Ancona, egli ci fornisce un bel trattato sulla l'uso

della china, preludio a quel libro più completo che voleva scrivere e pubblicare sull'argomento ...«*Quae tamquam praeludium ad libellum de hac re a nos propediem scribendum, Excellentiae tuae dicantur.*»

Intanto, a dimostrare quanto nelle Marche l'opera del Lusitano fosse tenuta in considerazione, ritrascrivo tutte le edizioni possedute dalla Biblioteca Comunale di Fermo che risultano di sicura acquisizione coeva.

I) *In Dioscoridis Anazarbei de medica materia libri quinque*, Venezia 1553; è quest'esemplare l'edizione ancipite dello Scoto. II) *Curatium medicinalium centuriae quatuor*, Venezia 1557 (esemplari 2). III) *In Dioscoridis Anazarbei de medica materia...*, Lione 1558 (esemplari 2). IV) *Curatium medicinalium... centuriae duae*, V ac VI, Venezia 1560. V) *Curatium medicinalium centuriae I, II, III, IV*, Lione 1560. VI) *Curatium medicinalium...*, V ac VI, Lione 1564. VII) *Curatium medicinalium... centuriae III, IV*, Venezia 1565. VIII) *Curatium medicinalium... centuriae quatuor*, Venezia 1557. IX) *Curatium medicinalium... centuria septem*, Lione 1570. X) *Curatium Medicinalium... centuriae septem*, Barcellona 1628.

Le citazioni pertinenti le prime quattro centurie sono desunte dalla edizione Veneta del 1557, mentre per le citazioni della V e della VI si è ricorso alla edizione Veneta del 1560.

(4) La colonia israelitica in Ancona, nel secolo XVI fu particolarmente florida e Mario Natalucci in: *Ancona attraverso i secoli*, vol. II, p. 139-146, Città di Castello 1960, ce ne fornisce un quadro preciso corredato da numerosi riferimenti. Per questo motivo trovo giusto trascrivere l'incipit del capitolo del Natalucci sulla colonia israelitica in Ancona e le sue alterne vicende. «La maggiore importanza la colonia israelitica l'assume nel secolo XVI^o. Alle famiglie; già stabilitesi in città, in altri tempi, se ne aggiungono altre numerose: alcune provenivano dalle regioni d'Oriente per motivo di traffico e forse anche per sottrarsi alle persecuzioni; nel 1539 altre famiglie, cacciate da Napoli, per ordine di Carlo V, presero dimora in Ancona dove aprirono una propria Sinagoga; altri Ebrei infine provenivano dal Portogallo e dalla Spagna, donde erano stati espulsi...» Vedi anche, Giulio Saracini, *Historia d'Ancona ...*, Roma 1675, parte II lib. XI p. 361-362.

Una completa e precisa trattazione sull'argomento «gli ebrei nelle Marche e in Ancona nel secolo XVI», è contenuta nell'opera di Attilio Milano, *Gli Ebrei in Italia*, Torino 1963, ed alla quale rimando. Come pure a Benjamin Nehemjah, cronista ebreo che visse intorno alla metà del secolo XVI a Civitanova nelle Marche, e scrisse la cronaca sulle persecuzioni di Paolo IV, (Bolla del 12 luglio 1555).

Nel *Dizionario Bibliografico degli italiani*, vol. VIII, p. 501-502, Roma 1966. Vi si trovano delle notizie molto precise sopra Benjamin Nehemjah, cronista ebreo.

(5) *Curatium medicinalium ...*, Venezia 1567. *XX memoria cent. II.*

(6) Elenco delle comunicazioni presentate e discusse nel Congresso Internazionale di Storia della Medicina a Siena nel 1968 (Simposio per il IV centenario della morte d'Amato Lusitano) J. O. Leibowitz, *Amatus Lusitanus (1511-1568) à Salonique*. José Lopes Dias: *Iconografie memento on Amatus Lusitanus (1511-1568)*. A. Tavares de Sousa, *A L'Occasion du quatrieme centenaire de la mort d'Amatus Lusitanus*. José de Paiva Boleo, *Amato Lusitano inventeur de l'obturateur palatin*. D. J. Caria Mendes: *Amatus Lusitanus anatomista*. Miller Guerra, *Amatı Juszuran-dum*. In Atti XXI Congr. di Storia della medicina, vol. II, (Siena 1968), Roma s.d.

(7) In anatomia, a parte l'attività dissestoria praticata su larga scala col nostro Canano, a lui dobbiamo attribuire la messa in evidenza, tra l'altro, dell'esistenza delle valvole venose e della loro fuazione. P. Capparoni: *Amato Lusitano e la sua testimonianza della scoperta delle valvole delle vene fatta da G. B. Canano*, in Atti del «Congresso di Historia da Actividade scientifica Portughesa. Tomo II, p. 67 (1940). L. Munster: *Giovanni Battista Canano und seine Muskelanatomie* (1541) in *Frühe Anatomie*, Herausg. von R. Herrlinger und F. Kudlien Wissenschaftliche Verlagsgesellschaft M.B.H., (1967). L. Samoggia: *Aspetti del pensiero scientifico di Amato Lusitano*. In *Pagine di Storia della medicina* Anno X, n. 3, p. 14 (1968). Circa i rapporti di studio che il Lusitano ebbe con G. B. Canano, vedi anche la XXIX memoria della I centuria. *De phimate tumore, quem passus est author... Petis amicorum omnium optime Canane...* (Nella presente nota ho citato sia i lavori dei sostenitori della priorità del Lusitano nella descrizione delle valvole venose, sia di coloro che non completamente l'accettano).

(8) *LXX memoria medica* della *V centuria*, che più volte, per vari motivi, dovremo citare nelle sue parti. Le edizioni delle opere di Bartolomeo Eustachio, possedute dalla Comunale di Fermo sono le seguenti: *Opuscula anatomica cum annotationibus*, Venezia 1563. *Opuscula anatomica cum annotationibus*, Venezia 1564. *Libellus de dentibus*, vi è unito M. A. Biondi, *de affectibus infantum*, Venezia 1563. *Aerotiani graeci scriptoris vetustissimi... cum annotationibus B. Eustachij...* vi è unito il libello *de multitudine*, Venezia 1556. Vi sono rilegati, Marcello Donato, *de variolis et morbillis*, Mantova 1569. Ferdinando Eustachio, *De vitae humanae... disputatio*, Roma 1586.

(9) Carlo Gentili, *Elogio di Bartolomeo Eustachio*, Macerata 1837. Giovanni Panelli, *Memorie degli uomini illustri e chiari in medicina del Piceno*, p. 137-182, Ascoli 1757.

(10) Giuliano Saracini, in *Notizie storiche d'Ancona... Roma 1675*, lib. XI, parte II, p. 365 (anno 1551), prende dal nostro autore soltanto questa marginale notizia... «*Segui l'anno 1551, nel quale dice il padre Giovanni Stefano Menocchi della Compagnia di Gesù: chi potrà render ragione di quello, che scrive Amato Lusitano, centuria quarta, nel mese di Dicembre, tutte le donne anconitane partorivano maschi, e se in quel mese nacque alcuna femina, non ebbe vita; al contrario nel mese di Gennaio dell'anno 1553 in detta città partorivano le donne tutte femine, e se alcun maschio nasceva, o moriva, ovvero restava di mala condizione, debole o stroppiato...*»

(11) Gaetano Marini, *Degli Archiatri Pontifici*, Vol. II, p. 414-417, Roma 1784.

(12) *Curationum medicinalium... Venezia 1557*. Questa dedicatoria porta la data: *in Ancona nell'aprile del 1554*, E' diretta a D. Alfonso Alecastrensi e nell'edizione in parola, precede la serie delle memorie contenute nella *III centuria*.

(13) *Curationum medicinalium... Venezia 1560*, nella *XXX memoria* della *V cent.* Descrive un apparecchio da lui ideato, per estendere il dito retratto della mano destra del Pontefice Giulio III, affetto da tofi poliartrici, che gli impedivano la scrittura.

(14) Curzio Sprengel, *Storia prammatica della medicina*, Tomo V, p. 215-218, Venezia 1813.

(15) Girolamo Tiraboschi, *Storia della letteratura italiana*, Tomo VII, lib. II, p. 802, Venezia 1824.

(16) *Filippo Sassetti, lettere edite ed inedite*, (Annotate da Ettore Marcucci, Firenze 1855). *Nel discorso sopra il cinnamono* a p. 385, che costituisce anche una bella polemica sull'argomento. Si occupa con precisione di tutti coloro che si sono occupati del cinnamono, Erodoto, Teofrasto, Dioscoride, Plinio, Galeno, Andrea Lacuna, Fuxio, Garzia d'Orte, Cristoval Acosta, il nostro Mattioli. Dichiarando in fine, che Amato Lusitano erra di molto, allorché asserisce che tutte le specie di cinnamono descritte dagli antichi, si possono ritrovare nella Cassia d'India di Lisbona.

(17) Nella Biblioteca Comunale di Fermo, sono raccolte le seguenti opere di P. A. Mattioli, *Il Dioscoride con li suoi discorsi da esso la terza volta illustrati*, Venezia 1550. *In libros sex Pedacii Dioscoridis de materia medica commentarii*, Venezia 1554. *Apologia adversus Amatum Lusitanum, cum censura in ejusdem enarrationes*, Venezia 1558. *Epistularium medicinalium*, Praga 1561. *Epistularium medicinalium libri quinque*, Lione 1564. *Commentarii Dioscoridis de materia medica*, Venezia 1570. *Discorsi sopra i libri di materia medicinale di Pedacio Dioscoride*, Venezia 1573. *Commentari in VI libros Pedacii Dioscoridis*, Basilea 1598. *Nelli sei libri di Pedacio Dioscoride*, Venezia 1604. (Apostolo Zeno raccomanda questa edizione sopra ogni altra, preferendola anche a quella assai bella e ricercata del Valgrisio, Venezia 1585). *Dioscoride tradotto da M. Pietro Mattioli*, (s.d. e l.s. perché mancante del principio e della fine), vi sono numerose postille manoscritte. Si omettono gli altri autori commentatori, chiosatori dell'opera del Mattioli conservati nella Biblioteca firmana, citando solo: Antonio Pasini, *Annotazioni sulla traduzione di Andrea Mattioli, sopra i cinque libri delle materie medicinali*, Bergamo 1600.

(18) La memoria LXX della V centuria, Venezia 1560 p. 105-108, è molto interessante non soltanto per il contenuto sugli studi anatomici, ma anche per le notizie che egli assicura di aver ricevute dall'Eustachio a Roma, circa l'imminente stampa dei suoi libri di anatomia.

(19) Nella Biblioteca Comunale di Fermo, in un volume unico stampato a Venezia nel 1555, sono contenute le seguenti interessanti opere. I) Jacobi Silvij: *commentarius de febribus*. II) *Anatomie Isagoges ejusdem*. III) *In variis corporibus secundis observata quaedam a Jacobo Sylvio medico*. IV) *Commentarius in Claudij Galeni duos libros de differentijs febrium*. V) *Vaesani Cuiusdam columniarum in Hippocratis Galenisque seu anatomicarum depulsio*. VI) Heneri (Renati): *Adversus Jacobi Sylvii depulsionum anatomicarum columnias pro Andrea Vesalio Apologia*. VII) Nicola Machelli: *tractatus de morbo gallico*. VIII) *Razae Libellus de peste de graeco in latinum sermonem versus per Nicolaum Machellum*.

(20) Nella XXXI memoria della I centuria p. 99-104, Venezia 1557 a parte questa esplicita considerazione per il Vesalio... «*Vero Joannes Bapstista Cananus, magnae spei vir qui in dissecandis corporibus Humanis, alter Vesalius habetur...*» ci segnala i nomi e le attività di molti altri medici italiani in Ferrara e nella città di Venezia, dei quali torneremo a dire più avanti.

(21) *Comento al Dioscoride...* 54^a narrazione del IV libro «Trago italice Soda... «*Quum enim anno a Christo nato millesimo quinquagesimo quadragesimo septimo, Mense Majo, e Ferraria Anconam venissem, litora maris prope Mangevaccam hac herba cum chretano scotere deprehendi...*» Magnavacca è una frazione di Comacchio, e doveva costituire un punto di notevole importanza per la sosta dei viaggiatori. Anche in un raro libretto, che è un interessante iter, una perfetta guida e resoconto di un pellegrinaggio compiuto dal veneziano Bartolomeo Fontana, da solo, con partenza da Venezia, passaggio per Loreto e Roma, sino a San Giacomo di Com-

postella e ritorno a Venezia; (dal 19 febbraio 1538 all'inverno del 1539). Si parla e si sottolinea questa località. Il libretto del Fontana, *Itinerario ovvero viaggio da Venezia a Roma* (sino a S. Giacomo di Galizia e ritorno a Venezia), p. 70 f. 35, in corsivo, ctm. 15×10, Bindoni, Venezia 1550, è rilegato nella Comunale di Fermo, con: *Viaggi fatti da Vinetia alla Tana, in Persia, in Turchia, in Costantinopoli*, Venezia 1543.

(22) Luigi Simeoni, *Le Signorie*, Vol. II Cap. LIII p. 1074-85, in Storia politica d'Italia, Milano 1950.

(23) Un attento esame del contenuto delle lettere del Sassetti, di Ancona ed in Ancona, nel periodo 1571-1573, dimostra tutta la sua intensa partecipazione alla nostra vita quotidiana.

(24) Per una più vasta conoscenza del cinquecento anconitano, vedasi l'elenco dei testi nelle fonti bibliografiche.

(25) Filippo Sassetti (1540-1588), questo bel letterato viaggiatore, ma anche scienziato, immercantito suo malgrado, ma quest'ultima attività, ci domandiamo, gli ha nuociuto o permesso di svelarci, come nessuno, un mondo nuovo? Risiedette in Ancona, per un certo periodo, come curatore degli affari del cugino Giacomini intorno agli anni 1571-1573. Dalla nostra città scrisse a vari personaggi delle lettere molto interessanti e si occupò anche di un serio problema del momento: «*Ragionamento sopra il commercio tra toscani e levantini*», che interessa particolarmente Ancona ed i suoi traffici. Per le citazioni a lui riferentisi nel corso di questa trattazione, mi sono servito delle; *lettere edite ed inedite di Filippo Sassetti, raccolte ed annotate da Ettore Marcucci*, Firenze 1855. *Lettere raccolte da Angelo de Gubernatis in; storie dei viaggiatori italiani nelle Indie orientali*, Livorno 1875. *Filippo Sassetti, lettere sopra i suoi viaggi nelle Indie orientali dal 1578 al 1588, con l'orazione di Luigi Alamanni in lode di Filippo Sassetti nell'Accademia degli Alterati, (l'Assetato) a cura di P. Viani*, Reggio 1844.

Per gli studi moderni sul Sassetti, consiglio di leggere, malgrado gli spunti un pò troppo polemici: Marica Milanese, *Filippo Sassetti* (a cura dell'Istituto di Geografia umana, facoltà di lettere e filosofia di Milano) I^a ediz. Firenze 1973, contenente anche un nutrito elenco delle edizioni degli scritti di Filippo Sassetti. Mentre per la Famiglia Giacomini leggasi, Filippo Vecchietti, la *Biblioteca Picena* alla voce «*Giacomini*», Osimo 1790-1796.

(26) Francesco Ferretti: *Dell'osservanza militare*, Venezia 1568. *I diporti notturni*, Ancona 1580. Per le notizie sulla Famiglia Ferretti, vedi Giuliano Saracini: *Notizie storiche d'Ancona*, p. 509-511, Roma 1675. *Biblioteca Picena*, Tomo IV, Osimo 1795. Carlo Promis: *gl'ingegneri militari della Marca d'Ancona ...* Torino 1865. Carlo Rinaldini: *intorno al libro degli ingegneri militari della Marca d'Ancona di Carlo Promis*, Ancona 1865.

(27) Niccolò Tartaglia (1499-1557) la Biblioteca Comunale di Fermo ne possiede le seguenti opere: *La nuova scienza con una giunta al III libro*, Venezia 1558. Vi sono unite: *Quesiti et invenzioni diverse*, Venezia 1554; *Regola generale per sollevare con ragione a misura*, Venezia 1551.

Per una più completa conoscenza di Niccolò Tartaglia, illustre personaggio del nostro Rinascimento, rinvio alla riproduzione in *fac simile* dell'edizione del 1554, *Quesiti et invenzioni diverse*: pubblicata da Arnaldo Masotti, a cura dell'Ateneo di Brescia nel 1959, per il IV centenario della

morte del Tartaglia. Questa edizione, con le sue parti introduttive, rappresenta la più bella visione d'insieme a tuttoggi dell'importante opera.

(28) Enrico Castelli, *Il tempo esaurito*, Roma 1954.

(29) Francesco Ferretti, nei, *Diporti notturni* ... ci descrive una particolare formazione, che per motivi di sicurezza, assume lo squadrone durante la notte, alla quale da il nome di *lunato* per l'aspetto.

Nell'altro suo libro, *l'osservanza militare*, questa formazione era stata illustrata erroneamente, con i cannoni al centro, p. 78-79. Ed è per questa ragione che nei *diporti notturni*, p. 54-56 il nostro autore è costretto a precisare così ...«*Narrazione e dimostrazione figurale dell'importanza dello squadrone lunato, emendato dall'errore commesso in Venezia nell'osservanza militare, stampata nel 1568 e poi nel 1577.*

(30) I *diporti notturni* ... p. 184-185, il Ferretti parla molto estesamente delle condizioni idriche di Ancona, acque sorgive, e conservate, cisterne, pozzi, etc. A parte l'antica «Fonte del Calamo», a noi deve interessare particolarmente questa notizia pertinente l'«acqua di Santa Maria» ...«*La più parte di questa acqua ch'io dico che non manca mai è sanissima e buona da bere; si come è quella dell'abondante fonte di Santa Maria della piazza; la quale stando sempre al pubblico servitio in gran parte supplisce al molto grave bisogno delle navi, et d'altri navigli che si sciogliono dal porto per fare lungo viaggio; et li naviganti chiaramente dicono che in mare, quest'acqua dove facilmente si putrefa ogni sorte d'acqua, si conserva più lungo tempo che ogn'altra acqua che d'altrove vi si porti, la qualcosa fa pur manifesto indizio anzi ferma certezza, della sua perfetta bontà...*»

(31) Francesco Borioni, *L'autunno dell'anno 1836 in Ancona*, Jesi 1837. p. 44-45. In questo delizioso libro dell'abate Borioni, nel quale si descrive il colera dell'anno 1836 che infierì in Ancona e poi si estese un pò dappertutto nelle Marche. Vi sono inserite delle straordinarie pagine descrittive di maniere di vita, di costumanze, di traffici dell'Ancona ancora felice avanti la bufera colerica. L'abate Borioni così, prima della tempesta colerica, vedeva il nostro porto ...«*Se al recinto del porto alcuno volgeva l'occhio uno spettacolo mirava quanto sorprendente, tanto piacevole; perché sembrava una foresta di pini e di abeti gli alberi de' numerosi navilij che avevano approdato, carichi tutti, e grandi e mezzani e piccioli...*» E trecento anni prima, Francesco Ferretti, quasi con le stesse parole aveva descritto un porto nordico nei suoi *diporti notturni*, p. 136, ...«*Partendomi m'imbarcai per Fiandra capitando ad alcune isole di Zelanda dove osservai di più notevole, tante quantità di navi remeggiate, che alquanto della lunga, per l'arboratura di esse, mi parve di vedere una selva di meravigliosa grandezza...*»

(32) L'opera di Benvenuto Stracca, che costituisce un punto di riferimento per il dritto commerciale marittimo, la Biblioteca Comunale di Fermo la possiede nell'edizione veneta del 1576: *Tractato de mercatura seu de mercatore*.

La poesia di Nicandro Toletano dedicata ai lettori del trattato ...«*ad lectorem Ambrosius Nicander Toletanus*, contrariamente al suo solito è breve e concisa, gratificando così lo Stracca ...«*Stracca honor Anconae ...*» Esiste un'altra opera dal titolo: *della mercatura e del mercante perfetto*, del raguseo Benedetto Cotrugli. L'esemplare in possesso della Biblioteca Comunale di Fermo, è quello di Brescia del 1602. Ma questo libro, pur nella eleganza e preziosità di stile, rappresenta soltanto un codice completo, del modo in cui deve comportarsi il mercante, nella famiglia, negli affetti, nel mondo degli affari, nell'ambiente che lo circonda.

(33) Nelle *memorie mediche* della IV *centuria*, con datazione 1552-1553, vi sono due lettere che Ambrogio Nicandro scrive ad Antonio Barberino ... *Ambrosius Nicander Toletanus Antonio Barberino non minus nobili quam docto S.D.P., che fanno da premessa a questa centuria della mia edizione.* In esse il nostro Toletano descrive con molti dettagli i suoi malanni e naturalmente tessendo le lodi del Lusitano. Nella *Storia di Ancona* dell'abate Leoni, stampato in Ancona nel 1832, nel libro XII, al primo capitolo, vi è una lunga nota a proposito del Nicandro, che per le sua importanza reputo opportuno di ritrascriverla nella sua integrità ... «*L'Illustrissimo e Reverendissimo signor canonico Gaetano Baluffi pro Vicario generale così scrive all'abate Leoni scrittore del presente ristretto ec.*

Amico Carissimo

Monsignor Bellabarba assogettò Ancona nel di 20 settembre 1532. Ed io ho letto un libro di Poesie di Ambrogio Nicandro dato in luce da Vinnuto Stracca discepolo di detto Nicandro, nella fine del qual libro, stampato pochi mesi prima, sta scritto così — Imprimebat Anconae Gennarius de Monte Ferrato Mag. Sen. Anconitani impressor curarunt: tamen imprimendum sumptu publico Clariss. Cives Joan: Baptista Benincasa. Jac. Angelus equites splendidiss. et Jac. Boncamb. Fredduc. III. Viri ab expensis Anconitanæ Reip. III. K. Aprilis MDXXXII.

Abbatevte questa notizia, e servitevene. Addio.

L'Affezionatissimo Amico

G. C. Baluffi

E' pregio dell'opera qui aggiungere le notizie comunicatemi dal valentissimo P. Antonio Aghich de' Minori riguardo il suddetto Nicandro. Questo dotto spagnolo è stato per più anni pubblico salariato precettore in belle lettere alla gioventù d'Ancona. Didaco Pirro ossia Giacomo Flavio Eborense, quando fu in Ancona del 1552 per passare a Roma ha contratto amicizia col suo connazionale Nicandro, a cui perciò scrisse stando tuttavia in Ancona, lamentandosi seco per non averlo visitato, quando si trovava oppresso dalla febbre. Questo scritto è un epigramma di otto distici, che si trova alla pagina 162 delle poesie di Didaco stampate in Venezia del 1596 «Nicander homo hispanus, Toleti natus, in miserabili illa sub. Borbonio Urbis direptione; bona amisit. Inde in agrum Picenum veniens, Anconitanam juventutem «AERE PUBLICO Graece et Latine docuit Celebravit heroico carmine, quod postea edidit, D. Cyriacum «illius urbis praesidem atque custodem moritur septuagenario major sub Caraffa Pontifice maximo: «cioè sotto Paolo Quarto ... Didaco scrive in un ode che quando Nicandro morrà, sarà seppellito in s. Ciriaco.

*Te splendens ebore et marmore, et aureis Tectis Cyriaci domus
Manet, clara tuis caminibus domus.»*

(34) *Commento al Dioscoride, libr. I de Elate, p. 134-136.*

(35) *Cormento al Dioscoride ... (della Palma), p. 136-137.*

(36) *Curationum medicinalium ... LII memoria della I cent. ... «de Pleuritide, ac de ratione vera, propter quid secunda vena sit axillaris ejusdem brachi ubi dolor est ...»* ove a parte le ragioni addotte a suo favore per questo procedimento, non dimentica di sottolineare ... «*ut ibidem quoque adnotabat Johannes Baptista Cananus admirandus anatomicus ...»*

(37) *Mario Natalucci, Ancona attraverso i secoli ... Vol. II, p. 140-146.*

(38) *Curationum medicinalium ... II memoria della I cent. ... «pro cuius recuperanda sanitate accessiti sunt duo celebres medici: unus Dionysius, olim regis Lusitaniae medicus, qui*

non multum antea, Antuerpian celeberrimum totius Europae emporium, ubi haec contigere, pervenerat.

(39) *Commento al Dioscoride*: Enarratio 7, de vino p. 471-472. Questo piccolo dettaglio, gettato così a caso dal Lusitano, cioè che Anversa costituiva uno di quei scali in cui, fra l'altro, i mercanti convenuti, avevano modo di contrarre conoscenze, amicizie, etc, viene ripreso esaurientemente nella nota seguente da Filippo Sassetti.

Sempre sull'uso del vino, che il Lusitano spesso in terapia, nella XXVIII memoria della I Centuria, *De vini propinatione in febris continuis*, ci fornisce un'interessante notizia su certe consuetudini dei francesi, tedeschi ed italiani, i quali somministrano lo spirito della vite all'infante sin dalla culla, che a sua volta con vagiti e pianti ben lo richiedeva... *Nam extra Hispaniam omnes tam Galli, quam Itali, et Germani, ab incunabulis, vino in potu utuntur: et infantibus suis, in cunis vagientibus vinum praebent...*

(40) Filippo Sassetti, Lettere edite, inedite... *Nel ragionamento tra i Toscani e i levantini*, p. 102-116. Fra le varie attrezzature che i Sassetti propone per un buon funzionamento del porto di Livorno, che avrebbe potuto contrapporsi, ma non superare quello di Ancona, è questo che scrive, p. 103-104...» *e poi trovino abitazioni convenienti e capaci per loro, con magazzini dove è possano riporre le loro merci, le quali fuori dalla persona loro non oserebbero lasciare. E a questo capo riguardando dello alloggiarli e dare stanze per le robe che è ci conducono, mi è parso molto gentile e conveniente il modo tenuto dalla città di Anversa nello alloggiare i popoli di Ostarlante.*

E gli Inghilesi: i quali venendo in quella riviera con mercanzie in flotte di 200 e più navi, sono ricevuti tutti, l'una nazione e l'altra separatamente, in due palagi grandi, agiati e bene accomodati, detti da loro l'uno il palazzo degli Osterini, e l'altro degli inghilesi: nei quali sono stanze molte, e in ciascuna d'esse si ricovera un mercante, che la trova fornita di legname da letto, di pagliericcio, desco e panche; ed in basso sono stanze per la sua mercanzia: e nei detti palagi è uno sopracciò che serve quei forestieri di tutte l'altre cose al vitto necessarie, con i danari loro: come di panni, lini prestandoli loro a costo; e li serve ancora d'oste provvedendo a ciascuno secondo il gusto proprio.

La quale commodità si potrebbe dare a' levantini che venissero a Livorno, con preparare loro un ricetto simile, il quale di sopra avesse stanze per la persona, e di sotto fusse per ciascuno un magazzino, dove e' tenesse le sue merci: e' n questa maniera verrebbero con grande agio alloggiati. E tutto che queste abitazioni fusse di spesa a farsi, il commercio ne riceverebbe tanto nome, che quanto altro non ne traesse; sarebbe ciò bastevole a fare che la spesa vi fusse bene impiegata, e tanto maggiore nome li darebbe, quanto ella più comoda fusse, e più franca...»

(41) Mario Natalucci, *Ancona attraverso i secoli ...* p. 130-132.

(42) *Commento al Dioscoride*. (De Raphontico) lib. III p. 284-287. Se in questa *Enarratio*, troviamo una così importante affermazione a proposito della città di Ancona ed i suoi traffici con l'Oriente. Un attento esame di questo libro, potrebbe anche darci motivo per la compilazione di una nutrita lista di mercanti ed importatori operanti in Ancona. Ecco un esempio fra i tanti, tratto dall'Enarratio 15 (*menta romana*), dove facciamo subito la conoscenza con un mercante portoghese che operava in Ancona ed aveva rapporti con l'India...*quum Franciscus qui Anconae agit ...*

(43) *Commento al Dioscoride*, (de terra Lemnia), Lib. V, p. 492-93. Se in questa narrazione, il Lusitano ci da ampie notizie sulla terra così detta «sigillata», dal privilegio impostovi

dai turchi e nel contempo ci fa pure conoscere, come da quelle regioni, Ancona vi esportasse anche certi particolari vestiti e tessuti, (*vestes ondulatas sive symboloticas*). Francesco Ferretti nel suo tentativo di isolario a p. 102 dei *Diporti notturni*, ci da una efficace descrizione dell'isola di Stalimini (Lemno), aggiungendo molte notizie sulla *terra lemnia* e sulle sue proprietà terapeutiche. Notizia che se non sfuggita ad un autore di questioni militari, sta ancora a dimostrare l'uso molto generalizzato della sostanza nel tempo, e la ricchezza di altri contenuti nel libro del Ferretti.

(44) Le lettere spedite in Ancona e di Ancona da Filippo Sassetti (raccolta Marcucci) sono le seguenti. (XIII) a Lorenzo Giacomini in Ancona, di Pisa il 22 di Marzo 1571. (XVII), a Lorenzo Giacomini in Firenze, di Ancona il 28^o Giugno 1572. (ove ricorda l'incanto delle sue passeggiate e delle soste a San Ciriaco). (XVIII) a Lorenzo Giacomini in Firenze, d'Ancona, Luglio 1572. (dove mostra intenzione di recarsi nel santuario di Loreto ...» e *si peccatores preces exaudiantur, voi lo sentirete...*) (XIX) a Lorenzo Giacomini in Firenze d'Ancona, 9 Agosto 1572. (dove esprime un giudizio molto severo sull'onestà dei mercanti di Pesaro). (XX) a Lorenzo Giacomini in Ancona, di Firenze il 25 di ottobre 1572. (XXII) a Lorenzo Giacomini in Ancona, di Pisa l'11 marzo 1573. (ove tra l'altro non approva ch'egli si sia intromesso in uno spettacolo teatrale datosi in Ancona). (XXIII) a Lorenzo Giacomini in Ancona, di Pisa il 7 maggio 1573. (XXIV) a Lorenzo Giacomini in Ancona, di Firenze il 20 Giugno 1573. (in cui ricorda del tempo trascorso in Ancona con gratitudine e rimpianto). (XXV) a Lorenzo Giacomini in Ancona, di Firenze il 25 Luglio 1573. (XXVI) a Lorenzo Giacomini in Ancona di Firenze il 22 Agosto 1573. (XXVII) a Lorenzo Giacomini in Ancona, di Pisa il 2 Dicembre 1573.

Non minore importanza riveste l'attento esame delle altre lettere del Sassetti spedite da Lisbona e dall'India, per un valido contributo alla conoscenza della lingua indiana, delle scienze loro, dei principi di astrologia, dei mali del corpo, delle piante medicinali, delle spezie. Egli ci da notizie dei luoghi, del clima, della flora, dei costumi e di quelle maniere di sentire e di pensare, di quel paese, come magnificamente scrive il De Gubernatis «che lo ha interamente affascinato, ed egli come in propria terra vi si lascia morire».

Sassetti è stato un preciso descrittore dello scorbuto, egli ne parla in più lettere, di quella tragedia sempre incombente nei suoi lunghi viaggi.

Sette, otto mesi di mare e qualche volta ancora di più, se il vento non fosse stato favorevole, per compiere il tragitto tra Lisbona e Coccino.

E di questa monotona, spaventosa sintomatologia dello scorbuto egli racconta nella LXXXI lettera collezione Marcucci, nella LXXXV della stessa, datata da Coccino, Gennaio del 1548 ed in un'altra scritta a Francesco de Medici granduca di Toscana, della raccolta di Angelo de Gubernatis: *storie dei viaggiatori italiani nell'India orientale*, Livorno 1875. Ma la più bella descrizione è contenuta nella citata LXXXI lettera della collezione Marcucci, scritta nel dicembre del 1583 da Coccino a Francesco Valori in Firenze (In quel viaggio tra Lisbona e Coccino, ammalarono 160 persone in un giorno) ...«Le malattie sono queste: Cominciano in mala maniera a enfiare le gengive, e impedire il mangiare, e massima il biscotto; ed altri si infradiciano e caggiano; ed altri si fanno tanto grosse, che bisogna tagliarle col rasoio per poter serrare la bocca, la quale getta come ci vengono in questo male, un odore tanto cattivo, quanto voi potete immaginarvi. Con le gengive enfiato le ginocchia e tutte la gambe a poco a poco, e si vanno scoprendo esse certe lentiglie, le quali vanno allargando, sicché elle pigliano la gamba tutta, la quale all'enfiare da tanto dolore, che è grandissima pietà a vedere i poveri infermi. Febbre non si scuopre, ma poco appresso da un dolore di petto, il quale però non proibisce la respirazione, ma te ruina bene la vita... Sempre per la parte medicina, in un'altra lettera scritta da Coccino

a Bernardo Davanzati, (collezione de Gubernatis). Descrive l'albero del *cadirà*, donde si ricava il *catù*; narra la maniera di farlo, descrivendone con minuzia gli usi terapeutici, ma ci da poi un'altra eccezionale notizia sull'antichissimo dottore Gentile, che scrisse la *materia dei Semplici*. Il suo nome è Niganto, un vero trattato di medicina di cui il Sassetti iniziò anche la traduzione, che purtroppo, malgrado le ricerche del de Gubernatis e di altri studiosi, non è stato possibile rintracciare.

Sempre il Sassetti ci fa ancora sapere di avere letto un interessante capitolo sopra quella definizione della medicina ... *Adjectó et ablatio*, discusso con molta precisione, non dimenticando di sottolineare che tutte le scienze in India sono scritte in lingua *Sanscruta*, che vuol dire bene articolata. A proposito di questa parola il de Gubernatis a p. 221 dell'opera citata, *Storia dei viaggiatori nelle Indie occidentali* ... annotata in questo modo ... «*La r'i vocalica sanscrita, per influssi pracritici, suonando ru, la voce sanscr'ita, suonò «sanscruta» all'orecchio del Sassetti, che pronunciava la u breve alla francese. Sanscrutanica si chiamò la lingua sanscrita dei nostri missionari del secolo XVIII.*

(45) *Curationum medicinalium ... XLIII memoria della V centuria*. Questi viaggiatori che dalle coste dell'Atlantico giungevano in Ancona per via interna, stanno a dimostrare l'esistenza di un traffico per certi prodotti, fatto esclusivamente per via di terra. Queste vie sono state ben individuate da diversi studiosi, fra i quali, molto autorevolmente, F. Braudel in: *Civiltà ed imperi nel Mediterraneo nell'età di Filippo II*, Torino 1976. Erano vie che partendo da Anversa, attraversavano tutta la Francia, con qualche derivazione nella Svizzera, e dopo Lione, toccando Vercelli e Bologna, si concludevano in Ancona. Anche l'*iter* di Bartolomeo Fontana già citato in una precedente nota, è una conferma di questi itinerari interni. Infatti nel *Commento al Dioscoride* a proposito del *Muschio* e dello *Zibetto* a p. 38 è il Lusitano stesso che ci conferma ... «*Nam qui Ulyssipponem per mare sex mensium spatio advehitur, non ita bonum moschus est, velut ille qui terrestri itinere venetias adducitur ... ed Ancora nella p. 39 ... Mauri mercatores pedestri itinere octo mensium cum suis caravanis exercendarum mercium gratia singulis annis eunt; ed inde optimum afferrunt muschum, quom postyea in Italiam remittunt. Nam moschus in Portugallis advectus, ut diximus non ita bonus est, quia maris contracta humiditate habebatur...*»

*Del resto, quel Giovanni Tommaso di cui ho già parlato, (XLIII memoria della V centuria), reduce spassato dalla Città d'Anversa, è pur il fratello di un noto aromataro veneto che ha l'officina intitolata «alla triplice corona». Lascia supporre, anche per la parentela, che poteva occuparsi di importazioni di droghe varie, piante medicinali, profumi; particolarmente di quelli che avrebbero sofferto da un trasporto per la via del mare. E che infine il Lusitano, fosse un grande sostenitore dei trasporti per via di terra per le droghe e piante medicinali, ne abbiamo un'altra conferma nella XXXI memoria della II centuria. Ivi raccomanda con insistenza il trasporto della radice di china per tale via, perché quella importata per mare a Lisbona, sette, otto mesi di mare, ammesso che i venti fossero stati favorevoli, corrosa (*aevantida*) dall'umidità marina, non aveva nulla a che fare con quella importata in Italia con carovane camellate... «*Illa vero quam in Italiam Turcae Terra, et in camelis nunc afferri incipiunt, perfectissima est, gravissima, succosa, quae singularibus medicinis comparari potest.**

(46) *Curationum medicinalium ... XXX memoria della II cent.*

(47) Camillo Albertini, *Storia d'Ancona*, Ms. lib. XIV, (Biblioteca Comunale d'Ancona).

(48) Giuliano Saracini, *Notizie storiche della Città d'Ancona*, Roma 1675.

(49) Antonio Leoni, *Storia d'Ancona*, Ancona 1832.

(50) *Curationum medicinalium, XXXI memoria della II cent.*

(51) *Curationum medicinalium... XXV memoria della III cent.*

(52) *Curationum medicinalium... XLIV memoria della IV cent.*

(53) *Curationum medicinalium... LXII memoria della III centuria.* C. Ciavarini in, *Collezione Storica marchigiana*, Tomo I, Ancona 1870, ricorda due «Rivellini» uno al porto e l'altro sotto le ripe di S. Marco, fatte costruire da maestro Piero Amoroso. G. Saracini, in *notizie storiche d'Ancona...* a p. 360, dice che nel 1542 Paolo III fece fondere diverse artiglierie per la fortezza detta «Rivellino», alla bocca del porto d'Ancona. Ma più esatte notizie su queste costruzioni di difesa, così detti Rivellini, possono essere rinvenute in P. Alberto Guglielmotti, *Storia della marina Pontificia*, vol. II, p. 429-432 (e annotazioni pertinenti), Firenze 1871.

(54) Gaetano Marini nel suo, *Gli Archiatri pontifici...*, a proposito di Silvio Zaffiri, archiatra, p. 363-364, quasi a rimprovero dice ...«*Amato Lusitano non ci ha indicato il nome del suo maggior fratello, che fu castellano d'Ancona... ma l'odo chiamarsi Pier Ventura in tre Brevi degli anni 1533-1537-1539, che lo eleggono due volte commissario della fortezza d'Ancona...*»

(55) Giuliano Saracini in, *Notizie storiche della città d'Ancona ...*, Roma 1675, a p. 356 del libro XI (ANNO MDXXXV) ci da una precisa trascrizione di quanto fu inciso sulla lapide della fortezza... *Paulus III, Pontifex Maximus, hanc arcem propugnationibus aptam, huc usque extulit; Mario Aligerio Columna, Episcopo Reatino, et Anconae preside: Baldovinetto Episcopo anconitano procurantibus, cum Petro Ventura Zaffiro. Anno Domini M.D.XXXV.*

(56) *Curationum medicinalium... XCII memoria della I centuria.* A consulto per la malattia di questa fanciulla, educata presso le suore di S. Bartolomeo, furono chiamati vari medici ...«*quorum primus Guidus, qui nunc apud fulginates ex conducto Medicus agit ...* fra questi ancora, Federico Severino, Giovanni Lucensi ed ultimo in ordine di chiamata ...*Hieronimus Fulginas qui nunc apud anconitanos agit.* Questa giovine paziente morì il 28 luglio del 1549, mentre l'osservazione termina con un preciso quadro di tutte le malattie che infierirono in Ancona, dall'estate al dicembre di quell'anno. Vi sono inoltre contenute diverse notizie su personaggi, senza neppure tralasciare la storia dei fatti umili, e la conferma della lunga permanenza di Giovanni Gondola nella città di Ancona.

(57) L'edizione veneta del 1553, del *Commento al Dioscoride*, (alla quale ci riferiamo nella trattazione), è preceduta da una interessante dedicatoria ai rettori del Senato Ragusino Giovanni e Benedetto Gondola.

(58) Giuliano Saracini, *Notizie storiche della città d'Ancona ...* p. 449.

(59) Durante il pontificato di Paolo III, le nuove fortificazioni, la fortezza, il Baluardo, furono ingranditi e consolidati, così il Rivellino vecchio, quello del Cassero, del Calamo; ma sino ad oggi non sono riuscito a dare un nome a quell'architetto morto in duello. Che poi l'arte edificatoria fosse molto attiva nel tempo, bisogna pur notare come in alcune memorie mediche, spesse volte il Lusitano al suo paziente attribuisce il mestiere di *Lapicida* (scarpellino). Nella metà del sec. XVI operarono in Ancona molti valenti *Lapicidi* lombardi. Vedi per questa notizia,

Raffaele Elia, *La personalità artistica di Bernardino di Maestro Pietro da Corona*, In Atti e Memorie dep. Storia Patria per le Marche, p. 3-12, Serie VIII, vol. VI, (1968 + 70), Ancona 1972.

(60) *Curationum medicinalium ... LXVII memoria della I centuria*. Trattasi di un'osservazione di notevole interesse, che dimostra ancora una volta, quanto il Nostro fosse già orientato nella pratica, dell'ausilio dell'anatomia patologica.

Amato Lusitano fu un ammiratore di Antonio Benivieni, l'aureo libretto, *de abditis, non nullis ac mirandis morborum et sanationum causis*, edito dal Giunta postumo, (l'esemplare fermiano è la giuntina del 1507), era da lui consultato spessissimo. Anche a proposito del *Morbo coeliaco*, memoria LXXXVIII della III cent., p. 478-485, ci ricorda come il Benivieni abbia curato similmente, *clystere ex solo lacte condito*, suo padre Paolo. (de abditis non nullis... CVI, *Morbus coeliacus curatus*).

(61) Giuliano Saracini, *Notizie storiche della città d'Ancona...* Vedi l'elenco delle famiglie, degli uomini illustri e dei governatori p. 490-523. Dei Vescovi, Parte IV, p. 524-540 e la nota pertinente i governatori d'Ancona, dell'anno 1532 in qua, p. 541-543.

(62) *Curationum medicinalium*, memoria I della I cent.

(63) Balduino Fiorentino, vedi, Giuliano Saracini, *memorie storiche della città d'Ancona...*(anno 1524 fu eletto vescovo, morì nel 1538) p. 539.

(64) *Curationum medicinalium ... LXXV memoria della I cent.* Marc Bloch, nella sua autorevole e sempre attuale opera: *I re taumaturghi*, Torino 1974, (ristampa) e per la quale ebbe come collaboratore per la parte medicina E. Wickersheimer. A proposito delle spiegazioni leggendarie sul rito degli anelli guaritori in Inghilterra, dice ...*per vedere evocato a proposito dei cramp-rings, il ricordo del Confessore, bisogna discendere fino all'umanista italiano Polidoro Vergilio che, al servizio dei re Enrico VII e Enrico VIII, scrisse, su loro richiesta, una Historia Anglica pubblicata per la prima volta nel 1534.* (questo esemplare come quello della Marciana di Venezia, porta la data del 1592, è però l'identica edizione del 1587 — Gamba, p. 496 n. 1745).

Per maggiori e più complete notizie di Polidoro Vergilio urbinato, storico ufficiale della corte inglese, che non dimenticò mai la sua patria, tornandovi negli ultimi anni della sua vita sino alla morte avvenuta nel 1555, leggere: Vincenzo Busacchi, *Polidoro vergilio da Urbino, storico della medicina e della scienza*, in Atti della I^a Biennale per gli Studi storici dell'arte medica, p. 87-96, Fermo 1957.

(65) *Curationum medicinalium ... LXXIV memoria della I cent.*

Anche nella XXXI memoria della I cent. p. 99-104: *De cancro quodam ulcere, maligno et doloso mamillam infestante ...* possiamo conoscere come la paziente venisse curata, senza successo, da tre noti medici e per il qual motivo se ne sia tornata a Ferrara per sottoporsi alle cure di altri. I tre medici citati dal Lusitano erano, Battista Montano, Vittorio Trincavelli e Bartolomeo Abioso.

Questa notizia venuta fuori dalla lunga storia clinica pertinente la moglie di Sebastiano Pinti, non c'interessa soltanto per la facciata medicina, ma per il fatto che ci fa ricordare, come le opere del Montani e del Trincavelli fossero ben note nelle nostre Marche perché nella Biblioteca Fermiana, possediamo per acquisizione da fondi coevi, quasi tutti i libri editi dal Trincavelli e dal Montani. Espressione anche del florido commercio librario sempre esistito fra Venezia, Ancona e Fermo.

I libri del Trincavelli sono i seguenti: *De ratione componendorum medicamentorum et quarti fragmentum libri tres*, Venezia 1571. *In Galeni libros de differentiis febrium atque in priorem de arte curandi explanationes ...*, Venezia 1575, *Enchiridion medicarum de cognoscendis curandisque humani corporis morbis ... cura et gaudio Andreae Christiani*, Basilea 1583. *Consiliorum libri tres, epistularium medicinalium*, libri tres... Venezia 1586. (con ex libris Romuli Spetiosi Firmani).

Elenco dei libri di G. B. Montani, anch'essi posseduti dalla Biblioteca Comunale di Fermo. I) *Explanatio in primam Fen libri primi Canonis Avicennae*, Venezia 1554. II) *Explanationem in artem parvam Galeni*, Venezia 1554. III) *In libros Galeni de arte curandi ...* Venezia 1554. (*In libros Galeni de arte curandi ...* Venezia 1554; questo duplicato é ricco di postille ed annotazioni coeve, merita pertanto d'essere studiato. Vedi al proposito Mario Santoro, *Sopra tre incunaboli del «Libello di Benedetto da Norcia ed un documento»...*, Roma 1968, ivi l'A. tratta della utilità delle annotazioni antiche nei codici e nelle prime opere a stampa). IV) *In tertium primi Epidemiorum ...* Venezia 1554 (anche questo esemplare é ricco di postille); *In tertium primi Epidemiorum*, Venezia 1554 (duplicato). V) *In quartam Fen primi canonis Avicennae*, Venezia 1556. Vi si trova unito: VI) *opuscula medica* Venezia 1554, *explicatio eorumque pertinentem ad qualitatis simplicium medicamentorum*, Venezia 1554. VII) *In quartam Fen primi canonis Avicennae* Venezia 1556, vi sono uniti. VIII) *Libri de excrementis hoc est fecibus et urinis due ...*, Venezia 1556 al quale segue il trattatello, IX) *de morbo Gallico* sempre del Montani.

L'edizione ebbe curatore e commentatore, Matteo Durastante, da Monte San Giusto (Macerata).

Sulla poliedrica attività di scrittore in medicina, filosofia, scienze naturali e poesia di Matteo Durastante, vedi; G. Panelli, *memorie degli uomini illustri e chiari in medicina del Piceno*, Tomo II, p. 133-156 Ascoli 1757») X) *In nonum librum Rhasis ad mansorem...* Venezia 1554. XI) *In nonum librum Rhasis ...* Venezia 1562. XII) *In primam partem aphorismarum hippocratis*, Venezia 1555. XIII) *In primam et secundam partem aphorismarum hippocratis*, Venezia 1555. XIV) *In secundam Fen primi canonis Avicennae ...* Venezia 1557. Vi é unito XV) *in tertium primi epidemiorum*, Venezia 1554. XVI) *Consultationes medicinales centuria prima...* Venezia 1556. XVII) *Consultatium medicinalium ...* II e III cent., Venezia 1558 ove nella III centuria, consultazione XXI, p. 70, a proposito di un adolescente ammalato di dolori articolari e di pustole sparse per tutto il corpo e di oftalmia, parla di certe *aquae Anconitanae... adversus quas praesertim iuvare aquae Anconitanae, non interius assempatae, propter hepatis caliditatem, et affectionem Gallicam, sed exterius applicatae...* XVIII) *Opuscola de caracterismis febrium*, Venezia 1556. XIX) *Opuscola medica*, Venezia 1554. XX) *Medicina Universa*, Francoforte 1587. XXI) *De excrementis libri II*, Venezia 1554. XXII) *Consultationum medicinalium ad varia morborum...* Venezia 1558. XXIII) *Consultationes medicae*, s.n.s. (1583?), in fol. con ritratto.

(66) *Curationum medicinalium... memoria LXXIV* della III cent.

(67) *Curationum medicinalium... memoria LXXVIII* della IV cent.

(68) Gualtiere Santini: *Una pianta di Ancona di Giovanni Blaeu del 1663*, in Atti e memorie della Deputazione di Storia Patria per le «Marche, Serie VIII, Vol. X, p. 69-150, Ancona 1955. A proposito dell'VIII settore Astagno (capo di monte) e sulle condizioni degli ebrei in Ancona nel 1555-1556, p. 131-133.

(69) Il porto di Alessandria, rappresentava uno scalo importante per le navi di Venezia e di Ancona; non soltanto per tutto quello che poteva essere importato da quelle coste mediterranee e dalle regioni retrostanti. Ma anche perché rappresentava quel punto più idoneo a raggiungere il Mar Rosso lungo il corso del Nilo e per terra, con colonne camellate, evitando così il periplo dell'Africa, estremamente lungo e difficoltoso non solo per l'incertezza dei venti, ma perché quella era la via dei Portoghesi. Il mare, dopo il percorso terrestre (80 miglia circa) veniva ripreso a Suez, ove sostavano numerose galee, galeasse ed altri tipi da carico, utilizzabili per viaggi sino alle Indie, sempre beneinteso che, la vigilanza portoghese l'avesse permesso.

A questo proposito, vedasi la relazione: *Viaggio scritto per un comito veneziano nel 1537*, contenuto in G. B. Ramusio: *Delle navigationi et viaggi*, vol. I, p. 303-310, Venezia 1554. Contenuto anche in, *Viaggi fatti da Venezia alla Tana, in Persia, in Turchia, in Costantinopoli, Venezia 1543*; il *Viaggio di Calocut descritto da messer Aloigi al messer Giovanni veneziano*, dove si accenna a quei tentativi di aprire la via, *cavare la fossa*, dal Mar Rosso ad Alessandria, p. 108-110.

Mentre a p. 116, sempre del *Viaggio a Calocut* (II° viaggio), abbiamo modo di apprendere anche quanto segue: ... «L'anno MDXXXII, con le galee di Fiandra; Roncinato desideroso di ritornare in Calocut, rimasi in Lisbona città del re di Portigallo, et acconciatomi con un messer Andrea Colombo, nipote di quel tanto honorato et animoso Capitano Christophoro Colombo, primo inventore delle navigationi de l'Indie occidentali, luoghi da gli antichi in modo alcuno conosciuti...

Quanto a quest'esplicita affermazione dell'autore del *Viaggio a Calocut*, leggasi l'esauriente annotazione critica del de Gubernatis in, *Storia dei viaggiatori italiani nelle Indie orientali...*» Nota 1, p. 8-33, che su questo fatto della parentela conclude addirittura in questo modo ...«perciò quel «nipote» si dovrà intendere nel senso medesimo col quale si spiega» il cugino dei corsi o de' i guasconi»...

(70) *Curationum medicinalium ... XVI memoria della IV cent.*

(71) *Curationum medicinalium ...* Le memorie pertinenti personaggi che arrivano in Ancona dalla Turchia sono molto numerose; si rimanda alla lettura dell'elenco delle memorie che riguardano la nostra città.

(72) *Curationum medicinalium ... XXIII memoria della IV cent.* «... *Didacus Ferdinandus a Lapide, vir qui diu apud Indos egit, et inde nobilem lapidem adamantum magni precij et valoris attulit, unde ille cognomen a Lapide inditum fuit ...*»

(73) *Curationum medicinalium ... LVI memoria della IV cent.*

(74) *Curationum medicinalium ... IV memoria della IV cent.*

(75) *Curationum medicinalium ... XXI memoria della IV cent.*

(76) *Curationum medicinalium ... LXII memoria della II cent.*

(77) *Curationum medicinalium ... XCII memoria della III cent.*

(78) *Curationum medicinalium ... LXVIII memoria della III cent.*

(79) *Dioscoride, Enarratio 25* del I libro. Questa descrizione dello zafferano, con l'indicazione delle sue proprietà terapeutiche, riveste un particolare interesse, non solo perché

contiene l'indicazione del luogo di produzione ed esportazione (L'Aquila negli Abruzzi), particolarità ancor oggi operante.

Ma ci ricorda inoltre, come il patrizio ragusino Giovanni Gondola invocato a testimonio di un fatto che fece molto clamore a Pesaro, per via di un triste accaduto attribuito allo Zafferano, avesse modo di svolgervi le proprie attività intorno agli anni 1550-1554. Vi menziona anche una spezieria veneta col simbolo del corallo, come a proposito del *Nardo*, ne aveva menzionata una dal simbolo dell'Angelo etc. (Dall'attento esame delle due opere del Lusitano, potremo individuare molte farmacie venete, anconitane, e di Ferrara).

(80) In *Dioscoride*, libro I, *Enarratio* 153, p. 148-149. Gli antichi indicarono col nome di *Loto* piante assai diverse tra di loro. La più celebre è l'albero dei lotofagi, il cui frutto, dolce come il miele, faceva dimenticare la patria agli stranieri. Il Lusitano sembra che descriva proprio una pianta dei cosiddetti lotofagi e si adagia accettandola, a quanto dice Omero nell'*Odisea*.

(81) *Lettera XVII della Collezione «Marcucci»*, spedita di Ancona a Lorenzo Giacomini in Firenze, il 28 Giugno 1572.

(82) *Lettera XXIV della collezione «Marcucci»* spedita di Firenze a Lorenzo Giacomini in Ancona, il 20 Giugno 1573. Qui, a proposito dell'acqua del *Calamo*, famosa fonte d'Ancona ancora attiva, il Marcucci è alquanto titubante nella sua individuazione perché dice errando ... «Sarà stata qualche sorta di acqua potabile così chiamata dal luogo ond'ella scaturiva, o piuttosto in acqua medicinale fatta con la radice del calamo aromatico, che entrava nella composizione del *vermut* ...? Non ha esitazione, allorché capta un'altra parola in una lettera scritta di Lisbona, la LXXVII della sua collezione.

La parola presa in considerazione è *cojoneria* e sta per sciocchezza, annotando così ... «*cojoneria scritta all'uso della pronuncia marchigiana.*» Ed è nel vero, perché il Sassetti, se lo si conosce, aveva il grande dono, pur rimanendo sempre se stesso, di penetrare nell'intimo della società, in cui era costretto, ogni tanto, a trasferirsi ed operare.

(83) *Collezione di documenti storici marchigiani...* per cura di Carisio Ciavarini, p. XXII-f. XLVI, Rocca Contrada era il nome dell'attuale Arcevia. Per l'albero di cui si tratta, Luigi Paolucci in *Flora Marchigiana*, Pesaro 1890, a p. 464, assicura che esso si rinviene anche a S. Benedetto, Ripatransone, Grottamare.

(84) In *Dioscorid.* lib. II; p. 164-165, de *Ippocampo*. *Curationum medicinalium ... XCII memoria della IV cent.* p. 632-633 ... *in qua agitur de evocando lacte ad ubera.*

(85) I rapporti con i librai e stampatori specie quelli veneti, sono molteplici, e riscontrabili nelle sue memorie cliniche, un pò dovunque. L'edizione veneta del 1553 (Scoto), porta addirittura la presentazione dello stesso tipografo. Nella *XLVIII memoria clinica della III cent.* ha in cura la sorella del libraio veneto Marco.

(86) In *Dioscorid...* lib. I *Enarratio* 163, p. 157.

(87) Elenco delle edizioni di Girolamo Vida, possedute dalla Biblioteca Comunale di Fermo. Hieronjmi Vida, *Opera omnia*, Venezia 1538. Marco Hieronjmo Vida, *Opera poetica*, Venezia 1550. Marco Hieronjmo Vida, *Opere*, Lione 1581. Hieronjmo Vida, *Opere*,

Cremona 1581. Hieronjmo Vida, *il Gileno*, Vicenza s.d. Marco Hieronjmo Vida, *Dialogi de reipublicae dignitate*, Cremona 1556. Marco Hieronjmo vida, *Poemata omnia*, Padova 1721. (Brunet, Tomo V, coll. 1181 la considera la più corretta e ricercata edizione). Marco Hieronjmo Vida, *Orationes pro Cremonensibus*, Venezia 1764. (Fu quest'opera stampata per la prima volta a Parigi nel 1562 e secondo il Peignet, trovasi registrata fra i libri condannati al fuoco). Marco Hieronjmo Vida, *Cristiados libri sex cum Himmis*, Roma 1824. Marco Hieronjmo Vida, *La cristiade trasportata in italiano da Tommaso Perrone*, (vi é aggiunte la traduzione dei Bachi e del Giuoco degli scacchi) Napoli 1733. Marco Hieronjmo Vida, *La Cristiade recata in ottava rima da Carlo Ercolani*, Macerata 1792. (Esemplare in carta turchina con ritratto di Pio VI, magnifico libro che fa onore a Bartolomeo Capitani di Macerata, stampatore dell'Accademia dei Catenati), Marco Hieronjmo Vida, *La Cristiade tradotto da Pietro Bernabò Silorato*, Tomi 2, Roma 1828. Marco Hieronjmo Vida, *La scaccheide*, tradizione di F. Domenichelli, Iesi 1810. Marco Hieronjmo vida, *i Bachi da seta*, poema tradotto da Bernabò Silorato, Forlì 1829. *Inno latino a Maria Vergine*, Fermo 1865.

(88) *Curationum medicinalium ...* XCVII memoria della III cent. Nel corso delle sue osservazioni, il Lusitano non solo fa riferimento a molti medici e chirurghi umbri; ma dobbiamo notare che, un buon numero di essi risiede in Ancona. Anche i medici veterinari compaiono più volte nelle memorie. Ma non vi fanno bella figura, sia quando si arrogano il diritto di esercitare la loro arte sull'uomo, sia quando essi stessi sono malati e ricorrono alle cure del medico. Vedi XLVII memoria della II cent. p. 289. Il Lusitano per loro adopera questo appellativo ... *Mulo medicus veterinarius dictus*.

(89) *Curationum medicinalium ...* LXXX memoria della IV cent.

(90) *Curationum medicinalium ...* XXX memoria della IV cent.

(91) Gabriele d'Annunzio: *La fiaccola sotto il moggio* (1905), officina Bodoni, Verona 1929. (Questa edizione dell'officina Bodoni, di Verona, stampata su velina di Fabriano con caratteri originali, é senza dubbio la più pregiata.

Per gli ultimi lavori sui serpari d'Abruzzo leggesi: *Gabriele Chiari, La dea Angizie e i serpenti nella religione dei Marsi, tradizioni popolari residue*. In, *Medicina nei Secoli*, vol. XII n. 1 p. 109-127, Roma (Gennaio Aprile), 1975.

(92) *Curationum medicinalium ...* LV memoria della II cent.

(93) Gabriele Chiari, *La Dea Angizia e i serpenti nella religione dei Marsi ...* p. 120-121.

(94) Marc Bloch, *I re taumaturghi ...* p. 254-267.

(95) *Curationum medicinalium ...* I memoria della I cent. Questa prima memoria del Lusitano, sebbene scaturita da un fatto avvenuto ed osservato nel Portogallo, per i suoi vari ed importanti contenuti, verrà non solo più volte riconsiderata, ma riportata nella sua interezza alla fine del Testo.

(96) *Curationum medicinalium ...* LVII memoria della III cent. Il Lusitano dopo aver descritte le particolarità anatomiche di questa nascita mostruosa, precisa che tale fatto avviene in Ancona nel 1552.

(97) *Curationum medicinalium ... XIX memoria della V cent.*

(98) *Curationum medicinalium ... LXXVI memoria della III cent.*

(99) *Curationum medicinalium ... LXXXI memoria della III cent. (... «juvenis magnus lusor et qui totam pecuniam primeriae ludo amiserat, in febrem putridam lapsus fuit ... delirabat antem hic, et multa effudiebat, quae ad ludum faciebant, cum aliquanto magnu applausu, primieram habere elevata voce loquebatur, quando vero ad eam conspiciendam, deesse carchesiorum folium unum vel alterum, aut aureorum, vel bacularum, aut ensium, auxio animo, summissa voce dicebat, et interim contra vafrum, et cavillatorem, et eum qui artem, componendi folia tenet, agere imaginatur ...*

(100) *Curationum medicinalium ... XLI memoria della V cent.*

La varietà dei personaggi descritti dal Lusitano nell'Ancona cinquecentesca è infinita, sono i nobili, i politici, i religiosi, i commercianti, gli artigiani ed anche figure imprevedibili come gli oziosi, i giuocatori (la primiera).

Nella 41.^o memoria della V Centuria, il Lusitano ci dice che all'alba di un giorno, fu chiamato da una donna che abitava vicino al Porto in *via stricta*, per una palpazione di cuore.

Il Nostro placa quel cuore in tumulto e la paziente entusiasta lo ringrazia con un applauso. Ma Egli come al solito la qualifica nel suo mestiere e ci dice *«quae puellas legere docebat ...* e così apprendiamo, che nel tempo in Ancona, anche dai ceti meno abbienti si sentiva il bisogno di far apprendere il leggere e lo scrivere alle bambine, ricorrendo ad una maestra privata... bisogno per qualche secolo obliato.

(101) *Curationum medicinalium ... LXX memoria della V cent.* Memoria clinica che riveste un grande interesse, perché a parte la notizia sul libro del Mantino che aveva intenzione di dare alla stampa. Polemizza con molto garbo con Vesalio, non accetta le blaterazioni dell'anatomico Silvio e ribadisce, come ho già detto più innanzi, la sua amicizia con l'Eustachio. Iacobo Mantino ebreo, insegnò a Bologna nel 1529 ed a Roma nel 1539 medicina pratica alla Sapienza. Nel 1534 era già stato chiamato da Paolo III come suo medico personale. Egli si era schierato contro il medico ebreo Elia Menachem, che aveva cercato di avvalorare le ragioni addotte da Enrico VIII d'Inghilterra, per il suo divorzio con Caterina d'Aragona. Il Mantino nel 1544 era di nuovo a Venezia dove era stato medico di ambasciatori e personaggi, e fu proprio, mentre era al seguito dell'ambasciatore veneto a damasco, che vi si spense (1549)?.

(102) *Curationum medicinalium ... LXIX memoria della V cent.* A parte la laudatoria e Guidobaldo ed alla città tutta, dobbiamo pur notare in essa molte notizie del tutto inedite o almeno poco conosciute. Egli parla del prosciugamento avvenuto in antico, in questi termini ...*«civitas nobilis est, et magnifica, in qua ita salubri aere et clementi amenaque; aura fruitur, ut numquam, quod sciam salubrius vegetius vivatur, sed id causa esse, a' senioribus civibus accepimus, in totum exiccatos lacunas, a quibus olim inficiens et pestilens aer expirabat ...»* ed in quanto alla viabilità di Pesaro, ecco quanto ci fa pur conoscere ...*«quia silicibus munitae viae, nunc lateribus sunt ornatae».*

Di notevole interesse é quanto riferisce Attilio Milano in, *Storia degli ebrei in italia*, p. 230-252, a proposito dei fatti di Ancona che sconvolsero tanto l'animo degli ebrei ...*«Questi provvedimenti e queste condanne misero in moto una catena di reazioni da parte ebraica del tutto*

inusitate in chi altre volte, di fronte a simili vessazioni, non aveva fatto altro che sottomettersi in silenzio, cercando le forze della rassegnazione nel chiuso della propria sinagoga. Ma gli ebrei erano divenuti una potenza economica in molti porti del Levante ed avevano, nell'agire, la risolutezza dei grandi mercanti. Alcune delle famiglie fuggite da Ancona e traferitesi nel ducato di Urbino proposero a quel signore, Guidobaldo della Rovere, che, se avesse accordato loro stabile residenza, avrebbero fatto deviare verso il porto di Pesaro il commercio che Ancona aveva con il Levante e che era per lo più in mano degli ebrei. Il Della Rovere diede il suo consenso, promettendo anche migliorie nell'organizzazione del porto. Nel Luglio del 1556 fu proclamato, per un primo periodo di otto mesi, il boicottaggio del porto di Ancona da parte di tutti i principali scali della Turchia ...»

Ma dopo un anno circa il blocco andò mano a mano dissolvendosi, il duca d'Urbino, un pò perché costretto dalla potenza della Chiesa, ma soprattutto per l'impossibilità di trasformare il suo porticciolo in un grande come l'Anconitano, anche lui bandì gli ebrei del suo Stato, però con una certa discrezione nei termini di tempo e con la concessione di portare con loro i propri beni.

(103) *Lettera XIX*, Collezione Marcucci, a *Lorenzo Giacomini in Firenze, d'Ancona, il 9 agosto 1572*. Contiene il giudizio seguente espresso dal Sassetti, sui mercanti dello Stato d'Urbino ... «*e' sono sparsi per questo benedetto Stato d'Urbino, il quale par che sia refugio a tutti quelli che privi di volontà di fare il debito loro, si danno al tristo, come fanno tutti quelli bottegai di li; et il cavarne qualcosa non sarà senza spese e gran travaglio.*

(104) *Curationum medicinalium ... LXXXIV memorie della V cent. Paulus monachus ex ordine cruciferorum, et ex Aquila* (una località nei pressi di Pesaro) *oriundus, Pisauri apud cenobium Sancti Spiritus cum ageret, puellam nomine catharinam, et filia forte Ortulani, orti monachorum curam habentis amore coepit...* Il giovane per quest'amore impossibile e travolgente, arriva al suicidio, bevendo il vetriolo che ruba da una spezieria, fatto notevole per la città, tanto che il Lusitano ne annota anche la data, il 5 Febbraio 1556.

(105) *Curationum medicinalium ... memoria LXXXVI della V cent. e memoria LXXVIII della V cent.*

(106) Il dotto consulente a nome Marco, compare nella *LXXXIII memoria della V cent.* l'ebreo Abramo Alojja, ricompare assieme al citato Marco nella *XCIV memoria della V cent.*

(107) *Curationum medicinalium ... LXXIII memoria della V cent. LXXIX memoria della V cent.* Anche il Gonfaloniere pesarese Giovanni Vittori, appare nella *XCVIII memoria della V cent.*

(108) Mario Santoro: *Sopra una celebrazione*. Il Leopardi n. 15 p. 19-20, Anno II, sett. - ottobre 1975, Pesaro. Amato Lusitano muore a Salonico il 21 gennaio del 1568? Per tale datazione vedi A. Tavares De Sousa, *A l'occasion du quatrieme centenaire de la mort...* op. cit.

(109) J. O. Leibowitz: *Amatus Lusitanus (1511-1568) à Salonique* in, Atti del XXI Congresso internazionale di storia della medicina, Vol. II, p. 1769-72, Roma s.d.. L. Glesinger, *Amatos Lusitanus à Raguse*, (In IV centenario de João Rodriguez de castelo branco), Sep. estudos de Castelo Branco 1968.

(110) Marc Bloch, *Apologia della storia o mestiere di storico ...* cap. II, L'osservazione storica, p. 58-70.

(111) *Curatium medicinalium ... XLI memoria della IV cent.*

(112) Luis de Pina, *Amato Lusitano na historia da psiquiatria portuguesa Sep. Da Homenagem ao Dr. João Rodriguez de Castelo Branco (Amato Lusitano)*, Imprensa de Coimbra 1955.

(113) Augusto da Silva Carvalho, *João Rodrigues na historia da Urologia, in Homenagem ao doutor João Rodriguez de Castelo Branco*, Imprensa de Coimbra 1955.

(114) *Curatium medicinalium ... LXVI memoria della VII cent.*

Quum Salomon Bayena, vir obesus annos natus 45, per viam incederet, incaute eius pedis plantae clavus infixus est, ob quam puncturam domi septem dies mansit: octavo vero cum jam recte se valere putaret, omnia consueta exercuit, et cum uxore coivit, et vinum ebit et extra domum exivit: inde eum reversus puncturam doluit, contemnendo dolore, sed noctu gravissimo symptomate correptus fuit, opisthotomo scilicet, claviculatos manque praeclusolve dentes habebat, ut cunculis difficulter chirurgus aperiret, ad haec cum egeret, non recte plicabatur, sed fauces dolebat, maxilasve, ut alter medicus anginam pati putaret, cum quibus ad posteriora caput retractum erat, et multum angustiabatur, sed non fiebat, neque de crure aut pede quicquam dolebat, hic etiam clausis dentibus recte loquebatur, et omnia liquida illi oblata expedite bibebat ... vero sequenti die obiit.

(115) José de Paiva Boleo, *Amato Lusitano inventeur de l'obturateur Palatin*, in Atti XXI Congresso Int. di Storia della Medicina, Siena 22-29/9/68, Vol. II, p. 1791-99, Roma s.d. (XIV memoria della V centuria).

(116) D. J. Caria Mendes, *Amatus Lusitanus anatomista*, in Atti XXI Congresso Int. di storia della medicina, Siena 22-29/9/68, Vol. II, p. 1800-801, Roma s.d. *Curatium medicinalium... LII memoria della I Cent.* La quale contiene l'importante descrizione delle valvole venose nella loro forma e funzione, priorità a Lui attribuita da molti autori.

(117) *Curatium medicinalium... V memoria della II cent.* (osservazioni di molto interesse per la precisa indicazione per la risoluzione della lussazione del coccyge ...

... *igitur assistens chirurgus nostro consilio indicem digitum manus sinistrae per aegrotantis anum*

immisit: ac (ut praedixeramus) coccygem male affectum inveniens, in suum locum dextra manu reduxit. Et ... intra paucos dies sanitati fuit restitus.

(118) *Curatium medicinalium... XIV memoria della I cent.*

(119) *Curatium medicinalium... XXXI memoria della V cent.*

(120) Michele Giuseppe Nardi, *Il pensiero ostetrico ginecologico nei secoli*, Milano 1954 (La memoria pertinente è la *LI* della *VI centuria*).

(121) Nella edizione veneta del 1557 e della quale ci siamo serviti, la prima memoria della prima centuria, è contenuta tra le pp. 28 e 31. I capilettora figurati ornano le memorie sino

al LI, mentre le XLIII, XLIV, XLV e L, ne sono prive. L'edizione è dedicata a Cosimo dei Medici.

(122) manoscritto 63, collocato nella Biblioteca Comunale di Fermo (4 C A 1/63) *Raimundus de Penâfort, Summula* — Codice membranaceo sec. XIII, sec. XIV... n. 11, (*Oratio ad Virginem*) C. 114.

(123) A. S. Roversi, nel suo *Manuale Medico di Diagnostica e terapia*, Milano 1967, nelle sindromi da morsi di serpenti (*ofidiosi*) p. 45. A parte la sieroterapia specifica e nel caso aspecifica, con sieri antivipera, o antiofidici polivalenti a dosi generose, da nello stesso tempo, questi avvertimenti ...«*Impedire la diffusione del veleno (legatura a monte con laccio di gomma o fazzoletto)*», e la nostra donna lo aveva eseguito con un ramo flessibile della pianta ben provvidenziale. *Allontanare il veleno (con tagli lineari prof. cm. 2, tra impronte dei denti veleniferi, spremitura e suzione con labbra a mucare integra).*

Distruzione del veleno residuo, (lavaggi impacchi, iniezioni locali, permanganato di potassio all'1%, Ipoclorito di calcio al 2% etc.).

Tagli lineari tra impronte dei denti veleniferi, sono anche quelli fatti eseguire dal Lusitano al suo chirurgo ...«*per chirurgum presentem locum punctum, vulnusculis profundis, per ambitum scarificare iubeo*»... non dimenticando come si può leggere sempre nell'*osservazione*, neppure di agire, per la distruzione del veleno residuo.

E dove si opprende in modo inconfutabile, come il Lusitano nel suo tempo d'Ancona, fosse edotto con molta esattezza di certe particolarità della penisola, che solo da pochi anni l'accoglieva. Tanto che pur Gaetano Zenobi nel suo libretto: *Del Bagno di Nocera nell'Umbria*, pubblicato a Foligno nel 1689, non può esimersi di ricordare, commentare e confermare l'osservazione di Amato Lusitano sull'ubicazione facta ed azione delle prodigiose acque di Nocera contro il morso delle serpi.

ELENCO DELLE MEMORIE COMPRESSE NELLE CINQUE CENTURIE PRESE
IN ESAME, LE QUALI CONTENGONO RIFERIMENTI A PERSONAGGI, FATTI, COSE
DELLA CITTA' D'ANCONA E DELLA TERRA MARCHIGIANA

I Centuria

I memoria ...*habita apud Lusitanus, in qua agitur de viperae morsus curatione...* (Sebbene questa storia sia stata raccolta nel Portogallo, la considero universale. In tutti i modi vi si cita con ammirazione il nostro Bartolomeo Eustachio da San Severino, e le cisterne presso Norcia, aventi potere antiofidico.)

1) XXVII memoria, *de partu decimestri*, si accenna ad un caso analogo osservato in una donna, *quod superioribus diebus mulieri ad scalas Sancti Cjriaci habitanti ...*

2) XLVIII memoria, *de dolore occupante sinistros costas, ... Qui ex Apulia Anconam venit, vir robustus...*

3) XLIX memoria, *de quibusdam Gallicana scabie infectis*, é incerto su questo caso già stato osservato in Ancona, in tutti i modi é uno splendido esempio di lues trasmesso tra coniugi, da questi ai figli, infine alla balia ed al marito della balia.

4) LII memoria, *de pleuritide ... et plures Anconitani, qui eo tempore pleuritide correpti sunt...* L'osservazione riveste particolare importanza per i suoi giudizi sul Vesalio nouchè sulla eccezionale descrizione delle volvole venose e delle loro functioni. Sulla sua attività anatomica a Ferrara nel 1447. (In questa edizione vi sono due memorie denominate entrambe, per errore, LII).

5) LIII memoria, *...de febris quadam longa...* mulier quae ad maris portum habitat...

6) LV memoria, *de quadam variis affecti ... Guelfus pharma copola Anconitanus ...*

7) LVII memoria, *... De muliere praegnante ... Mulier in angiportu ad mare habitans...*

8) LIX memoria... *de pleuritide ... Angelus Ferrettus nobilis Anconitanus, et ordinis sancti Domini Monachus venerabilis.*

9) LXII memoria, *de quodam qui serpentem interfecit... vir Anconitanus robustus, et fortis...*

10) LXV memoria, ... *de quodam patiente dolores ventriculi ... Georgius à Joanne Magno Racusinus eques Lauretanus...*

La memoria termina dandoci ancora notizie molto interessanti sui luoghi donde le piante medicinale (Raphontico Vulgo rhenbarbaro), veniva importate in Ancona ... *quod ex Ponto primum ac nostra aetate Gulielmus doctissimus ac vigilantissimus prator Caesarens apud Turcarum Imperatorem, in Italiam traxit, et hodie a Turcis passim Anconam affertur...*

Il Lusitano più volte nelle sue memorie accenn ai cavalieri Lauretani. P.M. Francesco dal Monte Casoni in: *Nel IV centenario della nascita di Sisto V, Loreto 1921 a p. 38.* Ci rende edotti, che fu veramente Paolo III a creare per primo l'ordine dei Cavalieri Lauretani, riconfermati il 24 Maggio del 1586 da Sisto V.

11) LXVI memoria, ... *De vulnere quodam inflicto in quinta costa ...* Infine il nostro autore, ci fa sapere come questo militare fosse stato ben curato dal chirurgo Pietro da Camerino.

12) LXVII memoria, ... *de vulnere quodam inflicto inter umbilicum et os ventriculi...* Si riferisce alla ferita dell'architetto di Paolo III, (in duello) di cui é ampiamente detto nel testo.

13) LXX memoria ... *In qua proponitur, quam falsa sint signa in pregnantibus indicantia masculum et foeminam ... Uxor Magnifici Joan. a Triumpho patricii Anconitani ...*

14) LXXI memoria, ... *de puero patiente ... filiolus magnifici Johannis ab Antiquis patricii Anconitani, et venetorum consulis ...*

15) LXXIV memoria, ... *de ulcere... filius Gasparis Pisarenensis ...*

16) LXXV memoria, ... *de ulceribus ... Vincentius Virgilius monacus ordinis sancti Agustini apud anconitanos, prior dignissimus, et Polidori Virgilj Urbinatis, viri hac nostrae aetate... quum primum Anconam veni sum vocatus...*

17) LXXVI memoria, ... *de abscessu in capite ... Huis praedicti Coenobi Nicolaus monachus...*

18) LXXVII memoria, ... *de simplici tertiana ... Flos vitae mulier Anconitana, quae ad portam Pisaurum respicientem habitat...*

19) LXXXI memoria, ... *De dolore coscendico ... Zephirus vir nobilis et fidelis ...* di questo prefetto della fortezza Anconitana così chiamato, *Il castello*, é stato ampiamente detto nel testo.

20) LXXXII memoria, ... *de quibusdam sjmptomatibus oris... juvenis nata annos decem et octo, futura monacha apud lignipedes Anconitanas...*

21) LXXXIII memoria, ... *vir qui ab omnibus pallidus appellabatur...* L'osservazione riveste un certo interesse perché il *giovane pallido* torna in Ancona da Costantinopoli.

22) LXXXIV memoria, ... *de sub luxata vertebra...* Nobilis puella nata annos octo, ex Monte Filottrano ad me delata...

23) LXXXVI memoria, ... *de splenis duritiae ... Qui ex Monte Securo ad me venit...*

24) LXXXVII memoria,... *de Angina... Mulier Graeca quae ad portum habitat...*

25) LXXXVIII memoria,... *de duplici tertiana... Paulus Ferretus patritius Anconitanus...*

26) XCI memoria,... *De tertiana continua... Alfandarinus Thessalonicensis mercator...*

27) XCII memoria, ... *de ventriculi antiqua erosione... Catharina filia magnifici et generosi Joannis Gondulani...* a consulto di questa fanciulla furono chiamati i seguenti medici, Guido condotto di Foligno, Federico Severino, Giovanni Lucensi e Gerolamo Fulginus allora condotto in Ancona.

28) XCIII memoria, ... *de Ani procidentia... Mulier nobilis Anconitana...*

29) XCVIII memoria, ... *de Carbuncolo... Qui ex Antibari Anconam venit mercator...*

30) C memoria, ... *de Angina... Et sic primae centuriae est finis. Anconae. Anno MDXLIX Kalend. Decembris, Romana sede Pastore vacante, et Carolo Quinto Caesare imperante.*

II Centuria

31) I memoria, ... *De destillatione calida ... Illustrissima Domina Jacoba de Monte, Julii tertii Summi Pontificis soror dignissima, Anconae destillatione calida laboravit...*

32) III memoria, ... *de quodam qui ob capparum multorum esum... Monachus recinensis, qui apud Coenobium S. Dominici, Pedagoga officio fungitur...*

33) IV memoria, ... *qui ab orrorem commissum ... Quidam Anconitanus natus annos quinque supra viginti.*

34) V memoria, ... *in qua agitur de coccige osse... Ioannes Cordella Anconitanus...* questa osservazione é estesamente illustrata nel testo.

35) VIII memoria, ... *quomodo diagnosci debeat imbecillitas virium ... Paulus Racanus nobilis Anconitanus ...*

36) XVIII memoria, ... *in qua agitur de quodam qui re venerea uti non poterat... Salaphantinus Hebraeus, natus annos quadraginta, boni abitus vir, ex Bruzia propé Constantinopolim incljta civitate Anconam venit.*

37) XX memoria, ... *in qua agitur de impostura quodam ...* L'importante perizia medico logale per la figliuola del pedagogo Leo ebreo, é così datata... *Ego Amatus Doctor Medicus Castellii Albi Lusitanus, in quorum fidem haec scripsimus, Anconae decimo septimo die mensis Maij MDL.*

38) 38 memoria ... *In qua agitur de erysipelate puro, apud Avicennam spina dicto ... Vicinus meus vir probus...*

39) 39 memoria ... *in qua agitur de Aethiopibus marasmo consumptis ... Aethiopes qui ex Lusitania Anconam venerunt.*

40) XXXI memoria, ... *In qua agitur de methodo et vera regula propinandi decoctum radicis cinarum, pro Julio tertio Pontefice Maximo, ad illustrissimum, ac iuxta humanissimum Dominum Vincentium de Nobilibus, Anconae Aequissimum Praesidem ...* E' un'osservazione che riveste molta importanza, non solo per le indicazioni della radice di china nelle varie malattie. (Cyna, vel Sina ut cosmographis placet...) Ma per lo svelarci i luoghi d'importazione e le vie percorse dalle carovane per giungere in Italia ed in Ancona. Appare inoltre nella presente memoria, come del resto in molte altre, quel senso reverenziale del nostro per Vesalio anatomico, anche quando vivacemente critica, il suo trattatello sull'uso della radice di china.

41) XXXIV memoria, ... *In qua agitur de Elephantia Avicennae...* nel corso della trattazione vi cita un tal Pietro Simone Anconitano...

42) XXXV memoria, ... *in qua agitur de psora... Ioannes ab Antiquis nobilis Anconitanus, et venetorum consul dignissimus...*

43) LV memoria, ... *in qua agitur de apparatu trochiscorum de vipera theriacam adorantium ... Marsi homines viperarum venatores, quibus viperas pro conficiendis pastillis theriacis commendaveramus, viperas non nisi media aestate Anconam portarunt...* Di questa osservazione é stato ampiamente detto nel testo.

44) LVI memoria, ... *in qua agitur deo lienteria... Dominicus Margaretus nobilis Anconitanus ...*

45) LVI memoria, ... *In qua agitur de Puero mania correptus ...* Viene messa in evidenza ancora, quella instabilità psichica e facilità di ammalare di forme mentali degli ebrei. L'ammalato fu inviato in Ancona alle cure del Lusitano da alcuni medici di Bologna.

46) LXI memoria, ... *in qua agitur de ulceribus renibus firmatis ...* La lunga malattia renale del mercante Alterasio iniziata in Inghilterra, susseguitasi nei suoi viaggi in Turchia etc. si conclude in Ancona.

47) LXIV memoria, ... *in qua agitur de iuvene mania affecto ...* trattasi di un altro caso di sofferenza mentale, che dopo essere stato sottoposto alle cure dei medici di Rimini, viene condotto in Ancona ed affidato alle cure del Nostro.

48) LXVI memoria, ... *in qua agitur de melancholia morbo... Petrus Trevisanus apud Anconitanos procurator.*

49) LXXIII memoria, ... *in qua agitur de crustosos ulcere aures et... Iuvenis illa, quae ex Manfredonia Anconan venit...*

50) LXXIV memoria, ... *In qua agitur de pruritu ... Maringelus de Estafulo, publicus notarius...*

51) LXXIX memoria, ... *in qua agitur de elephantici... vincentius Stochetus Anconitanus...* L'epistola a don Alfonso Alecastrensi che in questa edizione precede la III centuria é datata ... *Anconae idib. Aprilis. Millesimi Quingentesimi quarti.*

III Centuria

52) XIV memoria, ... *de morsu viperae... veris fine properante iam aestate, duo iuvenes Ancona Auximum civitatem proficiscebantur ...*

53) XXI memoria ... *Ovè a proposito di un adolescente ammalato di dolori articolari e di pustole sparse per tutto il corpo e di oftalmia, parla di certe «aquae Anconitanae»... adversus quas praesertim iuvare aquae Anconitanae, non interius assumptae, propter hepatis caliditatem, et affectionem Gallicam, sed exterius applicatae...*

54) XXV memoria, ... *in qua agitur de febre sinochia... Joannes Politianus, vir nobilis, et praefectur arcis anconitanae, Rebelinae dictae... Anconam, vigente canicula ... reverteretur, in morbum incidit...*

55) XXVII memoria, ... sicuramente in Ancona... *In qua agitur de febre sanguinea...*

56) XXVIII memoria, ... sicuramente in Ancona... *In qua agitur de angina...*

57) XXIX memoria, ... *in qua agitur de Angina... Graecus qui angina afflictabatur, et ad portum habitabat...*

58) XXXII memoria, ... *de qua agitur de cancro ... monacha divi Bartholomaei, et nepotis Balduini Florentini, Episcopi Anconitani...*

59) XLVI memoria, ... *in qua agitur de stomachi ejusdam erosionibus... Antonius Chius...*

60) XLVII memoria, ... *in qua agitur de duplici tertiana... Dionisius Ricus de Monte Sancto...*

61) LVII memoria, ... *in qua agitur de monstro quodam... Mulier Anconitana monstrum quoddam peperit...* Questa osservazione della quale abbiamo detto testo, é datata ... Anconae, Anno 1552.

62) LVIII memoria, ... *in qua agitur de quodam phtiriasi ... venetus vir bonus Anconae pediculis per universum corpus scatens...*

63) LXII memoria, ... *In qua agitur, de pleuritide ... Manuel Barbosius vir fortis et robustus annos natus fere quinquaginta ... Is quum venetiis per navim Anconam venerat...*

64) LXIV memoria, ... *in qua agitur de carcinomate exulcerato ... Mulier Graeca nobilis Patrensis...* Anche costei arriva in Ancona dopo essersi assoggettata alla cure di altri medici, che il Lusitano reputa ottime.

65) LXV memoria, ... *in qua agitur de Gurguglione...* Nella presente osservazione appaiono interessanti notizie riguardanti Ancona e la penisola italiana. Vi conosciamo *Salustius Burgesius*, nobile senese *et Anconae militum praefectus*. E quando infine nel consigliare come terapia *acquarum stillicidium super caput praemitteret*; conosciamo come pur nel secolo XVI, l'uso del vocabolo *doccia* fosse già adoperato col suo significato attuale, perché egli sottolinea ... *quas duccias Italia vocat...*

66) LXVII memoria, ... *In qua agitur de pleuritide... Vir ex foro Iulii, venetorum antiqua patria Anconae; pleuritide...*

67) LXVIII memoria, ... *in qua agitur de pleuritide... Mercator Ariminiense, vir me hercule probus, cum Recanatenses mundinas peteret, Anconae saeva et crudeli pleuritide correptus est...*

68) LXXIV memoria, ... *In qua agitur de febre maligna interficiente...* Ivi trova l'occasione di ricordare l'aver osservato in Ancona di molte consimili epidemie, parla inoltre di Bartolomeo Tommasi anconitano che era console presso i fiorentini.

69) LXXVI memoria, ... *in qua agitur de recidiva in quinto die per sudorem terminata... Qui chartas pro ludo primierae componebat...*

70) LXXXI memoria, ... *In qua agitur de febre putrida continua... Iuvenis magnus lusor e qui totam pecuniam primierae ludo amiserat...* La presente memoria e la precedente (LXXVI), riferentisi a due accaniti giuocatori d'azzardo sono state ampiamente illustrate nel testo.

71) LXXXV memoria, ... *In qua agitur de febre continua maligna...* Baldus Fori Sempronensis (Fossombrone).

72) LXXXVII memoria, *In qua agitur de coeliaco morbo...* vi compare l'Amiani di Fano.

73) CX memoria, ... *In qua agitur de dysenteria... ad maris portum nauclerus matrem suam senio confectam.*

74) XCIII memoria, ... *In qua agitur de febre cum Symptomatis.*

75) XCII memoria, ... *in qua agitur de phlegmone graviter et continuo fiebat mercator ille, qui post longum confectum iter, Anconam venit.*

76) XCVII memoria, ... *In qua agitur de selectis quibusdam remediis... contra lumbricos et vermes...* «Nursinus qui publice per Universam Italiam, contra vermes, pulveres venales clamabat...»

77) XCIX memoria, ... *in qua agitur de febre diaria ... Magnificus et generosus Marcellinus, cum extra urbem Anconitanam, longam sub sole traheret mora...*

IV Centuria

La IV centuria è preceduta dalle lettere scritte da Ambrogio Nicandro Toletano ad Antonio Barberino (1550-1554), concernenti il periodo anconitano e delle quali si è detto ampiamente nel testo.

78) IV memoria, ... *in qua agitur de alopecia hodie vero et indubitato morbi Gallico signo ... mulier nobilis, quae ad mare habitat...*

79) VII memoria, ... *in qua agitur de icteritia ... Perotii a Monte Sancto...*

80) VIII memoria, ... *de erysipelate ... Vir ex Monte Saranano...*

81) XV memoria, ... *in qua agitur de muliere morbo Gallico olim laborante... Mulier quae ex Jadera civitate apud Dalmatas, Anconam venit...*

82) XVI memoria, ... *in qua agitur de febre continua... Hali Turca mercator iuvenis, ex Prussia, ultra Constantinopolim, civitatem inclytam, Anconae gravissime febricitare coepit...*

83) XX memoria, ... *in qua agitur de cerea candela, per urinariam fistulam inmissam ... Andreas Musca, propola Anconitanus...*

84) XXI memoria, ... *in qua agitur de cautela in propinando pharmaco ... Virgo delicata puella Recinensis...*

85) XXV memoria, ... *in qua agitur de puero epileptico... Puer viri probi, ex Monte Sancto, Recanati civitate propinquo...*

86) XXVI memoria, ... *in qua agitur de febre continua, affligente... Franciscus Vincen-tinus mercator... cum Venetiis Anconam se reciperet.*

87) XXVIII memoria, ... *in qua agitur de dysenteria... mulier Chia...* In questa osservazione dobbiamo registrare una notizia ben interessante di carattere commerciale: *Vero vinum rubrum Cressum, quod ex Aulone Anconam afferi solet...* che ci fa conoscere come quel tipico vino pugliese, nel tempo del Lusitano s'importasse via mare nella nostra città. Del resto che tra Aulona ed Ancona esistesse un intenso va e vieni di personaggi, anche nella V memoria della IV centuria egli ha ancora modo di occuparsi di un Jacopo Benvenisti, mercante di Aulona, i cui vini Orazio dice essere quasi eguali a quelli di Falerno.

Sempre nella XXVIII memoria della IV centuria, tornano sulla scena molti nomi di personaggi anconitani: il figlio di Vincenzo da Chio, il figlio di Celario, la figlia di Giovanni mercante teutonico, la figlia dello speziale Antonio, la figlia di un certo Petrolio, abitante nei pressi del porto.

88) XXX memoria, ... *in qua agitur de febre continua... Carmonensis, qui magnas et ingentes casei Parmensis rotas vendebat...*

89) XXXII memoria, ... *in qua agitur de febre... Bartolinus... demum sexto die, ab epoto pharmaco, quo optime egressit, sanus evasit, terminantur autem Anconae morbi...*

90) XL memoria, ... *in qua agitur de febre continua... Pandolphus iuvenis nobilis Anconitanus liberis operam dans, cum Patavio Anconam rediret...*

91) XLIV memoria, ... *in qua agitur de stomachi subversione... Illustrissimus dominus Vincentius de Nobil...* Di questa memoria abbiamo estesamente detto nel testo.

92) XLV memoria, ... *in qua agitur de arthritide ... Gabriel Fanensis.*

93) XLVII memoria, ... *in qua agitur de febre continua... Nata Chyroci, nobilis Anconitani...*

94) XLVIII memoria, ... *in qua agitur de febre continua ... Petrus Crinitus, ex Criniti illius doctissimi Florentini familia... cum Anconae carceri obruderetur propter debitum...* Come si vede, il Nostro aveva accesso anche nelle carceri di Ancona.

95) LI memoria, ... *in qua agitur de muliere nobili podagra laborante... Soror Chiroci nobilis Anconitani...*

96) LIV memoria, ... *in qua agitur de melancholia...* L'identica sintomatologia, il Nostro la riscontra in tre persone di Ancona. (Di molto interesse il caso dell'apostata e dell'accenno a San Severino.) Vi si ricorda pure il figlio di un mercante padovano che operava in Ancona.

97) LVI memoria, ... *de qua agitur de ulcere antiquo in crure...* Fra gli altri cura un greco aulonense, anch'esso detenuto nelle carceri di Ancona.

98) LVIII memoria, ... *in qua agitur de choeratibus ... dictis scrofulis ...* Per questa malattia nel periodo 1552-1553 cura dai dieci ai dodici bambini... Ivi ha modo di ricordare l'intervento sempre in Ancona, per l'amputazione della gamba all'architetto Janeto (Giannetto).

99) LIX memoria, ... *in qua agitur de muliere nephritide ... monacha divi Bartolomaei...*

100) LXIV memoria, ... *in qua agitur de febre...Pistris quae ad portum agebat...*

101) LXVI memoria, ... *in qua agitur de ingenti et crudeli ventricoli dolore... Salomon a Camerino...* (nella terapia si accenna ad un vinello di mosto annacquato, che in Ancona veniva denominato *Lora*).

102) LXXI memoria, ... *in qua agitur de quodam animam agentem... vir qui ad rupes divi Cyriaci aegrotabat...*

103) LXXII memoria, ... *in qua agitur de mulieribus parientibus...* Di quest'avvenimento, accaduto in Ancona nel 1553, è stato ampiamente detto nella nota 10.

104) LXXIV memoria, ... *in qua agitur de febre continua... Monachus ordinis praedicatoris...*

105) LXXV memoria, ... *in qua agitur de ephimera febre... Angelus Ferretus ordinis Praedicatoris ... et totius Anconitanæ Marchiæ vicarius dignissimus... In fine mensis ianuarii 1553 horrorem quondam per integram horam passus fuit.*

106) LXXVII memoria, ... *in qua agitur de dysenteria... Andreas Caupo, qui in via stricta et angusta habitabat...*

107) LXXVIII memoria, ... *in qua agitur de dysenteria vera... Miles qui Senensi bello Anconam reversus est....*

108) LXXX memoria, ... *in qua agitur de quodam duplici tertiana laborante... Comachiensis mercator, vir natus quinque supra triginta, et qui multa anguillarum vascula Anconæ vendenda conduxerat...*

109) LXXXIV memoria, ... *in qua agitur de ramice aquoso... Qui ex Monte Securo... quem cum recte curaremus, Anconam deferri fecimus...*

110) LXXXIX memoria, ... *in qua agitur de pleuritide saeva... Qui ex Jadera civitate apud Dalmatos, Anconam venit...*

111) XCII memoria, ... *in qua agitur de evocando lacte ad ubera... Nella memoria sono ricordate le donne anconitane, che si servivano dell'uso orale dell'ippocampo, per provocare la secrezione lattea.*

112) XCIV memoria, ... *in qua agitur de dysenteria... vir qui extra urbem negotiabat... Anconam venit.*

113) XCVII memoria, ... *in qua agitur de quodam qui se aegrotare simulabat... Monachus qui Anconam ex Monte Sancto venerat...*

114) XCIX memoria, ... *in qua agitur de cepheala... Aurelius Passer doctor... Demum, cum Anconam venit, ad eum sum vocatus, anno 1553.*

La fine della quarta centuria è così datata: *Nunc vero quartæ huic Centuriæ colophonem imponamus. Anconæ 17, Col. Septembris millesimi quingentesimi quinquagesimi tertii... et ætatis auctoris anno quadragesimo secundo.*

V Centuria

115) V memoria, ... *de pleuritide... Ove apprendiamo che Antonio Carrioni di trent'anni dai fulvi capelli... Ex Neapoli per Anconam, Bruias nobilem apud Flandros civitatem patriam suam se recipiebat...*

116) VII memoria, ... *in qua agitur de lumbricis cum febre ... Filia trapezitæ, qui ex Pisauro Anconam venerat.*

117) X memoria, ... *de carneis excrescentiis... Fabritius de Medicis illustris familiæ... Adeo ut Anconam se receperit... Trattasi di una delle tante discussioni cliniche che egli svolse assieme al suo congiunto Brandano, anch'esso medico ed abitante in Ancona.*

118) XIII memoria, ... *in qua agitur de febre continua... Iacobus serorius Vincentii a Chio, militis Lauretani...*

119) XV memoria, ... *in qua agitur de duobus similem faciem habentibus... Quum ad coenobium predicatorum invisum aegrotantes... Hominem monachum Recanatensem...*

120) XVI memoria, ... *de febre continuo affligente... Brandanus nepos meus nigelli coloris... natura biliosus... ut omnes fere Hispani sumus... cum primum Italiam venit, ut philosophiae et arti medenti noveret...*

121) XVIII memoria, ... *de intestinorum dolore... Praedicti iuvenis socius, qui simul apud Aloisium Pixonium Florentinum mercatorem agebat... (Aloisio Pixonio era uno di quei mercanti fiorentini residenti in Ancona.)*

122) XIX memoria, ... *in qua agitur de tertiana duplici in ... Eduardus Gomez Lusitanus... Anconam venit... Di questa osservazione è stato detto esaurientemente nel testo.*

123) XXIV memoria, ... *in qua agitur de febribus... Ioannitius teutona, mercator Antuerpiensis... capillitio ruffus, cum in aede divi Cyriaci pernactaret...*

124) XXVI memoria, ... *in qua agitur de febre biliosa... Aman sacerdos, qui ex Graecia Anconam reversus est...*

125) XXVII memoria, ... *in qua agitur de muliere utero gerente... mulier Vrbinas quadragenaria.*

126) XXXVI memoria, ... *de vomitu cuiusdam mulieris... Quum mulier quaedam nobilis Anconitana...*

127) XXXVII memoria, ... *in qua agitur de ascite morbo ... mulier ad maris portum habitans.*

128) XXXVIII memoria, ... *in qua agitur de febre continua... Abraamus ad Ausculanum portum febre continua cum laboraret... quindecim diebus a morbi initio, Anconam delatum est...*

129) XLIII memoria, ... *de tertiana, gelida potu expulsa... Joannes Thomasius, mercator Venetus, et frater pharmacopolae Venetiis praestantis in officina triplici corona insignita, quum ex Antuerpia Anconam venisset...*

130) XLIV memoria, ... *in qua agitur de colico dolore... Petrutius Bergomas, Anconae mercator...*

131) XLVIII memoria, ... *in qua agitur de urina soppressione... Cyriacus Anconitanus...*

132) XLIX memoria, ... *in qua agitur de morbo Gallico... Aloisius Florentinus, iuvenis ex Pixonium familia, mercator a muliere meretrice discedens... Anche questo giovane risiedeva per affari in Ancona.*

133) L memoria, ... *In qua agitur de malignis quibusdam tuberculis... Rosa, mulier Anconitana, sexaginta nata annos...*

134) LIV memoria, ... *de puero mingente lotium nigrum... Filius Angeli Anconitani, natus annos quinque...*

135) LV memoria, ... *in qua agitur de angina... Pistor, qui ad sacellum Divi Marci habitat...*

136) LVI memoria, ... *de morbo Gallico... Luca, ligurus, vir robustus, quum ex Alessandria Anconam navigaret...*

137) LX memoria, ... *in qua agitur de upinae acredine... mulier, quae ad portum agit...*

138) LXI memoria, ... *in qua agitur, de quodam mala affectione derelicta... Raphael Thadeus, iuvenis Florentinus, e qui Anconae apud Aloisium Pixonium mercatorem agebat, quum Antwerpiae quartana laboraret, in Italiam se recepit...*

139) LXIV memoria, ... *in qua agitur de febre ardente... mulier piscatoris...*

140) LXXVI memoria, ... *in qua agitur de veteri fluore... uxor orientalis mercatoris, qui ad idem Divi Rochi habitat...*

141) LXXVIII memoria, ... *in qua agitur de Aegylope... mulier, quae ex Sancto Lupidio ad me delata est...* Trattasi di una delle poche osservazioni in cui compaiono personaggi provenienti dall'interno delle Marche.

142) LXIX memoria, ... *In Pisauri habita, ... Pisaurum venimus, urbem antiquam, de qua Catullus dixerat.* Di questa prima memoria, raccolta nella città di Pesaro, per i suoi vari ed importanti contenuti, è stato ampiamente detto nel testo.

143) LXXI memoria, ... *In qua agitur de Ischuria... vir Venetus nobilis, qui Pisauri agebat...*

144) LXXIII memoria, ... *In qua agitur de angina... Laurentius de Gentilibus, publicus notarius Pisauensis...* (vi sono nominati i medici condotti di Pesaro, Battista Gualtieri e Hieronimo Carmena).

145) LXXIV memoria, ... *in qua agitur de ulcere uterum... mulier propola, quae ad Divi Dominici Coenobium habitat...*

146) LXXVI memoria, ... *in qua agitur de humida qualitate... mercator orientalis, qui cubiculum testudine lapidea cameratum habitabat...*

147) LXXVII memoria, ... *In qua agitur de viso diminuito ... Maalem ex Castris, Hebraeus... is Pisaurum venit...*

- 148) LXXVIII memoria, ... *in qua agitur de tuberculo capiti... Qui mecum olim ab hinc vigesimum quintum annum, oceanum navigavit, nunc Pisaurum venit, ubi cum testudineam cameram habitaret...*
- 149) LXXIX memoria, ... *de ulceribus viis urinae... Abraamus qui Pisauri habitat...*
- 150) LXXX memoria, ... *In qua agitur de crustis, pueri caput... Samuelis Catalani puer recensuatus...*
- 151) LXXXII memoria, ... *in qua agitur de aphtis... Puer Abrami Catalani, qui aphtas in lingua, palato et labiis patiebatur...*
- 152) LXXXIII memoria, ... *in qua agitur de symptomatis quibusdam mulieri cuidam sterili...* Partecipa alla cura della donna il dotto medico Marco del duca d'Urbino.
- 153) LXXXIV memoria, ... *in qua agitur de quodam monacho, qui amore cuiusdam puellae captus... Paulus monachus ex ordine cruciferorum, ex Aquila oriundus, ... Pisauri apud Coenobium Sancti Spiritus...*
(La memoria è datata *Pisauri haec avenere quinto die mensis februaris 1556.*)
- 154) LXXXVII memoria, ... *in qua agitur de muliere, quae cum uterum gereret... Mulier Pisauensis...* (Nella memoria accenna ad un fatto simile avvenuto in Ancona.)
- 155) LXXXVIII memoria, ... *in qua agitur de mira quadam carnea excrescentia... In hospitali Pisauensi mulier nata annos quadraginta quinque* (una delle pochissime in cui tratta di individui ricoverati in ospizi cittadini; polemica con Vesalio e Silvio).
- 156) XC memoria, ... *in qua agitur de punctura ex piscis ... Anna Pinta, mulier honesta, quae apud Anglos diu egit...*
- 157) XCII memoria, ... *in qua agitur de symptomatis obortus...* (Nella memoria cita di un fatto consimile, avvenuto in Ancona — III memoria della III cent.)
- 158) XCV memoria, ... *in qua agitur de gigante Senogallie nato...* (La memoria si occupa del così detto «gigante di Senigallia». Con Guido Baldo di Urbino, ricompaiono i medici Marco ed Abramo Aloja, ebreo portoghese, medico condotto a Pesaro nel 1556.)
- 159) XCVII memoria, ... *Symptomatis evenientibus ab ingenti caliditate iecinoris et cerebri. Ioannes Victorius nobilis, et confalonierus Pisauensis...*
- 160) XCVIII memoria, ... *in qua agitur de puero, qui ... Filius mercatoris Pisauensis...*
(La storia di questo bambino, che muore per aver mangiato della cicuta nei campi, è datata alla fine del mese di maggio del 1556.)

161) XCIX memoria, ... *in qua agitur de Scirro... Cardo qui ad Divi Dominici Coenobium habitat...*

162) C memoria, ... *in qua agitur de ulceribus renibus... Illustris Comes Iulius...*

Memoria che conclude la V centuria e la serie delle memorie pesaresi... *Et hic finis esto quintae huic curationum nostrarum Centuriae, quam Pisauri absolvimus, sub id tempus quo Ferdinandus, Albae regulus, Teatino Pontifici Romano infensus, Philippi Regis auspiciis, bellum Romanis inferre parabat.*

(Página deixada propositadamente em branco)

SAGGIO BIBLIOGRAFICO DELLE FONTI

(Opere storiche e pubblicazioni varie)

In questo saggio bibliografico, pur citando un certo numero di moderni studi pertinenti Amato Lusitano e la sua opera, nonché quelle edizioni di argomento medico coeve e posteriori, aventi con lui un qualche riferimento, ho dato la preferenza a quei lavori, che sebbene riferentisi a temi vari, possono illustrare la vita nel tempo della città d'Ancona, nelle lettere, nelle scienze, nelle arti, nell'assillo quotidiano, e soprattutto nei traffici e nei commerci. L'ordine che ho seguito è stato quello alfabetico dei nomi d'autore, dei titoli per gli altri risultanti senza nome.

I lavori preceduti da asterisco mi sono stati gentilmente segnalati dalla Biblioteca Nazionale di Lisbona, e sono seguiti dalla relativa collocazione. Ed un grazie particolare al capo della segreteria, Reinalda Catarino Afreixo.

Cristoforo Acosta Africano, *Della Historia, natura e virtù delle droghe medicinali, ed altri semplici rarissimi che vengono portati dalle Indie Orientali in Europa*, Venezia 1585.

Camillo Albertini, *Cronaca di Ancona*, (T. I-XVI) Mss. Biblioteca Comunale di Ancona.

Nereo Alfieri, *Topografia storica di Ancona antica*, in *Atti e memorie della Deput. di Storia Patria per le Marche*, Serie V, Vol. II-III, p. 151-253, Ancona 1938.

Giulio Amadio, *Toponomastica marchigiana*, Vol. VI, Ascoli 1957.

Pietro Maria Amiani, *Memorie storiche della città di Fano*, T. 2, Fano 1751.

Sergio Anselmi, *Venezia, Ragusa, Ancona tra cinque e seicento*, in *Atti e memorie della Deput. di Storia Patria per le Marche*, Serie VIII, Vol. VI, p. 41-108 (1969-1970), Ancona 1972.

Atlante di carte nautiche, cod. membranaceo s.d. (sec. XVII). Le carte membranacee sono applicate su cartoni, I Arcipelago Egeo... IV coste atlantiche... Coll. nella Biblioteca Comunale di Fermo, Ms. 71 (4C A1/71).

Gaspere Balbi, *Viaggio nelle Indie Orientali* (1759-1588), Venezia 1590.

Giovanni Bauhino, *De plantis a divis sanctis nomen habentibus*, Basilea 1591. *Historia plantarum universalis...* in fol. Embrum 1650.

Daniello Bartoli, *Missione al Gran Mogor del padre Ridolfo d'Acquaviva*, Roma 1663 e 1714.

Marc Bloch, *Apologia della storia o mestiere di storico*, Torino 1975.

Marc Bloch, *I re taumaturghi*, Torino 1974.

Marc Bloch, *Lavoro e tecnica nel Medioevo*, Bari 1974.

- José de Paiva Boléo, *Amatus Lusitanus, the inventor the palatine obturator* (Sep. de Estudos de Castelo Branco), Castelo Branco, Imprensa de S. José 1968 — H.G. 26.457V.
- José de Paiva Boléo, *Amatus Lusitanus, the inventor the palatine obturator* in *IV Centenário de João Rodrigues de Castelo Branco (Amato Lusitano) ... Sep. Estudos de Castelo Branco*, Castelo Branco, Gráfica de S. José 1968 — H.G. 26.427V.
- José de Paiva Boléo, *IV Centenário de João Rodrigues de Castelo Branco*. Sep. *Estudos de Castelo Branco*, Castelo Branco, Gráfica de S. José, 1968 — H.G. 26.457V.
- Francesco Bonasera, *Un documento per la storia topografica d'Ancona (La pianta di Giovanni Orlandi del 1607)*, Ancona 1952.
- Francesco Borioni, *L'autunno dell'anno 1836 in Ancona*, Jesi 1837.
- Giovanni Botero, *Le relationi universali*, Venezia 1599.
- Luigi Bramante, *Memorie ecclesiastiche d'Urbino*, Urbino 1939.
- Fernando Braudel, *Civiltà ed imperi del Mediterraneo nell'età di Filippo II*, Torino 1976.
- Bulla S.D.D. Julii Papae III qua Mons Iulius in civitate Anconitana erigitur ...* Roma 1551.
- Piero Capparoni, *Amato Lusitano e la sua testimonianza della scoperta delle valvole delle vene fatta da Giambattista Canano*, in *Congresso do Mundo Português, Publicações*, XIII Vol.... Tomo 2.º, II secção — 2.ª parte... p. 67-89. Lisboa, Bertrand, 1940. H.G. 16 996 V.
- Carisio Ciavarini, *Sommario della storia d'Ancona*, II ediz. Ancona 1867.
- Carisio Ciavarini, *Camillo Albertini Anconitano*, estratto dalla *Rivista delle Marche ed Umbria*, dispensa 10, s.d.
- Carta nautica*, cod. cart. sec XVII. Il cod. contiene 42 carte delle coste del Mediterraneo, dalle coste albanesi (C. 2 golfo di Valona) alle coste del Nord-Africa (C. 48 Algeri). Coll. nella Biblioteca Comunale di Fermo (4C A1/22).
- Gabriele Chiari, *La dea Angizia e i serpenti nella religione dei Marsi: tradizioni popolari residue*. In *Medicina nei secoli*, Vol. II, N. 1 (genn.-apr.), p. 109-127, Roma 1975.
- Collezione di documenti storici antichi inediti ed editi rari delle città e terre marchigiane*, per cura di Carisio Ciavarini, Tomo I-III, Ancona 1870-1874. (In questo libro, sotto il primo piatto di copertura e del secondo A-B, si può leggere una ben interessante biografia dell'anconitano C. Pizzicolti a cura di A. Peruzzi.)
- I costumi, le leggi et le usanze di tutte le genti...nel quale si narra i costumi delle Indie orientali ovvero del mondo nuovo* (IV libro), raccolte da Giovanni Boemo Aubano Alemanno, Venezia 1556.
- Benedetto Cotrugli, *Della mercatura e del mercante perfetto*, Brescia 1602. (Nella Biblioteca Comunale di Fermo, vi sono due esemplari editi a Brescia nel 1602, uno con impresso l'emblema della libreria del Bozzola e l'altro con quello di Comino Presegni.)
- Cronica del Gran Regno del Perù* (scritta da Pietro Cieca di Lione) s.d.s. [1560] Venezia. Brunet registra la edizione dello Ziletti del 1560, non questa.
- Ottavio Cotogno, *Nuovo itinerario delle poste per tutto il mondo*, Milano 1616.
- Augusto da Silva Carvalho, *João Rodrigues na história da urologia* in *Homenagem ao Doutor João Rodrigues de Castelo Branco (Amato Lusitano)*, Coimbra, Imprensa de Coimbra, 1955. H.G. 19 513 V.

- IV Centenário de João Rodrigues de Castelo Branco (Amato Lusitano) ... Sep. Estudos de Castelo Branco* Castelo Branco, Gráfica de S. José, 1968. H.G. 26 457 V.
- Comemoração do 4.º Centenário da morte de Amato Lusitano* (Faculdade de Medicina do Porto) Sep. de *O Médico*. (s.l.), Tip. Sequeira, 1968. H.G. 26 293 V.
- Maximino José de Moraes Correia, *Comemorações do IV Centenário da morte de Amato Lusitano na Academia das Ciências de Lisboa in IV Centenário de João Rodrigues de Castelo Branco (Amato Lusitano) ...* Castelo Branco, Gráfica de S. José, 1968. H.G. 26 457 V.
- Maximino José de Moraes Correia, ... *Alguns passos da vida de Amato Lusitano ...* Sep. das *Memórias da Academia das Ciências de Lisboa* — Classe de Ciências (Tip. Editorial Império) Lisboa, 1969. H.G. 26 523 V.
- Firmino Crespo, *Amato Lusitano, revelado através da sua obra in IV Centenário de João Rodrigues de Castelo Branco (Amato Lusitano) ...* Sep. *Estudos de Castelo Branco* (Gráfica de S. José) Castelo Branco 1968. H.G. 26 457 V.
- Firmino Crespo e José Lopes Dias, *Esborço biográfico...* in *Homenagem ao Doutor João Rodrigues de Castelo Branco (Amato Lusitano)* Coimbra, Imprensa de Coimbra, 1955. H.G. 19 513 V.
- Gabriele d'Annunzio, *La fiaccola sotto il moggio*, Verona 1929.
- Angelo de Gubernatis, *Storia dei viaggiatori italiani nelle Indie Orientali*, Livorno 1875.
- Salvatore de Renzi, *Storia della medicina in Italia*, Napoli 1845.
- José Lopes Dias, *Amato Lusitano, cidadão de Castelo Branco...* (Tip. Semedo), Castelo Branco 1956. H.G. 29 226⁶ P.
- José Lopes Dias, *Amato Lusitano, cidadão de Castelo Branco*. Sep. da *Revista Portuguesa de Medicina* (Tip. Gaspar), Lisboa 1956. H.G. 19 510¹⁸ V.
- José Lopes Dias, *Amato Lusitano (Doutor João Rodrigues de Castelo Branco)*. Ensaio biobibliográfico ... Lisboa, Bertrand, s.d. S.A. 13 391²⁶ V.
- José Lopes Dias, *Comentários ao «Index Dioscoridis», de Amato Lusitano in IV Centenário de João Rodrigues de Castelo Branco (Amato Lusitano) ...* Sep. *Estudos de Castelo Branco* (Gráfica de S. José), Castelo Branco 1968. HG. 26 457 V.
- Gerardo de Vera, *Tre navigationi fatte dagli Olandesi e Zelandesi*, Venezia 1599.
- José Lopes Dias, *Dr. João Rodrigues de Castelo Branco (Amato Lusitano)*. Ensaio biobibliográfico. In *Congresso do Mundo Português*. Publicações. XIII vol... Tomo 2, II Secção, 2.ª Parte ... p. 91-175 Lisboa, Bertrand, 1940. H.G. 16 996 V.
- José Lopes Dias, *Iconographic memento on Amatus Lusitanus (1511-1568) in IV Centenário de João Rodrigues de Castelo Branco (Amato Lusitano) ...* Sep. *Estudos de Castelo Branco* (Gráfica de S. José), Castelo Branco 1968. H.G. 26 457 V.
- José Lopes Dias, *João Rodrigues de Castelo Branco (Amato Lusitano)*. Resumo biobibliográfico. Sep. da *Imprensa Médica* (Tip. da Imprensa Médica), Lisboa 1952. H.G. 18 743⁴ V.
- José Lopes Dias, *João Rodrigues de Castelo Branco e a crítica histórica in Homenagem ao Doutor João Rodrigues de Castelo Branco (Amato Lusitano)*, Coimbra, Imprensa de Coimbra, 1955. H.G. 19 513 V.

- José Lopes Dias, *João Roiz de Castelo Branco, Poeta do «Cancioneiro Geral» de Garcia de Resende, e João Rodrigues de Castelo Branco (Amato Lusitano), insigne médico do séc. XVI*. Sep. de *Estudos de Castelo Branco* (Gráfica de S. José), Castelo Branco 1970. H.G. 27 616 V.
- José Lopes Dias, *Laços familiares de Amato Lusitano e Filipe Montalto (Novas investigações)*. Sep. da *Imprensa Médica*, Lisboa 1961. H.G. 26 922 V.
- José Lopes Dias, *Nota especial sobre a descoberta das válvulas das veias na cátedra de Anatomia de Ferrara, durante o ano de 1547 in Homenagem ao Doutor João Rodrigues de Castelo Branco (Amato Lusitano)* Coimbra, Imprensa de Coimbra, 1955. H.G. 19 513 V.
- José Lopes Dias, *Prefácio in IV Centenário de João Rodrigues de Castelo Branco (Amato Lusitano) ... Sep. Estudos de Castelo Branco* (Gráfica de S. José), Castelo Branco, 1968. H.G. 26 457 V.
- José Lopes Dias, *O Renascimento em Amato Lusitano e Garcia d'Orta*. Sep. de *Estudos de Castelo Branco*, Lisboa, Editorial Império, 1964. P. 3 177 V.
- José Lopes Dias, *Terapêutica de Amato Lusitano*. I — *As sangrias da Primeira Centúria*. Sep. da *Imprensa Médica*, Lisboa 1943. S.A. 14 558²⁶ V.
- Dizionario bibliografico degli italiani*, vol. VIII, p. 501-502, Roma 1966. Vi si trovano delle notizie molto precise sopra Benjamin Nehemjah, cronista ebreo che visse intorno alla metà del secolo XVI a Civitanova nelle Marche. Il personaggio, citato anche nel libro di A. Milano, *Gli ebrei in Italia*, è noto per la sua cronaca sulla persecuzione di Paolo IV, che seguì alla bolla del 12 luglio del 1555.
- Raffaele Elia, *La personalità artistica di Bernardino di maestro Pietro* in *Atti e memorie Dep. Storia Patria per le Marche*, Serie VIII, vol. VI, p. 3-12 (1968-1970). Ancona 1972.
- Augusto Esaguy, *Oração e juramento médico de Moisés Maimónide e Amato Lusitano*. (Soc. ind. de Tipografia), Lisboa 1955. S.A. 26 914¹ P.
- Giuseppe Fabiani, *Ascoli nel Cinquecento*, Ascoli 1950.
- Giuseppe Fabiani, *Architetti scultori e lapicidi comasco-luganesi nelle Marche. Maestro Bernardino da Corona* in *Arte e artisti dei luoghi lombardi*, Como 1959.
- Giuseppe Fabiani, *Gli ebrei ed il Monte di Pietà in Ascoli*, Ascoli 1942.
- Francesco Ferretti, *Della osservanza militare*, Venezia 1568.
- Francesco Ferretti, *I diporti notturni*, Ancona 1580.
- Oronzio Fineo, *Sphaera mundi sive cosmographia ...*, Parigi 1551.
- Bartolomeo Fontana, *Itinerario ovvero viaggio da Venezia a Roma sino a San Giacomo di Galizia e ritorno a Venezia*, Venezia 1550.
- Evaristo Franco, *Glórias da medicina portuguesa*, p. 93-122, Lisboa, Tip. da União Gráfica, 1949. S.A. 15 479 V.
- Freitag Johannes, *Notes medice ...* Francoforte 1616.
- Harry Friedennald, *Obras médicas de Amato Lusitano in Homenagem ao Doutor João Rodrigues de Castelo Branco (Amato Lusitano)*, Coimbra, Imprensa de Coimbra, 1955. H.G. 19 513 V.

- Harry Friedewald, *Works of Amatus Lusitanus, in Homenagem ao Doutor João Rodrigues de Castelo Branco (Amato Lusitano)*, Coimbra, Imprensa de Coimbra, 1955. H.G. 19 513 V.
- Bernardino Ghetti, *Gli ebrei ed il Monte di Pietà in Recanati nei secoli XV e XVI* in *Atti Dep. Storia Patria*, IV — p. 13 e.
- Lavoslav Glesinger, *Amatus Lusitanus à Raguse*, in *IV Centenário de João Rodrigues de Castelo Branco (Amato Lusitano)*. Sep. *Estudos de Castelo Branco* Castelo Branco, Gráfica de S. José, 1968. H.G. 26 457 V.
- Mirko Drazen Grmek, *Medici e farmacisti firmani dei secoli XIV-XVI al servizio di alcune città della Dalmazia*, in *Atti della III Biennale dello Studio Firmano per gli studi storici dell'arte medica*, p. 37-41, Fermo 1959.
- Alberto Guglielmotti, *La guerra dei pirati e la marina pontificia dal 1500 al 1560*, II, Firenze 1876.
- Alberto Guglielmotti, *Storia della marina pontificia nel medioevo dal 728 al 1499*, II, Firenze 1871.
- João Pedro Miller Pinto de Lemos Guerra, *Amati iusiurandum in IV Centenário de João Rodrigues de Castelo Branco (Amato Lusitano)*. Sep. *Estudos de Castelo Branco* (Gráfica de S. José), Castelo Branco 1968. H.G. 26 457 V.
- João Pedro Miller Pinto de Lemos Guerra, ... *A obra científica de Amato Lusitano ...* in sep. de *Memórias da Academia das Ciências de Lisboa — Classe de Ciências*, (Tip. Editorial Império), Lisboa 1968. H.G. 26 552 V.
- João Pedro Miller Pinto de Lemos Guerra, ... *A obra científica de Amato Lusitano*, in *IV Centenário de João Rodrigues de Castelo Branco (Amato Lusitano)*. (Gráfica de S. José), Castelo Branco 1968. H.G. 26 457 V.
- Francesco Lopez di Gomara, *Historia delle nuove Indie occidentali*, Parte II, Venezia 1560.
- Herbolario volgare*, Venezia 1526.
- Herbolario volgare*, Venezia 1536.
- Gabriello Alfonso Herrera: *Libro d'agricoltura* (ridotto in italiano per Mambrino Roseo da Fabriano), Venezia 1557.
- Joannis Monteri, *Rudimentorum cosmographicorum cum tabellis elegantissimis*, Zurigo 1549.
- Juliana Hill-Cotton, *Name list from a medical register of Italian Renaissance, 1350-1550*, Oxford 1976.
- Ricardo de Almeida Jorge, ... *Amato Lusitano. Comentos à sua vida, obra e época*. Ciclo peninsular, Lisboa, Editorial Minerva, s.d. H.G. 31 696 P.
- Ricardo de Almeida Jorge, *La Celestina en Amato Lusitano*. Contribución al estudio de la famosa comedia...traducida...per ... Federico Montaldo. (Imprensa Alemana), Madrid 1906. F.A. 4 157.
- Ricardo de Almeida Jorge, *Comentos à vida, obra e época de Amato Lusitano* in *Homenagem ao Doutor João Rodrigues de Castelo Branco (Amato Lusitano)*, Coimbra, Imprensa de Coimbra, 1955. H.G. 19 513 V.
- Hermann Karsten, *Florae Columbiae*, (T. 2), Berlino 1858-1861. 1862-1869.

- Joshua O. Leibowitz, *Amatus Lusitanus on sudden death due to «Obstruction in the heart» (1560)*. Sep. de *Estudos de Castelo Branco*, Lisboa, Editorial Império, 1962. S.A. 25 845 V.
- Joshua O. Leibowitz, «*Simposio de Amato Lusitano» em Sena — Amatus Lusitanus à Salonique*, in *IV Centenario de João Rodrigues de Castelo Branco (Amato Lusitano) ... Sep. Estudos de Castelo Branco* (Gráfica de S. José), Castelo Branco. H.G. 26 457 V.
- Maximiano Augusto de Oliveira Lemos, *Amato Lusitano: a sua vida e a sua obra*, Porto 1907. H.G. 8 143 V. S.A. 9 160 V.
- Maximiano Augusto de Oliveira Lemos, *Amato Lusitano: Correções e aditamentos*, in *Revista da Universidade de Coimbra*, vol. 10. J. 2 508 B.
- Maximiano Augusto de Oliveira Lemos, *Os trabalhos científicos de Amato in Homenagem ao Doutor João Rodrigues de Castelo Branco (Amato Lusitano)* Coimbra, Imprensa de Coimbra, 1955. H.G. 19 513 V. B.
- Maximiano Augusto de Oliveira Lemos, *Amato Lusitano. Correções e aditamentos*. Sep. da *Revista da Universidade de Coimbra*, Coimbra, Imprensa de Universidade, 1922. H.G. 12 748 10 V.
- Antonio Leoni, *Ancona illustrata*, Ancona 1832.
- Joaquim Mauricio Lopes, *Les portugais à Anvers au XVI siècle*, Anvers 1895.
- Alessandro Maggiori, *Le pitture e sculture della città d'Ancona*, Ancona 1821.
- Luigi Martorelli, *Memorie storiche dell'antichissima e nobile città d'Osimo*, Venezia 1575.
- Giuseppe Mazzatinti, *Gli archivi della storia d'Italia*, vol. II, Rocca S. Casciano 1899.
- Michel-Ange-Bernard Mangourit, *Défense d'Ancone et des departemens romains*, Tom. I, Paris, An. X-1802.
- Gaetano Marini, *Gli architetti pontifici*, vol. 2, Roma 1874.
- Abílio T. Mendes, *Doutor João Rodrigues de Castelo Branco (Amato Lusitano)*, s.l., 1965. H.G. 24 095 V.
- José Caria Mendes, *Amatus Lusitanus anatomista*, in *IV Centenário. Sep. Estudos de Castelo Branco* (Gráfica de S. José), Castelo Branco 1968. H.G. 26 457 V.
- Francesco Milizia, *Vite dei più celebri architetti d'ogni nazione e di ogni tempo*, Roma 1768.
- Francesco Milizia, *Memorie degli architetti antichi e moderni*, Bassano 1785.
- Attilio Milano, *Storia degli ebrei in Italia*, Torino 1963.
- J. Junes Miller, *Roma e la via delle spezie (dal 29 a.C. al 641 d.C.)*, Torino 1974.
- Luigi Moranti, *Bibliografia urbinata*, Firenze 1959.
- Ladislao Münster, *Medici e chirurghi firmani del secolo XV nel servizio della Repubblica di Venezia*, in *Atti della II Biennale per gli studi storici dell'arte medica*, p. 29-41, Fermo 1957.
- Ladislao Münster, *Un famoso medico firmano del 400, maestro Elia di Sabato Ebreo, archiatra di pontefici e sovrani*, in *Atti della I Biennale (1955) per gli studi dell'arte medica*, p. 43-61, Fermo 1957.
- Mario Natalucci, *Antichità cristiane d'Ancona*. Collana di studi anconitani, Ancona 1934.
- Mario Natalucci, *La vita marinara e commerciale d'Ancona, nel medioevo e gli statuti del mare*, Ancona 1953.

- Mario Natalucci, *Ancona attraverso i secoli*, II, Città di Castello 1960.
- Jos Nehama, *Amato Lusitano à Salonique*, in *Homenagem ao Doutor João Rodrigues de Castelo Branco (Amato Lusitano)* Coimbra, Imprensa de Coimbra, 1955. H.G. 19 513 V.
- Nuovo dizionario geografico universale*, tomo 12, Venezia 1826.
- Abramo Ortelio, *Thesaurus geographicus*, in fol., Anversa 1587.
- Camillo Pace, *Su la colonia ebrea di Montegiorgio*, (alcuni documenti), Teramo 1902.
- Giovanni Padovani Veronese, *De compositione et usu multiformis horologiorum ad omnes totius orbis...* Venetia 1582.
- Giuseppe Pallotta, *S. Ciriaco d'Ancona*, Macerata 1883.
- Luigi Paolucci, *La flora marchigiana*, Pesaro 1890.
- Adalberto Pazzini, *Il pensiero medico nei secoli*, Firenze 1938.
- Adalberto Pazzini, *La medicina nella storia, nell'arte del costume*, Milano 1970.
- Agostino Peruzzi, *La storia d'Ancona della sua fondazione all'anno MDXXXII*, II, Pesaro 1835.
- Agostino Peruzzi, *Della situazione e dei vari abitanti di Ancona*, Pesaro 1795.
- Agostino Peruzzi, *Osservazioni anconitane*, Bologna 1818.
- Agostino Peruzzi, *Della libertà e dell'indipendenza di Ancona nel Medioevo*, (Appendice alla dissertazione quarta), Bologna 1820.
- Agostino Peruzzi, *Dei Siculi italici fondatori di Ancona*, Ferrara 1826.
- Agostino Peruzzi, *La chiesa anconitana*, Parte I, Ancona 1845.
- Luís de Pina, *Amato Lusitano — Lusitano e europeu*, Sep. de *Imprensa Medica* (Tip. Gaspar), Lisboa 1956. H.G. 463 2 V.
- Luís de Pina, *Amato Lusitano na historia da psiquiatria portuguesa*. Sep. da *Homenagem ao João Rodrigues de Castelo Branco (Amato Lusitano)*. Coimbra, Imprensa de Coimbra, 1955. S.A. 17 630 2 V.
- Luís de Pina e Maria Olívia Ruber de Meneses, *A Escola Medica do Porto nos estudos biográficos e criticos de Amato Lusitano (no 4.º centenário de sua morte)*. (Gráfica de S. José), Castelo Branco 1968. H.G. 26 427 V.
- Luís de Pina e Maria Olívia Ruber de Meneses, *A Escola Médica do Porto nos estudos biográficos e criticos de Amato Lusitano in IV centenario de João Rodrigues de Castelo Branco (Amato Lusitano)*. Sep. *Estudos de Castelo Branco* (Gráfica de S. José), Castelo Branco 1968. H.G. 26 457 V.
- Filippo Pigafetta, *Relazione del reame di Congo e delle circuvicine contrade*, Roma 1591.
- Tommaso Porcacchi, *Le isole più famose del mondo*, Venezia 1576. In questo libro dobbiamo notare un errore dello stampatore che c'interessa particolarmente, perché nell'indice si legge: *Ancona Terra porto di mare* (nella Scozia). Il nostro studioso settecentesco Battirelli, pur nella delusione, ha inserito lo stesso, a p. 19, una suggestiva raffigurazione del porto di Ancona che ho riprodotta.
- Carlo Promis, *Gl'ingegneri militari della Marca d'Ancona*, Torino 1865.
- G. Battista Ramusio, *Delle navigationi e viaggi*, III, Venezia 1554.

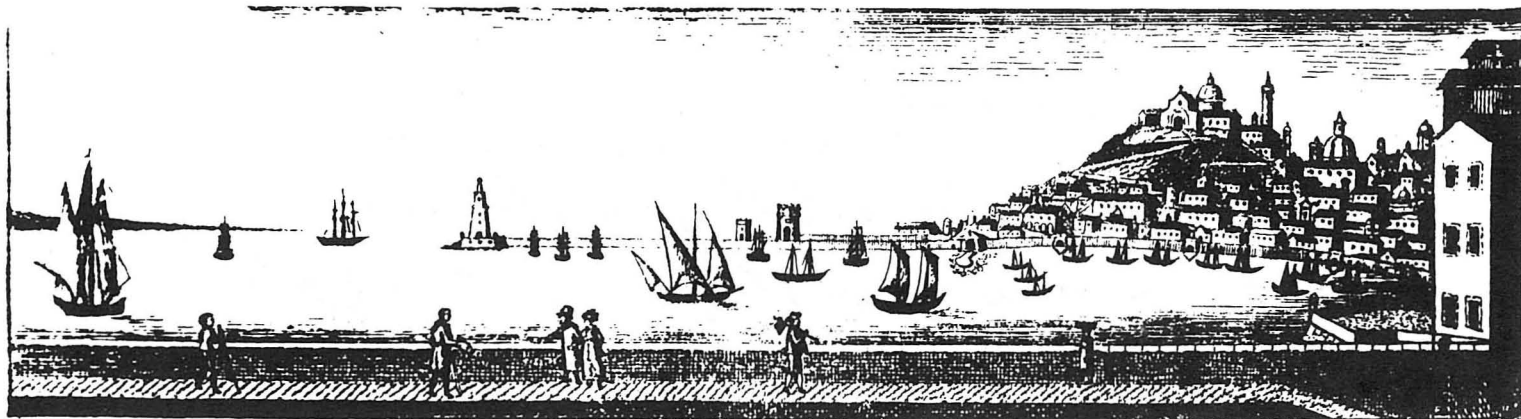
- Américo da Costa Ramalho, *A propósito do «Amato Lusitano» de Ricardo Jorge*. Sep. de *Revista Portuguesa de Historia*, X, Coimbra 1962. H.G. 23 495 V.
- Sergio Ricossa, *Storia della fatica (quanto, come e dove si viveva)*, Roma 1974.
- Carlo Rinaldini, *Intorno al libro «Gl'ingegneri militari della Marca d'Ancona che operarono e scrissero dell'anno 1550 allo anno 1650»*, Ancona 1865.
- Remo Rosa, *L'amministrazione finanziaria del comune di Ancona nel secolo XV*, in *Atti e Memorie della Dep. di Storia Patria per le Marche*, Serie IV, Vol. I, fasc. II, p. 141-246, Ancona 1924.
- Hirsch Rudy, *Amato como médico, sábio e investigador*, in *Homenagem ao Doutor João Rodrigues de Castelo Branco (Amato Lusitano)*. Coimbra, Imprensa de Coimbra, 1955. H.G. 19 513 V.
- Hirsch Rudy, *Amatus Lusitanus, biographischer rahmen*, in *Homenagem ao Doutor João Rodrigues de Castelo Branco (Amato Lusitano)*. Coimbra, Imprensa de Coimbra, 1955. H.G. 19 513 V.
- Luigi Samoggia, *Aspetti del pensiero scientifico di Amato Lusitano*. In *Pagine di storia della medicina*, Anno X, N. 3, p. 14 (1968)?
- Gualtiero Santini, *Una pianta di Ancona di Giovanni Blaeu del 1663*, in *Atti e Memorie della Dep. di Storia Patria per le Marche*, Serie VIII, Vol. X, p. 69-150, Ancona 1956.
- Giuliano Saracini, *Notizie storiche di Ancona*, Roma 1675. (L'esemplare posseduto dalla Biblioteca Comunale di Fermo, proveniente dal Fondo de Minicis, a sua volta *ex bibliotheca* dell'abate A. Leoni, è chiosato con note manoscritte da Pompeo Compagnoni, figlio di Pietro Paolo Compagnoni e nipote di Pompeo Compagnoni maceratese. Vi sono anche contenute note desunte dal Mss. dell'anconitano Giovanni Tancredi.)
- Armando Tavares de Sousa, *No quarto centenário de Amato Lusitano in IV centenário de João Rodrigues de Castelo Branco (Amato Lusitano)*. Sep. *Estudos de Castelo Branco*, (Gráfica de S. José), Castelo Branco 1968. H.G. 26 457 V.
- Armando Tavares de Sousa, *No quarto centenário da morte de Amato Lusitano*, Sep. da *Coimbra Medica* (Gráfica de Coimbra), Coimbra 1969. H.G. 26 666 V.
- Ernesto Spadolini, *Il codice cartaceo «Pichi Tancredi»*, in *Atti e Memorie della Dep. di Storia Patria per le Marche*, Serie IV, Vol. X, p. 140-145, Ancona 1933.
- Ernesto Spadolini, *Il consolato dei mercanti in Ancona*, in *Atti e Memorie della Dep. di Storia Patria per le Marche*, Serie IV, Vol. III, fasc. I, p. 3-9, Ancona 1926.
- Curzio Sprengel, *Storia pranmatica della medicina*, Venezia 1813.
- Bernardo Stade, *Storia del popolo d'Israele*, tomi 2, Milano 1896-1897.
- Traian Stoianovich, *La scuola storica francese, il paradigma delle «Annales»*. Milano 1978.
- Strafalconi, ovvero osservazioni critiche di un cittadino anconitano su gli madornali errori che brillano nelle dissertazioni anconitane pubblicate dal canonico Peruzzi nel 1818*, Senigallia 1819.
- Bernhardus Varenius, *Geografia universale*, Amsterdam 1650.
- Ivolino Vasconcelos, *Discurso de encerramento do Simpósio de Amato Lusitano em Sena*. In *IV Centenário de João Rodrigues de Castelo Branco (Amato Lusitano)*. Sep. *Estudos de Castelo Branco* (Gráfica de S. José), Castelo Branco 1968.

- Filippo Vecchiotti, *Biblioteca Picena*, tomi 5, Osimo 1790-1796.
- Andrea Vesalius, *De humanis corporis fabrica* lib. VII, in fol. Basilea 1543.
- Andrea Vesalius, *De humanis corporis fabrica*, Basilea 1555.
- Andrea Vesalius, *De modo propinandi radices chynae decocti*, Basilea 1546.
- Andrea Vesalius, *Usus radices chinae ...*, Lione 1547.
- Andrea Vesalius, *Paraphrasis in novum librum Rhazae medici arabis*, Lione 1551.
- Andrea Vesalius, *Anatomicarum Gabrielis Falloppii observationum*, Venezia 1564.
- Andrea Vesalius, *Chirurgia magna*, Venezia 1569.
- Andrea Vesalius, *Epitome anatomica*, Lione 1616.
- Viaggi fatti da Venezia alla Tana, in Persia, in Turchia, in Costantinopoli*, Venezia 1543.
- Polidoro Virgilio, *Anglicae Historiae*, in fol. Basilea 1546.
- Anglicae historiale, libri viginti septem*, in fol. (con carta geografica e pianta della cattedrale di Londra), Basilea 1570.
- Gerolamo Vida, *Opera omnia*, Venezia 1538.
- Gerolamo Vida, *Inno latino a Maria Vergine*, Fermo 1865.
- Gaetano Zenobi, *Del bagno di Nocera nell'Umbria potentissimo alli morsi velenosi*, Foligno 1689.
(Ringrazio Ivo Marcelli per avermi aiutato nella ricerca del libro, nei fondi sconfinati della Civica Biblioteca Firmana.)

(Página deixada propositadamente em branco)

ICONOGRAFIA

(Página deixada propositadamente em branco)



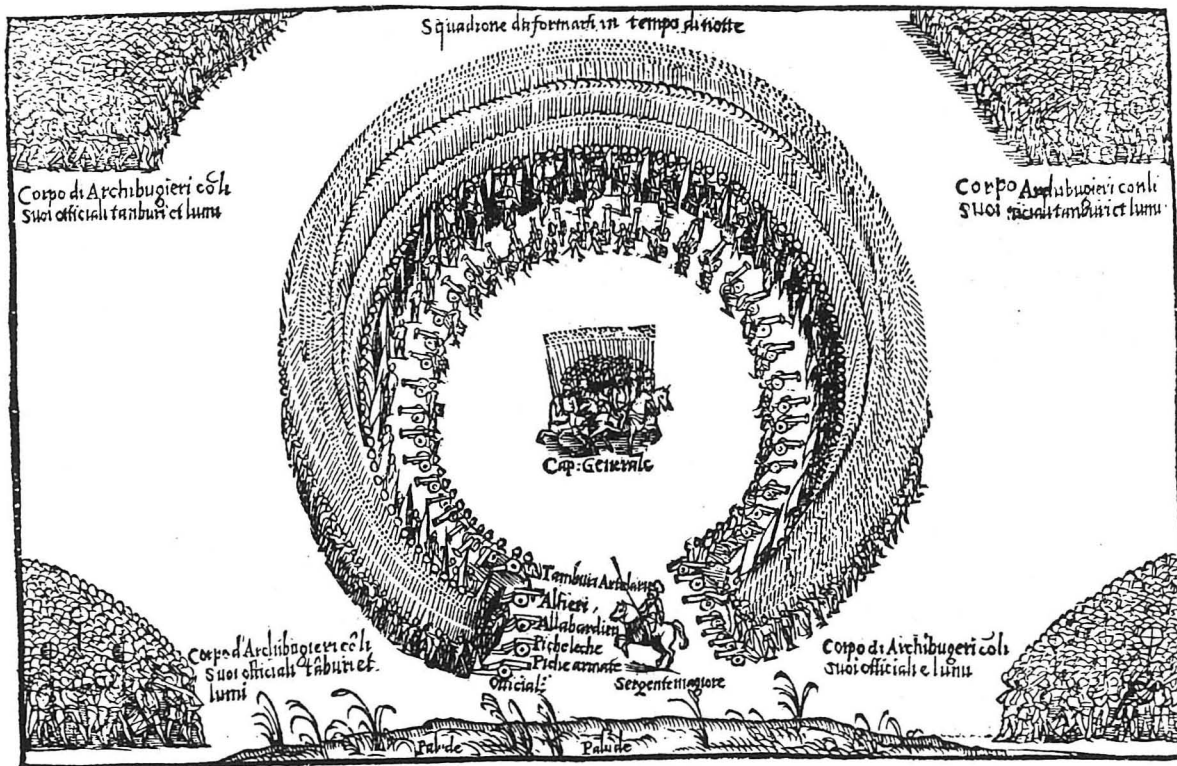
Il suggestivo quadro che rappresenta il 'Porto d'Ancona, tratto dal ben prezioso libretto di Alessandro Maggiori: *Le pitture, sculture nella città d'Ancona*, Sartori, Ancona 1821 riprodotto in molte pubblicazioni anconitane, ha un recondito che vale la pena di svelare, ed è quanto lo studioso firmano Raffaele de Minicis, accuratamente scrive, mano propria.

Questo bellissimo dipinto fù io per acquistare dal Signor Abate Leoni il 17 Agosto 1836 per scudi 50 ma essendo dovuto fuggire da Ancona per il cholera che vi si sviluppò lo stesso dì, rimase senza effetto il contratto. Allorchè vi tornai, voleva riassumerlo, ma con mio sommo dispiacere non lo trovai più, avendolo il Leoni venduto al capitano Francese Signor Champredon che lo mandò subito in Francia. Ecco perduto anche questo bello, e raro dipinto di artista piceno.

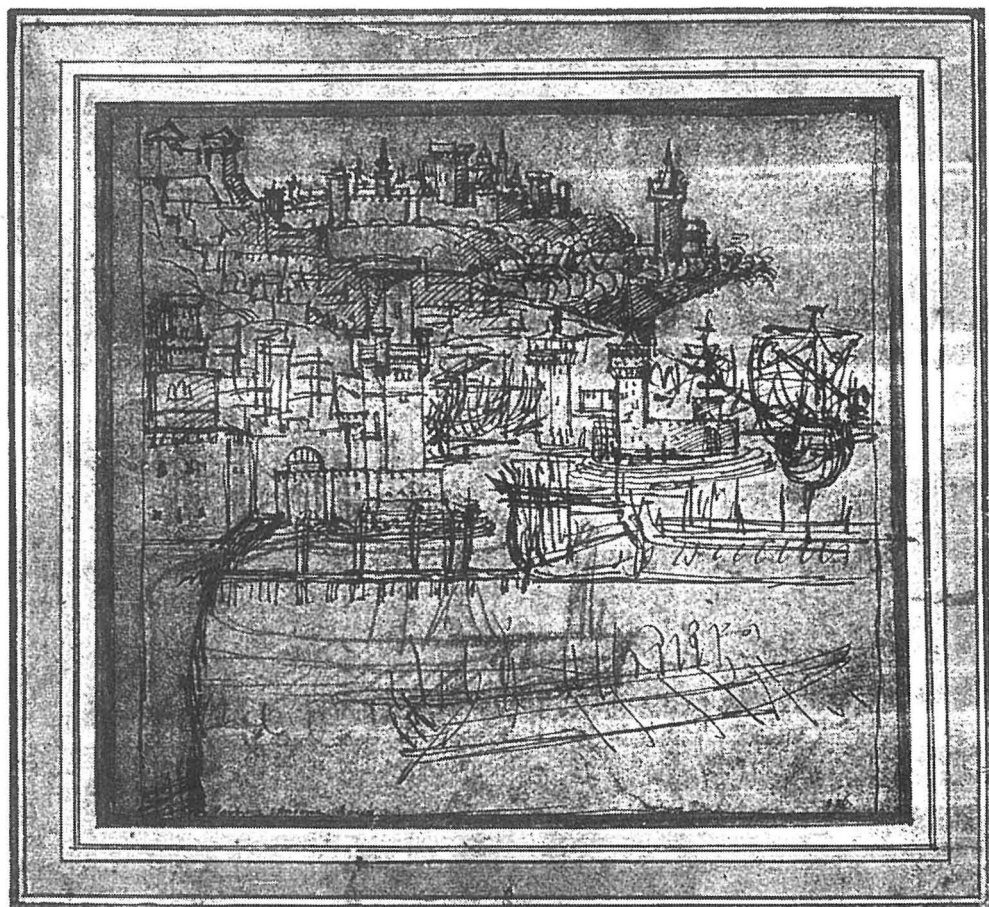
RAFFAELE DE MINICIS

Questo dell'8 di tanto più io per acquistare nel 1862
neoni il 17. Agosto 1836. per 750. ma essendo dovuto
fuggire da Ancona per il cholera dei vi si sviluppò
lo stesso 8, rimase senza effetto il contratto. Allora
che vi tornai, vedeva risplendere, ma con mio
sommo dispiacere non lo trovai più, avendolo
il leoni venduto al Capitano francese di Chan-
pardon che lo mandò subito in Francia —
Ecco penduto anche questo bello, e non
di tanto di arbitra picens.

Paol. de' leonici



Errata raffigurazione del *battaglione Lunato* nell'*osservanza militare*, F. Ferretti, Venezia 1568, con i cannoni posti all'interno della formazione.



VITTORE CARPACCI



PS302995 | PD 390 | 1897-4-10-1 |

Vittore Carpaccio: *Il porto di Ancona*, in British Museum, Londra (gentilmente inviato dal British Museum Photographic Service il 25 Nov. 1977).

A



B



A — Collegiata di Sestino, con l'abside coperta di lastre di pietre.

B — Casa coperta con lastre di pietre in Belforte sull'Isauro.



DIPORTI NOTTVRNI.
DIALOGHI FAMILIARI
DEL CAP.^O FRANC.^O FERRETT.^I
CAV.^{RO} DELL' ORDINE DI SA.^{TO}
STEFANO CON LADIMOS
RATIONE FIGVRA LE
INTAGLIATE DA MICHEL'
ANGELO MARRELLI
ANCONITANO;

1579

EX LIBRIS BIBLIOTHECAE
FIRMI
MUNICIPALIS

Frontespizio dei *Diporti Nottvni* di Francesco Ferretti, Ancona 1579.

AD LECTOREM AMBROSIVS NICAN-
DER TOLETANVS.

*Sunt hæc ciuilibus diuina oracula iuris,
Et noua, qua doctus vir tibi Straccha dedit.*

EIVSDEM AMBROSII NICANDRI
DECASTICHON.

*Mercator, nauis, decoctor, sponsio iura
Quæ sibi deposcunt prompta libellus habet.
Hæc olim à Iurisconsultis facta fuerunt
Sparsa sed, & varijs mixta voluminibus.
Quæ modo digessit docta compage Venetus
Straccha, honor Ancona, & gloria rara fori
Addidit & multa antiquis ignota suo pte,
Marte inuenta, vetus qua sibi ius cupiat.
Ergo alijs iuris tam præstat vatibus ille
Quàm qui multorum munera solus obit.*

† 2 DEI

Questa poesia che orna la pagina di *incipit*, dell'opera di Benvenuto Stracca: *De Mercatura...*, Colonia 1576, è di Ambrogio Nicandro Toletano che non solo affidò la cura del suo corpo al Lusitano, ma come vedremo nel corso della trattazione, apparirà più volte nel colloquio col Nostro, offrendoci notizie di fatti e cose anconitane di grande interesse.

TRACTATUS DE
MERCATV=

RA SEV MERCATORE
CLARISSIMI I. C. BENVENUTI
STRACCHAE, PATRIITII ANCO-
NITANI, COMITIS, EQVITISQVE.

ACCESSIT NVNC PRIMVM EIVSDEM
Auctoris quotidianus de Adiecto Tractatus, in
quo etiam dotium stipulationes vsitatæ, &
quæstiones quotidianæ quidem plenè ex-
plicantur. Ex quibus Tractatus de
Mercatura perfectus redditur. 117.

*Huc accessit perelegans Tractatus de mercatorum
contractibus IOANNIS NIDERI. C.*

*Alius postea tractatus, de Constituto, BALDI
de VBAL. I. C. Perusini.*

Postremo RODERICI SVARII, Consilis duo, in quibus
tractatur de Vsu Maris, & nauibus transuehendis:



COLONIAE AGRIPPINAE,
Apud Ioannem Gymnicum, sub Mono-
cerotè, M. D. LX. VI.
Cum gratia & priuilegio Cæsarea Maiest.





Se osserviamo questa bella carta geografica d'Italia, allegata al *Liber Geographiae cum Lusitano* e poi leggiamo attentamente le sue *memorie cliniche* ed il *Dioscoride*. Non possiamo non accorgerci delle numerose correzioni che il Lusitano vi apporta, nel gioco dei personaggi e dei loro movimenti.

IN DIOSCORIDIS

ANAZARBEI DE MEDICA
MATERIA LIBROS QVINQVE

ENARRATIONES ERVDITISSIMAE

DOCTORIS AMATI LVSITANI MEDICI

AC PHILOSOPHI CELEBERRIMI,

quibus non solum Officinarum Seplassia-
rius, sed bonarum etiam literarum stu-
diosius utilitas adfertur, quum pas-
sim simplicia Græce, Latine,
Italice, Hispanice, Germa-
nice, & Gallice pro-
ponantur.

Cum Privilegio Illustriss. Senatus Veneti ad decennium.



VENETIIS. M D LIII.

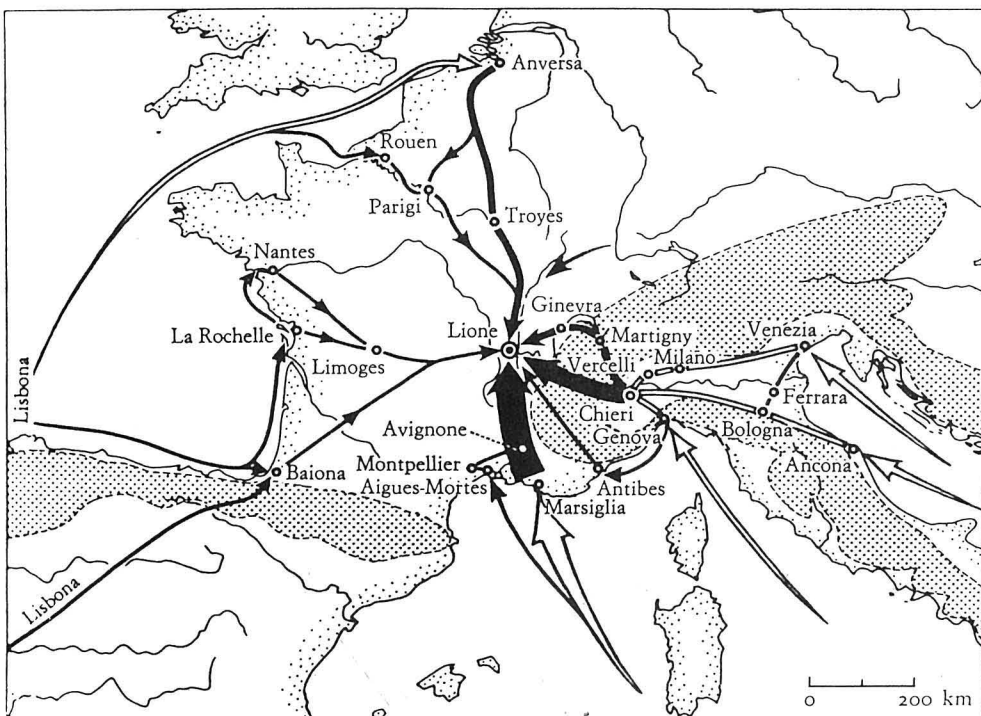




Tommaso Porcacchi, *Le isole più famose del mondo*, Venezia 1576. In questo libro si nota un errore dello stampatore che particolarmente c'interessa, perché si legge nell'indice: *Ancona terra porto di mare p. 19*. Il libro, al contrario, non parla affatto di Ancona e nella p. 19 tratta di *Antona terra porto di mare* (nella Scozia). Il nostro settecentesco Battirelli, pur nella delusione, ha inserito a p. 19, una suggestiva raffigurazione del porto di Ancona che qui si riproduce.



Marsiglia e delle Alpi, a partire da Chieri.



Fernando Braudel in: *Civiltà ed imperi del Mediterraneo nell'età di Filippo II*, Torino 1976, ci mostra la strada percorsa dai nostri residenti anconitani, verso gli scali atlantici.

Tractatus de Babbellis.

Solēnis et hodie
practice q̄ cōmodissimū Tractatus
vectigalium gabellarūve casus etiam
quotidianos decidens per egregiū
Juris vtriusq; lumē. d. Jo. Bertacchinū
de firmo editus: nuncq; primū summa
rijs numeratim auctus: curaq; nō me
diocri repurgatus hic habetur..



I 5 3 3

NOTITIE
HISTORICHE
DELLA CITTA
DANCONA

GIA TERMINE DELL'ANTICO REGNO D'ITALIA
con diuerfi auuenimenti nella Marca Anconitana,
& in detto Regno accaduti.

DI GIULIANO SARACINI
NOBILE ANCONITANO
E Canonico Decano della Catedrale.

DEDICATE ALL'ECCELENTISSIMA SIGNORA A

DONNA OLIMPIA
ALDOBRANDINI

PRINCIPESSA DI ROSSANO.

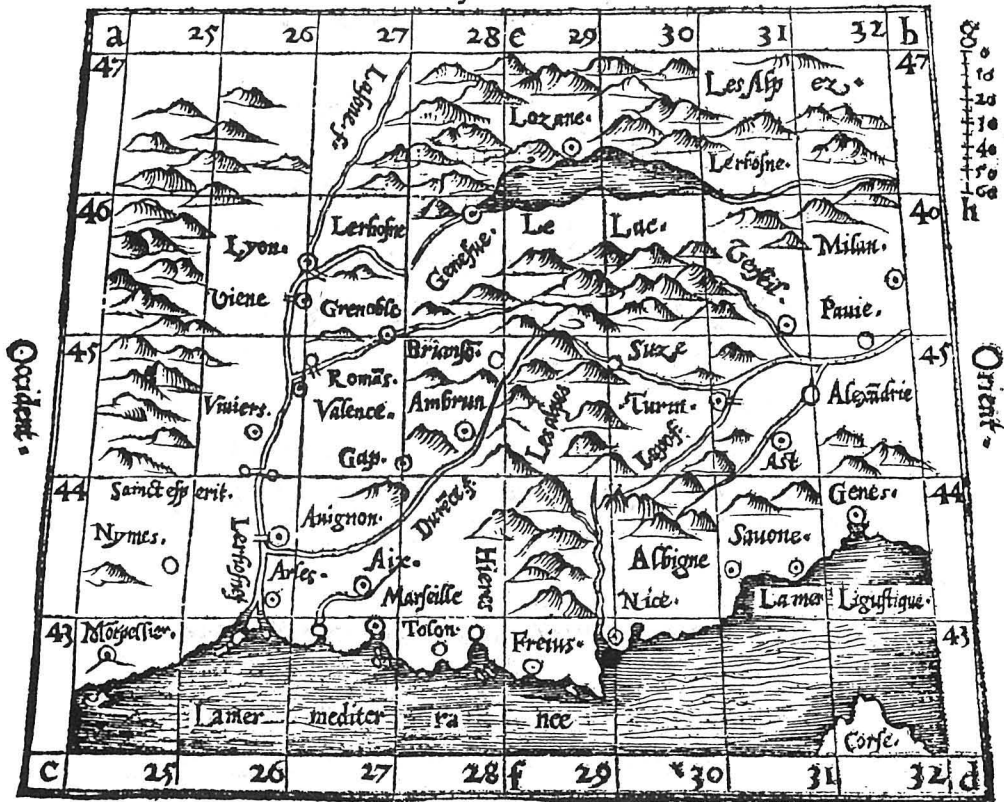


IN ROMA, A spese di Nicolò Angelo Tinaffi, M. DC. LXXV.

CON LICENZA DE' SUPERIORI.



Septentrion

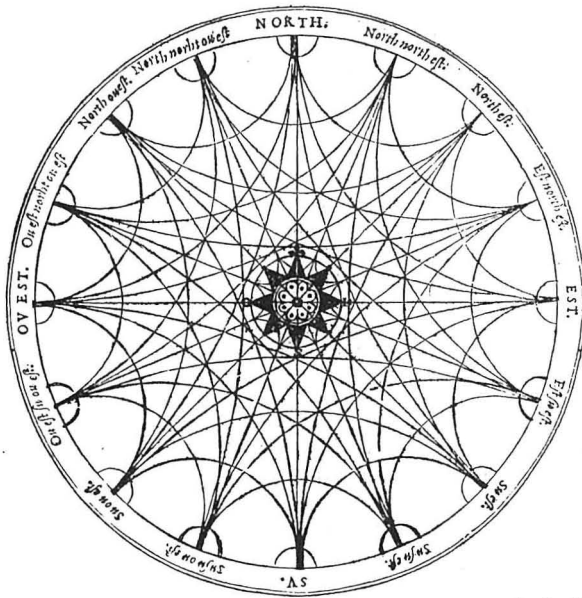


Mydi

o il

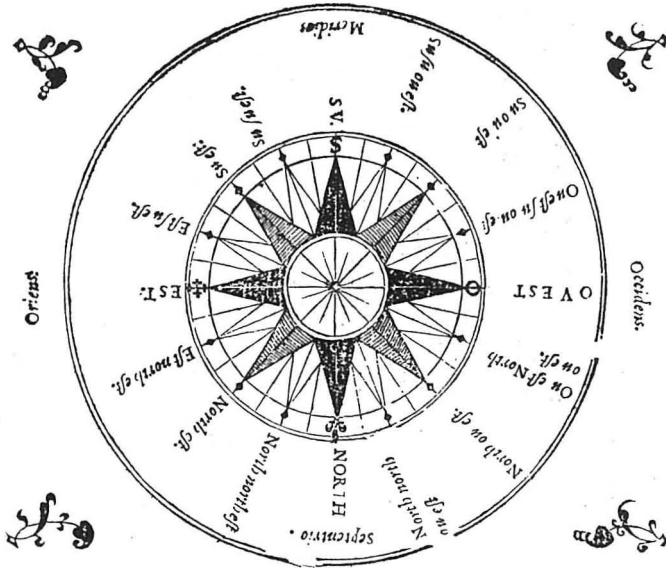
Orontio Fineo «Sphaera mundi», Lutetiae Parisorum, 1551.

De Constructione cartarum chorographicarum...



principales

ICI



De distinctione atque ordine ventorum...

IOANNIS PADVANII VERONENSIS

*De compositione, & usu multiformium Horologiorum Solarium ad omnes totius orbis
Regiones, ac situs in qualibet
superficie:*

Opus nunc denuo ab ipso multis in locis illustratum, & auctum.

Adiectæ sunt præterea peculiæres Methodi ad dignoscenda stellarum loca, & supputandas quascunque tabulas, tam per minutissimum calculum, quàm per instrumentum nunquam hætenus ab vlllo excogitatæ.



Venetijs, Apud Franciscum Franciscum Sevensem, 1582.

Comitis Jo. Philippo Sforzici Romani Pat. Imp.

Nelle sette centurie di memorie mediche e nel Dioscoride del Lusitano, traspare una chiara conoscenza e dimistichezza con la cosmografia ed i suoi cultori nel tempo.

Nella lunga discussione della XIII memoria della III centuria, dove nell'assegnare alla città di Roma il grado 41 di latitudine, egli è all'unisono nella precisione con quanto stabilisce Giovanni Padovani Veronese in, *De Compositione et usu multiformis horologiorum solarum ad omnes totius orbis ... Venezia 1582.*

(L'osservazione tratta dell'influenza del clima e della situazione geografica sull'insorgenza di alcune malattie.)

62 *De Mathematicis rudimentis*

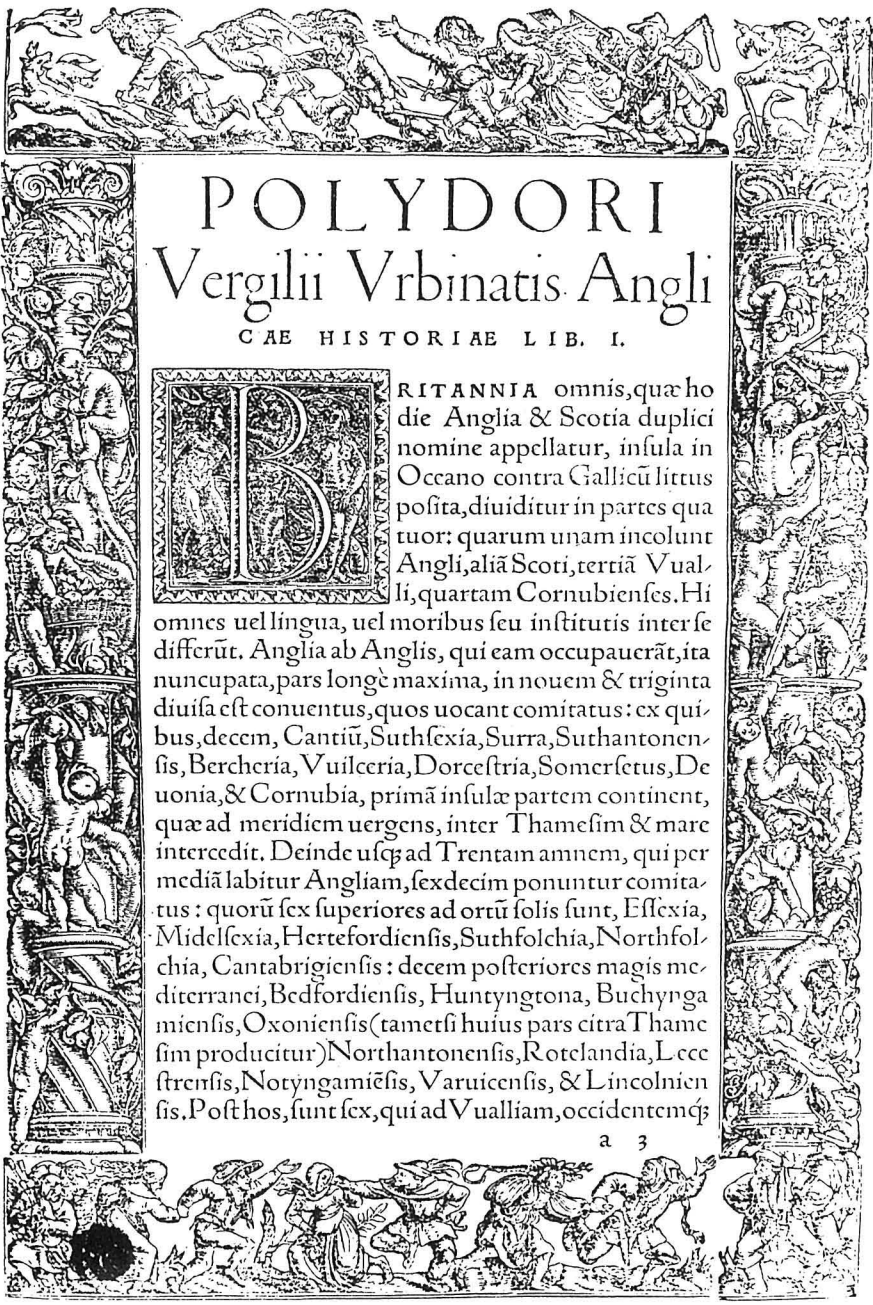
Tabula latitudinum, & longitudinum sequitur.

Nomina ciuitatum.	Lōgit.		Latitu.	
	G	M	G	M
Ortonum.	40	25	41	48
Padua.	31	50	45	0
Panormus.	38	0	37	0
Papia.	28	22	46	28
Parisi.	23	0	48	30
Parma.	32	10	44	20
Philadelphia.	68	0	31	20
Pisa.	33	28	42	56
Placentia.	31	20	44	30
Portugallia.	4	56	42	0
Praga Boemæ.	32	0	50	4
Quinque ecclésiæ.			47	0
Ragufium.	43	54	42	20
Ratisbona.	29	50	47	10
Rauenna.	33	0	43	44
Recañarum.	36	40	42	48
Rhegium Calabriae.	39	50	44	2
Regium Lepidi.	32	30	43	30
Rodes Franciæ.	18	30	44	10
Roma caput mundi.	36	20	41	10
Remis vbi Reges Franciæ conlecrantur.	18	55	48	45
Salamanca.	8	50	41	50
Salernum.	39	10	39	30
Sauona.	27	53	43	0
Senæ Hetruriz.	34	18	42	32
Sibinicum Dalmatiæ.	43	0	43	20
Syracuse.	39	30	37	15
Spira.	25	36	49	50
Saltezburgum.			47	35
Spoletum.	36	30	42	4
Sulmo patria Ouidij.	40	30	40	0
Smyrna patria Homeri.	58	25	38	29

Tabula



Giovanni Honteri: *Rudimentorum Cosmograficarum*, Zurigo 1549.



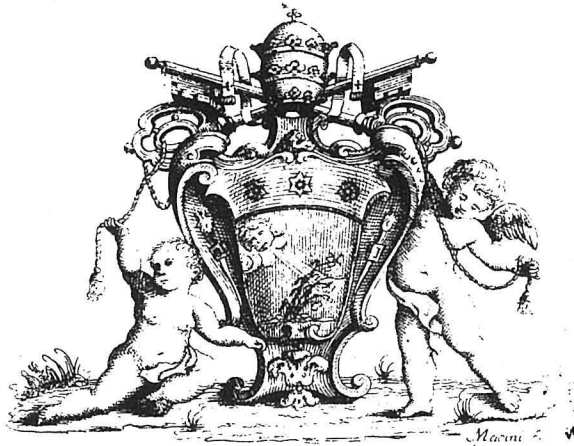
POLYDORI
Vergilii Vrbinatis Angli

CAE HISTORIAE LIB. I.

BRITANNIA omnis, quae hodie Anglia & Scotia duplici nomine appellatur, insula in Occano contra Gallicum litus posita, diuiditur in partes quatuor: quarum unam incolunt Angli, aliam Scoti, tertiam Vualli, quartam Cornubienses. Hi omnes uel lingua, uel moribus seu institutis inter se differunt. Anglia ab Anglis, qui eam occupauerunt, ita nuncupata, pars longe maxima, in nouem & triginta diuisa est conuentus, quos uocant comitatus: ex quibus, decem, Cantium, Suthsexia, Surra, Suthantonensis, Bercheria, Vuilceria, Dorcestria, Somersetus, Deuonia, & Cornubia, primam insulae partem continent, quae ad meridiem uergens, inter Thamesim & mare intercedit. Deinde usque ad Trentam amnem, qui per mediam labitur Angliam, sexdecim ponuntur comitatus: quorum sex superiores ad ortum solis sunt, Essexia, Midelsxia, Hertefordiensis, Suthfolchia, Northfolchia, Cantabrigiensis: decem posteriores magis mediterranei, Bedfordiensis, Huntyngtona, Buchyngamiensis, Oxoniensis (tametsi huius pars citra Thamesim producitur) Northantonensis, Rotelandia, Lcestrensensis, Notyngamiensis, Varuicensis, & Lincolnensis. Post hos, sunt sex, qui ad Vualliam, occidentemque

Polidori Vergilio urbinatis: *Anglicae historiae*, Basilea 1546.

LA CRISTIADIE
DEL VIDA
RECATA IN OTTAVA RIMA
E IN XXIV. CANTI DIVISA
DAL CANONICO
CARLO ERCOLANI
PATRIZIO MACERATESE
E ACCADEMICO CATENATO



MACERATA cIo Io cc xciE

PRESSO BARTOLOMMEO CAPITANI
STAMPATORE DELL'ACCADEMIA DE' CATENATI
CON APPROVAZIONE,

Marco Hieronjmo Vida, *La cristiade recata in ottava rima* da Carlo Ercolani, Macerata 1792.
(trattasi di una pregiata e rara edizione maceratese).

ÍNDICE

	Págs.
<i>PREFÁCIO de A. COSTA RAMALHO</i>	1
PREMESSA	5
LE CONDIZIONI E LE AVVENTURE DEL CORPO, VITA CIVILE, LE TRANSMIGRAZIONI, I TRAFFICI NELL'ANCONA CINQUECENTESCA, DALLE MEMORIE DI UN MEDICO DEL TEMPO	9
NOTE	133
ELENCO DELLE MEMORIE COMPRESSE NELLE CINQUE CENTURIE PRESE IN ESAME, LE QUALI CONTENGONO RIFERIMENTI A PERSONAGGI, FATTI, COSE DELLA CITTÀ D'ANCONA E DELLA TERRA MARCHIGIANA	155
SAGGIO BIBLIOGRAFICO DELLE FONTI	169
ICONOGRAFIA	179

(Página deixada propositadamente em branco)

CENTRO DE ESTUDOS CLÁSSICOS E HUMANÍSTICOS

FACULDADE DE LETRAS DE COIMBRA

Textos clássicos

1. PLAUTO, *Anfitrião*. Introdução, versão do latim e notas de CARLOS ALBERTO LOURO FONSECA. 1978. 3.^a edição, 1988.
2. PLAUTO, *O Gorgulho*. Introdução, versão do latim e notas de WALTER DE MEDEIROS. 1978. 2.^a edição, 1986.
3. ARISTÓFANES, *As mulheres que celebram as Tesmofórias*. Introdução, versão do grego e notas de MARIA DE FÁTIMA DE SOUSA E SILVA. 1978. 2.^a edição, 1988.
4. SÓFOCLES, *Filoctetes*. Introdução, versão do grego e notas de JOSÉ RIBEIRO FERREIRA. 1979. 2.^a edição, 1988.
5. SÓFOCLES, *Rei Édipo*. Introdução, versão do grego e notas de MARIA DO CÉU ZAMBUJO FIALHO. 1979. 2.^a edição, 1986.
6. EURÍPIDES, *Hipólito*. Introdução, versão do grego e notas de BERNARDINA DE SOUSA OLIVEIRA. 1979.
7. PLATÃO, *Lísis*. Introdução, versão do grego e notas de FRANCISCO DE OLIVEIRA. 1980.
8. PLAUTO, *O soldado fanfarrão*. Introdução, versão do latim e notas de CARLOS ALBERTO LOURO FONSECA. 1980. 2.^a edição, 1987.
9. ARISTÓFANES, *Os Acarnenses*. Introdução, versão do grego e notas de MARIA DE FÁTIMA DE SOUSA E SILVA. 1980. 2.^a edição, 1988.
10. PLAUTO, *Epídico*. Introdução, versão do latim e notas de WALTER DE MEDEIROS. 1980. 2.^a edição, 1988.
11. ARISTÓFANES, *Pluto*. Introdução, versão do grego e notas de AMÉRICO DA COSTA RAMALHO. 1982. 2.^a edição, 1989.
12. PLATÃO, *Cármides*. Introdução, versão do grego e notas de FRANCISCO DE OLIVEIRA. 1981. 2.^a edição, 1988.
13. EURÍPIDES, *Orestes*. Introdução, versão do grego e notas de AUGUSTA FERNANDA DE OLIVEIRA E SILVA. 1982.
14. TERÊNCIO, *Os dois irmãos*. Introdução, versão do latim e notas de WALTER DE MEDEIROS. 1983. 2.^a edição, 1988.
15. PLATÃO, *Fédon*. Introdução, versão do grego e notas de MARIA TERESA SCHIAPPA DE AZEVEDO. 1983.
16. PLAUTO, *Os dois Menecmos*. Introdução, versão do latim e notas de CARLOS ALBERTO LOURO FONSECA. 1983. 2.^a edição, 1989.
17. ARISTÓFANES, *A Paz*. Introdução, versão do grego e notas de MARIA DE FÁTIMA DE SOUSA E SILVA. 1984. 2.^a edição, 1989.
18. SÓFOCLES, *As Traquínias*. Introdução, versão do grego e notas de MARIA DO CÉU ZAMBUJO FIALHO. 1984.

19. SÓFOCLES, *Antígona*. Introdução, versão do grego e notas de MARIA HELENA DA ROCHA PEREIRA. 1984. 2.^a edição, 1987.
20. PLATÃO, *Apologia de Sócrates. Críton*. Introdução, versão do grego e notas de MANUEL DE OLIVEIRA PULQUÉRIO. 1984. 2.^a edição, 1990.
21. PLATÃO, *Hípias Maior*. Introdução, versão do grego e notas de MARIA TERESA SCHIAPPA DE AZEVEDO. 1985. 2.^a edição, 1989.
22. PLAUTO, *A comédia da marmita*. Introdução, versão do latim e notas de WALTER DE MEDEIROS. 1985. 2.^a edição, 1989.
23. AVIENO, *Orla marítima*. Introdução, versão do latim e notas de José RIBEIRO FERREIRA. 1985.
24. ARISTÓFANES, *Os Cavaleiros*. Introdução, versão do grego e notas de MARIA DE FÁTIMA DE SOUSA E SILVA. 1985.
25. ÊSQUILO, *Agamémnon*. Introdução, versão do grego e notas de MANUEL DE OLIVEIRA PULQUÉRIO. 1985.
26. TERÊNCIO, *A sogra*. Introdução, versão do latim e notas de WALTER DE MEDEIROS. 1987.
27. PLATÃO, *Laques*. Introdução, versão do grego e notas de FRANCISCO DE OLIVEIRA. 1987.
28. ARISTÓFANES, *As mulheres no Parlamento*. Introdução, versão do grego e notas de MARIA DE FÁTIMA DE SOUSA E SILVA. 1988.
29. TERÊNCIO, *A moça que veio de Andros*. Introdução, versão do latim e notas de WALTER DE MEDEIROS. 1988.
30. MENANDRO, *O Discolo*. Introdução, versão do grego e notas de MARIA DE FÁTIMA DE SOUSA E SILVA. 1989.
31. LUCIANO, *Diálogos dos Mortos*. Introdução, versão do grego e notas de AMÉRICO DA COSTA RAMALHO. 1989.
32. PLATÃO, *Hípias Menor*. Introdução, versão do grego e notas de MARIA TERESA SCHIAPPA DE AZEVEDO. 1990.
33. EURÍPIDES, *Medeia*. Introdução, versão do grego e notas de MARIA HELENA DA ROCHA PEREIRA. 1991.

INSTITUTO DE ESTUDOS CLÁSSICOS

FACULDADE DE LETRAS DE COIMBRA

- A. COSTA RAMALHO e J. CASTRO NUNES — *Catálogo dos manuscritos da Biblioteca-Geral da Universidade de Coimbra, relativos à Antiguidade Clássica*. 1945.
- JORGE ALVES OSÓRIO — *M.^e João Fernandes — A Oração sobre a Fama da Universidade (1548)*. Prefácio, introdução, tradução e notas. 1967.
- ANA PAULA QUINTELA F. SOTTOMAYOR — *Ésquilo: As Suplicantes*. Introdução, tradução do grego e notas, 1968.
- Catálogo Parísiense Sículo — Martinho Verdadeiro Salomão*. Prólogo, tradução e notas de DULCE DA C. VIEIRA. Introdução e revisão de AMÉRICO DA COSTA RAMALHO. 1974.
- M. HELENA DA ROCHA PEREIRA — *Poesia grega arcaica*. 1980.
- M. HELENA DA ROCHA PEREIRA — *Hélade. Antologia da cultura grega*. 4.^a edição, 1982.
- M. HELENA DA ROCHA PEREIRA — *Romana. Antologia da cultura romana*. 21986.
- FRANCISCO DE OLIVEIRA — *Ideias morais e políticas em Plínio o Antigo*, Coimbra, 1986.
- CARLOS ALBERTO LOURO FONSECA — *Sic itur in Urbem. Iniciação ao latim*. 41987.
- CARLOS ALBERTO LOURO FONSECA — *Iniciação ao grego*. 21987.

CENTRO DE ESTUDOS CLÁSSICOS E HUMANÍSTICOS

FACULDADE DE LETRAS DE COIMBRA

- J. GERALDES FREIRE — *A versão latina por Pascásio de Dume dos «Apothegmata Patrum»*. 2 vols. 1971.
- J. RIBEIRO FERREIRA — *Eurípides: Andrómaca*. Introdução, tradução do grego e notas. 1971.
- J. GERALDES FREIRE — *Commonitiones Sanctorum Patrum. Uma nova colecção de apotegmas*. Estudo filológico. Texto crítico. 1974.
- Catálogo Parísiense Sículo — Duas orações*. Prólogo, tradução e notas de MARIA MARGARIDA BRANDÃO GOMES DA SILVA. Introdução e revisão de AMÉRICO DA COSTA RAMALHO. 1974.
- C. A. PAIS DE ALMEIDA — *Eurípides: Ifigénia em Áulide*. Introdução e tradução do grego. 1974.
- M. SANTOS ALVES — *Eurípides: As Fenícias*. Introdução, tradução do grego e notas. 1975.
- M. DE FÁTIMA DE SOUSA E SILVA — *Menandro: O díscolo*. Introdução, tradução do grego e notas. 1976.
- NAIR DE NAZARÉ CASTRO SOARES — *Diogo de Teive — Tragédia do Príncipe João*, 1977.
- AMÉRICO DA COSTA RAMALHO — *Estudos camonianos*. 21980.

Textos do Humanismo Renascentista em Portugal

1. CARLOS ASCENSO ANDRÉ, *Diogo Pires — Antologia poética*. Introdução, tradução, comentário e notas. 1983.
2. AMÉRICO DA COSTA RAMALHO, *Latim renascentista em Portugal*. Introdução, selecção, versão do latim, comentário e notas. 1985.
3. ISALTINA DAS DORES FIGUEIREDO MARTINS, *Bibliografia do Humanismo em Portugal no século XVI*. 1986.
4. SEBASTIÃO TAVARES DE PINHO, *Lopo Serrão e o seu poema 'Da Velhice'*. Estudo introdutório, texto latino e aparato crítico, tradução e notas. 1987.
5. VIRGÍNIA SOARES PEREIRA, *André de Resende — Carta a Bartolomeu de Quevedo*. Introdução, texto latino, versão e notas. 1988.
6. AMÉRICO DA COSTA RAMALHO, *Para a história do Humanismo em Portugal - I*. 1988.
7. ALBINO DE ALMEIDA MATOS, *A Oração de Sapiência de Hilário Moreira*. 1990.
8. MARIO SANTORO, *Amato Lusitano ed Ancona*. 1990.

Estudos de Cultura Clássica

1. MANUEL DE OLIVEIRA PULQUÉRIO, *Problemática da tragédia sofocliana*. 1987.
2. MARIA DE FÁTIMA SOUSA E SILVA, *Crítica do teatro na comédia antiga*. 1987.
3. JOSÉ RIBEIRO FERREIRA, *O drama de Filoctetes*. 1989.
4. CARLOS MORAIS, *Expectativa e movimento no "Filoctetes"*. 1991.

(Página deixada propositadamente em branco)

Preço 1.400\$00

Instituto Nacional de Investigação Científica